NO PRESBYTERIO E NO TEMPLO

NO PRESBYTERIO E NO TEMPLO

Padre José Senna Freitas

NO PRESBYTERIO

E

NO TEMPLO

VOLUME I

SEGUNDA EDIÇÃO

1884

Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

ÁS

FAMILIAS E AOS COLLEGIOS

DE

PORTUGAL E DO BRAZIL

Off.

O Auctor.

APRECIAÇÃO

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

FEITA AO 1.º VOLUME DA 1.ª EDIÇÃO

Este primeiro tomo comprehende dezesete artigos que se rivalisam na excellencia da doutrina e da linguagem. Alguns, sem destoar da seriedade do livro, movem o leitor a um sorriso complacente. N'este genero, estrema-se o intitulado *Asphyxia... pela imprensa*. Tem resaltos de graça e nervo epigrammatico. Faz lembrar as paginas felizes de Luiz Veuillot nos *Odeurs de Paris*. «Livros, opusculos, livrorios, livrecos, nacionaes, nacionalisados, *in folio*, *in quarto*, *in octavo*, em dezeseis; obesos, normaes, anemicos, succulentos, indigestos, aquosos; edicionados aos mil, aos dous, aos tres mil, de mais de dez a menos de dous tostões; impressos a capricho, moldurados, coloridos, iriados, rendilhados, casquilhos.»

Recenseia d'esta arte o snr. padre Senna Freitas as producções asphyxiosas; mas não se deprehenda que elle, o illustrado escriptor, respiraria melhor oxygeneo em regiões onde escasseassem prelos e authores. O que o suffoca é o gaz acido carbonico das

inepcias em dicção, em philosophia, e em moral. Contra as da linguagem protesta o snr. Senna Freitas, abrasado nas risonhas coleras do padre Francisco Manoel do Nascimento: «Pois ha nada comparavel em elegancia castiça de terminologia áquellas paginas e áquellas columnas arrebicadas de gallicismos, e anglicismos tão expressivos e engraçados que deixam a nossa lingua corrida? Travemos, por exemplo, d'uma gazeta (salvas, bem entendido, as que fazem honra ao jornalismo). A pouco fundo, já lá apparecem a boiar os «meetings», os «comités», as recriminações do articulista contra as «chicanas» parlamentares, e as «coalições» ministeriaes, e o estylo por demais «descosido» em que se exprimiu o deputado fulano de tal, etc... Passemos á revista interna e noticiosa — prosegue o analysta bem humorado. — Acaba de dar-se um successo tristemente «remarcavel» que o noticiador conta «em detalhe» aos leitores, «tirando d'elle partido» para fazer uma discreta consideração moral. Em seguida, dá um leve «golpe de vista» pelo «high-life» da terra, e analysa o ultimo livro publicado por... que é na sua apreciação um verdadeiro «chefe d'obra.» (Pag. 219).

E assim, com razão e discreto sal, o esclarecido moço, que tão digna e exemplarmente allia o viçor da idade ao respeito do habito clerical, vai desfiando o ruim tecido dos maus livros, quer na fórma, quer na substancia.

Culpa os romances nimiamente realistas de perversores dos bons costumes: «Ha o romance serio,

instructivo, philosophico, moral, espiritualista, da tempera do *Promessi Sposi* de Manzoni, que nos transporta a uma atmosphera salubre, onde se respira um ar impregnado de oxygeneo; que photographa todo o lado bello, puro e grande da humanidade. E ha o romance enervante, declinação insipida e interminavel d'*elles* e d'*ellas;* o romance bohemio ou cigano, composto pelo mancebo apaixonado, que come no *restaurante* de terceira classe, e morre etico aos vinte e cinco annos; e o romance realista ou positivista, ainda peor que o precedente, sem ideal algum; condensado de todos os miasmas da lama, de todas as corrupções do esphacelo, e de todos os sarcasmos e negações do atheismo, sem outra esphera por conseguinte mais que a materia pura, só por uma ironia de mau gosto chamado *a alma nova.*»

Acato a opinião do snr. Senna Freitas, quanto ás novellas descriptivas da vida contemporanea; mas desliso da severidade do seu juizo. Creio que assim como os bons e moralissimos romances não morigeram, tambem os immoraes não desmoralisam. Não são os romances que formam os costumes bons e maus; são os costumes que fazem os romances. E casos ha em què as novellas saturadas de virtude são inverosimeis e puramente phantasticas. Eu já escrevi algumas, nomeadamente as *Lagrimas abençoadas* e as *Tres irmãs*. Ninguem acreditou aquillo; e toda a gente acceitou como copias do natural *Os brilhantes do brazileiro* e *A mulher fatal* — dous livros miasmaticos, que só podem lêr-se com o interior do

nariz plantado de alfadega e mangericão. Quando o marquez d'Urfé escrevia as suas novellas pastoraes, embrincadas de polidissima cortezia nos amores, vivia-se em França, pouco mais ou menos, como nos romances de Soulié, de Kock e de Feydeau. Ha de tudo. Ha muitissima gente honesta que lê a *Lelia* de Sand, e muitissima gente de ruins manhas que lê a *Fabiola* do cardeal Wisemann. Sem embargo estes reparos não desluzem a efficacia das considerações do snr. Senna Freitas.

Da summa do seu livro direi, com sincera admiração e devida justiça, que se revela ahi um excellente escriptor, um padre illustradissimo, um homem de bem, um argumentador convicto e em grande parte irrefutavel. D'este modo ajuiza o author da sua obra: *É um livro christão que não fará ruim companhia junto ao lar das boas familias: nada mais.*

É muito mais; porque afervora as crenças tibias, alvoroça as almas marasmadas na indifferença religiosa, descondensa a escuridade que fez noite algida nos corações abatidos pela desgraça. O snr. Senna Freitas nobilita o clero portuguez e honra as letras patrias. Se não fosse a palavra *religião,* [1] quem explicaria tão obscura vida em tão alumiado espirito?

Congratulo-me com o meu benemerito amigo Ernesto Chardron, quando vejo entre as edições da sua copiosa livraria a estreia gloriosa do snr. Senna Freitas.

[1] O auctor foi membro de uma congregação religiosa.

PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Lembrei-me de colligir em corpo d'obra alguns artigos religiosos por mim publicados em diversos periodicos, e em differentes épocas, bem como alguns discursos sacros proferidos em Portugal e no Brazil.

No Presbyterio, primeira parte d'este livro, inclui muitos dos primeiros, aos quaes addicionei quasi outros tantos ineditos.

São uma duzia de paginas escriptas no silencio do gabinete em horas de remanso, feriadas d'outros trabalhos mais serios, e por ventura menos suaves. Por isso as reuni sob aquelle titulo.

No Templo, segunda parte do livro, dou á estampa certos sermões, e praticas pronunciados em varios paizes; e pela analogia da fórma, algumas allocuções recitadas em associações catholicas.

Melhor fôra, talvez, que continuassem a dormir em paz no fundo da gaveta, essas pobres estreias do pulpito e da imprensa. Muitas d'ellas, por sem duvida, estão denunciando os movimentos ainda vacillantes e pouco donairosos do escriptor e do orador noveis.

Nem por isso as retoquei. Corrigil-as, fôra commetter novo trabalho, mais terso talvez, mas menos espontaneo que o primeiro.

Deixal-as. Para ahi ficam, presumindo menos de si, fiando mais da indulgencia dos seus leitores.

O titulo principal, por tanto, que essas paginas podem ter ao favor publico, é o espirito sinceramente despretencioso com que lhe são offerecidas.

Debaixo, porém, do involucro arrugado da fórma, occultam-se algumas verdades sérias, que não foram feitas para as trevas senão para a luz, algumas convicções intimas e profundas, que encontrarão echo nas d'um publico orthodoxo.

É um livro christão, que não fará ruim companhia, junto ao lar das boas familias: nada mais. Não são elles *de sobra* no nosso Portugal...

UMA PALAVRA SOBRE A SEGUNDA EDIÇÃO

Já nem sei quando se esgotou de todo a primeira edição d'este meu livro, que o publico recebeu com os braços abertos e encomiou mais que benevolamente. Circumstancias particulares tolheram até hoje que mais cedo se fizesse a 2.ª edição. Ella aqui está afinal. Alargaram-se-lhe as ensanchas com mais uns poucos de capitulos novos, que tornam o primeiro volume tão ancho como o segundo, e boleou-se um pouco mais a phrase, que o auctor, ainda então escriptor de primeiras aguas, deixára um tanto desprimorada. Despontou-se n'alguns lugares a foleação excessiva da locução que desvigora o pensamento, e joeirou-se um pouco mais a selecção d'aquella para melhor traduzir este. Nas ideias é que em geral não se tocou, porque não se quiz tocar no fundo da obra,

aliás a segunda edição já não seria a reproducção da primeira. O auctor confessa que n'algumas cousas modificou o seu modo de pensar, ou até o reformou totalmente, como em não poucas das suas impressões de viagem. A unha de ferro do tempo não deixa só um vinco na physionomia, deixa-o tambem no espirito. A experiencia circumspecta corrige muitos dos ideaes chimericos da nossa imaginação, cerceando-os ás proporções exactas da realidade.

Parece que a monção em que reapparece este livro, que a cada passo falla de Deus, não é nada intempestiva. Nunca talvez o espirito careceu tanto de que a litteratura falle de Deus e lhe subministre repasto de espiritualismo do que n'esta hora sinistra, n'este momento infeliz da philosophia e da vida social, que só responde com cellulas, fluidos nervosos, *meios* fataes e azote concentrado ás enormes anciedades do coração e ás implacaveis aspirações da razão humana.

Lisboa, 17 de junho de 1884.

Padre Senna Freitas.

NO PRESBYTERIO

I

A PRECE

I

A PRECE

Voltaire quiz suffocar no coração do homem essa voz espontanea e irrepresavel da nossa indigencia, chamada — *a prece;* dizendo no seu impio desdem: «Deus conhece as necessidades do homem e tanto basta.»

Insensato e deshumano!

Quiz roubar ao espirito opprimido pela dôr, esmagado pelas mil fórmas da tortura o seu lenitivo unico, quiz encastellar sobre os horisontes d'este misero coração humano as nuvens espessas d'uma desoladora melancolia, e d'um soffrimento pungente, sem deixar raiar através d'esse céo de trevas e de morte um só fasciculo de vida e de luz, esse raio de suavissima esperança e de ineffavel consolação, que faz brotar na mente abatida a prece humilde, a prece que penetra até aos seios do Eterno, a prece christã.

Mas o philosopho de Châtenay morreu, e a prece ainda não expirou sobre os labios da humanidade; luctou, porfiou, e não venceu, porque isso equivalia a arrancar ao coração o seu sentimento mais sublime, a sua voz mais intima, *uma das leis* mais imperiosas da sua existencia.

Parecerá talvez vehemente de mais a expressão; repito-a adréde. A prece é uma das leis da alma humana.

O pulmão precisa de respirar, e a alma de orar.

O espirito tambem tem a sua atmosphera, e a sua respiração; a sua atmosphera é o infinito, a sua respiração é a prece.

Malebranche escreveu algures um pensamento grandioso: chama ao infinito «o logar das intelligencias.» A prece é o movimento natural, e necessario da intelligencia n'este mysterioso logar.

Portanto a oração não é simplesmente uma formula ensinada pela mãe piedosa ao filhinho d'alguns annos, quando o embala no proprio seio, e lhe sorri com esse sorriso tão bello como o dos anjos do Senhor; a oração não é meramente uma formula, ou uma collecção de formulas prescriptas pela egreja, repetidas pelo parocho zeloso á creança insciente, publicadas nos livros asceticos para a religiosa instrucção do povo; é muito mais do que isso; mais alta, mais sublime, mais antiga é a sua origem; a oração é um sentimento instinctivo, a linguagem pura, santa, invisivel, por Deus ensinada para fallar a Deus; é a face do coração que olha para o céo...

Eis a prece. Eis o genesis divino da supplica.

Deu-nol-a o Eterno, como a compensação unica efficaz aos males que nos salteiam por entre as vagas tão agitadas da vida; como o oasis delicioso do espirito no meio do deserto arido e calcinante da existencia. Só as modulações harmoniosas que David tirava da sua harpa inspirada eram capazes de aplacar a colera de Saul, e só a oração é um balsamo capaz de cicatrisar as chagas do coração, tão fundas ás vezes, e que o attrito dos homens não faz mais do que dilatar.

Archimedes pedia uma alavanca para soerguer o mundo, e ter-lhe-ia dado um impulso, se aquella lhe não houvesse faltado.

A oração é a alavanca d'um mundo superior.

A oração é o mysterioso ponto de apoio com que é dado ao homem soerguer este mundo de multiformes amarguras, e cruciantes dôres, de infindas peripecias e contrariedades que pesam sobre todos nós, com toda a fatalidade d'um destino, para assim dizer, invencivel, com todo o peso de uma molle enorme e inconsciente.

A prece, oh! a prece é a *grande solução* do problema intricado da vida. O seculo XIX não é um seculo sympathico á prece, porque nunca mais do que hoje se tornou nebuloso, profundo, insoluvel o problema da economia moral, quer individual, quer socialmente tomado. Á superficie do vasto pélago humano sobem as fezes do desespero em meio dos males da existencia, e não a nata da resignação; e da

confiança, inspirada na prece: do fundo do coração social sahe um brado, um brado formidavel, sinistro, horripilante, o brado da blasphemia — e não o grito *bom*, o clamor filial, eloquente da supplica impellida para as regiões mais serenas; da supplica, esse pulsar irresistivel da humanidade soffredora ao coração da clemencia suprema.

O suicidio, que devera ser uma aberração phenomenal da razão e da consciencia, um crime inscripto no Indice das maximas sociaes, como inscripto está no Indice do decalogo, é um facto *banal*, á força de ser commum; o evento lugubre e quotidiano de Paris e Londres, o algarismo negro, e hediondo que engrossa perpetuamente a estatistica do obituario humano, o novo e insaciavel Saturno devorando á sociedade os seus proprios filhos.

Qual o motivo d'este facto horrivel? É que o homem pede á morte a solução suprema que devera pedir á prece, onde encontraria o conforto, a resignação, a luz e a coragem.

Pessima solução.

Voltemos agora a pagina, e procuremos no talisman divino da oração o segredo das mais dôces consolações lavrando através das mais asperas provas, dos mais travosos dissabores; a explicação intima do que o coração humano póde ainda offerecer de masculino, de grande, e heroico na sua lucta titanica com a hydra do mal.

O marinheiro temerario é surprehendido pelas montanhas de gelo *(ice-bergs)* no meio dos mares

polares: dois d'estes colossos aquaticos deslisando rapidamente em direcções oppostas sobre a pequena barca a que o marinheiro confiára a vida, ameaçam esmigalhal-o entre seus flancos de 80 metros. Mas o viajante perdido invoca confiado o Eterno; e a esperança desce radiante e risonha ao seu espirito desanimado e triste, como o são as brumas perpetuas do norte. As montanhas passam ao largo na sua magestade inoffensiva, os gelos derretem-se sob a acção reiterada de um sol obliquo, e o nauta desce tranquillo e sereno ás aguas tépidas do sul, bemdizendo o nome de Deus.

Livre porém d'um elemento, cahe nas mãos de outro ainda mais terrivel. Além o gelo, aqui o vento, mas um vento indomavel e malfazejo.

Dir-se-hia que todas as furias do ar se desencadeiam de repente, travam entre si uma guerra atroz, implacavel, tornando todos os elementos cumplices do seu furor insano.

Abrem-se os céos em sinistros clarões; rebentam no espaço os sons prolongados de trovões desesperados, como ameaças horriveis, sem nome; como gargalhada impudente d'um principio mau, deificado pelo manicheismo; rindo da impotencia humana. O mar parece sublevado por uma combustão infernal, e não respeitando já a lei do seu nivel, sobe aos ares em vagas entumecidas, semelhantes a labaredas enormes que d'um momento para outro vão absorver o barco exiguo e indefezo, como zoophyto do oceano; incidente sem importancia da tempestade...

Que faz o desditoso nauta?

Cobra animo, amarra o timão, ferra todas as velas, sobe á gávea, observa o horisonte... e no horisonte não brilha nenhum raio de esperança. As nuvens tornam-se cada vez mais tenebrosas, o vento cada vez mais ferino, e malevolo. Desce ao convez, abandona toda a manobra, cahe aos pés do mastro grande, como se cahisse em espirito aos pés... da cruz do Redemptor, e mais do peito do que dos labios lhe rompe a prece tardia, mas sempre bem vinda — Ó esperança unica, ó Jesus meu Deus, ó Maria, Estrella do mar, salvè! valei ao desgraçado que vos invoca na hora do perigo. — Quantas vezes, em identicos casos, não tem o céo convertido no azul diaphano do firmamento o negro capacete que vestira o gigante da tormenta? e o sol restituido ao oceano a luz, e ao nauta entorpecido o movimento; e o mar despojado o orgulho insolente das suas ondas para tornar a ser o eterno captivo do genio do homem?

Ninguem ignora que ao lado de uma certa classe da sociedade, prospera, opulenta, brilhante, indifferente, move-se, ou antes arrasta-se outra classe, a classe numerosa, ou innumeravel dos que devoram o pão negro da miseria temperado pelas lagrimas; dos que penduram aos hombros os farrapos da mendicidade, e a quem a sociedade exila para os sotães soturnos, aonde só chega uma luz duvidosa como ao habitante da Groenlandia; desherdados da grande familia, ulceras vivas do corpo social, que cobrem as

ruas das nossas grandes cidades, e que Londres sepulta nos antros fetidos dos seus asylos, para nos dissimular a realidade deforme do seu pauperismo. Nunca luctastes com a tyrannia da fome? ignoraes a ordem do dia dos miseraveis, sim, dos miseraveis que logo desde o romper d'alva sobraçam a saccola da indigencia para pleitearem a mais infeliz das causas, e dos miseraveis ainda mais tocantes que não ousam estender de dia a mão que esmola de noite a caridade publica.

E com tudo sobre esses rostos pallidos como a morte, e descarnados como um craneo, depara-se mais vezes o riso do que sobre o rosto d'esses chamados felizes da terra. Onde está o segredo d'essa paz, e d'essa alegria cuja existencia parece não poder coincidir com os travos da pobreza? Na prece.

O pobre ora, o rico ora pouco, raro, ou nunca. Ora o primeiro, e sabe-lhe bem o seu pão de rala, e sente que se a sociedade o desdenha, e o desherda, tem todavia um Pae invisivel que o perfilha, que lhe dá a troco de um ouro banal que lhe nega, uma riqueza superior... a paz indizivel da consciencia, a tranquillidade do espirito, um somno isento do pesadelo atroz da avareza, ou da ambição.

Onde acha a mãe inconsolavel o balsamo unico que seu coração retalhado supporta e admitte, o retorno de uma vida que lhe foge nos paroxismos da dôr, quando o filho estremecido da sua ternura materna, onde vivia toda a vida do seu coração; que um momento antes lhe dera n'um sorriso a espe-

rança da existencia, lhe pende agora dos braços livido, hirto, insensivel... morto? na prece que unge sua alma abatida para a resignação, que eleva para Deus o seu coração esmagado, como a seiva levanta do solo a haste pendida pelo tufão. A oração translada-a a um mundo superior, á religião da fé, onde se respira a pleno pulmão a atmosphera dos anjos; onde a intelligencia se impregna de pensamentos eternos, onde o coração se conforta no calix que Jesus bebeu, onde a mãi lacrimosa contempla em espirito a Mãi typo... de pé junto da cruz, onde expirava o Filho exangue.

Jacob vira em sonhos a escada mystica cuja summidade penetrava até além do velamen, cujos pés assentavam sobro o terreno do Moria; pela qual subiam e desciam os anjos de Adonai.

Não é possivel haver uma mais bella, mais sublime e fiel allegoria da oracão, verdadeira escada mysteriosa pela qual sobem até Deus os gemidos, os effiuvios, as expansões, os votos, as homenagens, as confissões, as supplicas de nossa alma, e do cimo da qual descem até nós os anjos do lenitivo, da paz, da força, do amor, do perdão!

A oração é qual vapor subtil e suavissimo que se eleva para os céos, de cima das fezes do coração humano, e que, condensado no seio do Eterno, baixa sobre a humanidade em chuva fecunda de bençãos. A oração é o commercio espontaneo, invisivel, pathetico entre um filho, e *um Pai.*

Não deis fé ao impio que diz que não ora; não é

permittido ao homem suspender por muito tempo as leis da sua vida moral. A flôr ha-de necessariamente voltar-se para o sol, a terra ha-de necessariamente aspirar o rocio matinal, e o homem elevar os olhos e o espirito para o infinito.

Broussais e Cervera rezaram nos ultimos momentos da vida, e... se chegaram a conhecer suas mães, rezaram por força muitas vezes,

Ó Deus! não arredeis de nós o calix da amargura, se n'elle está o vigor d'alma, a regeneração pelo sacrificio, se n'elle se aparta a lia do ouro puro; mas não arredeis de nossos labios a prece, e tanto basta.

II

ATRAVEZ DA HESPANHA

II

ATRAVEZ DA HESPANHA

S. SEBASTIÃO

S. Sebastião é a primeira cidade hespanhola que se encontra, depois de se haver tomado a linha ferrea de Irun a Badajoz.

Esta cidade já offerece uma côr castelhana assás definida, e o conjuncto de tudo quanto póde fixar a attenção do viajante, accusa sufficientemente o caracter peculiar da raça do Cid.

Tudo falla o hespanhol puro, e vos põe de pé mil reminiscencias de Cervantes, Vega, Calderon, da Iberia em fim, desde o empregado do caminho de ferro (tambem de ferro), que vos vem *visar* e furar pela vigesima vez o bilhete-passaporte, até ao rapazola travesso que vos persegue com uma descarga de evoluções gutturaes (que metteria inveja ás rãs), para levar-vos a mala e o sacco da noite.

Quando isto não bastasse, o balcão envidraçado que avulta do frontispicio de muitas casas, os ralos de madeira das janellas, a mantilha de renda preta, o chapéo conico de feltro de abas desaffrontadas, a jaqueta de felpa, debruada de alamares pendentes, a cinta de lã de côres, de dois palmos de largura, e a classica manta atirada para o hombro, ou d'este elegantemente cahida, dão a S. Sebastião uma feição toda hespanhola, e estão-nos soletrando letra por letra o nome da poetica Iberia.

Definitivamente já não é a França, que só em França se encontra.

No que, porém, menos talvez transparece aquella côr typica, é no traço *physionomico*. O rosto castelhano, tal qual o idealisamos, não se desenha por ora em toda a sua pureza.

Duas raças se compenetram, e se equilibram reciprocamente, dois povos se misturam, sem se confundirem. A natureza opéra no seu mysterioso laboratorio a desaggregação da gota de sangue vascoense, que corre combinada com o sangue hespanhol.

São duas castas em fusão. na qual a iberica pouco a pouco se pronuncia, até absorver de todo o ponto a heterogenea.

N'uma palavra, a Hespanha em S. Sebastião já está na sua terra, mas não está ainda *na sua casa.* E' ella, sim, menos a sua physionomia, ou se assim vos apraz, é já a sua physionomia, mas menos a sua pallidez andaluza, d'uma melancolia tão dôce como a saudade, menos sobre tudo os seus olhos unicos,

aquelles olhos tão vivos, tão negros, tão meigos, tão scismadores, tão crystallinos, tão familiares, que nos fazem exclamar sem hesitação, quer seja em Sevilha, quer seja... no meio da rua Oxford de Londres: é a Hespanha, ou é... Portugal.

A actual S. Sebastião é uma cidade d'hontem. A antiga foi devorada pelo incendio no tempo do famoso conflicto entre a Iberia e Napoleão Bonaparte.

D'esta ultima só restam algumas ruinas, os templos d'então, poucos edificios, e muito rancor á memoria do grande Wellington.

A primeira tem todo o aspecto d'uma cidade moderna. Não conhece por ora as rugas da velhice, não tem a catadura severa, a apparencia fria e soturna das velhas povoações hespanholas. Só sabe sorrir como a mocidade, vicejar como um jardim de maio, e crer no futuro como a esperança.

É um fac-simile em pedra do gosto distinctissimo da nossa época, no alinhamento, diametro, e calçamento das ruas, no adorno, e disposição das praças, na profusão de uns magnificos nadas, que nada valem, e tanto brilham; no espaçoso e aformoseado das lojas, etc.

Por tanto, S. Sebastião nada offerece que recorde a pesada cidade de Badajoz, tão obsoleta como uma pagina da Ropica Pneuma de João de Barros.

A mão pouco artistica do mouro não lhe nivelou, nem alinhou as calçadas, nem fez d'ellas corredores tão apertados, como os nossos becos d'Alfama, nem

lhe construiu esguios edificios, nem lhe legou deprimidas mesquitas.

Como S. Sebastião é formosa! como é risonha e sympathica!

Aqui e além soberbas casarias de quatro ou cinco andares, muitas das quaes outros tantos mimos de architectura, verdadeiras exposições de bom gosto, sorrisos d'alvenaria, e pintura a revelarem ao viajôr o genio alegre do povo peninsular, tão diametralmente opposto ao que revela a perspectiva invariavel e repellente das cidades e construcções dos povos do norte, frias e severas como um theorema de mathematica, prosaicas como um machinismo de vapor, mais tristes que uma noite de inverno.

Por toda a parte se vê o parallelipipedo. De distancia em distancia um *square* (um passeio publico á mão, isto é, não murado), ramilhete gigante de arvores e flôres de todas as zonas; avenidas de sombra e verdura, no meio d'uma rua espaçosa, açafates de camelias, e dahlias brotando da terra, debaixo dos tepidos raios do nosso sol da peninsula.

Desejei visitar os templos de S. Sebastião. Esta cidade aliás não pequena conta sómente duas igrejas, se me não engano; a de S. Vicente, e a de Santa Maria. Agradou-me muito mais esta ultima. O estylo é romano. A fachada é imponente. O côro uma obra prima.

Cá está emfim a nossa igreja meridional, na sua fórma classica, tão diversa dos templos francezes, ou

allemães, ordinariamente gothicos, e d'uma austeridade quiçá affectada. [1]

Sinto chegar-me a prece aos labios, e unem-se-me as mãos instinctivamente sobre o pavimento da pia e linda igreja de Santa Maria, cujo todo me recorda com uma deliciosa pertinacia o primeiro templo do meu Portugal, aonde me levou pela mão meu religioso pai, e onde minha alma se derramou pela vez primeira na sua innocencia da primeira infancia, perante o Deus da Eucharistia.

Acho mais inspiradora piedade nos nossos altares enfeitados de relevos de anjinhos de Raphael, de palmas, e pelicanos; ornados de vasos de flôres, e ataviados de damasco; nos nossos Santos de primorosa encarnação, e revestidos de roupagens, do que n'essa ostentação de marmore nú que encontrei n'esses paizes estrangeiros que atravessei. Nada substitue o colorido.

O marmore trabalhado pela mão intelligente e esthetica do escultor, póde ferir-nos de admiração, e arrancar-nos mesmo o sentimento difficil do sublime, mas o marmore é frio como a lousa do cemiterio, pallido como a morte, morno como o derradeiro olhar do moribundo. O marmore não saberá por tanto inspirar jámais a unção e o amor, porque o amor quer a vida, e o colorido é a expressão da vida. Qualquer das estatuas de Santa Maria, ou da nossa imponente

[1] O auctor hoje está convertido totalmente ao estylo gothico, e considera-o como o unico verdadeiramente religioso e adaptado ao recolhimento da oração.

igreja de S. Domingos de Lisboa, falla-me muito mais ao coração do que a collecção completa dos marmores da Magdalena de Paris, ou de S. Paulo de Londres. [1]

O bom senso christão bem sabe o que fez, quando preferiu a pintura para o templo, e a pedra para o bairro solitario dos mortos. A pintura symbolisa na terra a vida immortal dos céos, o marmore eternisa a morte, e vela inextinguivel sobre o pó dos tumulos.

A perspectiva mais *hermosa* de S. Sebastião, é a *concha*. Do parapeito que a cinge, e que é o mais recreativo passeio da cidade, descortina-se um areal immenso de finissima areia côr de ouro, onde não parece pousar pé humano, e que o mar respeita e ama, não ousando verter sobre ella os despojos do Atlantico, que encerra em seu seio.

A *concha* (assim chamada, pela sua fórma semicircular) constitue as delicias dos hespanhoes, que para alli se transportam aos milhares na bella estação, a fim de tomarem os banhos do mar.

O numero extraordinario de barracas de banho, collocadas ao longo da praia, dá a esta a pitoresca apparencia d'um arraial, assentado á beira-mar, que as ondas beijam silenciosamente.

Dispunha-me a ficar por dous ou tres dias n'esta cidade, quando a mudança completa do tempo, que se tornou simplesmente pessimo, de tão ameno que estava, me determinou a mudar tambem, como elle, de resolução. Tomei o trem das 7 da tarde, e algumas horas depois chegava á velha Burgos.

[1] N'este ponto continúo a pensar do mesmo modo.

III

A CARTUXA DE BURGOS

III

A CARTUXA DE BURGOS

I

EPISODIO

Uma das curiosidades historico-religiosas que tinha notado na minha carteira de viagem, para examinar em Burgos, quando por lá passasse, era a sua antiga Cartuxa.

A distancia que vai da cidade lá é seguramente de meia legua pequena. A estrada que conduz ao mosteiro semelha muito soffrivelmente um *boulevard* de Paris, e é com certeza um dos passeios mais frequentados dos *dilettanti* de Burgos. Os naturaes chamam-lhe a *Isla*.

A sua espessa arborisação torna-a o sitio mais pitoresco e deleitoso da cidade.

A hora da partida do trem para Madrid obrigou-me a atravessal-a por um sol canicular, cujos ardores não temperava a mais leve bafagem de vento. Ape-

sar d'isso, preferi palmilhal-a, aproveitando-lhe a sombra intermittente, e desfrutando o aprazivel da avenida, a pagar a um cocheiro a somma fabulosa que elles exigem dos estrangeiros por um (ruim) carro.

Poucas vezes me vi tão assaltado e perseguido n'este mundo sublunar, como n'esta occasião pelos importunos *garotos* de Burgos, que cahiram sobre mim como uma chuva de apteros da America, sobre o paciente viajante. Não eram menos de quinze ou vinte, e teimavam em querer por força ensinar-me o caminho que conduz á Cartuxa, que eu sabia tão bem ou melhor do que elles, pelas indicações que se me dera anteriormente. Generosidade de cauda... A pouco fundo está o interesse.

Não carecia de guias, e muito menos de cortejo.

A insistencia caustica e impudente dos tres gaiatos começava a azedar-me. Um d'elles, baldada toda a industria, lembrou-se de dizer-me com um serio de velhaco-mestre, e com um pasmo de ingenuidade apparente, debaixo da qual fermentava a vingança: «V. s.ª vai errado; a Cartuxa fica-lhe do lado opposto da cidade.» Derreteu-se-me toda a paciencia. Não houve remedio. Ensaiei uma cara de portão de quinta, uns olhos de phariseu da Paixão, um gesto de D. Quixote em duello travado com os moinhos, acompanhado d'uma investida de polvora secca, que produziu o mais pleno resultado. Os rapazes desataram n'uma carreira desesperada, de que ainda hoje talvez se lembram.

Crueldade minha: ameaçar umas pobres crianças

de 7 annos, que se offereciam para me descarregar da parte mais pesada da bolsa, qual é o cobre!

Infelizmente é classe que se encontra por toda a parte. Todas as capitaes, cidades e villas possuem em seus muros esta *vermine* importuna. O *gamin* de Paris não é mais classico do que o *gaiato* de Lisboa. Por ahi abaixo podiamos descer até ao filho do peixeiro da Povoa de Varzim, ou ao intoleravel garoto de Odivellas. Qualquer d'elles conserva melhor o typo travesso, malicioso, deslavado, que o personifica, do que as diversas familias de plantas os caracteres geraes do seu genero. Haverá algum remedio vermifugo efficaz para este pulguedo inextinguivel da algibeira alheia? Não, nenhum, a não ser o safado cobre, ou talvez uma carranca, vasada no molde da minha de Burgos.

II

A CARTUXA

Finalmente avistei a Cartuxa.

Reconheci-a sem custo pelo seu aspecto severo, ascetico, e monachal, mas não menos pela sua posição sobranceira, e solitaria, sobre um monticulo arido, triste, e despovoado.

Parece meditar.

Em torno d'ella, a dous kilometros de circumferencia não existe habitação alguma.

A onda tumultuosa da população expira muito áquem, no valle da collina. Os echos da voz humana perdem-se, muito antes de lá chegar.

E de que serviria o povoado, e o attrito dos homens ao filho de S. Bruno, que fez do silencio e da solidão a condição primeira da sua existencia e felicidade? Nem uma flôr de silvado brota sobre essa collina, onde outr'ora viveram homens que haviam descrido das flôres ephemeras do mundo: onde só medravam os espinhos da penitencia.

As paredes do edificio, tisnadas pelos dedos do tempo, como paginas denegridas de um livro velho, dão á Cartuxa uma côr toda historica, a côr inimitavel dos seculos decorridos. Embora. Está ainda de pé, sem ceder á extorsão do tempo uma só das suas pedras, sem que a lima destruidora dos annos accumulados tenha conseguido desgastar-lhe a sublime magestade dos traços. É a belleza na decrepitude.

Entrei, e bati de manso á portaria. Appareceu-me um velho pobremente trajado, quasi em desalinho, que pelo todo se me afigurou ser algum criado do convento.

Após elle, abeirou-se um frade cartuxo, que me recebeu com o sorriso nos labios, e que informado do fim que ali me levava, me entregou ao velho famulo, retirando-se em silencio, com esse ar porém

risonho e urbano, amavel e candido que nos rouba o coração n'um momento.

O cartucho não tem outras galas para receber os seus hospedes.

— É este o ultimo frade que ainda resta, dos muitos que aqui havia n'outro tempo — disse-me o meu guia.

N'outro tempo, quando? — tornei eu.

— Até á data da expulsão da rainha Isabel do throno de Hespanha — respondeu-me o velho.

Banido da sua cella, o pobre frade conseguiu tornar a ella. Não consentiu que a mão impia do tempo, de connivencia com o desamparo voluntario dos homens, demolisse aquelle monumento da piedade de outras eras. Ficou para sustar-lhe a ruina, e para protestar, n'um silencio mudo mas significativo, contra a injustiça flagrante d'uma sociedade ignobil que esbulha o coração do que não sabe nem póde dar-lhe; que eructando fóros de liberdade, nem sequer deixa ao homem o *inauferivel* direito de habitar onde e como quizer.

Esperava encontrar um edificio magnifico no seu genero. Enganei-me de todo, mas o erro era apenas meu. O convento é o que cumpria que fosse. Como queria eu conciliar a sumptuosidade com o modesto ninho do que as ordens religiosas conhecem de mais pobre, humilde e obscuro — um filho de S. Bruno —?

Nem as dimensões do claustro, nem o seu trabalho artistico interno merecem uma linha de menção. Na Cartuxa só é digna de attenção e assombro a pro-

pria Cartuxa, uma casa construida para o espirito e não para o corpo, a cuja architectura presidiu a mortificação e não o *confortavel;* ou por outras palavras, o que na Cartuxa espanta e eleva, é o viver excepcional, sobrehumano do monge que d'uma alcova apertada e núa, e de tres palmos de jardim podia edificar para si um mundo, uma sociedade, uma existencia...

Deixemos-lhe esse segredo. Não busquemos reveal-o ao seculo: elle não o comprehende nem póde comprehendel-o. Se ao menos soubesse respeital-o, e não amarrotar com mão profana e brutal essas duas flôres modestas — silencio e solidão — que só vingam á sombra do cenobio, e que produziam o fructo mais raro e precioso que o mundo conhece — a santidade...

Apesar d'isso, alguns objectos houve que me causaram certo reparo.

O altar-mór revela um trabalho de immensa paciencia, se não d'um gosto correspondente. Na Hespanha como em Portugal os relevos das igrejas, nomeadamente dos altares, são por de mais sobrecarregados, o que prejudica ao caracter do verdadeiro bello, essencialmente alliado á simplicidade.

Este altar foi todo dourado com o primeiro ouro trazido por Christovão Colombo, da America, o que lhe dá um preço, e um cunho historico particular.

O côro dos cartuxos é notavel pela obra de talha. Contei quarenta cadeiras de cedro, esculpidas com grande esmero e tal variedade, que nenhuma se pa-

rece com a outra. Representam assumptos do Velho e Novo Testamento.

As pinturas a fresco das paredes e tecto da igreja são de pincel pouco habil, e evidentemente do tempo da decadencia da arte plastica em Hespanha. São frescos onde nem dormitou o pincel d'um Murillo, d'um Vellasques, ou d'um del Sarto; quadros onde mais expira do que se inspira a piedade. Não ha vida no colorido; o encarnado não foi delido na palheta brilhante de Ribera.

A imagem, porém, era para o cartuxo uma mnemonica, e não uma inspiração, que ia beber dentro de si mesmo.

O S. Bruno da sala dos exercicios é uma estatua magnifica sem restricção. É obra de um esculptor *portuguez*, por nome mestre Ayres, celebre no seu tempo, hoje de todo esquecido, ou desconhecido do nosso desamor nacional. É peccado original nosso, para o qual ainda não houve baptismo; que se lhe ha-de fazer? Somos excellentes sepulchros dos talentos e genios que teem a ominosa sina de brotar entre nós. (Diga-o a raça fidalga dos nossos numerosos classicos, condemnados irremissivelmente a habitar as aguas-furtadas da litteratura como trastes inuteis). Folgo de ter sacudido, ao menos de passagem, do pó do esquecimento em que tem jazido, o nome d'um grande esculptor portuguez.

A estatua é d'altura d'homem.

A encarnação imita perfeitamente a côr que devia ser natural ao monge penitente da Calabria.

Sobre um tronco desfalcado pelo cilicio, e acima d'um habito de estamenha, alva como a pureza d'alma do santo, avulta um rosto cavado e pallido, que impõe a mais religiosa attenção.

Bruno tem na mão direita um crucifixo que não contempla n'aquelle momento, mas que offerece absorto á nossa pia contemplação. Dir-se-hia que desce a custo do Calvario onde meditára o mysterio da divina oblação para vir exprobrar ao mundo, em face da cruz, o esphacello hediondo a que o reduz a sensualidade dos seus costumes, e propôr-lhe a regeneração pelo sacrificio.

Impossivel é observar aquelles olhos onde superabunda o ascetismo do pensamento, e evitar-lhes o prestigio magnetico. Não sei que admiravel cambiante de uncção e força o artista portuguez soube pôr n'esses olhos que fallam, que oram, que prégam, que confundem, que amam, que attrahem, que solicitam, que intimam, que perseguem os nossos, para obrigal-os a despregarem-se da terra, e a cravarem-se no céo. Não pareceria que Ayres os arrancou do proprio craneo do santo para incrustal-os na estatua morta?

Ha em toda a expressão da physionomia tanta linguagem, que dir-se-hia que os labios de Bruno soffrem violencia em guardar o silencio, e que se o não rompem, mais lh'o prohibe a regra solemne do claustro, do que a inercia da madeira.

Ao lado esquerdo da imagem, está um pequeno quadro, onde se acha gravada uma poesia religiosa,

relativa á alludida esculptura, e cuja ultima estancia se harmonisa com o meu pensamento.

> **Hablaria, mas ó canon del silencio augusto**
> **Que prohibes hablar aun lo mas justo.**

Subi a um andar superior, e manifestei o desejo de vêr uma das cellas dos cartuxos.

São um pequeno cubo de doze palmos quadrados por quatorze ou quinze de alto.

A um canto enxerga-se ainda o tosco leito de pau, do religioso.

No fundo ha uma porta, e por detraz d'ella uma pequena horta de tres a quatro metros. Cada frade tinha a sua. Era ella todo o seu recreio, o objecto dos seus desvelos, e o unico commercio que lhe era dado ter com a terra.

Além d'esta horta, e no centro do quadrilatero que fórma o convento, existe um terreno inculto. Era ali que todos os dias ia o cartuxo dar um golpe de enxada na sua sepultura, para diariamente se tornar presente o pensamento salutar da morte.

Os homens fizeram a estes homens um crime de lhes tomarem dous palmos de chão para se deitarem, de plantarem tres metros de terra para viverem, e de abrirem de antemão a estreita valla que terá de os receber um dia... Se a sociedade assim qualifica taes actos, como qualificará, como punirá sobre tudo os grandes crimes reaes, os delictos sociaes e politicos? Faltar-lhes-ha por sem duvida uma pena proporcional, por isso prefere deixal-os... impunes.

Trinta varas de terreno incommodavam os habitantes de sete mil leguas de solo. Ingenuos! O remedio era lançar fóra esses monges. Mais vale tarde que nunca. Foi o que fizeram.

«Porém esses homens eram inuteis á sociedade.»

Palavra banal! E seria inutil o exemplo da abnegação sobrehumana que lhe davam e de que o seculo carece immenso? Ha uma coisa mais precisa e efficaz na época que atravessamos do que livros, jornaes, theorias, discursos, preceitos, e polvora: é o prestigio do exemplo que eleva.

Seria inutil a oblação da sua prece pura e humilima, todos os dias desfolhada entre o vestibulo e o altar, na hora de matinas, na hora... de crimes, á meia noite?

Seria inutil que orassem por quem nunca ora, que expiassem por quem nunca expia, que soffressem bemdizendo por quem soffre blasphemando, que conjurassem pela lei da supplica a lei da vingança?

Seria inutil o retiro d'esses claustros que só no pequeno Portugal produziu dez vezes mais obras (serias) do que libellos, folliculos e volumes possue a nossa litteratura profana nacional?

Que direito terá o seculo aos serviços d'aquelles que só sabe saturar de escandalo? Não lhes será licito fugir á putrefacção do seu contacto?

....

Como me pareceram tristes as cellas dos monges, com as quaes out'ora partilhavam a alegria ingenua de sua alma! Como me echoavam na memoria os

threnos elegiacos de Jeremias, gemendo sobre a solidão da cidade santa!

Ó cellas lugubres e solitarias, que choraes vós?

A vossa viuvez?

É que a vossa existencia estava em verdade casada com a dos anjos que vos habitavam.

Que farão agora certos homens de vós?

Para que lhes servem doze palmos de ar, e de solidão?...

Não morraes, não desabeis sob a mão de ferro do tempo, mysticos alveolos d'aquellas abelhas da igreja; ellas virão ainda de novo um dia fazer em vós o seu favo mysterioso: despireis o crepe da vossa viuvez, revestir-vos-heis de jubilo e de viço, e vossos muros ora mudos, serão outra vez o caminho e o echo das orações que enviará ao céo o obscuro filho de S. Bruno.

IV

A CATHEDRAL DE BURGOS

IV

A CATHEDRAL DE BURGOS

— Olhe, lá está emfim a famosa cathedral de Burgos — dizia-me o meu companheiro de viagem, ao chegarmos nós a esta cidade septentrional da Hespanha, e apontando para essa floresta de agulhas e torres que a vista contempla a vôo de passaro na passagem rapida do comboio e que eu tanto desejava vêr.

Chegavamos com effeito á patria do Cid.

No dia seguinte, pela manhã, quando ainda a cidade estava toda recolhida no mysterioso torpor do somno, sahia eu do hotel, para me ir curioso e christão contemplar essa basilica que ella guarda ciosa em seus muros como o seu mais valioso thesouro. De ha muito desejava eu vêl-a, e verificar por mim mesmo se é de facto, conforme as descripções dos *toristas,* um dos mais bellos templos da catholicidade,

e se por ventura fórma com as armas invenciveis do Cid o mais puro titulo da gloria do povo burguense.

O estylo da cathedral é gothico, sem liga alguma de arabe ou romano.[1] Era a primeira qualidade que tinha para mim em seu favor.

Incontestavel superioridade do estylo ogival sobre todos os outros. O grego, por exemplo, ou o mourisco, podem exprimir um templo, como um theatro, uma mesquita, ou um castello feudal, podem, digo, na sua fórma indecisa, aptar-se ao profano como ao religioso; o estylo gothico não admitte transacções com a terra, não empresta seus moldes christãos aos edificios dos homens, nem seus pulos sublimes a idéas que rastejam. Sua origem, natureza, expressão, e tendencia são essencialmente religiosas. Se se apoia sobre a terra, é para desenvolver-se no espaço, para procurar regiões mais puras, e levar até ao throno de Deus os echos da oração.

Do seio de 60:000 fogos, onde domina por toda a parte a linha horisontal, a cathedral eleva-se para os ares em toda a imponencia da sua fórma vertical, como uma preoccupação da eternidade no meio dos nossos pensamentos de *terra a terra,* e como o pregão secular d'um povo de crença.

A cathedral de Burgos é com certeza uma das mais esplendidas que tenho visto desde a Europa septentrional até aos confins da peninsula occidental.

[1] Posteriormente, tive, em virtude de um exame mais attento, que corrigir esta primeira impressão. O estylo é gothico, alindado pelo arabe e pelo byzantino.

Linda flôr do estylo gothico, como já notei, sahiu como uma só peça do mesmo molde onde foi vasada a famosa abbadia de Westminster, ou a magestosa cathedral d'Amiens.

Não é com tudo a sua vastidão que a colloca a par dos primeiros templos do catholicismo. Medirá, quando muito, uns 300 pés de comprimento, quando S. Paulo de Londres e S. Pedro de Roma teem mais do dobro; mas prima pelo acabado do estylo, pelo irreprehensivel das proporções, pela summa delicadeza dos abertos e dos relevos.

Pena é que se ache encravada entre ruas e becos, sepultada n'uma das posições mais baixas do municipio, e não n'um local proeminente.

O frontispicio não deixa de ser grandioso, sem o ser tanto como outras partes do templo. Mais notavel é sem duvida o de Santo Ambrosio de Milão, cujo gosto é o mesmo. Os florões e os talhados apinham-se acima do portico principal, e fazem contraste com a simplicidade talvez excessiva do resto da fachada.

As agulhas são d'uma belleza e d'uma graça incorrigivel. Quiz vêl-as de perto, e subi ao mirante. Foi então que melhor pude apreciar todo o trabalho de paciencia, e todo o genio architectural que presidiu á construcção total d'este monumento, magnifico acto de fé, de pedra. As agulhas teem a fôrma d'um cone aberto em ramagens. Puz um pé sobre o telhado que se acha debaixo d'este cone, e olhando-o pela base, pude devassar á vontade o mysterio da sua caprichosa architectura. Cada um d'elles é uma

renda immensa de alvenaria, sustentada interiormente por um tecido de varões de ferro.

Ao entrar-se no templo, não é facil, nem mesmo possivel formar uma idéa da sua extensão total, porque o fundo do côro, voltado para a entrada da basilica, encobre uma metade ao menos do seu tamanho real. Mas o circuito que fiz em torno das suas naves me dissipou bem depressa a illusão da sua pequenez apparente.

Mal basta uma hora para percorrer-lhe as numerosas capellas lateraes. Como são espaçosas, e graves, como são formosas e pias! Que thesouros de escultura não encerram, que me é tão impossivel descrever, como me foi impossivel fixal-os. Quanto cedro a que o buril deu forma, e a que o pincel deu vida, sentimento e inspiração! Quantos grupos de marmore que nos fazem assistir ás mais tocantes passagens da vida do Salvador! Quantos retabulos de ebano, e quantos fundos de altar onde se gastou, e se immortalisou o escopro que os consagrou ao culto christão!

E pensava entre mim que cada uma d'estas capellas seria por si só uma igreja magnifica lá n'esses sertões do Ceará [1], onde uma mesquinha barraca substitue por vezes o templo do Senhor!

Aqui, na velha Burgos, só alguns devotos invariaveis, e encalhados para o mundo, aquecem a lage fria do pavimento e fazem murmurar a abobada sa-

[1] O author esteve algum tempo em missão, n'esta provincia do Brazil.

grada com os derradeiros gemidos da fé hespanhola, lá o dia de Deus a veria sempre cheia a transbordar, e o nome prestigioso de *missão* despovoaria a roça, para povoar o sanctuario. Na sua fé ardente e em primeira mão, uma raça d'indigenas viria fazer echoar o recinto do templo com singelos e pios canticos, e ferir confusa seus peitos, através de seus cobre-peitos[1] de couro.

De todas as capellas da cathedral a mais notavel é a chamada — do *Condestavel*. Esta capella é toda de marmore. Ha uma especie de cicerone exclusivamente encarregado de a fazer vêr aos estrangeiros, e que me recitava a sua lição, de cór, com uma segurança imperturbavel, e um certo tom dogmatico que impunha a crença, e que só obtinha ás vezes... o sorriso dos visitantes. Felizmente, tudo quanto em geral nos explicava só se referia a assumptos historicos e locaes d'importancia secundaria.

No centro da dita capella, perto do altar, estão os sarcophagos do condestavel D. Pedro e sua esposa, fundadores da cathedral. São de marmore de Carrara e d'estremada perfeição. Nas faces do mausoléo vêem-se varios relevos relativos a assumptos biblicos, d'uma notavel delicadeza. O fundo do altar é do mesmo modo todo biblico, e sem contradicção uma obra de exame.

A sacristia d'esta capella contém verdadeiras preciosidades. Citarei, em primeira linha, a custodia en-

[1] Especie de couraça de couro, de que usam no Ceará os camponezes ou *matutos*, especialmente os vaqueiros.

gastada de amethystas, esmeraldas e rubis, o calix d'ouro do mais distincto gosto gothico, e um rico relicario; apologias, que não morrem, da pericia artistica d'essas eras preteritas tão injusta e boçalmente depreciadas. Vi casulas de fio d'ouro, e de excellente velludo adamascado que datam do seculo XVI, e outros muitos objectos dignos de menção que me dispensarei de trazer a lume n'este momento.

O sacristão abriu por fim uma especie de armario, e eu tinha diante de mim a magnifica Magdalena de Leonardo de Vinci. Foi uma entrega, mas d'aquellas que se desejam e aprazem, se não se esperam.

Uma commoção forte e subita se apoderou de mim, como todas as vezes que o homem se acha de repente em presença do sublime. Impressões d'estas que não se explicam, nem se podem evitar, são a pedra de toque do genio. Sem saber a principio qual era o auctor d'aquelle quadro immortal, presenti que devia ser necessariamente a obra d'um grande artista. Senti meu coração afinado pela corda do enlevo. Uni-me á concepção do artista, e quasi que diria, á deliciosa contemplação de Magdalena. Estava mais que satisfeito, estava aterrado por aquella visão repentina de uma tão esplendida execução plastica. Gioberti diz que «o bello deleita, mas que o sublime arrebata e aterra.»

Vinci não deu á Magdalena outro vestido mais que o vestido legendario da penitente, o véo dos seus longos e formosos cabellos que lhe cahem das espaduas até aos pés. Suas mãos pousam ou antes com-

primem o peito, como para reter a chamma da vida que parece escapar-lhe com a chamma do divino amor. Aquelle rosto exprime toda a serena jubilação d'uma alma identificada com Deus; aquelle olhar ora, aquelle olhar illuminado contempla o mundo dos anjos, e annuncia um pranto... sem dôr, prestes a escorregar pelas faces: aquelle seio mal velado pela tunica dos seus annelados cabellos palpita realmente sob a acção da divina caridade que o levanta; aquella carne tem toda a elasticidade da vida, e aquelles olhos tão bellos, fixos no invisivel, forçam-nos a não parar n'elles, mas a subir com elles até á fonte eterna da suprema belleza.

Mas o zimborio da cathedral foi de tudo quanto observei o que mais fixou a minha attenção.

Nada vi até hoje,[1] nem mesmo em Westminster, quiçá o primeiro templo gothico do mundo, que possa igualar-se ao zimborio de Burgos, cupula enorme, onde nem por dentro nem por fóra se encontra uma só pedra que tivesse sido deixada a si mesma; que não recebesse o cunho do genio esculptural; que não possua a seducção dos grandes primores d'arte. Esta cupula não tem menos, julgo eu, d'uns 30 metros de diametro por 25 de altura. É ella o unico ponto por onde a luz penetra francamente no recinto da cathedral, mas esta luz, habilmente moderada e equilibrada, casa-se perfeitamente com a mystica penumbra do templo; deliciosa synthese de claridade e de

[1] Actualmente, já não poderia dizer outro tanto.

sombra; toda peculiar aos templos gothicos, tão inspiradora do recolhimento e da oração, tão azada para symbolisar o caracter da nossa fé, admiravel união de luz e obscuridade.

O olhar contempla por largo tempo aquelle zimborio, e duvida se a pedra póde prestar-se a um semelhante esforço, ou se a solidez do marmore póde ser vencida até este ponto pelo capricho do buril, e submetter-se ás graciosas delicadezas de um trabalho de renda.

São columnas, e cornijas, e arcos, e agulhas, e rosetas, e ramagens, e baixos-relevos, e flôres, e heras, e cavados, e filetes, e nuvens, e anjos... e luz; e é uma cupula, um só objecto, e não poderieis tirar-lhe uma só das peças que o compõem sem prejudicar á unidade do todo.

Como descrever sem genio o que só o genio soube executar? O author d'esta obra prima devia ser por força impregnado do sentimento christão para fazer assim sorrir o marmore, para dar á pedra o viço d'uma flôr, e para collocar a 60 metros da terra um arrebalde do céo.

Por de mais me demorava eu na cathedral. O bronze da torre soou umas pesadas 8 horas que contei com alguma impaciencia. Uma hora depois devia partir o caminho de ferro para Madrid. Eram horas de tomar uma pequena refeição, e metter-me no omnibus que conduz á estação.

Sahi a custo d'este monumento onde a piedade me entrava insensivelmente por todos os poros, onde

me parecia respirar a pura atmosphera da idade mèdia.

Não esquecerei jámais este soberbo templo da catholica Iberia, grave como a nossa fé, elevado como a nossa esperança, bello como a caridade divina. Devo-lhe uma hora de presença com Deus, no meio de tantas sem valor.

V

DE BURGOS A MADRID

V

DE BURGOS A MADRID

I

Afóra a cathedral, a Cartuxa, e as armas do Cid (que me não foi possivel vêr) não offerece Burgos cousa que prenda a attenção.

É uma cidade castelhana em todo o rigor da palavra, e uma cidade velha, que não cura de dissimular as suas rugas, antes d'ellas faz gala.

Ruas estreitas, escuras, mal calçadas, cheias de altibaixos, aqui e acolá desempedradas, acabando a cada instante, para recomeçarem de novo, e o que mais repugna, muito pouco aceadas. Não era força levar tão longe o aferro tradicional. Casarias altas, de gosto oriental ou mosarabico, recobertas do crepe secular do tempo: alguns edificios do governo, pouco notaveis, aos quaes o peso dos muitos annos que lhes passaram por cima, tem mais ou menos alterado a linha recta.

da sua casa de gelo; «*si muove*», mas um pouco como o mollusco...

O vagão em que entrei ficaria completamente vasio, se após mim não entrasse um passageiro, que, tendo-me provavelmente por francez pelo habito ecclesiastico que eu trazia, se deu pressa de fazer acto de occupação no mesmo compartimento que eu, e se poz a entabolar commigo um pequeno e interessante *duetto*.

A sua decepção não foi pequena quando soube que o meu paiz não ficava ao norte, senão ao oeste da Hespanha. Soube, porém, dissimulal-o com aquella elastica urbanidade, que se tem perfeitamente definido, quando se lhe acrescenta o adjectivo *franceza*.

Pelo decurso do nosso dialogo pude apurar que o desconhecido era um negociante de lã, que no tempo da guerra franco-prussiana servira como atirador no exercito francez. Pertencia pela pronuncia e physionomia ao meio-dia da França. Caracter aberto, natural generoso, mas homem da transição politica, enfronhado em idéas demagogicas; téla de fio um tanto grosso, fortemente obstruida de uma boa camada de principios á La Boullaye, Pelletan, Rochefort, e Gambetta; triste contrabando que lhe impingiram a sacco, e que o pobre do *homo-bonus* recebeu na melhor boa fé d'este mundo. (Ha tanta gente n'este caso!...)

Mas tinha ás suas crenças um aferro que nada invejava ao dos turcos pelo alcorão, e gostava de parolar e discutir a tal respeito. Ainda cheguei a gastar alguns cartuxos de polvora com o sr. N., apre-

sentando ao seu senso commum o que o meu me dictava sobre a questão, até que me desenganei que não havia ponte possivel por onde o homem passasse dos seus principios para os... da humanidade; e pareceu-me mais acertado em todo o sentido divertir o assumpto para outro mais ameno e pacifico.

No entretanto chegavamos á primeira estação intermediaria; abriu-se a porta da nossa carruagem, e entrou uma senhora, acompanhada de duas creanças.

Sempre foi para mim cheio de vivo interesse todo o grupo que se compõe de uma mãe ladeada de seus filhos; de bom grado me recolhi ao silencio, e puz-me a observar, sem o parecer, os recem-chegados.

II

Effectivamente uma mãe trazia nas mãos duas florsinhas humanas, dous filhos que mal lhe attingiam a altura dos joelhos. Ámbos eram um tanto enfezados, ambos, porém, alvos como o jaspe, innocentes como tres annos, bellos como um collibrí, risonhos como o primeiro raio da manhã.

Esta mãe era por força uma excellente christã, porque era sem questão uma mãe modêlo.

O nosso vagão foi-se a pouco e pouco enchendo de viajantes, por tal guisa que a pobre senhora viu-se obrigada a sustentar os anjinhos no collo por mais de dezesete horas, e n'uma attitude por extremo incommoda. Com que resignação, com que amor o não fazia!

Sabido é que a quietude, e o mutismo nunca foram as virtudes da infancia. As crianças travessas em tudo queriam tocar, tudo queriam ver, com todos entendiam, não paravam um momento caladas. A mãe ora impunha a sua authoridade com um tom significativo e apparentemente rispido, que as tornava immoveis, ora, alternando o systema correccional, as acariciava, e lhes recommendava com um tom entre supplicante e materno, que não fossem tão desgalantes, e se conservassem quedas.

A horas certas abria um pequeno cabaz, e punha-se a dar-lhes de comer, cedendo a todos os caprichos dos filhos com uma docilidade e uma paciencia admiravel, a que só sabe sujeitar-se um amor que não conhece igual na terra. Outras vezes, as crianças subiam-lhe até á altura do rosto, e apertavam-no amorosamente entre as mãosinhas, sorrindo para elle. A mãe simulava indifferença, para não lhes afoutar de mais a confiança; por fim a ternura vencia, contemplava-as com um affecto acceso pela chamma sempre viva da maternidade, beijava-as sofregamente, e abraçava-as uma após outra com um amor que as metteria no coração, se lh'o não vedassem as leis da materia.

Chegou a noite. A mãe rezou com ellas o *Padre Nosso*, fez-lhes sobre a testa e o peito o signal da cruz, e depois reclinou-as sobre o seio, o melhor dos berços para conciliar o somno dos tres annos.

Havia sobre o semblante d'esta mulher toda a dignidade do seu sexo, quando o seu sexo já não é uma tendencia, mas uma missão cumprida.

Desapparecera o viço mimoso da mocidade, desvanecera-se mesmo esse véo de esquivo e rigido pudor com que a Providencia resguarda os primeiros annos da idade nubil, mas para se transfigurarem nos traços viris d'uma sublime maternidade. Ella comprehendia que a sua existencia d'ora em diante era um sacerdocio, e cumpria-o... Se não fôra o anachronismo, eu acreditára sem custo que o vulto e a expressão radiante d'esta mãe servira de modêlo a Murillo ao compôr o seu quadro maravilhoso da Assumpção da Virgem.

III

Viajamos nos derradeiros dias de verão.

O aspecto geral do solo denuncia já a approximação do outono. A natureza, ainda ha pouco luxuriante de seiva e louçania, começa já de empallidecer, e de juncar a terra com a coma alourada das suas folhas cahidas. O sol ardente de agosto diz o ultimo adeus á formosa Iberia, que desdobra sobre a face calcinada o véo de uma profunda e mysteriosa melancolia.

Alegre e esplendido como o estio na Hespanha, mas triste como o inverno n'aquelle paiz.

O terreno que atravessamos desde Burgos até Madrid é em geral arido e severo; outro tanto podéra dizer com mais ou menos exacção de todo o norte da Hespanha; o sul é incomparavelmente mais poetico e animado.

O olhar fatiga-se de acompanhar por leguas e le-

guas uma linha uniforme, que nunca se accidenta para formar aqui uma colina, alli uma montanha, além uma cordilheira. Varzeas e mais varzeas tosquiadas de fresco pela fouce do segador, resequidas e tisnadas pela acção reiterada do sol. A espaços, no meio d'essas planicies, como oasis habitado, uma pequena villa ou aldeia, onde sempre avulta uma igreja ou *capilla* de estylo mourisco ou romano, e que pela maior parte ou jaz em ruinas, ou para lá vai, ou ás vezes de lá sahe por um resto de religiosidade tradicional.

VI

MADRID

VI

MADRID

O MUSEU DE PINTURA

Madrid não póde fazer grande sensação a quem já viu Londres, Paris, Vienna, e mesmo Lisboa, Rio de Janeiro, ou Bordeus.

Bella é a Porta do Sol, praça central da cidade, inferior com tudo ao nosso Terreiro do Paço; bella a rua de Alcalá, mas não soffre comparação com a de Rivoli de Paris, e menos com a de *Regent-Street* ou de Oxford de Londres; lindo o passeio *del Prado*, mas não lhe compete o nome de magnifico como ao *Bois de Boulogne*, se a magnificencia é alguma cousa mais que a extensão.

O museu de historia natural é muito secundario. A collecção tanto dos vertebrados como dos insectos é pobre. Os mamiferos não estão encerrados em vidraças como na maior parte dos bons museus, mas

alinhados a dous de fundo em ordem de exercito no centro das salas, de sorte que exhalam constantemente um certo cheiro nauseabundo de presepio, que pouco convida os visitantes.[1]

O grande monumento de Madrid é o seu museu de pintura. Já mesmo exteriormente fallando é um soberbo edificio, que primára pelo grandioso e pelo bello em qualquer das mais notaveis capitaes da Europa, interiormente porém é admiravel, e um com certeza dos mais ricos em quadros originaes classicos, que se conhece.

O que surprehende o visitante não é a extensão nem o numero das salas, nem os emmolduramentos e os artesões dourados que tanto aliás as realçam, é a esplendida collecção de pinturas de todas as escólas em que se tem immortalisado o pincel do artista, desde Ticiano até Ribera, passando successivamente pelas celebres escólas de Miguel Angelo, Raphael, Corregio, Vandick, e Murillo.

Lamartine dizia que havia mais sublimidade n'uma lagrima, do que em toda uma galeria de pintura, mas será muito menos sublime o artista que nol-as sabe arrancar pelo arrojado e pathetico da concepção, pelo realismo delicado da execução? E ha quadros no museu de Madrid capazes sem duvida de arrancar lagrimas, para quem sabe contemplal-os na maravilhosa synthese do sentimento christão e do talento plastico.

[1] Assim era, ao menos, quando visitei o museu em 1873.

Estou ainda vendo e admirando a Virgem *La Perla* de Raphael, e *della Sedia* do mesmo; S. Sebastião, o Senhor pendente dos braços de Maria, de Guido Reni; a Santa Agueda de Barbalunga; a Assumpção de Romano e Guido; a Virgem com o *bambino*, de André del Sarto, e outro quadro da Sagrada Familia do mesmo; a Apparição da Madona a Santo Ildefonso, a Conceição Immaculada, a Assumpção, e a cabeça do Baptista de Murillo; o S. Pedro *ad vincula* de Guercino; Jesus dando a beber a S. João, ainda de Murillo; o Senhor morto de Rubens; a Immaculada de Erasmo Guelin, o S. Jeronymo de Pereda, o Crucifixo de Velasques, etc.; alguns nomes apenas de milhares d'outros que me não lembram. Que preciosissima collecção! Era fazer-se d'estes quadros paginas, e d'estas paginas um livro, e não creio que houvesse melhor manual religioso para uso do povo.

São ideaes essencialmente orthodoxos encarnados na tela do artista, expressões remontadas da fé singela, candida, e pura dos genios que os crearam; são filhos genuinos d'esses principes da arte, cuja dynastia acabou, como esse sentimento de crença intima e profunda com que elles diluiam as côres da sua paleta. Porque a final, a esthetica não é tudo; a esthetica é a sciencia, a fórma, a esquadria, mas não a inspiração. A esthetica do eterno, e do invisivel, essa fallece á mór parte dos pintores contemporaneos, que ou só tomam para assumpto das suas composições, ideaes simplesmente profanos, e até não de maravilha impudicos, ou profanam os sagrados pela

mundanidade da expressão que lhes emprestam, e por uma certa exageração de fórmas inconciliaveis com a piedade recatada, e o sentimento da unção catholica. *Quid mirum?* Por isso que o nivel da fé baixa innegavelmente, a arte christã não póde deixar de baixar com elle; o pincel ha-de ser tão immoral como a propria alma do artista que o agita, porque se o estylo é o homem, o pincel tambem é o homem.

Demorei-me tres horas no museu. Percorri-o em toda a sua extensão, sahi d'elle como d'um templo. É que ao vêr-me perante os modêlos inexcediveis de unção, de Murillo, e Guido Reni, pareceu-me recuar seculos, senti embeber-me d'essa crença translumi-nosa que caracterisava as massas da idade-media, tão escassa na nossa crise de scepticismo e indiffe-rença lethargica; vivi, respirei, e conversei com Cor-regio, e Raphael; repousei junto d'elles d'esse ruido de rodas, de alavancas, de silvos sinistros, de mil machinismos, que nos machinisam, e nos trituram a existencia. Aspirei um ar mais puro que o d'essa atmosphera de carvão de pedra, e de gaz hydroge-neo, que nos invade a pezar nosso; e sem ser de modo algum semelhante a essas aves que só gostam de abrigar-se entre ruinas; sem querer resuscitar o passado, nem evocar as suas cinzas, porque amo o seculo em que approuve a Deus fazer-me nascer, disse commigo: «Oh! eras preteritas, porque nos não volta ao menos a vossa fé?...»

VII

TRES DIAS EM VIGO

VII

TRES DIAS EM VIGO

«Em Vigo? E que fui eu fazer a Vigo?» Seja dada e não concedida ao leitor esta curiosidade indiscreta de devassar a vida privada de cada um.

Poderia responder-lhe como o frade ao barão no dialogo do «juif et le moine» de Edmond About: «não sei e tenho dito.»

Felizmente o meu viver não tem mysterios para ninguem. Se lhe disser que, achando-me perto de Vigo, prolonguei uma linha de alguns kilometros de locomotiva até áquella cidade em cata de certos documentos e materiaes necessarios para um pequeno livro de que pretendo fazer-lhe presente, terei satisfeito, quanto baste e *sem exemplo*, á sem cerimonia da pergunta com que me tolheram o passo á descripção, ainda antes de principial-a.

Não foi por certo a curiosidade de conhecer Vigo que alli me levou. Já nos conheciamos *pessoalmente*. Não digo que me fosse equilateral o tornar a vel-a, uma vez que se me apropositava o ensejo de fazel-o e que o motivo que lá me conduzia era assaz forte para me determinar a passar por cima dos embargos que me punha a saude sempre melindrosa da bolsa...

Quando não houvesse outro motivo, é certo que este meu organismo, desde que foi remanipulado pela garra inexoravel da doença em terras d'além mar, carece tanto de diversão, depois de alguns dias de trabalhos intellectuaes, como de ar para os pulmões. E Vigo é uma optima diversão. Não tem nada notavel a não ser ella mesma, mas tanto lhe basta isso.

Não se adereça com atavios e galas de emprestimo; a sua gentileza é nativa, pertence-lhe de raiz; tem o encanto magico d'essas formosuras buriladas pelo buril do divino artista, singelas como as virgens de Murillo, despretenciosas a ponto de ignorar-se, descarecidas de adornos postiços, porque os teem de casa.

Parece uma chromolytographia matizada de luz, côr e paisagens, de muito céo e muito mar. Desenha-se entre dois infinitos de azul. Envolve-a o azul do firmamento e reflecte-a o azul das aguas. Mas não é mais que uma chromolytographia, porque, se o viajante abstrahir da perspectiva e da belleza do conjuncto, não encontra n'esta cidade monumentos historicos, nem ruinas venerandas, nem templos notaveis, nem jardins publicos de convidar, nem praças desafogadas, nem museus curiosos, nem edificios esplen-

didos, nem centros de instrucção superior. Nada, porque nada distraia o observador do que constitue o seu grande titulo de gloria, *o seu porto.* Fazem ás vezes os pintores outro tanto; esboçam muito de passo os pormenores de um quadro, para que a attenção do observador se concentre toda no personagem ou na scena principal, que esgotou o poder esthetico do artista.

Nasceu Vigo á luz d'este seculo, como uma flor na primavera, sem passado, mas com um porvir seguro, a seducção. Porque possue a seducção indefinivel de uma natureza que sorri sempre e que, não estando em parte alguma de um modo sensivel, está em toda a parte. Esta qualidade é innata na perola da Galliza, como o é a luz no sol, o sodio no mar, a seiva fecundante na terra.

Todavia, se não encerra uma pedra sequer digna de menção, merece-a, ainda assim, mais ou menos, o seu gosto moderno e o seu movimento commercial. Digamos d'elle *en passant.*

Semelha Vigo um bazar multiforme, no qual se condensam e interpolam as *novidades* parisienses e allemãs com os productos da Asia, Africa, America, desde os *gobelins* da rua de Sèvres, e dos ricos instrumentos musicos de Dusseldorf até ás lençarias de Tunis e aos chapeus de Cuba.

Combinae essa variedade de estabelecimentos mercantis que exhibem os seus generos quasi em guerra travada de mostrador a mostrador, com um movimento intermittente de mercados, consoante as feiras

assentam ou alevantam as suas barracas e tripeças; revesti a risonha opála do Oceano com os adereços vistosos e typicos da terra, onde sobreleva o azul, o amarello e a côr de grã, que trajam os camponezes e camponezas apinhoados pelas ruas; povoae estas de carregadores e recuas de azémulas que transportam atravez das principaes arterias da cidade cem objectos diversos de trafico; por entre toda aquella multidão equilibrae como poderdes (eu não me encarrego d'isso) um magote de marujos inglezes, enlacrados pelo *brandy* e pelo *rhum*, escórando-se a custo ás omoplatas uns dos outros; e para que não falte a nota aguda a todo este borborinho sussurrante e confuso, imaginae o pregão estridulo e esganiçado de um rapazola que faz segundo e primeiro ventre de um taboleiro de phosphoros amorphos de Lizarbe, que mette á cara dos transeuntes, e tereis uma idéa tal qual d'essa vida das ruas de Vigo e d'esse tumultuar de gente, que por vezes tem de abrir caminho com os cotovellos, mas onde, apezar do aperto, não se nota uma rixa, um roubo, um desaguisado.

O bom povo da Galliza, sobrio até á admiração, honrado, circumspecto, digno com essa dignidade do areopago atheniense, passa por todas as peripecias do mercado sem destemperos intempestivos, sem abjecção e sem colera. Assim o encontrei sempre.

A vida é uma de manhã, de noite é outra. Ao cessarem as operações financeiras, se o luar convida e a temperatura é amena, Vigo deixa de mercantilisar para passear. Não se passeia em Hespanha como em

Paris ou Vienna. As familias sáem em grupos maiores ou menores para as praças e logradouros, e desfilam debaixo de um céo meridional, tão diaphano e tepido qual o da America brazileira, com aquella gravidade e, quasi diria, com aquelle rythmo de locomoção que caracterisa o povo inglez, rapido de dia como a gazella, moroso de noite, em seus passeios, como a lagosta, o mais grave dos entes que conheço, desde que a vi andar, ou melhor arrastar-se, atravez de um dos crystaes do *Aquarium* de Brigton.

E se, além de todos estes quadros caracteristicos de Vigo, succede, como agora, mover-se no porto uma esquadra, composta de alterosas fragatas, cada uma das quaes tomaria o diametro do Terreiro do Paço, mettendo a prôa no arco da rua Augusta e assentando a pôpa no Caes das Columnas, figure-se o leitor se isto é ou não digno de vêr-se e recordar-se.

Estamos no porto. Parece que devêra aqui findar o esboceto que traçamos da perola da Galliza e posso dizer que agora principia.

Vigo é uma cidade, mas é sobretudo uma barra. É uma jaula de granito e gleba, que encerra uma fera chamada o oceano. Não digo um pequeno braço de mar como encerra qualquer outra barra, digo um oceano. A apotheose d'essa sultana do atlantico é o seu porto esplendido, comparavel aos primeiros do mundo. Sabem-n'o todos, excepto os vigoenses, que só agora começam a suspeital-o e a tirar d'elle o partido que devem.

Ha uma especie de consorcio amigavel entre aquelle

porto e o mar. Indomito e malevolo como a panthera, abate a juba de escuma, desarruga o dorso, amaina o rugido sinistro e humilha-se ao penetrar por entre as duas paredes de montanhas que lhe abre a hospitaleira cidade, cujas graças parece requestar. Perde então toda a sua indole ferina. Manso sem aviltamento, tranquillo sem despir a imponente grandeza, espadana ao de leve a praia, como o tigre que, saçiada a voracidade, lambe o solo empapado de sangue e refocilla-se ao lado da victima que empolga entre as garras. Outras vezes dormita immovel, como a placidez dos lagos, no regaço de Vigo, sem se lhe perceber o menor arfar do seio. Dirieis Hercules aos pés de Omphala. Mal se crêra, ao vel-o assim inoffensivo e sereno, que é elle, na phrase de Byron, o eterno indomavel, que se alevanta das profundezas insondaveis dos abysmos para escalar os anteparos das cidades, arrancar os rochedos que lhe resistem e sacudir, como por brinco contra a costa, as embarcações pejadas de vidas humanas!

A extensão da barra e porto não tem talvez rival no mundo, dizem-n'o alguns viajantes. Eu por mim ainda não encontrei outra que a iguale (o que não é dizer pouco, valha a verdade).

De um lado e outro avançam para o mar duas linhas collossaes de territorio, accidentando-se em montes, collinas, platós, valles e promontorios, que ora se dilatam, ora se estreitam, ora alargam o ambito ao oceano para o receberem, ora se contrahem, como dois braços de granito, para abraçal-o, ora dir-se-hia

que lhe fogem em torcicolos caprichosos, ora lhe formam bacia como se o quizessem conter todo. Na entrada da barra avultam ilhotas e penhascos abruptos, que resaltam da superficie liquida e contra os quaes o oceano esgota a sua sanha antes de vir reclinar-se pacifico sobre a almofada de areia que a praia lhe offerece.

O sol estrelleja mil fulgurações ardentes que põem luz e sorriso nas alfombras dos valles, nas alvuras das casas, nos massiços dos bosques, no cristal ceruleo das aguas, nas amplidões do espaço. E para que a vida não deixe de animar esta marinha mais esplendida que as de Salvador Rosa, devisa-se ao longe a labutação da pesca, as canoas dos «trabalhadores do mar» cruzam-se gravemente no porto em differentes direcções ou maream a vela para se fazerem ao alto, e a gaivota esvoaça pelo litoral, frisando a superficie das aguas, ou immergindo o bico no seio d'ellas, sofrega do biscato que a açóra.

Nasci no meio das ondas, n'uma ilha. As scenas maritimas tiveram sempre para mim um attractivo peculiar. Accrescentar, pois, que gosto de Vigo é ocioso; affirmar que o meu coração em extremo sensivel ás magnificencias do Creador, se deleitava com semelhante espectaculo é pleonastico. Mas ao cabo de tres dias foi mister dizer adeus a Vigo, e dar por terminadas as minhas notas rapidas de viagem.

VIII

AVE PATRIA!

VIII

AVE PATRIA!

I

Demorei-me apenas tres dias em Madrid.

Tinha pressa de dar um adeus á Hespanha, á Europa, e ao mundo, para revêr em fim, depois de tão longa ausencia, o céo e a terra saudosa do meu Portugal.

Havia treze annos que o largára, com a leve interrupção de alguns dias que n'elle passára, fazem hoje nove annos.

Por cinco misturei os meus usos, lingua e costumes patrios com os do povo francez onde me iniciei na sciencia da Igreja, oito consagrei ás missões do imperio brazileiro, percorrendo successivamente as provincias do Rio de Janeiro, Minas Geraes, Bahia, Ceará, e amei aquella nação unica no mundo, e amei aquelle povo-genio, e amei a alma nova d'aquelle

novo mundo, prenhe de futuro, a tal ponto que só o coração me permaneceu portuguez, mas essa cellula intima onde Deus me entornou o amor sagrado da patria, guardou-o até hoje, e nenhum outro veio substituil-o por ora.

Reprovo o cosmopolitismo, que, ainda mal, conta não poucos adeptos, e apologistas em nossos dias. Reprovo-o, digo, qualquer que seja o motivo, ou o principio que o produza, mesmo o principio superior do amor da humanidade em Deus, e por Deus. Todos os affectos se podem perfeitamente casar e harmonisar no coração do homem; um não deve absorver o outro, porque todos reciprocamente se escoram e se robustecem.

Silvio Pellico diz com todo o bom senso nos seus *Doveri Degli Uomini*, que não crê «no amor da humanidade, do homem que não começa por amar o seu paiz.»

Não ha um sentimento implantado pelo Creador na nossa alma que não seja bom e santo, e não tenda a aperfeiçoar, pelo seu desenvolvimento, o nosso ser moral. Não queiramos corrigir a sua obra; Elle bem soube o que fez; o amor da patria é o symbolo do que devemos ter á patria immortal; deixemos que o symbolo guarde a realidade...

José Agostinho de Macedo termina assim a sua 14.ª epistola a Attico: «... cada um de nós tem uma patria, que deve amar, e que não deve querer perder... Entre a opulencia de Londres, e seu estrepito, choraria, e deveras, pela ignorada Beja, que me viu nascer.»

Havia muitos mezes que eu já não ouvia fallar nos diversos pontos por onde estanciava, senão o inglez, o francez, ou o hespanhol.

Tinha já o martello do tympano cançado de me martellar cá dentro *yes*, *well*, *rail-way*, *no matter*, *très-bien*, *s'il vous plait*, *en voiture*, *baia*, *usted*, *caramba*, *caballeros al tren*, etc. Poucas vezes, por tanto (e sem por tanto) experimentei alvoroço tão grato, e prazer tão sensivel como, quando ao descer na primeira estação portugueza, que se nos depara na linha entre Badajoz e Lisboa, só ouvia soar em todas as boccas o suave idioma patrio.

Era a voz da minha mãi que eu reconhecia, depois de larga ausencia, e não já sons estranhos, linguas peregrinas que não tinham o condão de me vibrar as mais delicadas fibras do coração, de acordar de chofre em minha alma sentimentos latentes e deliciosos que rejuvenecem a vida, e nol-a tornam cara, se por vezes nos é tão tediosa.

Parecia-me que toda a minha familia me tinha vindo esperar áquella estação, e que todas aquellas vozes me eram distinctas e familiares. Não era illusão total: que é a pátria, senão a familia em segundo grau?

Inclinei-me para a janella do vagão que me ficava contigua, e espaciei os olhos por toda aquella natureza de casa, como nos praz percorrer com a vista as paredes, os moveis, os quadros, o pequeno jardim dos nossos lares depois de longa ausencia, e senti em mim alguma cousa que queria dizer: Ave patria! Salvè, serras, outeiros, leivas, arvores, relva,

flôres, ar e céo do meu Portugal! Salvè tectos amigos, que não abrigaes estrangeiros, mas os irmãos do ninho meu materno! Ave patria!

Um motivo elevado me impelliu a dispartir-me do teu sólo, não m'o condemnes, que outr'ora tambem tu de cruz em punho te foste christianisar terras de além-mar; pouca é a vida, escassa a saude que te trago, que a semeei sem dó pelos sertões tropicaes d'esse imperio que d'antes foi colonia portugueza, mas essa que ainda me resta é tua, toda tua, toma-a e não engeites o obreiro da undecima hora, que te offerece a cooperação serodia trocada em bom querer sempre tempestivo.

II

Pouco depois estava eu nos braços dos meus. Tornava a vêr meu pai, o maior amigo que tenho tido n'este mundo, meu irmão mais velho, o companheiro do primeiro dia, todos os membros da minha querida familia...

O leitor não levará a mal que d'elle me despeça no liminar do recinto domestico, e me esquive a deixal-o devassar as scenas intimas do lar.

IX

LIBERDADE E LIBERDADE

IX

LIBERDADE E LIBERDADE

I

Catholicos de convicção, não nos mettem medo palavras, mas assiste-nos o direito de reclamar, que, conforme as promessas da grammatica, exprimam uma cousa com que tenham relação.

É o que não se realisa.

Quantos vocabulos não circulam por ahi, que não são mais do que mascara traiçoeira de idéas sinistras, que se não ousa assoalhar na sua repellente rudeza? Lembram-nos certos individuos, que concebendo fins perversos, circulam no meio dos outros homens, acobertados debaixo de um pseudonymo qualquer.

Estamos n'uma d'essas épocas em que a definição que o principe de Taleyrand dá da palavra, não deixa de ser até certo ponto de uma exactidão flagrante: «a palavra é a arte de esconder o pensamento.»

A *liberdade* é uma d'essas palavras que se tem horrivelmente adulterado e torcido do seu legitimo sentido, para significar as mais formidaveis e funestas aberrações.

Ha pois duas ordens de liberdade, uma franca e outra hybrida, uma de sangue puro, e outra espuria, uma que liberta, e outra que opprime, uma que exalta os individuos e as nações, e outra que os avilta; a liberdade de O'Conell, e a liberdade de Marat. Ou antes não existe, nem póde existir mais que uma só, que convém desemmaranhar de todas essas pseudo-liberdades com que este seculo de lantejoulas pretende deslumbrar-nos, e fascinar a credulidade dos ingenuos.

Convém sim fazel-o.

Cumpre arrancar á revolução a mascara de um nome prestigioso com que disfarça arteiramente os seus instinctos sanguinarios e subversivos de toda a ordem.

Exista embora o erro ao pé da verdade, mas não se gabe de gozar os fóros de pacifico habitante.

Legitima é essa liberdade, precioso dom natural outorgado ao homem pelo Ser Supremo n'esse acto de primeiro amor em que o tirou do nada: sublime faculdade que é o direito imprescriptivel de toda a creatura racional, direito sagrado que nem o proprio Creador ousa violar, e que se impõe por si mesmo ao respeito de todo o homem; poder tremendo que nos torna responsaveis de nós mesmos, e nos faz da immortalidade uma divida de justiça. D'elle me ufano eu tanto, ou mais que outro qualquer.

Legitima por certo é essa liberdade baseada na primeira, vida e força moral das nações, a liberdade social. Sustentemol-a, escóremol-a com toda a energia do nosso proprio interesse; pois, que é ella senão a sentinella álerta postada nas estremas dos estados para defendel-os contra a prepotencia? a garantia das familias, a segurança e tranquillidade dos cidadãos, o vinculo da propriedade, a primeira condição de todo o progresso humano, a verdadeira atmosphera de um povo civilisado?

Legitima é essa liberdade que grita ao tyranno: «Tu não tens o direito de opprimir o povo»; que diz ao forte: «Tu não tens o direito de insultar o fraco»; que recorda ao fidalgo, ao opulento, ao feliz da terra: «Tu não és d'outra raça que o pobre, o plebeu, o desgraçado»; que interpella os legisladores dos povos no meio dos seus projectos de lei, para bradar-lhes: «Lembrai-vos bem que não legislaes para escravos.»

Legitima é a liberdade direito, que protesta contra a violencia brutal, por isso santas e sublimes serão sempre as liberdades que se chamam a Polonia, a Irlanda, a Hungria, tres direitos prisioneiros já ha tantos annos, tres povos esmagados por tres colossos, riscados dos mappas das nações autonomas, mortos em fim, mas a final sempre vivos no jury da consciencia publica, porque o direito não morre. Se vivem rodeados d'uma aureola immarcessivel os nomes de Sobiesky, Kossuth, Guilherme Tell, e ÓConell, é porque foram os heroicos propugnadores da liberdade

nacional. O direito da causa que defendiam communicou-lhes a sua propria immortalidade. A onda do tempo sempre crescente, não faz mais do que eleval-os comsigo.

Legitima, e mais que nenhuma sublime é essa liberdade com que o heroe do seculo XIX, o grande representante da força do direito, n'esta época do direito da força, o chefe supremo da igreja catholica, o glorioso Pio IX ousa responder ás pretenções loucas e iniquas da demagogia e da impiedade que o derribaram, «não podemos pactuar comvosco», e cahe prisioneiro, mas livre, e mais livre que a liberdade tyrannica que o desthronisa, vencido..., e invencivel! Baqueia, soberano, e ergue-se martyr, e troca a corôa do rei temporal de Roma, pela corôa de espinhos do soffrimento, ainda mais digna do rei da cidade eterna, da patria dos martyres.

Para esse acto colossal de verdadeira liberdade, só tenho a admiração que vai até ao enthusiasmo, o amor que vai até ao culto, a dedicação que vai até ao sangue.

Legitimo e nobre é o clamor de todo o povo, de todo o homem catholico, que reclama o exercicio independente do seu culto, e do direito de associação inoffensiva ao estado e aos costumes; legitimo, digo, e justo é esse clamor que brota irrepresavel da consciencia e da dignidade propria contra essa liberdade de monopolio que só chega para seitas, lojas, partidos e conluios.

Levanta-te, ó catholica Germania, e protesta contra

o *(liberrimo)* despotimo que te agrilhôa, e que expulsa os teus apostolos para longe do teu sólo. Vinga a liberdade escarnecida, ludibriada pelos seus proprios corypheus, não temas despertar o ministro *autocrata* em meio do seu somno profundo. Pódes, sim, ser coarctada, mas abdicar não podes.

II

Mas falso pelo contrario é em primeiro lugar esse poder erradamente entendido, que confunde a faculdade intelligente de realisar o bem, com o poder livre de realisar o mal; que longe de ser uma actividade dirigida pela luz da razão, não passa de uma actividade dirigida por ignobeis paixões e por torpes instinctos.

Falsa é essa liberdade abusiva que pretende collocar-se fóra de toda a ordem estabelecida no mundo moral pela providencia, e sabedoria divina, ordem sem a qual a sociedade é impossivel: que no subdito conculca as leis do soberano, sacode o jugo dos governos legitimamente constituidos, e converte uma ordem imperfeita em uma desordem completa.

Falsa é essa liberdade, tendencia suprema da nossa idade, que não reconhece direito algum estranho e superior, que forceja por eliminar toda a idéa e todo o vinculo d'uma justa subordinação, que vocifera espumante contra o orgulho de certas posições sociaes, mas por um orgulho ainda maior; que cospe revoltoso o freio da obediencia á face da nação, mas para

substituir as redeas pelo freio, e impol-o ao partido vencido.

Falsa é essa liberdade que no proprio seio da Igreja ousa querer alterar, reformar, modificar, ou mesmo abolir os dogmas catholicos, cuja origem remonta até á propria razão divina, e supprimir pela raiz os preceitos moraes e disciplinares impostos pela suprema authoridade da mesma Igreja.

Falsa é essa liberdade que trama na sombra e em pleno dia para nivelar a tiara do pontifice com a simples libré do christão, a cabeça com os membros, e estabelecer uma igualdade em contravenção com a propria instituição divina. A eliminação da supremacia papal é uma das grandes e das mais estolidas aspirações da liberdade trajada á Mazzini ou á Buoncompagni. No dia em que, por impossivel, se consummasse este crime de leso-Evangelho, e de lesa-sociedade, a Igreja desabaria necessariamente, porque lhe faltaria a chave-mestra da abobada, o centro essencial da sua unidade: nem o estado, nem o exercito, nem a familia, nem o homem podem subsistir sem um centro de authoridade.

Falsa é essa liberdade, especiosamente chamada de pensamento, que, sob pretexto de patrocinar os direitos sagrados da intelligencia, dá a mesma entrada franca e hospitaleira, protege com a mesma guarida, mede com a mesma bitola o axioma, e o paradoxo, o erro, e a mentira, o sim, e o não, S. Paulo, e Strauss, Deus, e Satanaz.

Falsa do mesmo modo é essa, que sob o titulo se-

ductor de liberdade de consciencia, codigo innato, promulgação da lei divina á razão humana, santuario intimo do decalogo, torna-se a cumplice hypocrita de todos os crimes, ou um tribunal irresponsavel de todos os erros, e desordens.

Falsa é essa liberdade que irmana o culto de Jesus Christo, verdadeiro Deus, e verdadeiro homem, com o culto impio e ignobil de Mafoma, Zoroastro, e Confucio, lhes dá os mesmos direitos de existencia, os mesmos preitos de homenagem, os mesmos fóros de cidadão.

Falsa é essa liberdade tão exagerada quanto prejudicial, que converte a imprensa, este orgão universal do recto, do justo, do bom, e do bello, n'uma cratera horrivel sempre aberta, a vomitar perpetuamente pela bocca, de envolta com o fumo de palavrões insidiosos, a lava immunda do atheismo, da incredulidade, de todas as doutrinas erroneas, ou então da deshonestidade velada, ou sem véo, da maledicencia, da calumnia, de todos os vicios conjurados; em fim, todo o lado baixo do pensamento, todo o lado podre do coração.

Ninguem menos que nós é inimigo da imprensa, esplendido triumpho da palavra sobre o tempo e sobre o espaço, gloria irrecusavel legada pelo seculo XIV aos seculos vindouros. Quem não applaudirá esta magnifica e fecunda invenção de Guttemberg, que pelos seus resultados incalculaveis de luz operou a transição definitiva da idade de ferro para os tempos modernos?

Mas optamos por uma liberdade moderada pela verdade e pelo decoro, mas quizeramos que antes fosse mil vezes esteril o prelo na hora em que deu á luz esses fetos hediondos de Voltaire, Rousseau, Helvecio, d'Holbak, Volney, Saint-Simon, Georges Sand, Paulo de Kok, e centenares de outros, preteritos e da actualidade.

Mal haja para sempre esse abuso monstruoso da imprensa, que revela á sociedade principios taes como este de Proudhon: Deus é o mal — A propriedade é um roubo — ou como este de Buchner: Não sei realmente em que o homem differe do macaco — ou como este de Feuillet: Corrompei a mulher, e abandonai-a depois, e se as suas lagrimas chegarem a amollecer-vos o coração, dizei á compaixão: tu és uma louca.

Falsa é essa liberdade ruidosa do seculo XIX, que nos promette a conquista do Eden perdido, que nos garante uma paz e uma segurança universaes, e que ainda hontem fez presente á Europa, e ao mundo d'uma collecção vergonhosa de machinas de guerra, de boccas de morte: que qual Megera da fabula vôa desvairada de uma nação a outra, da Prussia á França, e á Hespanha, da Europa á America, com o punhal n'uma das mãos, com o archote incendiario na outra, sacudindo em toda a porte por onde passa as serpentes da morte, e deixando atraz de si um rasto immenso de sangue humano.

Falsa e lugubre é essa liberdade proclamada do alto do pedestal da columna Vendome derrocada, pe-

los labios de um Flourens, de um Rochefort, ao passo que a propriedade e a pessoa inviolaveis do cidadão eram iniqua e desfaçadamente violadas, ao passo que o petroleo incendiava os quatro cantos da grande Paris, ao passo que os janizaros da communa liberdadeira immolavam na calçada publica o metropolitano d'aquella diocese, e engrossavam com mais quarenta, as fileiras espessas dos seus martyres sacerdotaes.

Sim, falsa, sinistra, irrisoria, funesta, e impia é a liberdade que tem por Deus uma prostituta preconisada pela revolução de 93 sobre o altar de Notre-Dame, por evangelistas Voltaire, Diderot, d'Alembert, por caudilhos Danton, Marat, Robespierre, por hymno a marselheza, por estandarte a descrença e o cynismo, por instrumento a guilhotina triangular, por cortejo os jacobinos, por trophéo de gloria um mar de sangue innocente, por alvo supremo a anarchia absoluta.

É em nome da verdadeira liberdade individual, religiosa, moral, e social, que collocados á barra da imprensa, protestamos contra essa mentirosa antinomia que chama liberdade ao que é a sua negação formal.

Ainda ha pouco o arcebispo de Paris, Jorge Darbois, alguns momentos antes de ser fusilado, a estigmatisava com a mais nobre independencia, e a solemnidade do momento dava uma consagração particular ás suas palavras — «senhores, *não profaneis a palavra liberdade!*»

Sejamos livres sim, e quem tem direito de o ser senão nós, que tantos progressos legitimos teem libertado?

Mas sejamos livres a partir de Deus, e da consciencia; mas sejamos livres como o oceano, que sabe quebrar o furor das suas vagas contra o grão d'areia que lhe oppoz o Creador.

X

PORTUGAL E O BRAZIL

X

PORTUGAL E O BRAZIL

Não foram Portugal e o Brazil dous irmãos collaços, que por ventura fossem amamentados sobre os joelhos da mesma mãi, e juntos crescessem de companhia.

O Brazil é o filho mais moço, e o mais formoso das nossas descobertas atlanticas; filho que creámos com todo o desvelo, e todo o interesse que nos merecia o seu sólo tão singularmente dadivoso, e os seus enormes recursos tão auspiciosos de ostentoso futuro.

Cincoenta annos ha que este filho proclamou a sua maioridade, mas grato á mãi que o gerára do seio do estado nómada e selvatico para a luz da civilisação, e das trevas de um grosseiro fetichismo para o gremio da catholicidade, tem o Brazil sempre conservado intactas as relações amigaveis que d'antes existiam entre ambos.

Comprovam-no as constantes transacções commerciaes que se trocam entre os portos do nosso reino e d'aquelle imperio, a confraternisação de sentimentos com que uma nação exulta, ou se cobre de luto, quando a outra celebra uma festa nacional, commemora um feito civico, ou chora a morte d'algum dos seus principes, e a hospitalidade reciproca com que os cidadãos d'um paiz são recebidos pelos cidadãos do outro.

A esplendida recepção que Portugal offereceu, não dista muito tempo, ao actual imperador do Brazil, foi a solemne e memoravel expressão d'este espirito altamente hospitaleiro, e d'estas benevolas relações internacionaes. Nem o povo brazileiro se enganou, ao consideral-as, e agradecel-as, não só como liberalisadas ao chefe soberano d'aquelle estado, mas ainda e sobre tudo ao primeiro representante, e ao primeiro cidadão d'aquella nação amiga.

D'este espirito de parentesco dimana que a sorte religiosa d'estes dous continentes tem sido sempre a mesma, com leves variantes, nos diversos periodos da sua historia, como o prova o estudo retrospectivo, e contemporaneo da igreja lusitana comparada com a dos filhos de Cabral. O Brazil tem alternativamente elevado ou abaixado o nivel da sua orthodoxia, á proporção que este tem successivamente subido ou descido no reino portuguez. Poderia comparal-o a um espelho que emerge fielmente o raio incidente de luz que sobre elle cahe, e só deixa vêr uma superficie sombria, quando este raio lucido cessa de illuminal-o, ou só frouxamente se projecta sobre elle.

Nós descobrimos aquelle florão da nossa corôa n'essas eras pristinas da nossa fé vivaz e actuosa, em que a acquisição d'uma nova colonia para nós era a acquisição d'uma nova familia para Christo; em que a imposição das nossas leis ás tribus submettidas era simultanea com a imposição das leis civilisadoras do Evangelho, porque eram para nós um empenho identico.

E fomos atraz de Alvares Cabral, de Americo Vespucio e de Salvador Corrêa para fincar, sobre esses terrenos equinociaes onde pela primeira vez pousaram o pé, o symbolo benefico da redempção, como aurora de um melhor dia assomando por sobre uma raça ainda inculta do Novo-mundo.

Zelosos missionarios franciscanos, e da companhia de Jesus aldearam as tribus barbaras, deletrearam, por assim dizer, a esses espiritos obcecados pelas superstições religiosas, e pelos preconceitos d'uma educação brutal, o alphabeto da doutrina christã, e os principios da divina moral do Homem-Deus; manipularam, se assim posso exprimir-me, aquella raça informe, e d'este trabalho generoso sahiram christãos como os do primeiro seculo, e d'estes christãos sahiam homens que bem pouco precisavam de leis.

Os *manitós* (idolos) cahiram e fizeram-se pó perante a imagem adoravel do Crucificado, o *taba* e o *tymbira* (sacerdotes fetiches da America) foram abolidos pelos sacerdotes do verdadeiro Deus, a *tapera* (casa) consagrada ao culto dos idolos serviu de material e de cimento para a construcção dos templos de Deus

uno e trino, e o cabôclo que não conhecia outra lingua mais que o seu barbaro *tupi*, afez os labios a pronunciar o culto e formoso dialecto portuguez.

O christianismo foi prégado por toda a vasta extensão do territorio brazileiro, desde as estremas da republica de Venezuela até ás regiões das Guyanas, e desde as margens do rio da Prata até ás cachoeiras do Alto-Amazonas; sendo que, a partir do *gaúcho* (camponez) da republica argentina, até ao indigena do Grão-Pará, todas as populações d'aquella immensa capitania do reino de Portugal se uniam na unidade do mesmo canon de fé, do mesmo credo, e todo o joelho dobrava em terra para dirigir ao Omnipotente a mesma supplica: «Padre Nosso, que estaes nos céos.»

Os nomes do jesuita Anchieta no Rio de Janeiro, e Minas Geraes, do padre Vieira na Bahia, e Maranhão, do grande prelado fr. Caetano Brandão no Pará, são nomes tão benemeritos quanto populares no Brazil, e recordarão sempre, entre muitos outros, os zelosos apostolos da terra de Santa Cruz.

Por mais d'uma vez correu sobre ella o sangue dos martyres, mas para tornar-se, como no berço da Igreja, uma semente fecunda de christãos. Não cahiu sobre um sólo maninho como o da China, ou o do Japão, mas sobre um terreno feracissimo que facilmente se deixou desbravar, e que dentro de pouco forneceu á igreja lusitana para cima de tres milhões de crentes.

Os portuguezes, auxiliados pelos indigenas, levan-

taram e deixaram muitos templos nas differentes provincias d'aquella ex-colonia, que ainda hoje subsistem como os mais magestosos, e *quasi os unicos* que ella possue. Muitos d'elles revelam o *genio* grandioso da nossa fé d'então, inventiva de recursos, vencedora de obstaculos, realisadora de grandes cousas, inspiradora de verdadeiros primôres.

O municipio levantava-se sempre a par do presbyterio: a sociedade civil era d'algum modo congenita da sociedade religiosa. O campanario era assim por via de regra o centro de um casal que em de redor d'aquelle se vinha agrupar, e que em breve perdia o seu nome modesto pelo de villa, ou cidade. O altar tornava-se, como sempre, um principio e uma fonte de união social.

As ordens monasticas vieram por seu turno, e povoaram esse immenso continente da America do sul. Todas as provincias e cidades mais notaveis tinham um ou mais conventos. A mocidade n'elles possuiu por muito tempo o seu atheneu, e a sua academia, a fé catholica o seu mais vigoroso baluarte, e o Brazil os seus grandes fócos d'illustração.

Um tal estado de cousas tomou cada vez mais subido incremento. O progresso social desenvolvia-se á medida, e sob a acção directa do elemento christão, como a hera agreste vinga, e se desenvolve enroscada ao tronco possante que a supporta, e a nutre.

O Brazil pôde por conseguinte ostentar-se á face da Europa, e do universo christão como uma das mais viçosas, e auspiciosas christandades da Igreja,

ao passo que devidamente era tido pela mais opu
lenta possessão do nosso cadastro nacional.

E era-o. Se o nivel religioso se elevára tanto n'ess
paiz, é porque subira outro sim no nosso. Assás co
nhecida de todos os homens mais ou menos lidos
essa phase da nossa historia patria. A indifferenç
systematica, o racionalismo, a incredulidade, esse
herpes hediondos, essas plantas mortiferas que a
solam e esterilisam os campos por onde esbracejam
vergonteas, eram por então desconhecidas entre nó

A crença reluzia sobre o diadema dos reis, e rea
çava o manto de purpura do monarcha, o sceptro
projectava sobre o altar uma sombra protectora;
exemplo descia do primeiro élo social para todo
resto da cadeia; a fé que pairava sobre o throno re
traduzia-se em actos tão magnificos, e tão immorr
douros como o mosteiro de Belem, o convento
Batalha, o de Alcobaça, e o de Mafra, outros tan
monumentos da piedade e da munificencia regia.

O nivel christão só começou a descer no Braz
depois de ter principiado a descer entre nós.

Ora reflectindo por um pouco sobre as causas d'es
decadencia religiosa, tres se me deparam igualmen
principaes: o *regalismo*, a *introducção dos princip
revolucionarios de 1793*, e a *dissolução das orde
religiosas*.

A influencia das *sociedades secretas* só principiou
fazer-se sentir posteriormente.

O regalismo, ou se a palavra não é assás frisante
o *pombalismo*, tal como o josephismo na Austria, (

o bonapartismo na França, era a usurpação official commettida pelo chefe do estado, dos direitos, ou das prerogativas inauferiveis da santa sé, era a affirmação, e o uso civil e illegal de certas regalias, e immunidades de nenhum modo authorisadas pelo competente poder ecclesiastico, a cujo foro cabia outorgal-as ou não. Já se deixa vêr que este espirito de licença não podia deixar de afrouxar cada vez mais as relações amigaveis que deveram sempre subsistir entre os dous poderes, e de debilitar a influencia que a santa sé tinha *de direito* sobre os negocios da igreja lusitana.

O prurido da independencia, e a inspiração do arbitrario por uma parte, a rectidão e prudencia dos Summos Pontifices por outra, deram por vezes logar a que alguns dos nossos principes ultrapassassem o circulo dos privilegios e immunidades comprehendidos nas *concordatas* concedidas por alguns papas ao nosso governo. A palavra *pombalismo* foi consagrada por diversos historiadores ecclesiasticos para designar esta usurpação, porque foi o celebre marquez de Pombal, em cuja vontade estavam concentrados o poder real e os destinos da nação, que mais ousada independencia mostrou nas relações que teem existido entre Portugal e a côrte de Roma, desde o principio da nossa monarchia.

A licença passou sem custo do throno para o altar, e o *gallicanismo* francez em breve se naturalisou entre nós. Viram-se bispos e sacerdotes aliás illustradissimos, que copiando ainda mal, irrisorias pre-

tenções do alto e baixo clero francez do seculo XVII, se pozeram a propalar em escriptos irreverentes os principios dos quatro famosos artigos formulados por Bossuet, na mente de arvorarem a igreja portugueza n'uma sociedade autonoma sem quasi liame algum de subordinação ou dependencia da igreja mãi e mestra de todas as outras, centro essencial da unidade catholica. Não poucas obras da lavra do distincto padre Antonio Pereira de Figueiredo se acham inçadas d'este espirito gallicano, tendo por esse motivo uma d'ellas sido estigmatisada pela sagrada congregação do Index [1].

Ora o Brazil não foi alheio a este mal grave de que pelo contrario se resentiu tanto pelo menos como nós. O erro assentou-se nas proprias cadeiras do magisterio theologico; a sciencia ecclesiastica que lá se bebia, era mais ou menos impregnada do fermento gallicano.

Bem pouco tempo ha que n'alguns seminarios do Brazil, ou, para melhor dizer, na maior parte d'elles, o author adoptado para thema das explicações do professor, e para o tirocinio dos aspirantes ao sacerdocio, era a theologia do bispo Monte, que sem proposito feito do seu pio author, encerrava proposições nada suspeitas d'ultramontanismo. O distincto prelado fluminense não fazia mais do que transmittir pela sua obra, o que elle proprio recebera, quando estudante.

[1] Refiro-me ao decreto de 26 de janeiro de 1795 que condemnou a *Analyse da profissão de fé do papa Pio IV*, composta pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo.

DISSOLUÇÃO DAS ORDENS RELIGIOSAS

A dissolução das ordens religiosas no Brazil, foi a segunda causa da decadencia da sua orthodoxia, depois de o ter sido, ainda mal, entre nós.

N'aquelle imperio immenso, cujas povoações vivem ainda hoje tão distanciadas entre si (mal se sobe do litoral para o interior), e cujos meios de propagação religiosa e litteraria secular, eram então nimiamente escassos; cujo clero além d'isto em grande, e grandissima parte era todo regular; n'aquelle imperio, dizemos nós, a existencia das ordens religiosas prestava um serviço incontestavel, e incontestavelmente relevante ao povo brazileiro, e não será desacertado acrescentar, ao governo portuguez.

Mas se eram eminentes os beneficios geraes por ellas prestados, eram-no muito mais em relação aos habitantes dos sertões, pela maior parte boçaes, e fanaticamente dados a praticas supersticiosas, resabiadas ainda d'uns restos de grosseira idolatria.

Não eram com certeza os homens do estado, nem os palradores officiaes, nem os improvisadores de folhetos, e folhetins, que se embrenhavam pelos matagaes inhospitos em busca d'esses desherdados da sociedade, d'esses homens em bruto. Só lá chegava o missionario que aprendeu aos pés da cruz a não fazer calculos com a vida, e a morrer todos os dias antes de morrer; que aprendeu n'esse typo da mais sublime dedicação a inspirar-se nas grandes dedicações da caridade. O primeiro homem da civilisação

que visitava o barbaro, era o homem da Igreja; a Igreja era d'est'arte o élo que vinha prender a tribu nómada á familia humana, que a arrancava ao ilotismo em que jazia condemnada para restituil-a ao grande banquete da vida social.

Podem-se traçar afoutamente estas linhas, quando se foi testemunha ocular dos serviços prestados por esses corajosos exploradores das almas, que embora fallecidos d'ha muito tempo, continuam a viver nas obras de benção que após si deixaram.

Tive occasião de percorrer em grande parte o estirado roteiro por elles seguido nas suas excursões apostolicas, e apraz-me dar aqui testemunho do bem immenso operado pelos missionarios, nomeadamente capuchinhos, aos selvagens indigenas do Brazil.

A capella erguida n'esta, e n'aquella aldeia, foram as suas mãos que a construiram, o cemiterio adjacente, foi igualmente obra sua, a cisterna cavada a grande custo, foi por conselho seu, e sob a sua direcção, o cruzeiro plantado em frente da pequena ermida, foi o monumento por elles deixado, não da sua passagem, mas da passagem de Deus, n'uma d'essas visitas extraordinarias, de graça, que mudam a face das populações; e finalmente as unicas noções da fé, já mesclada com alguns laivos de velhas, e ridiculas abusões, foram recebidas dos labios do humilde filho de S. Francisco d'Assis, pelo cabôclo docil, e naturalmente crente. Que montam esses factos? Que importam os nomes d'esses homens? Que estatua lhes foi erguida? Que annaes roubaram a um esqueci-

mento injusto as memorias de tão verdadeiros civilisadores? Não haveria para elles uma só linha nos fastos nacionaes que eternisam tantas... nullidades? uma campa desconhecida, e um nome sempre vivo no coração do seus filhos, é tudo quanto resta d'esses homens, nem elles queriam outra recompensa na terra...

Foram pois extinctas as ordens religiosas em Portugal, e foram-n'o simultaneamente no Brazil. Lá porém não foi a arvore tão de arranco extirpada, que não sobrassem até hoje algumas raizes á flôr da terra, mas quasi inteiramente privadas do succo vital que recebiam do solo d'onde foram abaladas.

Existem ainda, de facto, em muitas provincias do Brazil alguns religiosos franciscanos, benedictinos, e carmelitas, que continuam a viver vida commum nos seus respectivos mosteiros. São homens cujas cabeças já alvejam com as cãs tardias da cella, ruinas de frades, ultimos refens d'essas ordens que foram; testemunhas guardadas para assistirem á sua propria morte no seio da mãi que os alimentou, e que deve confundir com elles o ultimo vislumbre da vida. (Penso que o leitor não ignora que as novas profissões religiosas são prohibidas por um artigo do codigo d'aquella nação).

Por tanto acabrunhados pela maior parte com o peso da velhice, e não amparados com viçosos renovos, que sejam d'alguma sorte o supplemento da sua propria acção, que se poderá exigir d'esses frades? Cessou para esses conventos a primavera da sua flo-

rescencia, como é possivel que elles floresçam no meio dos gelos do inverno a que os condemnaram?

Por isso a seiva vital parece ter abandonado aquelles corpos religiosos. Melhor lhes chamára petrificações de conventos, do que conventos propriamente ditos.

É pois fóra de toda a replica que a dissolução das ordens monasticas marcou uma época de descrença religiosa tanto para Portugal, como principalmente para o Brazil. O thermometro da orthodoxia baixou immediatamente em ambas as nações, a piedade soffreu um golpe profundo, que ainda sangra. Para comprehendel-o, basta fazer um rapido parallelo entre esses duos periodos anterior, e posterior á referida extincção. Abstemo-nos de fazel-o...

Notaremos apenas que a religião não subsiste sem clero, e que o clero regular, mesmo a despeito dos escuros que n'elle se enxergasse por ventura,[1] excedia de monte a monte, já pela sua moralidade collectiva, já pela somma da sua instrucção, o clero secular que se lhe seguiu por muito tempo tanto em Portugal como no Brazil. Dil-o-hemos, não para descredito da religião sempre pura, e sempre acima dos abusos dos homens, mas para estigma de insanas medidas, e com a imparcialidade inflexivel da historia. Quantas vezes a batina não foi vendida a leilão? quantas vezes o artifice boçal não fechava a tenda para ir arrancal-a das mãos da Igreja, sem tirocinio

[1] E que realmente se observavam na época da sua dissolução.

mais que o de uma ousadia sacrilega? Pelo menos no Brazil assim succedeu por muitas vezes, e se hoje, ainda bem, já se trancou a janella por onde esses intrusos penetravam no santuario, vivem ainda alguns d'elles, dormindo a somno solto sobre a herança de Deus, que lhes não devêra pertencer.

Aos conventos succederam os seminarios, é verdade. Mas esses centros de educação ecclesiastica estão por ora longe, em Portugal, de satisfazer ás exigencias d'um completo aprendizado clerical, scientifico e mórmente *religioso*. Com tudo a religião ou a piedade é pelo menos metade do padre.

Esta parte tão momentosa do programma d'um seminario qualquer, é singularmente descurada entre nós, e está reclamando a altos brados uma série reforma. A piedade é *a alma da alma* do presbytero, e a sua vida no meio do seculo não é mais do que o echo da formação ecclesiastica, esmerada, ou nulla, que se lhe deu no vestibulo da Igreja. É força, porém, confessar, que os seminarios do Brazil que por tanto tempo estiveram abaixo dos nossos, teem hoje soffrido uma melhoria consideravel. É para sentir que o numero d'elles seja por ora assás escasso. A nossa penna traça com prazer esta homenagem devida ao episcopado d'esse imperio que tem sabido elevar-se até á altura dos seus indeclinaveis deveres, voltando tão fixamente as vistas para essas academias ecclesiasticas onde estão encerradas as mais puras esperanças da Esposa que lhes coube por sorte.

Releve-se-nos a digressão.

Felizmente, é certo que a opinião publica, e, o que vale muito mais, a consciencia publica, já conta hoje um grande numero de desilludidos, que não sanccionam cegamente como outr'ora uma medida insensata como a da abolição radical das ordens religiosas em Portugal. Destruir não é aperfoiçoar, resolver o problema não é dissolvel-o, sanar a planta não è arrancal-a.

Apesar de todos os abusos que podesse ter havido, e houvesse de facto do claustro a dentro, e dos desconcertos mais ou menos graves que abrigasse parcialmente o habito do religioso, esse homem não deixava de ser dez vezes mais probo, mais honesto, mais respeitavel, e mais perfeito do que os que temendo a putrefacção do seu contacto, ousaram decretar a sua morte.

O espectaculo d'um homem banido voluntariamente do seculo, amarrado por um cordão d'esparto a uma vida de abnegação, d'um homem que come em commum com os seus irmãos o pão da caridade, que não vai disputar á sociedade um lugar no meio dos seus loucos folguedos, nem um degrau na escada dos candidatos sem numero ás honrarias publicas, mas que apenas subtrahe ao mundo seis palmos de estamenha para se cobrir, o espectaculo, digo, d'um tal homem, embora por vezes estrebuxe no caminho escabroso que escolheu, ou rasgue por acaso essa tunica que devera ser tão inconsutil como a do Christo, é uma prédica mais eloquente, mais persuasiva, e necessaria do que as dos tribunos de 93, de 48,

ou de 71; um exemplo moralisador que a nossa sociedade não tem o direito de nos roubar, quando não nos dá outros que o valham.

Não tocamos agora na terceira causa que acima apontámos, porque pretendemos consagrar-lhe um opusculo especial.

XI

O IDEAL CHRISTÃO

NAS BELLAS-ARTES

I

> ... il christianesimo santificò le arti, ordinandole al debito fine de abbellire la IDEA, rinnovò la concordia e l'unione loro, sostituì alla stranezza e deformità dei simboli orientali una emblematica semplice, dignitosa, amica della vera bellezza.
>
> GIOBERTI.

A resurreição do Homem-Deus foi a aurora d'um novo dia social, e o ponto de partida da resurreição da humanidade.

A sociedade jazia envolta n'um sepulchro. Pesadissima lousa lhe cerrava a bocca; a lousa de mil prejuizos degradantes, de mil idéas materiaes, de mil paixões ignobeis, de mil leis abjectas e iniquas,

de mil erros chronicos introduzidos nas sciencias e nas artes.

Quando tombou a lapide que encobria o corpo exanime de Jesus, estalou outrosim essa lousa enorme debaixo da qual jazia um mundo em podridão, e o grande morto, transformado pela virtude da resurreição do Homem-Deus, sahiu do sepulchro cheio de vida e de luz, e começou desde logo a tomar o seu vôo ousado para as regiões do infinito.

A religião, a moral, a legislação, a theogonia, a philosophia, a litteratura, as artes, que arrastavam passos decrepitos, vergadas para a terra, sedentas de materia, fixaram o verdadeiro ideal divino, alçaram olhos para o Eterno, e procuraram o seu centro lá onde se acolheu immortal o Verbo feito carne, triumphante do pó da mortalidade.

O genio christão encarnou-se na sociedade, depois de ter arcado com o genio pagão, que de ha tantos seculos a avassallava, e de o ter vencido.

O Homem-Deus resuscitando e subindo aos céos, não podia deixar de levar tudo após si; nada podia escapar á sua influencia suprema, como nada escapa aos influxos dos raios solares, desde a palmeira imperial que se meneia sobre as margens ardentes do Amazonas, até á veia de metal que se fórma nas mais profundas camadas da terra.

Este facto, pois, o maior que os seculos teem visto, operou na humanidade, como ha pouco disse, uma admiravel, e universal resurreição: a resurreição dos nossos direitos de herança, no que respeita ao fim

soberano a que fomos destinados, a resurreição da humanidade e da justiça, no que respeita ás leis civis, a resurreição d'uma moral pura, no que respeita ás relações sociaes, a resurreição da verdade, no que respeita á sciencia divina e profana, a resurreição do bello, no que respeita ás artes plasticas como a esculptura, a pintura, a architectura; a resurreição em fim das verdadeiras fórmas do bello litterario, no dominio das lettras.

O complexo de todas estas resurreições chama-se —o mundo christão.

Não se me objecte que o universo, apesar d'isso, offerece hoje mais do que nunca symptomas evidentes e assustadores d'uma enfermidade gravissima, que talvez se resolverão n'uma morte inevitavel.

Nem por isso deixa de mediar um abysmo entre a sociedade dos Cesares, e dos Lycurgos, e a sociedade regenerada pela divina virtude de Jesus.

O enfermo d'então morria, porque lhe minguava o remedio salvador, hoje se morre, é porque quer, porque rejeita obstinadamente o antidoto sempre efficaz que lhe é offerecido.

Então as noções essenciaes do bem, e do mal, do verdadeiro, e do falso, eram um dédalo sem sahida para os maiores sabios. Nenhum Theseo apparecera que revelasse á sociedade o fio luminoso, e esta dormia profundamente sobre um leito de podridão, como Job podia jazer sobre o muladar, sem nem ao menos pensar como elle em limpar a lepra que a devorava.

Hoje se uma sociedade se despenha de seu proprio nos mais hediondos abysmos do *fa* horrores da sua convulsão serão illuminados p do *direito.* E as sociedades que passarem ao d'esse abysmo, saberão medir á luz do astro s caso, a grandeza da queda pela profundidade (penhadeiro. E a historia archivará nas suas p mais uma lição, para transmittil-a ás geraçõe ras.

Hoje, dizemos, a par do crime que rebaix va-se até ao nivel do infinito o principio divino, immutavel, admittido, que o condemna, ao pas rehabilita e salva os homens de boa vontade lado de tantas plantas damninhas que não dã bra, nem fructo, e só sabem matar, medra o l pureza, a mirrha da penitencia, a violeta da dade, a palmeira sempre verde que symbolisa tancia inabalavel dos justos.

Foi d'est'arte que Deus executou o plano p dial, e grandioso de instaurar no seu Christo humanidade, e até as cousas sensiveis, e insen *instaurare omnia in Christo.*

Um tal plano abrange uma área immensa ta-se a um desenvolvimento vastissimo. Abstr por tanto da transformação realisada pelo c nismo na religião, na moral, e na legislação, perpetua do dia, acontecimento permanente e vel, universal e patentissimo das sociedades nas, consagraremos algumas linhas a verifica facto não menos incontestavel, mas menos ev

e menos conhecido, a resurreição operada pelo ideal christão no bello artistico.

Este lemma offerece um interesse profundo aos olhos de todo o observador intelligente, de todo o pensador catholico, porque explica a causa do magnifico esplendor a que a sociedade se elevou de subito, e por seculos, no sentido apontado. A decadencia actual, e evidente da esthetica confirma singularmente o principio de que é o ideal christão que restaura, ennobrece, purifica, e divinisa as artes, e de que é a sua ausencia que as degrada, e as paralysa.

Vejamos.

Nas letras, como na esthetica cumpre-nos estremar duas cousas entre si inteiramente distinctas — a «idéa» — e a «fórma».

Seria boçal da nossa parte que pretendessemos negar á arte pagã a perfeição esthetica da fórma. Grecia e Roma legaram á posteridade monumentos eternos que o catholicismo longe de desdenhar, não se dedigna de copiar, e que serão, em quanto durar o bom gosto, os moldes invariaveis do bello, nas producções do genio humano.

Concedamos a esses dois povos o primado da fórma; mas não duvidemos tambem declarar que nem elles, nem toda a antiguidade collectivamente tomada possuiram jámais o principal bello, o que é gerado da concepção sublime, divinamente sublime da idéa. O ideal pagão era essencialmente terreno, sensual, acanhado, como a creação dos seus deuses, do seu Olympo, dos seus campos Elysios; o paganismo deificava

a materia, porque nada via, nem concebia além d'ella, o christianismo restituiu-lhe o seu primitivo decoro, e fez d'ella o véo transparente d'um ideal todo puro, e divino.

Porque a fórma não é tudo, aliás a *Pucella* de Voltaire na litteratura, Phrynea de Praxitelles na esculptura, as cynicas nudezas de Wateau, ou de Boucher na pintura, seriam tão innocentes, e permaneceriam tão a salvo da critica como as concepções de Fra-Angelico, ou os celestes traços de Murillo immortalisados pela tela. «O bello é o esplendor da verdade», escreveu Boileau depois de Platão, e oxalá que fosse este o principio palmar que dirigisse a mão de todo o artista conscio do fogo sagrado do *genio* que lhe arde lá dentro; que n'elle reside, sem vir d'elle.

A fórma é local, é transitoria, é mudavel, a idéa é eterna; a fórma seduz, deleita, provoca, enerva ás vezes, a idéa eleva, arrebata, santifica; a fórma attrahe poderosamente os sentidos, a idéa cala intimamente nos seios d'alma, e gera os grandes pensamentos, e os generosos sentimentos.

Ora o christianismo, como dissemos, revendica para si a gloria de ter communicado á arte o seu verdadeiro ideal.

Haja vista a architectura.

II

Estudai os monumentos do Egypto, ou da Assyria, da Etruria, d'Athenas, ou de Roma. Em todos elles domina a linha horisontal. São massas espessas, se-

veras, enormes, de um gosto, sem duvida, por vezes natural, mas que parecem empolgar o sólo com uma avidez inconscia e avara; que se espreguiçam pela terra, sem nenhuma preoccupação d'outro elemento, sem voltarem para o céo uma só das suas pedras, sem sacrificarem ás regiões superiores do espaço um só dos seus angulos, ou dos seus relevos.

O genio christão *creou o estylo gothico*, que desdenha a terra, e que se assemelha a uma aspiração perenne para o infinito. O templo gentilico dorme, apoiado ao pó, mas o templo gothico véla; o templo gentilico é digno de Jupiter, ou de Mercurio, mas o templo catholico só é proprio do Deus de Moysés e do Evangelho; o templo gentilico é um recinto profano, embora mais imponente, ou *mais profano*, que a habitação dos homens; o templo catholico na sua fórma essencialmente religiosa, na sua fórma ogival, é um recinto sagrado, onde o fiel ora, onde o proprio templo ora, só aceitando do sólo o ponto de apoio necessario ao seu equilibrio, mas elevando para regiões mais puras suas torres conicas e delicadas, como christão de joelhos, de mãos postas!

A antiguidade teve o seu Pantheon, o christianismo tambem construiu um Patheon, mas o Pantheon pagão abraça o chão, como preciosa partilha de que não póde dispartir-se, o Pantheon catholico resalta da terra e paira nos ares sobre o corpo gigante da basilica de S. Pedro. Ninguem ha que não conheça o zimborio do Vaticano, onde se eternisou o genio de Miguel Angelo.

Muitos extasiam-se diante do esplendido templo da Magdalena de Paris. Tambem eu o vi, e o visitei por muitas vezes, e o admirei como um monumento d'arte profana, mas não como um recinto sacro, que soubesse insinuar em minha alma o pio sentimento da Divindade. Aquelle polycolumnio de 52 columnas corinthias, que cingem um vasto parallelogramo deprimido, não me falla do Bom Jesus da Magdalena, nem mesmo da Magdalena de Jesus; recorda-me apenas o templo de Diana de Athenas, que lhe serviu de modêlo. Melhor representára um templo da Gloria consagrado aos grandes homens, e tal ficaria sendo no plano de Napoleão I, se a Restauração não dedicasse ao culto divino o Pantheon dos bravos do grande exercito.

Porém appello para o sentimento instinctivo de suave e religiosa recordação que invade a qualquer portuguez ou estrangeiro, ao entrar na magestosa igreja dos Jeronymos de Belem.

Já lá fostes alguma vez?

Pois não vos sentistes immediatamente sob a mão de Deus, e sob a pressão do sobrenatural, ao contemplardes a meia luz das naves, aquellas pilastras remontadas que não esgotaram a fé paciente do architecto, aquellas abobadas seculares, que nos chamam do pavimento para si, e nos convidam a subir mais alto; e lá no fundo, n'uma mysteriosa penumbra, a lampada gothica ardendo perante a capella velada do Santissimo?

É que o puro ideal christão presidiu á construcção d'aquella casa do Senhor. É um templo onde

não se penetra, sem se sentir levado a penetrar no templo do proprio coração.

III

O cemiterio está no mesmo caso.

Que differença não existe entre a velha necropole de Athenas, ou de Corintho, e o *Campo-Santo,* onde estão inhumados os corpos dos nossos mortos?

Aqui o contraste é perfeito, o triumpho da concepção christã sobre a pagã completo, e irrecusavel.

Os antigos edificavam um bairro para mortos, e chamavam-lhe por isso *necropole;* nós apparelhamos dormitorios para os que nos precederam no somno do sepulchro. Cemiterio quer dizer dormitorio. Por isso a necropole pagã era severa, e desoladora como o passamento desquitado da esperança... por isso era ella despida de todo o symbolismo, povoado tão sómente pela pedra rasa das lousas.

O cemiterio catholico, pura creação do ideal evangelico, é povoado de jazigos, que arremedam ermidas, onde o cadaver dorme, mas onde o espirito immortal ora talvez, ou expia; de baixos relevos de marmore representando a oliveira da esperança casada com a palma da immortalidade; de fachos rosados pelo chão, mas sempre accessos; do symbolo da Redempção aguardando por entre o ossuario humano, o grande dia, para agrupar em torno de si os regenerados da cruz.

Começámos tão sómente a esboçar o assumpto, proseguil-o-hemos talvez, mais tarde.

XII

ESTUDOS HISTORICO-CHRISTÃOS

A HISTORIA DOS POVOS SOB O ASPECTO CATHOLICO

> Quand on définit l'histoire, le développement de l'homme depuis son germe jusqu'à sa pleine maturité, on ne dit qu'une partie de la vérité.
>
> MŒHLER.

Quando se lança um olhar attento para o desenvolvimento progressivo dos conhecimentos humanos, e se assiste á formação definitiva das sciencias através das gerações e dos seculos; quando se contempla a esphinge da ignorancia e do erro empallidecendo e desapparecendo a pouco e pouco diante do sol sempre ascendente de novas verdades descobertas e adquiridas, impossivel é não prestar um nobre feudo de admiração ás gloriosas conquistas obtidas pela intelligencia humana, depois de uma lucta titanica para

sahir do circulo de ferro que lhe impunha a rudeza de eras já idas.

Mas quando se lança um olhar ainda mais attento e perscrutador para esse trabalho de emancipação litteraria e scientifica, e para os seus resultados alcançados, impossivel é desconhecer que o *christianismo* está no fundo de todo esse progresso colossal.

A idéa christã tem o direito de revindical-o para si, como fôro e gloria sua.

A verdadeira sciencia é coeva do christianismo: não haja negal-o. Ambos se crearam no mesmo berço.

Os cyclos que precederam a religião do Christo-Deus offerecem-nos esplendidos monumentos litterarios (onde muitas vezes o bello era só formal e não objectivo), tentames scientificos de grande alcance, explorações intellectuaes que honram os obreiros do pensamento, verdades dispersas e transcendentes, mas não passam além.

Não nos legaram um só corpo systematico de sciencia, realisado pelo principio de unidade que a tudo transmittiu, e tende a transmittir a idéa catholica, e informado pela luz præter-sensivel que sobre ella reverberou a doutrina emanada do Filho unigenito de Deus.

O impulso dynamico que soffreram todos os conhecimentos humanos, que nas idades pagãs jaziam estacionarios e indecisos, data da revolução profunda operada na humanidade pelo Verbo da sabedoria eterna.

Foi elle a alavanca potente que imprimiu ao mundo

religioso, moral, social, e até litterario um movimento, que nada d'ora em diante poderá sustar, ou paralysar, e para o qual Archimedes em vão pedia um braço de ferro, cuja dimensão fosse proporcional á massa do globo.

Que era a theologia antes do Evangelho, e antes dos pontifices, dos concilios, dos padres, e dos doutores da Igreja? Sobeja é quasi a questão. Era uma theologia absurda, de genealogias chimericas: um embryão informe de mythos archi-ridículos, de abusões, e crenças degradantes, de que os sacerdotes e os aruspices eram os primeiros a rir-se; liga repugnante de uma infinidade de erros amalgamados com algumas parcellas de verdades naturaes.

Que era a philosophia antes de Clemente de Alexandria, Lactancio, Santo Agostinho, Santo Anselmo, Alberto o Grande, e nomeadamente S. Thomaz? Era uma serie interminavel de interrogações sem uma só resposta cabal; mais do que isso, era a perpetua contradicção arvorada em principio, o Proteo da sciencia revestindo mil fórmas inconciliaveis, e o prefacio, ou a primeira phase condigna d'esse pantheismo abstruso e germanico, que no seculo XIX tem gerado na philosophia kantesca, separada da idéa christã, as mais espantosas aberrações da razão humana. Thales de Mileto, Pythagoras, Socrates, Platão foram por certo insignes philosophos, mas não crearam uma philosophia. Respigaram alguns principios luminosos nos dominios da verdade; elevaram-se a uma altura immensa acima da sua sociedade, para se despenha-

rem d'essas regiões sobranceiras nas crendices, e nos preconceitos do vulgo. Entre outros legados scientificos de lavra sua, deixaram-nos a metempsychose, o deus-Estado, e a republica dos sexos...

Que eram as sciencias physicas antes de Rogerio Bacon, Galileu, Pascal, Kepler, Newton, Lineo? estudos inductivos sem concatenação synthetica, collecções de phenomenos apreciados sem critica, attribuidos a suppostas causas (como o horror do vacuo), mero empirismo a que a penna recusa dar o nome de sciencia. A historia natural de Plinio o Velho póde considerar-se como o inventario completo de todas as conquistas do espirito humano, obtidas até ao seu tempo na esphera dos conhecimentos cosmologicos, mas a belleza deslumbrante dos seus quadros não offusca de todo aos olhos do leitor intelligente a extrema credulidade do seu juizo, na explicação dos phenomenos da natureza.

Que era a historia, mesmo essa em que o cinzel primoroso de um Tito Livio, ou de um Plutarco immortalisou duas vezes o nome do povo rei? era por sem duvida um magnifico kaleidoscópo, através do qual a posteridade admirará sempre os feitos gigantescos da grande nação; era uma soberba galeria dos heroes da antiga Roma, onde a penna inimitavel do seu primeiro historiador soube communicar ás suas principaes figuras uma belleza, uma magnitude, e uma dignidade esculpturaes.

Mas onde se acha n'essas paginas tão repassadas de patriotismo estreme, ou nos *Homens illustres* d

Plutarco, ou nos *Commentarios de Cesar*, ou na *Vida dos excellentes* de Cornelio Nepote a verdadeira sciencia da historia? Esse elevado criterio philosophico que ignora parcialidades nacionaes; que subordina os factos aos principios moraes, ou sociaes que os dominam; que inicia para o presente e para o futuro os homens, e as sociedades; que dá ás gerações a solução suprema da sua marcha mysteriosa e providencial?

Detenhamo-nos por um pouco no estudo d'este escholio tão interessante, e de tão subido momento.

A historia, como sciencia propriamente dita, é essencialmente moderna.

As olympiadas gregas, as chronicas occidentaes, as ephemerides dos povos do norte, nas idades antechristãs são outros tantos padrões erigidos ao genio civilisador, ou bellicoso d'esses povos, encarnado nos feitos que os celebrisaram. São outro sim muitas vezes o registro lugubre das suas vicissitudes, e total decadencia. Mas a historia é alguma cousa mais que um quadro d'honra, ou um assento de cemiterio: é a alta philosophia da origem, da marcha, e dos destinos das nações, e a expressão grave das leis que presidem á sua formação, evoluções, e peripecias.

A historia d'est'arte encarada foi desconhecida dos antigos; brotou do genio moderno illuminado ao sol do christianismo.

Definil-a por tanto o desenvolvimento do homem desde o seu germen até á sua plena maturidade, é dizer apenas uma parte da verdade, eliminando o

resto d'ella. A historia n'este caso fôra tão sómente a glorificação completa do homem. absorvendo em si o aspecto social.

Definil-a a epopêa do genero humano, é simplesmente substituir uma definição rigorosa, por uma metaphora emprestada.

Definil-a a descripção exacta de todas as acções humanas dignas de memoria, de qualquer natureza que sejam, é definir o corpo da historia, roubando-lhe a alma que a anima, e a informa.

De feito, quando consideramos as dôres, as alegrias, e as prosperidades da humanidade no curso complexo dos annos, o genesis, e o apocalypse das raças, dos estados, e dos imperios, o lidar afanoso por onde se elevam gradualmente do seio da barbarie até ao esplendor da civilisação, para recahirem depois das alturas da civilisação na noite da barbarie; quando estudamos o caracter diverso das religiões, as contradicções flagrantes que n'ellas se observam tantas vezes; quando vêmos alterarem-se as noções da virtude e da moralidade, tão oppostas entre si, não nos é possivel refugir á segunda interrogação que naturalmente se apresenta ao nosso espirito.

Que significam todas estas cousas, e qual será por ventura o seu desenlace? Serão quiçá um cahos intrincadissimo, onde não ha, nem póde haver cabida para a intelligencia, que pretende sondal-o? Serão um mero capricho do acaso, divertindo-se nos espaços do mundo? ou dar-se-ha o caso que esta confusão apparente seja dominada por um espirito su-

perior, envolto n'algum mysterio profundo? Terão todas essas evoluções um desfecho preciso, um termo certo, um fim melhor?

Á fé que sim, e é a idéa christã que resolve plenamente a incognita do problema.

Antes d'ella nunca fôra proposta semelhante questão. Nem gregos, nem romanos tinham scismado um só instante sobre esse nexo mysterioso que ligava os seus inicios ao seu desenvolvimento, e este ao seu magnifico esplendor.

Eram incapazes de tal.

Não conheciam nem a noção, nem o nome de *Providencia.*

No proprio *Biblion* do povo hebreu esta palavra apenas se encontra nove vezes.

O *nomos* (lei) a que o gentilismo attribuia todos os seus destinos tão complexos, e por vezes tão encontrados, era o *ineluctabile fatum,* o desolador fatalismo, envolto n'uma noite impenetravel, aonde jámais descia nem um raio coado de luz.

Os proprios deuses, a darmos fé á cosmogonia antiga, são filhos da noite, e do destino; ignoram qual será a duração do seu poder ephemero, e se um dia não terão de cahir nas trevas d'onde surgiram.

E de facto, sumiram-se todos, desde Jupiter até Momo, e até Sterculio n'um cahos caliginoso e eterno.

O abysmo sem fundo que os gerára, era a propria noite do espirito humano. A luz evangelica despedaçou as trevas do paganismo, e com ellas esse céo de gaze serapintado de divindades feitiças e irrisorias.

Em taes circumstancias, era impossivel que a idéa d'uma Providencia universal se diffundisse entre os homens, e chegasse a arraigar-se no terreno historico.

D'aqui mana que o conjuncto harmonico da historia humana não tinha para os pagãos nem significação, nem encadeamento racional.

Foi o christianismo, repetimos nós, e não cessamos de o repetir, que serviu de fio de Ariadna no dédalo immenso dos annaes dos povos.

Que um plano divino e eterno deva consummar-se no seio da historia, é este o corollario immediato do *lemma* essencialmente christão, que o mundo é regido pelo poder divino, com um alvo directamente tendente ao estabelecimento de uma nova civilisação fundamentada no Evangelho.

Sendo Deus o Ser absoluto, não podia elle nas suas operações propôr-se outro fim além de si mesmo.

Supprimir-se-hia, se podesse fixar outro termo á sua creação. É esta uma verdade de intuição, que não carece, nem soffre prova. Deus é o oceano sem raias, e sem fundo, d'onde tudo flue, e para onde tudo natural e inevitavelmente reflue.

Ora se o universo não é mais que uma sublime revelação do Infinito, o primeiro dever do universo é reconhecel-o, affirmal-o, elevando para o infinito um hymno unisono de gloria.

Mas esta glorificação divina carece de um intermediario outro sim divino.

Jesus Christo é a imagem do Deus invisivel «[illegible]

gura substantiæ ejus» (S. Paul. ad Hebr. 1—3); o primogenito de todas as creaturas «*primogenitus omnis creaturæ*» (Id. ad Coll. 1—15); em quem na mente do Eterno todas as cousas visiveis e invisiveis deviam de ser instauradas «*instaurare omnia in Christo*» (Id. ad Ephes. 1—10); tudo sahiu do nada pela sua potencia suprema «*omnia per ipsum facta sunt*» (S. Joan. Evang. 1—3), e só por ella subsiste.

Antes da encarnação tudo é dirigido admiravelmente de molde, e de feição a preparar o homem á recepção do *Justo;* os patriarchas surgem do seio das tribus ainda nómadas, para figural-o, e depois somem-se: os prophetas soltam gritos prenunciadores, que repercutem pelas gerações a dentro, e se respondem com uma significação uniforme, e depois desapparecem; os povos chegam, caminham, elevam-se, e baqueiam, ou estacionam na sua grandeza magestosa, para lhe apparelhar o terreno, e a consummação da sua obra.

Realisada a encarnação, a missão visivel das nações, e dos estados é desenvolver, mesmo a pezar seu, no curso das idades, as riquezas de verdade, e de graça que o Christo veio trazer ao mundo.

A Judeia é varrida do numero das nações; o povo hebreu perde a sua autonomia, e começa a eterna peregrinação legendaria do Ashavero. A antiga Alcyone é invadida e subjugada pela idéa christã, e curva o joelho ao *Stulto* de que ella antes zombára; Roma depois de ter apeado o labaro dominador dos Cesares, até das pedras da calçada alevanta templos

ao Redemptor-Deus, e rojando aos pés do pescador o *diadeon* dos Neros, e dos Domicianos, lhe colloca sobre a fronte a tiara *triregna* dos pontifices.

A invasão dos barbaros do norte, inconsciamente gravida de regeneração christã, derriba a estatua de Nabuchodonosor, o derradeiro imperio da Roma senhora; e a mão do Eterno lavra pelo ferro das legiões de Attila, e de Genserico, a carta da emancipação definitiva da Europa.

A Europa christanisada abraça-se com a cruz, e com o codigo evangelico; e não podendo represar em si mesma o fermento da humanidade nova, vae semeal-o pelos quatro angulos do globo.

Se as ensanchas de uma folha nol-o permittissem, iriamos desfiando pacientemente todas as illações do nosso thema, e cada pagina da historia nos revelaria a lei providencial que preside invariavelmente ás suas multiplas evoluções: o mundo gravitando para Deus sob o influxo d'uma força invisivel, mas realissima — o seu Christo.

Jesus Christo é por tanto a pedra-mestra da abobada social, a chave do enigma de todas as peripecias, e transformações dos estados, o sentido intimo da grande marcha humana; o ponto de partida, o desenlace, o centro, e o ponto culminante da historia.

XIII

ATRAVEZ DO CAMINHO DE FERRO

XIII

ATRAVEZ DO CAMINHO DE FERRO

POLEMICA AMIGAVEL SOBRE O CELIBATO ECCLESIASTICO

I

Não ha hi sciencia mais elevada, mais grave, e mais transcendente, nem que mais *incompetentes* conheça, do que a theologia.

Não ha assumpto sobre que se disserte de viva voz e por escripto com mais liberdade, despejo, e... inepcia, do que sobre materias religiosas e ecclesiasticas.

Podéra não! se é contagio, se é moda, se é prenda de novo gosto, se é ornato obrigatorio da *luminosa moderna civilisação!*

Todo o homem que ata gravata, e puxa collari-

nhos, todo o personagem que tem direito a honras menos equivocas que ás do patamar da escada, deve necessariamente saber salpicar dez minutos de conversação com uma pitada acidula contra a religião, ou a Igreja.

O nosso seculo descobriu, entre muitas outras cousas admiraveis, que a sciencia da religião é intuitiva, ou infusa, a sciencia dos genios, como dos incapazes, dos sabios, como dos *cretins*, dos homens litterarios, como dos parias da instrucção, o thema eloquente dos que ainda não aprenderam a ligar duas idéas na unidade d'um juizo.

Ingenuos que eram nossos maiores em pensarem que essa sciencia exigia, como outra qualquer, um tirocinio, um estudo serio e aturado, uma applicação tanto mais sisuda quanto mais remontada e espinhosa é a sua materia, que navegar por esse oceano immenso sem bussola, sem montante, e sem uns laivosinhos de nautica, era correr risco de dar com a prôa contra algum escolho submarino, ou em phrase mais corriqueira, de dizer muita cousa a que os diccionarios de Moraes e Constancio chamam — *tolice* — comquanto o diccionario de salão lhe chame — desenvolvimento — espirito — abertura de idéas...

Porém a sociedade de então para cá tem despejado bom par de leguas, a despeito do attrito aspero dos espiritos acanhados, retrogrados, ou pessimistas — *e pur si muove* —.

Quebrou-se o encanto, cahiram as barreiras, romperam-se os véos, abriram-se os horisontes, tornou-s

navegavel o oceano incommunicavel do extremo norte, arrostou-se a esphinge medonha do Adamastor, desprestigiou-se a influencia da idade-media, lê-se por cima a Summa profunda de S. Thomaz; a religião, a sciencia theologica é uma intuição, o fôro, o dominio, a sciencia de todos.

O jurisconsulto, o medico, o engenheiro, o commerciante, o official, que digo eu? o sacristão e o mestre-escóla de aldeia, o procurador de causas, e o simples sapateiro, o vendedor de cautelas, e o gato pingado, o apregoador de jornaes, o caixeirinho de embrulhar assucar, e o rapazola da escóla primaria teem folha corrente para fallarem, discorrerem, julgarem das questões religiosas, e dirimir as difficuldades que a este respeito se offerecerem. É seara commum, onde a todos é licito metter a fouce.

Já vai longa a lista dos escrevinhadores de tarifa, e dos remendões litterarios, que pelo seu merito real ficariam eternamente condemnados a nunca passarem do *rez-de-chaussée*, mas a quem a sua impia ousadia, sympatica a uma sociedade ainda mais impia, elevou ao galarim da celebridade.

Que resulta de tudo isto?

Que se apreciam as doutrinas mais graves da theologia e da religião debaixo d'um ponto de vista completamente falso, que se alteram, mutilam, ou deturpam muitos factos historicos; que se passa cem vezes por uma *ao lado* do verdadeiro sentido da questão religiosa; que se julga e decide com uma admiravel... inepcia, e o mais boçal dogmatismo.

II

Exemplifiquemos.

Não haverá ainda muito tempo, viajava eu de cor serva com um engenheiro distincto, que se dirig pela segunda vez de França ao Brazil.

Era baixo, gordo, louro de figura, d'olhos garço testa abaulada, supercilios salientes, e coma espess Rasava-lhe o nariz um bigode estofado, de dous d cimetros por banda, que por força teria pertencido algum zuavo, se não fosse bem de raiz. Tinha o a dar maciço, o verbo abundante, e o todo concentra e mysterioso de um homem, que só se empresta, m nunca se dá, ou que só se dá a retalho, mas nun por atacado.

Se o rosto é um exemplar vivo da arte de veri car as datas, este homem não podia ter menos d seus 45 annos contados. (Ás vezes os desmandos m raes escrevem-os no rosto com ortographia errad

Eu trajava batina. Este traje, porém, longe de af tar o meu engenheiro, pelo contrario m'o attrahiu.

Os individuos que nos ladeavam, eram portugu zes, ou brazileiros meus conhecidos. Pelo vestuar o engenheiro tomou-me por um patricio seu. Esq cia-me dizer que era francez. Os francezes precis de fallar, como de respirar, ou de comer.

Além d'isso o homem tinha uma tendencia pron ciada para metter o seu bedelho em questões r giosas. Entendeu que não podia encontrar ningu mais disposto a um tal assumpto, do que eu, e di giu-se a mim com a mais rigorosa cortezia.

Que queria em ultima analyse o interessante desconhecido? ter apenas com quem taramelasse na sua lingua, tomar o pulso ás minhas convicções, e entabolar uma conversação puramente de *debique?* não sei. Sei que me interrogava sobre um assumpto ecclesiastico, que a sua interrogação podia nascer do desejo sincero de se instruir, ou pelo menos que as minhas respostas eram mais ou menos capazes de corrigir os seus preconceitos, e de fazer bem a uma alma que a Providencia punha em contacto com a minha, através d'uma viagem d'algumas horas. Isto devia bastar a um padre.

Entre nós, pois, travou-se o seguinte extenso dialogo.

O assumpto escolhido pelo engenheiro francez foi o *celibato ecclesiastico.*

III

Engenheiro. — Então v. rev.ᵐᵃ segue até Bordeus, ou tenciona ficar n'alguma estação intermediaria?

Padre. — Não, senhor, vou até Bordeus.

E. — Ah! é talvez mesmo de lá, ou pertence ao clero d'aquella diocese.

P. — Não, senhor, tenciono tomar em Bordeus o vapor das «mensagerias imperiaes», que largam para o Brazil.

E. — Ora essa! então parte para o Brazil? Tenho o gosto de o saber, e de lhe participar que somos companheiros de viagem.

P. — Folgo muito com isso.

E. — E é a primeira viagem que v. rev.^ma^ i áquelle imperio, ou já lá tem estado?

P. — Não, senhor, ainda nunca estive no Bra:

E. — Pois então, sinto bastante dizer-lhe que ' encontrar um clero bem pouco morigerado.

P. — A nossa classe, meu caro, não tem o privi gio da indefectibilidade; está sujeita á sorte de das as outras, que contam em seu seio honestos discolos. É bom não perder de vista que o pad tambem sahiu dos lombos de Adão.

E. — É verdade, mas... olhe, permitta-me q lhe falle com franqueza, eu cá entendo que os padı deviam ser casados. Evitavam-se muitos exempl tristes. Demais, faço a v. rev.^ma^ a justiça de supp que pensará do mesmo modo que eu, como pess illustrada.

P. — Sinto dizer a v. s.ª que se engana comple mente n'este ponto.

E. — Olé! pois tambem é dos que opinam p celibato ecclesiastico!

P. — E v. s.ª teria summa razão de me estranl e de me exprobrar que eu o não fosse, porque co ministro da Igreja, isto é, como representante e (fensor nato da sua doutrina e da sua disciplina, se bem pouco edificante que a combatesse por qu quer fórma.

E. — Ora, quantos não conheço eu que declar: ás escancaras que os padres deviam ser casad(como os ministros protestantes!

P. — Não respondo por cada palavra dos home

da minha classe, mas quantos seculares não tenho eu tambem encontrado, que por diante batem as palmas a esse fallar inconveniente, e por detraz talham aos taes padres um desabrido elogio funebre! Mal sabem estes que estão fazendo a biographia da sua vida privada.

E. — Seja. Mas eu que sou secular, sustento que o matrimonio é uma necessidade absoluta para a moralisação do clero, a clausula *sine qua non* da sua reforma.

P. — O matrimonio, meu caro senhor, não resolve efficazmente o problema da honestidade do clero. Ás vezes não faz mais do que atiçar certos instinctos materiaes que no celibato se conservavam latentes, ou ao menos não eram tão violentos nem tão frequentes. V. s.ª não se atreverá a negar que o *adulterio* nunca foi tão actual como em nossos dias, e que a reciproca infidelidade conjugal é um dos peores cancros da sociedade contemporanea. Estou bem longe de optar pela conceição immaculada... do matrimonio no seculo XIX. Que será no vigesimo, se vingar por toda a parte a lei immoralissima do casamento civil, e o principio anti-social da dissolubilidade do vinculo conjugal!...

E. — Não ha duvida. Porém rehabilite o padre o matrimonio com o seu exemplo virtuoso.

P. — Então não diga v. s.ª que o matrimonio é uma necessidade absoluta do clero; basta que elle rehabilite o celibato, e está a questão concluida.

E. — Seja como fôr, estou bem certo que se v. rev.ma

podesse fallar-me com toda a franqueza, ou por outra, se lhe fosse possivel pensar alto, me declararia ingenuamente que o estado marital é muito mais conforme á natureza humana.

P. — Meu caro, não me é nada difficil pensar em voz alta, porque, graças a Deus, só penso o que digo, e só digo o que penso no assumpto que nos occupa. Confesso-lhe que, se me considero pura e simplesmente como homem, e se tão sómente interrogo os instinctos da natureza animal, não posso negar que o matrimonio seja muito mais natural, e até de optar por elle de preferencia. — Mas como sacerdote, nunca. E nunca porque n'este caso, não attendo já ao que é mais natural, mas ao que, não sendo impossivel, é ao mesmo tempo mais nobre, mais condigno da santidade do meu caracter, e das funcções que tenho a exercer, mais consentaneo ás verdadeiras conveniencias sociaes, e sobre tudo mais consoante com o juizo inspirado da Igreja, que impõe aos seus ministros a lei desciplinar do celibato. Parece-me que sentir com ella é estar em melhor companhia que na do auctor do — *Maldito*, — Luthero e quejandos.

E. — Perdão, mas a Igreja n'esse ponto procedeu com muito pouca prudencia, porque não contou com a fragilidade humana, e a sua persistencia na imposição d'essa lei não faz mais do que recrudescer a insensatez e a arbitrariedade da mesma.

P. — É pena realmente que o meu amigo não existisse na época em que ella principiou a impôr-nos o celibato, porque tel-a-hia illuminado com as suas lu-

zes sublimes, e a impediria de dar uma tremenda cabeçada. Olhe que teria prestado um grande serviço a muito padre. O agostiniano de Erfurt casaria pacifica e columbinamente com a sua Catharina Bora, de freiratica memoria, sem ter tido precisão de inventar todo um systema de asneiras, chamadas — reforma protestante — ; Carlostad não teria necessidade de fazer cauda a Luthero para o mesmo fim, e tantos missionarios a quem o celibato permitte sacrificarem a vida pelo martyrio na confissão da fé, poderiam exercer-se, no meio das delicias do hymeneu e das doçuras da familia, no mister mais commodo de impingir biblias, e estudar physica ou botanica, como fazem os missionarios protestantes. — Com tudo folgaria de saber em que acha v. s.ª imprudente e arbitraria a lei do celibato?

E. — A sua pergunta, meu reverendo, impede-me de levantar do chão, como pretendia, as ironias chistosas que v. rev.ᵐᵃ maneja com tanta facilidade. Não me escapam, fique certo. Mas vamos ao amago da questão. Deixemos a Igreja. Cada um de nós tenha a seu respeito a opinião que muito bem lhe aprouver. Encaremos o celibato em si mesmo. Eu digo que elle é absolutamente contra a lei natural, e que...

P. — Devagar, se faz favor. Antes de proseguir, queira o meu amigo dizer-me se ha alguma lei natural, ou mesmo positiva, que obrigue o homem a casar-se?

E. — Essa lei é a tendencia innata e irresistivel que impelle um sexo para o outro.

P.—Mas essa lei não é tão irresistivel nem tã absoluta, que v. s.ª não encontre em todos os paize. e sob todas as zonas um certo numero de individuo: celibatarios, não só por um acto de virtude esponta nea, senão outrosim por uma *negação innata* para (estado conjugal. O meu amigo não póde recusar est(facto, nem mesmo chamal-o phenomenal. Pois bem como concilial-o com a sua lei natural?

Com effeito, no sexo feminino, mesmo nos nosso: tempos, é elle ordinario, senão frequente. O paga nismo teve as suas vestaes, e a grande veneraçã(em que as tinha, dá testemunho de que não consi derava a virgindade como opposta á lei natural.

E.—Sim, em quanto ao sexo feminino, este phe nomeno é incontestavel.

P.—Mas vou mais adiante. Julgo que no mesm sexo masculino, o estado célibe, na accepção em qu acabei de tomal-o, não se póde chamar raro. Não ca reço de recordar-lhe que ainda hoje os sacerdotes d muitas religiões asiaticas, e entre outros, os brahm: nes observam rigorosamente a continencia. Eu mesm posso ser testemunha do facto a que nos referimo pois no meu ministerio de oito annos, tenho enco trado seguramente uns quarenta ou cincoenta indi duos que professavam o celibato não por escala, m por um principio de repugnancia para com o mat monio. D'onde infiro, não já com a theologia, m com a propria physiologia e com as primeiras noçõ do direito natural, que a união sexual é sim uma l imposta pelo Creador á especie humana *em gera*

para a conservação da mesma especie; mas não a este ou áquelle individuo *em particular*, porque a observancia do celibato guardado por uma millionesima parte da humanidade não obsta á realisação d'essa lei da conservação da especie.

Oh! não corre grande perigo que a humanidade se extinga pela continencia sacerdotal... Tem muitos salva-vidas que lhe conjurem o risco do naufragio. Conta muitos zeladores da prole, registrados, *e sem o ser*... Não haja duvida, meu caro amigo, a especie humana está no seguro; não lhe parece?

E.—A sua resposta, embora exactissima, não resolve senão uma metade da questão. V. rev.^ma^ tem topado muitos homens celibatarios por escolha, ou por systema, e eu tambem; mas esta circumstancia não os impede de obedecerem ás solicitações da natureza, em quanto que um ecclesiastico não póde fazel-o sem crime, e muitas vezes o não realisa sem escandalo. O matrimonio offerece-lhe a taboa salvadora.

P.—Venha cá, e não estará um secular no mesmo caso? O sexto preceito do decalogo foi feito unicamente para o sacerdote? De modo nenhum.

E.—De barato. Mas se por um lado não póde abraçar o estado marital, e por outro lado a continencia é impossivel...

P.—Impossivel! devagar, meu amigo, com o emprego d'essa palavrinha. Saiba que vae contra o testemunho de todos os seculos e de todos os povos que teem sempre honrado a virgindade e a pureza; contra a voz grave da historia que archivou em seus an-

naes as virtudes illibadas d'alguns varões, como o
tros tantos factos adquiridos; e até contra o sen
de muitos homens de sciencia, nada suspeitos de r
ligião, que affirmam a possibilidade, e preconisam
excellencia do celibato—virtude.

E.—Se me engano, fique certo que me enga
com muita gente, que segue a mesma opinião que e

P.—Eu bem sei que a verdade nunca teve gran
cortejo. Mas, além d'isso, pergunto, quem terá o
reito de julgar n'esta materia? O homem que nun
fez um esforço sobre si mesmo para sopear o v
lho fermento da concupiscencia, não tem o dire
de ser juiz na espinhosa questão da continencia; es
direito pertence ás almas grandes que combatem
combates difficeis e generosos da virtude. O sur
de nascimento não tem o direito de negar a unida
harmonica das tres vozes musicaes. Em razão d'es
principio, o seculo que descrê da virtude (longe
cultival-a, e porque a não cultiva) não admittirá j
mais a continencia perfeita, e esta prova faltará sei
pre, como intransmissivel, aos advogados do ce
bato. É um argumento *experimental*, não se imp
como uma prova de razão. Apesar d'isso, v. s.ª co
cordará ao menos commigo, ou senão, com o celeb
Condillac, que o homem é um animal de habitos
e por isso mesmo tão susceptivel de afazer-se ao be
como ao mal. A victoria sobre um acto torpe cu
ao homem habituado de ha muito ao vicio, e p

[1] Não que sigamos o systema sensualista do philosopho francez.

mesmo tornar-se-lhe impossivel, mas não a um espirito exercitado, por longo luctar, no nobre desdem dos instinctos irracionaes. Assim como a repetição dos actos ruins cria e reforça o vicio, extinguindo os sentimentos pudicos do coração, assim os actos repetidos de virtude debilitam e extinguem facilmente em nós a tendencia mais ou menos desenvolvida que podemos sentir para o mal. E para dizer a v. s.ª a minha ultima palavra a este respeito, a continencia perfeita que ainda floresce e florescerá sempre no clero catholico e nas ordens religiosas (apesar de todas as excepções), é um segredo, e um enigma que nunca deixará de o ser para os homens que descrêem do sobrenatural. A influencia da *graça* divina, eis o grande segredo: a virtude de Deus une-se á acção do homem para a producção d'esse resultado heroico, e a castidade brilha aos olhos d'um mundo que d'ella ri e desdenha. Esta linguagem é grego para muita gente. Deixal-o. Nem só isso é grego para ella. Não é chamada cá, póde discorrer e desatinar como lhe parecer. Os naturalistas por muito tempo não quizeram dar ao coral as honras d'um animal maritimo, nem concebiam a possibilidade de um ser vivo debaixo da sua apparencia toda mineral. Apesar d'isso, o coral lá continuava a construir o seu magnifico arbusto de sangue a vinte braças debaixo do mar, sem se importar com as más linguas, nem com os levianos. Meu doutor, só a Igreja catholica podia prescrever aos seus ministros a lei do celibato, porque só ella encerra em si o thesouro e a garantia d'um supple-

mento divino sufficiente, para o seu cumprimento. Disse a v. s.ª a minha ultima palavra, em resposta ao seu impossivel.

E.—E assevero-lhe que gostei immenso de ouvil-o. Admitto com v. rev.ᵐᵃ a força moral d'um habito virtuoso, mas duvido que a maior parte das vezes possa ser efficaz, sobre tudo na materia de que tratamos.

É este aliás o modo de pensar dos homens sabios, com quem desejo andar sempre em boas relações. Verdade é, que v. rev.ᵐᵃ citou tambem a auctoridade dos homens da sciencia em abono das suas idéas, mas parece-me que erradamente.

P.—Talvez que não. Recordo-me de que os grandes physiologistas Recamier, Descurets (na sua *Medicina das paixões*), Massé (nas suas *Obras Medicas*), La Passe (no seu *Livro da saude*), admittem a existencia do celibato—virtude—e affirmam as suas grandes vantagens ao ponto de vista sanitario e moral. O distincto philosopho catalão, Diogo Balmes, no seu *Criterio ou arte de chegar á verdade*, opina «*que a impudicicia é um vicio mais facil de vencer, que outros muitos.*» O dr. Chernoviz faz o encomio da continencia no seu excellente *Diccionario medico popular*.

E.—Não pensava que v. rev.ᵐᵃ tivesse noticia d'esta obra. É muito conhecida em todo o Brazil. Eu comprei a ultima edição, e pretendo ler o artigo a que v. rev.ᵐᵃ se refere, se tiver a bondade de m'o indicar.

(O francez sorriu com um sorriso malicioso, jul-

gando que me tinha apanhado a final com a bôca na botija. Felizmente eu não improvisava, e não fazia mais que referir o que de facto tinha lido).

P.—Pois muito bem. No seu bem elaborado artigo, sob a epigraphe de — *Continencia* —, o dr. Chernoviz sustenta que: «por mais vehemente que seja o pendor para as sensações amorosas, é raro que se não possa dominar a natureza, provando a experiencia que de todos os instinctos dados ao homem para a sua conservação ou da especie *o da geração é o menos imperioso* (sem duvida porque tendendo apenas á consecução d'este ultimo fim, não é mister para que se obtenha, que cada homem em particular concorra para elle). A vontade fortificada no dever pela moral, pelo sentimento religioso e pelo regimen, seria por certo capaz de refrear as solicitações do instincto amoroso.» São expressões textuaes do distincto doutor. Fui mais diffuso do que pretendia. Já é tempo de concluirmos, meu bom amigo, que a tal *impossibilidade* do celibato, que v. s.ª affirmava com tanta emphase, não passa, se me permitte a expressão, de uma palavra *furada,* de banda a banda, como tantas outras, já que é combatida vantajosamente tanto pela religião, e pela experiencia, como até pelos testemunhos dos sabios.

(Tres jovens portuguezes, que estavam ao meu lado esquerdo, e que a principio me olhavam um pouco de soslaio com olhos meio-hostis, esfregaram as mãos significativamente e deixaram assomar por entre os beiços um sorriso approvativo. Um brazileiro

velho, espessamente encadernado n'um gabão
longo como o véo com que se pinta a allegoria
mentira, intercalou uma gargalhada de papo, gra
mente accentuada, acompanhada d'um assentime
de cabeça em tres tempos. O francez corrigiu a g
galhada franca do brazileiro com um sorriso m
modesto, e menos ingenuo... — Por tanto, os nos
comparsas entendiam alguma cousa do francez. Ta
melhor. Talvez por lá houvesse tambem alguns p
conceitos a fazer cahir. Porém o engenheiro não
facil de se render. Respondeu-me com grande p
sença e promptidão de espirito.

E. — Mas de mais a mais, que me importa a n
a lei natural, que v. rev.ma interpreta d'um mod
eu posso interpretar d'outro, quando existe uma
positiva que prescreve a todo o homem, e por ta
ao padre igualmente, o matrimonio?

P. — Ignoro semelhante lei, e folgo immenso
conhecel-a.

E. — O clero finge na verdade ignoral-a, por
não tem outro remedio; mas essa lei não póde
mais clara. Embora os estudos theologicos ou ec
siasticos não sejam a minha especialidade, tamb
tenho a minha Biblia, e tambem a leio...

P. — Teremos por ahi alguma *Biblia* feita á ir
gem e semelhança da religião de Luthero?

E. — Não senhor, é a *Biblia* traduzida em fran
por Carrière, cujo nome lhe deve ser conhecido.

P. — Muito bem. Excellente traducção.

E. — Pois lembro-me perfeitamente de ter d

rado nas primeiras paginas d'esse livro este preceito formal pronunciado por Deus sobre toda a humanidade: — «Crescei, e multiplicai-vos.» — Não póde conceber-se nada mais explicito, nem mais absoluto. Ora os homens não teem o direito de abrogar o que Deus estabeleceu e decretou, quer esses homens se chamem governo, ou Igreja.

P. — É para sentir que, tendo v. s.ª decorado tão bem esse texto de *Genesis*, não o decorasse por inteiro, aliás as suas proprias palavras seriam a resposta sufficiente á objecção que acaba de me fazer. Adiante dos dous versos — crescei, e multiplicai-vos — está est'outro — e *povoai a terra* [1]. O fim da ordém divina era pois, que a terra se povoasse: povoada ella, como de ha muito se acha, cessa o fim d'essa ordem. Relativamente ás idades futuras, as palavras citadas significam apenas uma *benção* e não um decreto. O texto que v. s.ª trouxe a terreiro, já o tem sido a miude pelos impugnadores do celibato, mas é celebre que sempre supprimam a parte por onde o tal texto *faz agua.*

E. — E porque não significarão as palavras do *Genesis* um preceito imposto a toda a humanidade, até ao fim dos tempos? A lei divina em questão não é mais necessaria para a população da terra, do que para a conservação d'essa mesma população.

P. — Mas para esse fim já não era mister que fosse imposto a cada membro da sociedade em especial,

1 *Genesis*, cap. I, v. 28.

como ha pouco dissemos, aliás todo o homem ou mu
lher celibatarios estariam em flagrante contravençã
com o referido preceito, e seriam obrigados a casar-se
mesmo apesar da sua pobreza, da repugnancia natu
ral que sintam para o matrimonio, da sua posiçã
extraordinaria, ou da sua profissão por de mais ag
tada, para que possam fazel-o, etc. Não sei se o me
amigo está n'este caso, mas em razão da sua vid
viajora não me admiraria que...

E. — Adivinhou, como se soubesse. Ainda sou so
teiro, com quanto pretenda casar-me em breve (
retorceu o bigode com força). O argumento não podi
ser mais *ad hominem.*

Pois eu cá (disse o velho brazileiro em mau frar
cez) nunca me casei. Fui maritimo até á idade de 6
annos. Agora que já vou roçando pelos meus 73, nei
a natureza m'o consente mais.

(Eu não podia deixar de aproveitar o ensejo).

P. — Peço-lhe que note, meu doutor, como n'u
wagon onde se acham cinco pessoas, uma não é c
sada porque já o não póde, é este senhor brazilei
outra não o é porque não o pôde ainda, é v. s.ª, o
tro não o é, porque não o quiz, sou eu. Quantos r
fractarios á lei!

E. — Por mim não declino a culpabilidade, m
pretendo emendar o erro (e todos nos sorrimos).

P. — Tranquillisemo-nos, meus senhores. Nenhu
de nós é, penso eu, pela liberdade de exame, c
protestante descendencia. A legitima interpretaç
d'um livro obscuro como o é a Escriptura Sagra-

no proprio dizer de S. Pedro Apostolo, e de Santo Agostinho, o genio de Hypona, não póde ser confiada ao senso privado ou ao livre exame de cada um. Teriamos para logo entre nós 150 variações religiosas, como o notaram Bossuet e outros escriptores, na reforma lutherana. Por tanto os interpretes, para assim dizer, officiaes, e unicos genuinos da Escriptura, são os Santos Padres, e os authores ecclesiasticos reconhecidos pela mesma Igreja. Pois bem. Todos os interpretes ou glossadores do *Genesis* tomam as palavras *«crescite et multiplicamini»* no sentido d'uma benção pronunciada sobre todo o reino animal (não só sobre o homem) e nunca como um preceito propriamente dito: como um *direito* concedido, não como uma *necessidade* imposta. Deus não está em contradicção comsigo mesmo, e Jesus Christo, o Homem-Deus, e o Homem-Modêlo foi célibe toda a vida. Mas já que v. s.ª me cita a *Biblia*, parece-me poder presumir que crê na authenticidade de todos os seus livros, e na sua divina inspiração.

E. — Com certeza. Eu sou catholico, e d'isso me preso, embora tenha cá as minhas opiniões...

P. — Pois ha-de talvez lembrar-se de que S. Paulo permaneceu até á morte no celibato, como se infere d'uma das suas epistolas, e...

E. — Perdão, eu já li algures que S. Paulo tinha casado.

P. — Em author heretico.

E. — Nada. N'um escriptor francez, que citava outro dos primeiros seculos do christianismo.

P. — Sim; Clemente de Alexandria, é verdade Mas esse testemunho não póde prevalecer contra o de Tertulliano, Santo Hilario, Santo Epiphanio, S. Jeronymo e outros de que não me lembro, que são oppostos ao de Clemente de Alexandria.

E. — Isso é que eu ignorava.

P. — Como lhe ia dizendo, S. Paulo não só foi celibe por escolha, mas aconselhava aos fieis de Corintho que seguissem o seu exemplo, por estas palavras «Quizera que fosseis todos como eu, mas nem todo recebem de Deus o mesmo dom. Digo pois aos qu vivem no celibato ou na viuvez, que bom é persistirem n'este estado, como Paulo [1].» Ora o Apostol das gentes não aconselharia aos corinthios uma cous reprovada pelo preceito divino. Outras passagens d Novo Testamento não menos terminantes poderia ac duzir-lhe, se não receasse erigir o nosso wagon en aula de hermeneutica.

E. — Interessa-me muito. Rogo-lhe que continue

P. — S. João Evangelista no seu livro do *Apocalypse* representa perante o throno de Deus uma multidão de justos mais elevados em gloria, que os restantes, e acrescenta: «aquelles são os que se não mancharam com as mulheres. São virgens, e seguem o Cordeiro por toda a parte, sendo as primicias do que Elle resgatou a Deus d'entre os homens [2].» A virgindade é pois sanccionada no céo pelo Suprem Author da lei natural, e pela verdade eterna. Par

[1] Epist. 1.ª aos Cor., c. VII, v. 6.
[2] *Apoc.*, c. XIV, v. 4.

que precisamos nós d'outros textos, quando um só conclue?

E. — Fóra de questão, as passagens adduzidas dão um golpe mortal na illiceidade do celibato. Mas saia-me v. rev.^ma^ do campo da *Biblia,* por onde passeia como por sua casa, e onde eu mal ando de muletas; venha-me para o campo da razão pura, e dos factos.

Não quero contestar a superioridade da continencia sobre o estado matrimonial, e por conseguinte a conveniencia de que seja abraçada por uma classe que, votada ao sacerdocio, deve por esse mesmo facto tender a uma mais alta perfeição que o commum dos homens. Nem tão pouco contestarei que a lei que impelle o homem á procreação, seja tão despoticamente imperiosa, que não encontre na sociedade o exemplo de muitos célibes por eleição. Aconselhe, pois, a Igreja aos seus levitas a acquisição da virtude da continencia, deixando-os em todo o caso livres de adoptarem, conforme a sua indole, o celibato ou o estado matrimonial. Porém, não passe além, não faça d'essa virtude uma lei obrigatoria, não imponha sobre os hombros do sacerdote o voto impossivel de uma continencia perpetua; procedimento inqualificavel, a que só posso dar o nome de loucura.

P. — Alto lá, a Igreja obriga por ventura alguem a ordenar-se? Faça favor de me dizer.

(O francez não responde).

P. — Não terá a bondade de me responder se a Igreja obriga alguem a ordenar-se?

E. — Está claro que não, mas...

P. — Por certo que não, e não só o não faz, senão até obriga os aspirantes do sacerdocio a esperarem á porta tres, ou quatro annos, nos seminarios diocesanos, onde devem precedentemente ser provados sobre o estado que pretendem abraçar. É essa a prescripção explicita do Tridentino. Ahi, por tanto, n'esse lugar de aprendizado e de prova, o joven candidato á clericatura, não só se inicia nas sciencias ecclesiasticas, senão que tem mais que sufficiente tempo para consultar-se a si proprio, para tomar bem o pulso á vehemencia dos seus instinctos e tendencias; para examinar detidamente a sua vocação, e lançar a sonda a esse mysterio tremendo de Deus, deposto no fundo de certas almas privilegiadas; para pesar e sopesar á vontade a proporção que existe no seu coração entre as exigencias materiaes que o chamam á vida conjugal, e a somma de virtude adquirida e de graça sobrenatural que será capaz de oppor-lhes, e virão a ser para o futuro a garantia segura da integridade do seu voto.

Reconhecida pelo aspirante esta falta de proporção, a Igreja não só não exige que siga o estado clerical, mas até a isso se oppõe formalmente, como *carecendo de divina vocação.* Se, porém, o que a não conhece em si, a *simula*, ou a apparenta aos olhos dos que n'esses seminarios tem a seu cargo a direcção da sua consciencia, dominado tão sómente por um interesse ignobil, ou cedendo indiscretamente a indiscretissimas exigencias de paes desalmados, que

xe-se apenas *d'elles* e *de si*, *mas não da Igreja*, quando mais tarde a natureza infrene romper os diques do voto, e o escandalo rebentar em todo o seu impudor aos olhos d'uma sociedade tão indulgente para comsigo, como inexoravel para com o clero.

E. — Não estou ainda de todo convencido. Por mais especiosas que sejam as razões de v. rev.^ma^, não podem eliminar um facto profundamente lamentavel que se está passando todos os dias, e se repete de anno para anno á nossa vista indignada, a saber, a desmoralisação do clero, a que por sem duvida obviaria o matrimonio. V. rev.^ma^ não poderá jámais destruir a força d'esta objecção. Diga-me, ignora acaso qual o proceder da maior parte dos padres do Brazil e em Portugal, por exemplo?

P. — Meu bom doutor, Portugal e Brazil não são o mundo catholico. Retenha bem este principio. A objecção de v. s.ª, por mais decisiva que pareça, só tem a força d'uma *excepção* e nada mais [1]. E diga-me por seu turno, ignora v. s.ª qual o procedimento do clero da Allemanha catholica; da Austria da Belgica, da Suissa, e Hollanda, catholicas; da Irlanda, da Polonia, da Hungria, dos Estados-Unidos, catholicos? Ignora qual a moralidade do clero francez na sua maxima extensão? Será v. s.ª injusto até para com o seu paiz? Não será esse clero a edificação e o assombro de todos os homens capazes de admirar a virtude? E não será o seu exemplo o mais

[1] Mesmo em Portugal e no Brazil existe um bom numero de ecclesiasticos, tão respeitaveis pela sua illustração, como pela sua virtude.

a preceito algum divino positivo, e concedamos que as defecções que se encontram na classe ecclesiastica não possam, propriamente fallando, ser attribuidas á Igreja. Mas devêra esta mesma Igreja, sem uma suprema conveniencia, impôr aos seus ministros uma lei de tão difficil execução e que occasiona tão frequentes e luctuosas defecções? Ora eu não vejo qual a conveniencia que determinou a Igreja a um tal procedimento disciplinar.

P. — Se é essa a unica difficuldade, que ainda resta ao meu amigo, facil me será desvanecel-a, penso eu. Basta que me dê um instante de attenção, e que se digne não me interromper por pouco tempo.

B. — De bom grado.

P. — Primeiro que tudo, v. s.ª ha-de saber sem duvida que existe na Igreja catholica um sacramento chamado penitencia, ou mais vulgarmente confissão. Á participação d'este sacramento está obrigado pela mesma Igreja todo o fiel, desde que principiam a ser-lhe imputaveis os seus actos. Ora com toda a franqueza diga-me, meu caro senhor, se o padre podesse casar, pensa v. s.ª que um pae consentiria facilmente que sua filha se fosse confessar a elle? não teria a temer que o confessor fizesse do confessionario a janella escusa de seus galanteios, o philtro dos seus sentimentos affectivos, e o confidente secreto dos seus esponsaes? Não teria a recear que o confessionario se convertesse no postigo inaccessivel através de cujas grades o sacerdote zombasse impunemente e a todo o salvo, dos planos de um pae

sobre o futuro que tenciona dar a sua filha, e que antes que este podesse vinculal-a ao homem da sua escolha, um juramento solemne a prendesse indissoluvelmente ao homem da Igreja? [1] Luthero abolindo o celibato ecclesiastico, sentiu a necessidade de abolir para logo a confissão auricular. V. s.ª responder-me-ha talvez que em todo o caso o confessionario póde ser a occasião de enormes abusos. Verdade é isso, mas o abuso será muito mais raro, porque o que só póde acontecer ao padre celibatario, tendo em perspectiva um crime por todos os lados nefando e abominavel, sobre o qual pesam as mais severas penas ecclesiasticas, aconteceria muito mais facilmente ao padre *conjugavel*, que poderia reclinar tranquillamente a consciencia sobre a almofada de um futuro proximo, que tudo sanaria pelo matrimonio; e o astuto ministro faria de um sacramento o preludio de outro.

B.—Isso é exacto.

P.—De mais, v. s.ª não ignora que o ministerio do padre é mais que nenhum outro complexo e arduo, para o que sabe cumpril-o. O padre não tem hora sua. O seu relogio é a voz dos fieis, fazendo-se ouvir sob uma das multiplas expressões da miseria,

[1] O interessante auctor de *La femme comme il faut* e de *L'homme comme il faut*, o padre Marchal faz a este respeito as seguintes sensatas reflexões na ultima das obras que apontei: «Quem ousaria confessar-se a um padre casado, fallar da sua mulher ao que tivesse mulher?... que esposa não temeria confiar-lhe os mysterios dolorosos da sua existencia? os labios, e os ouvidos d'esse sacerdote já não pareceriam sagrados nem discretos, desde o momento em que collocasse demasiado perto de si outros labios e outros ouvidos».

da dôr, ou da piedade. Só póde dormir com licença do enfermo, mas o lampeão nocturno não deve extinguir-se-lhe á cabeceira, e a morte não póde esvoaçar sobre o derradeiro arquejar do moribundo, sem que o padre lhe presenceie o golpe fatal, para com elle misturar a ultima benção do perdão, e a ultima influencia benefica da Igreja projectando-se sobre o mysterio da eternidade. Seja embora á meia noite, e sob uma chuva torrencial reclamado o soccorro do seu ministerio, o mensageiro da dôr não ha-de bater duas vezes á porta do homem da caridade. Por quem sois, senhores, não julgueis que um tal padre seja chimerico. Existe, e se ligaes peso á palavra de um ministro de Deus, existe na religião catholica até entre os seus mais indignos sacerdotes, que n'esses momentos solemnes se relembram da missão que lhes foi confiada. Mas fallemos ás boas; é certo que bem difficilmente faria outro tanto o padre casado, quando a deshoras fosse chamado para correr ao leito do agonisante. O padre celibatario só teria que luctar talvez um pouco com o travesseiro, mas o casado teria que desunir-se dos braços da esposa, ou que despertar a cabeça amiga da companheira, que se lhe reclina talvez sobre o peito no abandono do primeiro somno.

E. — Apoiado.

P. — Não é tudo. V. s.ª não póde desconhecer a distancia immensa que medeia, até historicamente fallando, entre o clero catholico e o protestante. O primeiro tem offerecido ao mundo, pelo decorrer dos seculos,

paginas de sublime e inexcedivel dedicação, o segundo só lhe tem offerecido quando muito — exemplos de uma probidade estoica que não conhece heroismos, sem commoções violentas pelas dôres da humanidade.

No seculo XVI vimos S. Francisco Xavier evangelisar uma immensa extensão do continente da Asia, através de incalculaveis sacrificios de todo o genero, e morrer abandonado n'um deserto.

No mesmo seculo vimos o beato Claver consagrar uma existencia, cujo emprego a sociedade festejava com orgulho, a curar em Carthagena negros leprosos, e identificar a sua vida com a dos entes mais repellentes da humanidade. No seculo XVII um padre francez, mais popular que nenhum outro, S. Vicente de Paulo, achando-se em Tunis, leva o heroismo da caridade a ponto de carregar-se com os grilhões d'um captivo, para obter-lhe a liberdade. No nosso seculo, um grande arcebispo de Paris, Mgr. Affre, sahe do seu palacio á noticia d'uma guerra civil, e cahe moribundo sobre as barricadas da sua metropole, para que o sangue do pastor apagasse a chamma do delirio popular, e fosse o ultimo vertido por uma causa infeliz. Ainda está bem vivo na memoria de todos o exemplo do abbade l'Epée, votando a vida á companhia dos surdos-mudos, e o exercicio da sua poderosa intelligencia a compôr-lhes uma lingua nas pontas dos dedos.

Em todos os tempos, e nunca mais do que no seculo XIX temos sido espectadores da dedicação sobrehumana dos missionarios regulares e seculares, que

teem partido para os differentes continentes do glob
para prégarem a fé de Christo aos infieis através c
diversidade das zonas, das intemperies locaes, da d
ficuldade dos idiomas, e de mil incommodidades pr
venientes das condições deploraveis da existencia
que espontaneamente se condemnaram: e por muit
vezes, como é sabido, o seu sangue, mórmente no i
perio chinez, tem sellado os seus generosos, e, ain
mal, por muitas vezes improficuos esforços.

Ora pois bem. Eu sustento que o celibato *é o*
cto unico, e a razão unica, que seja capaz de *exp*
car todos esses heroismos.

Não me digaes que o padre casado faria ou
tanto, porque me obrigarieis a desmentir-vos form
mente. Um padre casado *deve-se á sua esposa, e*
seus filhos, primeiro do que se deva á humanida
Um padre casado *não póde nem deve* expôr a v
pela evangelisação universal, como o faz o celiba
rio, porque a voz do sangue é sempre a mais e
quente, e os deveres mais proximos são sempre
mais fortes. O coração do homem preso pelos laç
do hymineu e da paternidade será sempre assás se
sivel para collocar entre si e os desherdados c
Evangelho que o chamam do fundo da Asia, ou c
Oceania, as imagens suaves e ternas de uma espo
lacrimosa, condemnada antes da morte á viuvez,
dos filhos famintos, e nús, acercando-se dos joelh
da mãe, e gritando-lhe: mãe — pão, e só ouvind
por unica resposta: meus queridos filhos, antes d
o não ter para vós, já o não tinha para mim. Q

fará o coração do pae em taes transes, senão restituir os selvagens ao seu paganismo, e á sua barbaria, o marido á esposa, e o pae aos filhos?

E. — É indubitavel.

P. — Haja vista o exemplo do clero protestante. Quando o cholera-morbus lavrava na Inglaterra, fazendo tantas victimas diarias, quantos *ministros* se viam á cabeceira dos cholericos?

Nem um, notae bem. Engano-me. O proprio *Times* e o *Daily-News* louvaram n'essa occasião o zelo dos padres irlandezes... que n'esses dias lugubres e ominosos, longe de fugirem ao flagello, visitavam então mais do que nunca o albergue dos pobres, e os ajudavam a bem morrer, ao passo que os ministros de Luthero davam ás de villa-Diogo com a bagagem inseparavel da mulher e filhos.

(N'este momento o comboyo apitou).

O brazileiro de vinte e cinco annos. — Estamos a chegar a Bordeus. Pela parte que me toca, declaro que acho extremamente plausiveis as considerações que v. rev.ma acaba de expôr-nos sobre a conveniencia do celibato ecclesiastico.

P. — Sinto que estejamos já a chegar ao nosso destino, porque teria o gosto de expôr a v. s.a outros motivos não menos poderosos sobre a mesma questão da conveniencia, e...

E. — É inutil, quando os já apresentados por v. rev.ma são tão convincentes, que só podem ser desdenhados pela paixão, pelo capricho, ou por um cego preconceito, mas não pela razão. Pelo que me res-

peita, agradeço a v. rev.ma as explicações e noções que me deu sobre uma questão hoje tão debatida, e sobre a qual se dizem na realidade tantas necedades, e tantos contra-bom-sensos.

P. — É para mim uma verdadeira satisfação o poder associar a lembrança d'uma viagem d'algumas horas á de um acto util do meu ministerio. Permitta-me v. s.a que eu aproveite o ensejo para lhe fazer observar que não é em nome da razão, da sciencia, nem do bom senso que a religião póde ser atacada, e que a doutrina da Igreja ganha sempre em ser conhecida, porque condemnal-a não quer dizer (pela maior parte das vezes) repellil-a pelo conhecimento que d'ella se tenha, mas simplesmente *não conhecel-a.*

(O comboyo apitou pela segunda vez. A rapidez do movimento torna-se cada vez menos accelerada. Começa a apparecer-nos do lado esquerdo a soberba estação de Bordeus. A locomotiva pára. Os empregados gritam da banda de fóra, sobre a rampa da estação — Bordeus, Bordeus!)

Despedimo-nos amigavelmente uns dos outros, para nos encontrarmos algumas horas depois, sobre o convez do *Estremadura,* que devia conduzir-nos ao Rio de Janeiro).

O QUE ME ESQUECEU DE DIZER AO ENGENHEIRO

Os que berram tanto contra o celibato ecclesiastico, não se lembram, ou affectam esquecer, 1.º que

só a classe ecclesiastica conta homens célibes,
ue ha outro celibato muito mais perigoso que
meiro pela cifra enorme da sua totalidade e pela
ɜza dos seus resultados relativamente á esteri-
e que sobre ella pesa, 3.º que o proprio matri-
o encerra em si uma chaga profunda que para-
em grande parte o fim elevado para que o des-
a natureza. Vejamos.
' Nem só a classe ecclesiastica conta celibatarios,
ı-os outras classes.
exercito conta-os aos milheiros; e mais tarde
ı-os o hospital militar...
marugem está no mesmo caso. A classe dos ho-
ѕ de letras, ou de sciencia tem-nos a flux.
que cardume de narcisos forçados não pullula
jue não podem sustentar mulher e casa! nos
uitados da outra parte do sexo, nos desherda-
le hymeneu!
' Ha outro celibato muito mais perigoso que o
eiro, etc. — O leitor percebe perfeitamente que
aqui da prostituição sempre crescente da nossa
dade. Uma estatistica recente dava a espantosa
(aliás modesta) das meretrizes d'algumas na-
européas.
pugna-nos transcrever por inteiro esse computo
de mais humilhante para a humanidade. Pois
Quem ignora que a prostituição é o terreno
ito do Evangelho? o elemento esterilisador que
ıhia o desenvolvimento da humanidade? Que nos
rta a nós que os publicistas povoem os esta-

dos... nos seus relatorios, se o meretricio desecca as fontes da população, e desmente tristemente esses calculos officiaes?

Sabem que mais? Os romances immoraes de Paulo de Kock, e congeneres, teem engendrado mais celibatarios (dos que eu cá sei) do que a lei ecclesiastica do celibato.

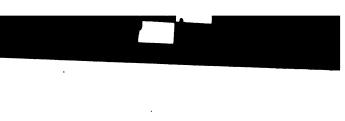
3.º O proprio matrimonio encerra em si uma chaga profunda, etc. — Passando por alto sobre o cancro do adulterio, vulgarisado, aïnda mal, em França, Inglaterra, Portugal e outros paizes até á moda, punge reconhecer que os proprios agentes titulares da geração... Basta.

Certas bespas litterarias fariam muito melhor de aguçar primeiro bem o ferrão para dardejarem esses abusos tão oppostos á propagação da especie, antes de distillarem o seu veneno sobre o celibato ecclesiastico.[1]

[1] Este dialogo teve logar no anno de 1865, *quando eu sahia* do Seminario Maior de S. Lazaro, de Paris, e me dirigia ao Brazil. Ao lel-o, talvez que alguns catholicos illustrados, e, sobretudo, que muitos dos meus collegas já maduros nos combates do sacerdocio, estranhem o ar triumphante e dirimente com que eu rompo pelas difficuldades e objecções ás vezes assaz sérias do meu interlocutor, como se todas ellas se resolvessem facilmente, ou como se a observancia do celibato ecclesiastico não fosse de uma difficil e difficilima execução. Lembrem-se os meus collegas de que eu então não tinha, por assim dizer, experiencia alguma do mundo e das luctas sacerdotaes, que só com o contacto social e com o decorrer do tempo se alcança. Hoje eu daria uma nova fórma á minha argumentação, e buscaria transmittir maior solidez e consistencia a algumas das provas adduzidas em abono d'esta questão tão melindrosa.

XIV

ASPHYXIA... PELA IMPRENSA

XIV

ASPHYXIA... PELA IMPRENSA

VARIANTE HUMORISTICA

> ... que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma cousa seria, grave, e sensata...
>
> Garret, cap. II das *Viagens na minha terra.*

Pois não é uma verdadeira asphyxia, formidavel, temerosa, ameaçadora?

Livros, opusculos, livrorios, livrecos, nacionaes, nacionalisados, *in folio, in quarto, in octavo,* em dezeseis; obesos, normaes, anemicos, succulentos, indigestos, aquosos; edicionados aos mil, aos dous, aos tres mil, de mais de dez a menos de dous tostões; impressos a capricho, moldurados, coloridos, iriados, rendilhados, casquilhos!

E que não abarcam em seus assumptos diversis-

simos? Philosophia, direito natural (natural de ma
sciencias physicas, archeologia, historia patria, c
tica litteraria, questões (ou questiunculas) de ling
latina, *germanica*, *hellenica* (e outras nicas que t
politica de cabotagem, romances originaes, ou ver
dos em vulgar do inglez, do francez, do italiano,
hespanhol para... portuguez (?), poesia aos milh
ros, poemas do amor, da *visão*, da facecia, da lar
da treva, da miseria, da *bacchanal*, do *alcouce*,
monturo e da *putrefacção*... e tantos, e tantos
tros livros, alguns (por não dizer muitos) dos qu
noves fóra...

Ah! esquecia-me a fumarada espessa dos alm
nachs, que nos põe os olhos em malagueta. Que
vrochada, manes do meu paiz! Que inundação d
papel azeitado!

Não expira por ora o inventario.

Publicações periodicas, mensaes, semi-mensaes
hebdomadarias, semi-hebdomadarias; gazetas poli
cas, scientificas, litterarias, commerciaes (pleonasm
de dicção), artisticas, noticiarias, transformadas en
vidraças de lojas, ambulantes; folhas vermelhas, par
das, incolores, e omnicolores, sem omittir as lusco
fuscas (allusão aos typographos)!

É uma undecima praga do Egypto, uma verdadeira
tromba meteorica imminente sobre nossas pobres ca-
beças, e para que não ha guarda-chuva possivel.

Positivamente, a creação d'uma companhia sanita-
ria de gaz oxygeneo, que tivesse por fim neutralisar
os effeitos asphyxiantes... da imprensa, seria d

ultima urgencia para evitar as extincções fataes da respiração. Safa!...

Abramos um pequeno parenthesis para confessar que algumas obras boas, e mesmo excellentes teem gerado os nossos prelos, sob o aspecto da doutrina orthodoxa, da sciencia, da instrucção solida, da delicadeza da concepção, da litteratura, do classicismo da lingua, etc.

O resto não é respiravel nem para um pulmão de ferreiro.

Se hoje em dia vivera o satyrico picaresco do nosso Francisco Manuel de Mello, via-se na rigorosa necessidade de acrescentar pelo menos mais dous lanços de construcção ao seu famoso *Hospital das lettras*, para lá poder accommodar tanto enfermo.

A começar pela linguagem, o rico idioma patrio é gentil-homem que não poucos escriptores tratam descortezmente de estrangeiro. Está forte dislate! Como se elle entendesse algo de francez, de inglez, ou de outra qualquer lingua, que não a sua, ou a da sua mãi, a latina, com quem se assemelha a matar.

Quem ainda o não tiver observado, pegue-me em certos livrecos, e papelejos que por ahi marulham nos brejos insalubres da imprensa. Abra, e leia a esmo...

Então que lhe parece o torneado hydrido da phrase? É «de natureza a» deliciar qualquer estomago portuguez, não tem que vêr.

Pois ha nada comparavel em elegancia castiça de terminologia, áquellas paginas e áquellas columnas

arrebicadas de gallicismos, e anglicismos tão expr
sivos e engraçados que deixam a nossa lingua corriċ
Travemos, por exemplo, d'uma gazeta (salvas, b
entendido, as que fazem honra ao jornalismo). A poı
fundo, já là apparecem a boiar os «meetings», os «
mités», as recriminações do articulista contra as «c
canas» parlamentares, e as «coalições» ministeria
e o estylo por demais «descozido» em que se exj
miu o deputado fulano de tal, etc. O ultimo peri
é consagrado a fazer votos pela eleição do candid
cicrano, cuja «conducta irreprochavel», e eleva
«recursos» intellectuaes, todo o paiz conhece.

Passemos á revista interna, e noticiosa. Acaba
dar-se um successo tristemente «remarcavel», qu
noticiador conta «em detalhe» aos leitores, «tira
d'elle partido» para fazer uma discreta considera
moral. Em seguida dá um leve «golpe de vista» p
«high-life» da terra, e analysa o ultimo livro pu
cado por..., que é na sua apreciação um verdade
«chefe d'obra».

Por ora, como vêdes, não ha parar em ramo ver
Salvemo-nos a vau, passando á secção de ann
cios. Ora graças! Aqui ao menos não haveremos n
ter de interprete para nos entendermos, porque
secção d'annuncios é o compartimento do povin
miudo, onde ainda se conserva intacta a arca sa
da lingua, contendo o diccionario tradiccional. Log
completo! A epidemia ganha a loja, a tenda, e a o
cina. O gallicismo fez-se popular, e já se vê por
zes de braço, dado com a classe do mostrador, e

trabalho. Primeiro annuncio: «panacea infallivel que cura o mal aos nervos» (copiado textualmente), á garganta, ao estomago, ás «constipações» (*constipations*, que em portuguez limpo quer dizer, prisão intestinal). Segundo annuncio: grande variedade de «bijouterias», de «glacés», de «passematerias», de «coques», (textual). Terceiro annuncio... basta.

Que fartum de molho francez!

É realmente de dar nauseas; e tudo isto por falta d'um official de policia dos bofes assanhados de Filinto Elysio. Que pena que se lhe perdesse a raça!

Em fim, não ha mais que dizer senão que triste, e bem triste é a sina do papel typographico em que taes primores se estampam. De massa de trapos nasceu, e a massa de trapos volta. Para que havia elle de participar do anathema proferido sobre a humanidade: *pulvis es et in pulverem reverteris?*

Primeiro diagnostico, pois, da nossa imprensa contemporanea (d'uma certa imprensa, fique dito duas vezes por todas): o *mestiço* da linguagem.

Segundo diagnostico, o *desalinhado* do estylo, e tão desalinhado que nos obriga a enfiar o roupão de chita, para tratar condignamente com elle.

D'antes um escriptor, só ousava subir á tribuna da imprensa, grave, escanhoado, e de ponto em branco. Embora plebeu apparentava ademanes senhoris e fidalgos para captar o disputado favor publico; hoje

em dia apresenta-se-nos sem mais ceremonia, esgu delhado, de tamancos, e em mangas de camisa, qu nem um taberneiro do Minho.

Trava da caneta, e sáia o que sahir, bom, insipid ou impotavel. Ignora perfeitamente as agonias de R drigues Lobo, cuja penna tressuava, antes de lanç ao papel a primeira palavra, a que elle chamava desencalhar da penna». Nunca comprou na optim officina de Horacio a plaina de *decem atque dece Indè ineptiæ.*

Outras vezes o estylo passa do desalinho ao e tremo opposto, á *garridice,* e ao phantastico pu mórmente nos dominios da poesia.

É um amontoado informe de pensamentos exotic desenvoltos, delirantes, cahoticos; de juncções f çadas de termos, que parece que andam a joga cachação um com o outro; de palavras extravagant impossiveis, que batem debalde á porta do diccio rio, e que provavelmente nunca lá terão entrad porque as denuncia o accento atravessado.

Que estylo aquelle, meu Deus, que estylo! ou an tes que... arabesco!

E para sermos justos, havemos de confessar q ha uma certa litteratura brazileira (diversa por cer da de Magalhães e Gonçalves Dias) que nos leva barra muito diante sob este ponto de vista, e que proseguir pelo mesmo theor, e em proporção semp ascendente, d'aqui a pouco será um verdadeiro l gogripho para todo o cerebro humano, a princip pelo do auctor.

Ha livro brazileiro, sahido n'estes dez ou doze annos, dos prelos de Paris, de Londres, ou do Rio de Janeiro, que embora cozesse por outros dez em banho acetico de bom senso e boa linguagem, não reçumava lodo o virus que traz embebido em si.

Até aqui, porém, questão de fórma, questão de estylo, questão de machinismo.

Se d'este passamos ao *suppositum* da fórma, á substancia que ella informa, o diagnostico torna-se mais grave, a asphyxia muito mais perigosa, porque, em ultima analyse, a verdade, e o bem, a crença e a moral, estão acima do bello, que é o esplendor que os reveste : *pulchrum candor veri.*

Fervilha na vasa da imprensa uma *verminada* de livros, ou semi-livros, que só levam a mira em abocanhar a religião e os bons costumes do paiz. Ruim mira.

Os que apontam ao primeiro alvo preferem a fórma philosophica, os que apontam ao segundo dão-se naturalmente melhor com a romantica.

Não sei o que a religião fez a certos empennados, para parecerem odial-a com odio de mal casados e para nunca se sahirem a terreiro com alguma nova producção do seu miolo, que a não remordam com azedume de rixa velha.

Está bem de vêr que não se declaram abertamente incredulos. Enrouquecem á força de gritar que teem

crenças intimas, que ninguem é mais catholico do que elles; e porque o termo catholico reboca o de apostolico, toleram-n'o na companhia do precedente, mas vai-se a vêr, o seu catholicismo não passa de uma religião a meio pau.

Em todo o caso, não nos illudamos. Raros são os que teem uma tal ou qual convicção do que escrevem; nenhum talvez o que leve o delirio insano a ponto de julgar que a Igreja edificada sobre a rocha firme, não resistirá ás suas metralhadoras... de papel.

Se chegaram a perder muitas convicções religiosas, não as teem tão pouco em sentido contrario. Em noventa e nove casos por cem é esta a regra.

Escrevem contra o catholicismo sem conhecel-o, como Julio Vernet escreve romanticamente sobre a lua; ou por meras informações dos seus inimigos, como alguns traductores transladam em vulgar uma obra original, por outras traducções ás vezes bem descóradas, e bem infieis, que dão razão ao aphorismo italiano *tradutori traditori*...

Por tanto, o espirito e o caracter d'esses authores, direis vós, honesto leitor, só póde merecer o nome de infernal, e a sua tenção de tenção damnada.

Não é tanto assim em geral, mal que vos custe talvez a admittil-o.

Aquelle pobre possesso que escabuja espumante n'uma pia d'agua benta, não faz mais do que representar um papel feitiço, como o actor sobre o palco.

Muitas vezes não tem nada de mau caracter; é até dotado d'uma boa indole, de sentimentos não raro

generosos; e privado do gabinete a dentro, chega a ser affavel, insinuante, sympathico, mais do que isso, a revelar crenças religiosas, desmentidas simuladamente no ultimo *in octavo*, que acaba de imprimir na typographia de... Porém, ó *auri sacra fames!* o seu estado financeiro não é dos mais prosperos, e acenaram-lhe com certa negaça que brilha mais que o crystal, e cega mais que o sol...

Está resolvido o problema; passou contrato com o editor F., e ao cabo de alguns mezes, o publico de certa côr póde munir-se na livraria F., d'um cruzado de impiedades fresquinhas e elegantes, para se deliciar com ellas.

Com tudo, não o carreguemos com uma responsabilidade, de que está puro. O que publicou não é só da sua lavra, pegou d'um volume de Voltaire ou de Diderot e deu simplesmente crena a velhos doestos contra a Igreja; aprendeu com o primeiro a mostrar ao publico, n'uma gargalhada sarcastica, duas galerias de dentes enfrestados, e burla depois, nos bastidores, dos que lhe pagam ainda em cima o espectaculo. Não vamos por isso a innocental-o.

É feio e vil que para accrescentar mais alguns kilogrammas ao conteudo da bolsa, se macule a propria reputação, se desvirtue essa cousa tão seria e santa, como o é a fé do berço, se escandalise a nobre classe dos espiritos sensatos, e se arme um laço perigoso ás crenças das almas simples e incautas.

D'esses escriptos philosophicos, ou antes que a tal aspiram, podemos já agora descer á litteratura amena luso-brazileira, onde enferma gravemente o romance. Não é difficil anatomisal-o.

Ha o romance serio, instructivo, philosophico, moral, espiritualista, da tempera do *Promessi Sposi* de Manzoni, que nos transporta a uma atmosphera salubre, onde se respira um ar impregnado do oxygeneo; que photographa todo o lado bello, puro, e grande da humanidade. E ha o romance enervante, declinação insipida e interminavel d'*elles* e d'*ellas;* o romance bohemio ou cigano, composto pelo mancebo apaixonado, que como no *restaurante* de terceira classe, e morre ethico aos vinte e cinco annos; e o romance realista ou positivista, ainda peor que o precedente, sem ideal algum; condensado de todos os miasmas da lama, de todas as corrupções do esphacelo, e de todos os sarcasmos, e negociações do atheismo, sem outra esphera por conseguinte mais que a materia pura, só por uma ironia de mau gosto chamado *a alma nova.*

Mãos de neve como as da donzella, tenras ainda como as do adolescente, nunca deveram inquinar-se ao seu contacto impuro...

Esses livros não são escriptos para o publico; haviam de cahir da grade do prelo no carro de limpeza da cidade.

«Nós não inventamos — escrevia, não ha muito tempo, um novellista allemão — exhibimos apenas no romance o *cliché* da sociedade em que vivemos. Tanto

peor para ella se as feições são disformes.» Mas se os costumes d'essa sociedade são condemnaveis, como confessaes, e como taes não deveram subsistir, para que os reproduzis n'uma segunda edição quasi sempre mais correcta e augmentada? E se na sociedade em que viveis se encobrem tantos mysterios de iniquidade, desconhecidos d'alguns, para que lhes abris esse livro negro lardeado de todas as torpezas sociaes?

XV

IFFERENTISMO RELIGIOSO

XV

INDIFFERENTISMO RELIGIOSO

Por qualquer aspecto que o considere o espirito de: preoccupado, sempre se lhe antolhará como um erı monstruoso.

Fulmina-o a philosophia, e o bom senso. Não ol stante, o indifferente ousa invocar a philosophia e: seu auxilio, estribar-se n'ella para desdenhar toda crença, e para mostrar que é em nome de uma r zão mais elevada, mais desenvolvida, e luminosa qı a vulgar, que elle dá de barato o haver verdades rı veladas, ou não haver; e encastella-se sobranceiı n'uma neutralidade systematica.

Mas a philosophia, que o indifferente pretende to: nar cumplice do seu despreso religioso, levanta-: contra elle para pulverisal-o sob o peso da sua logic inflexivel.

A religião, afóra ser um complexo de deveres affectos para com Deus, é outrosim a revelaçã d'uma serie de verdades relativas ao mesmo Deu: á humanidade, á vida presente, e d'além-tumulo, ac verdadeiros bens e aos verdadeiros males temporae e eternos. Que significa para logo o indifferentism religioso, senão o sêl-o sobre as verdades mais el vadas e momentosas que possam constituir o obj cto do estudo, e das meditações do homem? Oı sendo essencialmente a philosophia, a sciencia da a piração ingenita e invencivel da intelligencia para verdade, e ensinando-nos a discernir por um exam analytico, a excellencia relativa das verdades cogno civeis, não póde deixar de reprovar altamente a i differença systematica pelas de uma ordem mais s

bida, e que mais de raiz prendem com a natureza, e destinos eternos do homem.

Não é só, porém, aos olhos d'uma sã philosophia que a indifferença religiosa repugna, repugna por igual ao mais simples e elementar senso commum.

Não é mister ser sabio, nem profundo pensador para comprehender, que não ha ser indifferente sobre uma cousa da qual depende algum interesse avultado para o proprio individuo.

Que juizo formar d'um soldado indifferente sobre um feito d'armas do qual depende todo o exito d'uma campanha? que juizo formar d'um principe indifferente sobre um acontecimento que póde firmal-o solidamente no throno, ou apeal-o da sua dignidade real? que conceito fazer d'um enfermo indifferente em tomar um medicamento capaz de salval-o, ou um veneno enérgico que dentro de cinco minutos lhe distilla em todos os vasos da vida a peçonha da morte?

Toda a gente responderá á primeira vista que taes entes sahem do trilho da natureza humana, e pertencem a uma especie de nescios ou de dementes ainda não classificados.

Prosigamos: que idéa conceber d'um homem para quem o sim e o não são da mesma côr, tem o mesmo valor, e as mesmas consequencias? em quem os extremos mais contradictorios se harmonisam e se dão as mãos? e por tanto para quem tanto monta o Deus uno e simplissimo do Genesis e do Evangelho, como o Vichnu de Zoroastro, ou o ignobil polytheismo do

selvagem oceanico? que manifesta uma igual sympa
thia pelos preceitos sublimes da moral christã, e pe
los principios degradantes da religião brahmanica
que entra com o mesmo espirito no templo august
do Deus vivo e na nua e fria mesquita mourisca
que lê com o mesmo apreço o alcorão eivado de my
thos e avejões abjectos, e os Evangelhos dos Aposto
los, que tranziam de assombro o proprio Rousseau
que nivela sob a mesma fieira, e afere pela mesm
bitola essa instituição prodigiosa da Igreja catholica
estabelecida pelo Christo sobre a pedra, e essa re
forma impia do seculo XVI, mesclada de sensualismo
de fatalismo, e racionalismo, parto dos cerebros en
fermos de Luthero, Calvino, Melanchton, Zuingle
Não será isto um crime não menos da vontade, qu
da intelligencia, cujo fundo não ha sondar?

Fosse embora incerto tudo quanto se apregc
ácerca da religião, o homem de bom senso devei
fazer, e desejar que se fizessem a tal respeito inve
tigações minuciosas, diligentes, profundas, aturada
até se chegar, quanto possivel, á completa acqui
ção da verdade. Logo, o desdem reflectido por um
religião, que não só não assenta sobre o terreno m
vediço da duvida, mas está firmada sobre a roch
inabalavel da certeza absoluta, é um desconcert
uma extravagancia, uma alienação espantosa e tr
menda, para a qual não achava um nome adequa
o famoso author das *Provinciaes* e dos *Pensament*

De feito, uma religião cuja authoridade remonta
primeiro dia dos tempos, cujo principal Apostolo

o homem typo (que permanecerá eternamente acima da altura da humanidade, segundo a confissão dos mesmos impios desde Celso até Renan e Havet), cujas testemunhas se deixaram degolar pela verdade do seu depoimento, como nota Paschal, cuja historia, e codigo é um livro que se intitula a Biblia ou o *Livro;* cuja doutrina é pureza, abnegação, e amor, cujos caracteres dominantes são entre outros, a unidade e a santidade, cujos membros se contam duzentas vezes por milhões; cujos apologistas teem sido os principes da intelligencia, e do saber em todos os seculos, Tertulliano, Origenes, Lactancio, Agostinho, Jeronymo, Ambrosio, Gregorio Magno, Lanfranc, Pedro Damião, Hincmar, Beda, Alberto o grande, Haller, Thomaz d'Aquino em quem todos os precedentes se resumem e aquilatam, Bacon, Newton, Descartes, Bossuet, Fenelon, Bourdaloue, Lacordaire, Felix, Rosmini, Ventura, Balmes, Donoso Cortes, Vieira, José Agostinho de Macedo, etc. etc.; uma tal religião, digo, teme tão pouco o nescio sobrecenho dos indifferentes, como o insulto dos incredulos, e deixa traz si a certeza facticia de todos os systemas humanos.

Soldando o argumento que sufficientemente desenvolvemos, segue-se que o indifferente em materia religiosa é condemnado tanto pela sã philosophia, como pelo simples senso commum.

Mais. No indifferentismo esconde-se uma negação total do christianismo, e não hesito affirmar, que sob elle se acoberta um verdadeiro atheismo pratico.

Quem crê que todas as religiões são boas, não

póde crêr que haja uma revelação superior, por is
que a revelação, partindo de Deus, centro suprem
de toda a verdade, não póde ensinar cousas entre
contradictorias: ou se o crê, por força ha-de pens
que pouco ou nada importa conhecel-a, e muito m
nos adherir a ella, aliás já não seria indifferent
Para affirmar que tanto monta professar este cor
aquelle credo, abraçar este como aquelle culto,
força estar na convicção de que ou Jesus Christo n
injungiu preceitos alguns á humanidade, ou que
seus preceitos não impõem liame algum de submissã

D'esta attitude indifferente ao atheismo pratic
só vae um passo de creança.

Quem entende que todos os cultos são por igu
legitimos, santos, e adoptaveis, não está nem pó
estar convicto da preexcellencia de nenhum d'ell
em particular, nem por tanto affeiçoar-se definitiv
mente a nenhum, e ainda menos triumphar dos o
staculos, e difficuldades que se topam na sua pratic

Poderão jámais uma intelligencia sem convicçã
e um coração sem affecto, submetter a um cul
qualquer paixões infrenes, instinctos violentos, int
resses seductores? Deixamos a interrogação suspen
sobre a cabeça do indifferente.

Agora, porém, amigo leitor, soffre que te esbo
n'algumas pinceladas rapidas e salientes, o per
exacto d'aquelle ente excentrico, a fim de que saib
mos onde se aninha de ordinario, para evital-o di
cretamente, e não succeda que te furte as voltas,
te emmaranhe nas suas cavillações capciosas.

Recordo-me de ter lido em tempo em Secondo Franco, escriptor orthodoxo italiano e contemporaneo, um retrato fidelissimo do tal indifferente; achei-o delicioso, e se a reminiscencia me não engana, não ha-de andar muito por longe dos contornos com que ensaio traçar-t'o agora.

O indifferentista é aquelle que sob pretexto de espirito philosophico, e de caracter tolerante, faz tanto caso do catholicismo como do protestantismo, do judaismo, ou do budhismo, e ostenta um igual respeito para com o christão, o fetiche, e o mulsumano, lamentando do alto de sua hombridade o exclusivismo intransigente dos catholicos que não dão agasalho a todos os systemas religiosos, desde o catholicismo até á negação de toda a crença, ou o atheismo.

O indifferentista é um certo individuo que não se astringe, por via de regra, a pratica alguma de culto, ou só o faz por pura conveniencia, e preferindo sempre então uma certa parcimonia homœopathica, como mais commoda. Falla de religião com certos esgares e termos de respeito, se assim o requer a indole e as crenças das pessoas com quem priva, ou desembésta contra tudo quanto é superior á sua razão soberana, em se achando na companhia d'outros espiritos livres como elle. Sempre reserva uma sessão de vergalhadas contra a hypocrisia, de quem é inimigo irreconciliavel...

O indifferentista é aquelle que, a despeito da sua tolerancia systematica, nutre suas sympathias e aversões para com certas sociedades religiosas. É pena

realmente que nunca sejam para nós, e só para
protestantes, e incredulos. Não acha nada que pres
nos pobres catholicos, tudo pelo contrario lhe pare
ouro de vinte e quatro quilates nos paizes onde d
mina a reforma. Em a palestra descambando pa
este assumpto, eil-o em campo, a escachar a boc
até aos angulos, e a romper nas mais sinceras e
clamações: «na Allemanha! na Suissa! na Inglate
ra... oh na Inglaterra... hu! na Inglaterra! q
leis! que liberdade! que respeito nos templos, q
religião bem entendida!» Entre nós tudo é cisco
farrapos, na celeste Inglaterra permanecem em ac
as oito bemaventuranças evangelicas...

Chama celestes a todos os inimigos do catholicism
faz a vista grossa para as mais negras invectivas co
tra elle desfechadas, com tanto que o estylo em q
são proferidas, seja humoristico, ou bem engommad

Os indifferentes aninham-se em todos os paiz
que estão na *altura da epocha,* mas deparam-se-n
mais facilmente em certos sitios cujos ares lhes s
favoraveis.

Vêem-se em certas universidades modernas, tan
nas cadeiras dos professores como nos bancos d
estudantes. Vêem-se tambem nos lyceus nacionaes
em certos collegios, os quaes ou ensinam desasso
bradamente o indifferentismo, ou para grangearen
aura de meia duzia de discipulos mais *avançad*
lhes salpicam as apostillas com algumas pitadas
indifferença religiosa. Vêem-se, disse, e não de m
ravilha, nos bancos dos alumnos, especialmente

academias, que para tornarem patente o terem já despido as bragas da infancia credula e fanatica, eructam a pleno esophago baforadas de indifferentismo.

Repoltreiam-se não raro nas cadeiras dos deputados, e dos ministros, e reinam até ás vezes sobre o throno dos soberanos. A experiencia tem provado que a indifferença dá-se perfeitamente com os ares do paço, e que gosta de se aninhar entre as pregas da purpura real, e o protocollo dos diplomatas.

O indifferentismo é repetil que se dá muito melhor com a folha da imprensa, do que com a de qualquer planta. Nutre-se muito do periodico e do romance; lavra qual traça por entre um bello *in octavo* de philosophia, de physica, de direito natural, e até de medicina; e nas villas, aldeias e povoados ruraes onde o ar lhe não é tão accommodado, esconde-se entre a papelaça dos advogados, e até ás vezes debaixo da palmatoria do mestre de escóla.

Para que não fique nenhum recanto por vasculhar, e não deixar em branco nenhuma das informações que vos possam ser uteis, amigo leitor, ficai certo de que tambem a indifferença se aninha em certos individuos do sexo feminino. É caso mais phenomenal, mas não chimerico. Não sei se já alguma vez topaste uma d'essas senhoras alvas como pó d'arroz, mais aromaticas que uma loja de perfumista, rivalisando em altura com o nosso sexo, graças a uma verdadeira barricada de cabello vindo de França, que lhes corôa a cabeça; arrastando custosos e deslumbran-

tes córtes de sêda; afreguezadas ás *taes* edições de Miguel Levy e irmãos; donzellas levianas que para agradarem a algum chichisbeu entoado em espirito livre, ou para parecerem superiores ao resto da humanidade feminina, professam desencadernadamente a indifferença religiosa. Não sei, digo, se já alguma vez as topastes, mas afianço-vos eu que existem, sem ser mister perguntal-o a George Sand.

Ahi fica n'essas linhas o que é a infferença, o indifferente, e onde elle mora.

O que, porém, posso garantir-vos, e garantir-vos muito seriamente, é que ha um certo lugar, onde nunca se encontram indifferentes... Sabeis onde é? Eu vol-o digo de bom grado.

É no leito da morte.

Aviso aos da familia.

XVI

O CLARO-ESCURO DOS MYSTERIOS DA FÉ

XVI

O CLARO-ESCURO DOS MYSTERIOS DA FÉ

I

FACE OPACA

Certo, que a fé encerra mysterios, mysterios profundos, semelhantes a uma floresta cerrada, onde só a custo penetra um raio coado de sol.

O crente sincero submette-se a essas verdades propostas pelo orgão infallivel da Igreja, mas a sua razão sempre senhoril resente-se por vezes vivamente de se vêr despedida d'um exame para o qual é declarada incompetente; de fazer um papel pouco mais ou menos passivo, e de mera testemunha no fôra da

verdade, que é propriamente o seu, onde quizera (
rimir como juiz.

Se ha certos momentos raros e preciosos em q
os mysterios da revelação nos apparecem circum(
dos d'um esplendor semelhante ás proprias intuiç
da evidencia, como o que fazia exclamar á aguia
Meaux «eu já não creio, vejo», de ordinario u
nuvem sombria interpõe-se entre a realidade do m
terio, e a debil intelligencia do homem para eclipsa
e submettel-a perante as verdades d'um mundo s
perior.

Caminhamos resignados através das trevas
noite presente, dirigindo-nos para esse ponto lu
noso onde a fé nos diz que residem condensados (
foco eterno de luz, os raios partidos de verdade q
chegam até nós. Ás vezes, porém, irrompe da ra
altiva um clarão vivo e illusorio, que projecta
falso reflexo sobre essas trevas mysteriosas, pa
convencer-nos de que debaixo da crusta erriçada d
arcanos da revelação só existem paradoxos re
gnantes, inadmissiveis á luz da intelligencia.

São crises tempestuosas e instantaneas o mais (
vezes, de que triumpha o espirito profundame
crente; furacões mais ruidosos que hostis, que n
surtem abalar de ligeiro as raizes de uma fé robus
mas que nem por isso deixam de lhe sacudir a ran

Nem todos soffrem estes vendavaes intimos. O vul
na simpleza da sua fé não os conhece; crê por i
tincto e necessidade, e adita-o a sua crença. mas ta
bem não conhece essas transfigurações subitas e

cidas do mysterio reflectido no prisma d'uma razão desenvolvida.

A religião, pois, tem uma face escura, é innegavel. Vou mais adiante. Não só a tem, mas deve tel-a.

Porque?

Porque é proprio d'um ser infinito, que a sua essencia, natureza, e acção não possam ser attingidas por um ente limitado como o homem, e conseguintemente a formula pela qual essa essencia, natureza, e acção nos são reveladas, não póde deixar de encerrar uma verdade de tal transcendencia, que a colloca fóra do alcance natural da razão.

Porque ainda?

Porque sem a obscuridade do mysterio fôra totalmente nullo o merito da fé! De facto, se não houvera senão luz sem opacidade na religião, em que se tornára a crença que suppõe a submissão intellectual, o merito que suppõe o sacrificio, e a liberdade que suppõe o poder facultativo de abraçar a fé? A evidencia d'esta faria desapparecer o nobre exercicio da virtude, subjugando todas as duvidas, e reluctancias da alma perante o fulgor deslumbrante da verdade. A fé cessára de o ser.

É patente que esta submissão da mente ao que lhe não é dado descortinar, proporciona ao homem o mais subido merito, fornecendo-lhe a occasião do maior sacrificio com que possa honrar o Ser Supremo. Sopear o transitorio, na esperança d'uma recompensa invisivel, fiar ás cegas na palavra infallivel da Igreja, calar adorando o intangivel, é um sacrificio sublime

que implica uma serie de outros, mas nenhum l
tão digno da magestade suprema.

A julgar de feição, parece que o sacrificio (
ração seja o ultimo grau de heroismo que o h
possa alcançar; e ha com certeza heroismo en
rar os ouvidos á voz encantadora das paixõe
despedaçar por um motivo superior os affectos
intimos e deliciosos do coração, mas concebe
existe um heroismo ainda mais remontado; é
immolação da razão ao mysterio impenetravel (

É que n'ella vai a do *amor sui ipsius,* sentii
tão profundo, que é d'alguma sorte a alma da
alma.

O homem póde exigir d'outrem o sacrificio (
ração; ha privações penosas a que a patria te
reito da nossa parte, mas tamanha é a grande
immolação da intelligencia, que só um Deus pó
bastante grande para a exigir do homem, assim
só o homem n'este mundo é bastante grande p
victimar a Deus.

II

FACE LUMINOSA

Não é o mysterio por tal arte obscuro, qu
emitta alguma luz para os espiritos rectos, e cr

«Deus, diz excellentemente o profundo pen
Pascal, dá assás luz para que aquelles que a de
a achem, e deixa assás obscuridade para que o
a buscam a encontrem igualmente. Por outras

vras, ha bastantes trevas para cegar os impios, e bastante claridade para tornal-os inescusaveis; sufficiente luz para esclarecer os verdadeiros fieis, e sufficiente obscuridade para humilhal-os. A religião é como a nuvem, que conduzia os isrealitas pelo deserto; luminosa ou opaca, conforme o ponto de vista d'onde o observador se colloca para contemplal-a. O christão colloca-se do lado dos judeus, e vê um tanto claro; o incredulo colloca-se do lado dos epypcios, e só se lhe deparam trevas.»

A primeira luz que jorra do mysterio para o crente, é o principio da auctoridade de um Deus revelador. Embora o *como* das verdades sobrenaturaes que por elle lhe são communicadas, esteja por ora velado, basta-lhe a palavra infallivel d'um ente infinito sobre quem repugna essencialmente que tenham poder o erro e o dólo, porque d'elle partem e para elle convergem como para o seu fóco substancial todos os raios de verdade. Assim que, firmado na certeza inconcussa d'este principio, o crente submette-se de boa avença a dogmas que estão simplesmente *além* da sua razão divina, e não *áquem* da intellectualidade humana, no nada das repugnancias absolutas.

Além d'isto, não ha um só mysterio que não projecte um certo clarão mais ou menos lucido sobre o homem, sobre a sociedade, sobre os grandes problemas philosophicos, e religiosos, em que se teem debatido, d'ha trinta seculos, os espiritos mais privilegiados. É talvez em parte n'este sentido que Guizot diz nas suas *Meditações* que «no fundo de toda a

questão philosophica ha uma questão de th
gia. »

Não compondo um tratado, mas traçando són
algumas linhas rapidas sobre o mysterio, não
carei esses problemas aliás de tanto momento,
reflexo de cada um dos mysterios da fé, par
monstrar a luz superior que d'estes recebem.

D'entre todos escolherei um apenas, o do *pe*
original, tal qual é formulado pela Igreja.

A sua formula na parte que respeita ao meu
é a seguinte. Pela culpa do primeiro homem
lesado ou debilitado, e *não extincto* o seu livre
trio, e assim prejudicado foi transmittido do p
parente a toda a sua descendencia.

A despeito de toda a obscuridade d'esse do
é elle a unica solução possivel, logica, coherent
problema da natureza humana actual.

Dois systemas o rejeitaram, e pretenderam
frar, sem elle e contra elle, o enigma das co
dicções psychologicas em que perpetuamennte
ramos. Foram o pelagianismo e predestinaciani

O pelagianismo presumiu que o livre arbitri
transmittido á descendencia de Adão na sua perf
primitivo, estando no poder do homem triumpha
si, de si mesmo, independentemento do supplem
sobrenatural da graça divina.

O predestinacianismo, prescindindo do dogm
tholico, adoptou o systema opposto ao preceden
sustentou que não só a liberdade humana fôra le
no seu ser primordial, mas completamente exti

e rejeita a possibilidade da rehabilitação humana, mesmo mediante um auxilio sobrenatural.

Por tanto o pelagianismo inspira ao homem o sentimento nocivo de um orgulho desmedido, e o systema predestinaciano rouba-lhe toda a coragem e energia para o bem. O primeiro eleva-o a uma presumpção illusoria e proterva, para despenhal-o logo depois no abysmo d'uma deploravel realidade, o segundo abate-o a um desespero desolador, e atufa-o, por um desenlace inevitavel, no tremedal hediondo de todos os instinctos torpes.

Ambos são impios; o primeiro sustentando que Deus possa ter creado uma vontade impotente para o bem, o segundo admittindo que o Ser Supremo possa impôr uma lei inflexivel a uma liberdade morta.

O mysterio catholica na sua formula concisa, e divinamente luminosa, concilia por um theor admiravel esses dois extremos oppostos, corrigindo-os um pelo outro. O livre arbitrio nem permaneceu são e intacto como o era antes do crime original, nem foi destruido, ficou apenas debilitado para o bem, mas capaz de realisal-o, mediante o supplemento d'um supplemento d'um auxilio sobrenatural. D'est'arte se harmonisam as contradicções apparentes da natureza racional; a presumpção é substituida pela humildade christã, e o desespero pela confiança.

Os espiritos que repudiam a solução do mysterio, cahem em outros ainda mais profundos, e abraçam as trevas sem luz da mentira, pelo *claro-escuro* dos dogmas catholicos.

Façamos por um pouco abstracção da discussão, terroguemos a experiencia.

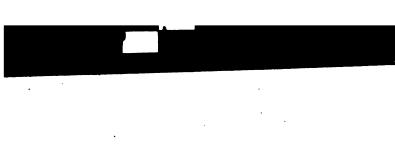
Estamos em face de dois mundos, o mundo cre e o mundo racionalista. Qual tem respondido ás q tões formuladas na ordem da intelligencia, e en drado a certeza, os grandes pensamentos, as theo elevadas, os generosos impulsos, a paz e serenid que acompanham a posse sentida da verdade? (tem produzido os paradoxos, as extravagancias dislates... philosophicos, as chimeras? Qual tem necido á sociedade talentos mais bem organisa genios mais sublimes, obras mais cunhadas co sello indelevel da immortalidade? Que producto espirito humano poderão comparar-se com a *Ci de Deus* de Santo Agostinho, com a *Summa theolo* de S. Thomaz, com a *Razão catholica* de Ventu E os authores d'essas obras immorredouras eran telligencias que se submettiam aos mysterios; n'elles se inspiravam; a quem os principios da longe de serem uma pêa, e uma barreira, eram sola que os dirigia seguramente através das sy da duvida, e do erro.

Mas eram genios christãos, que depois de te despedaçado os laços que os comprimiam, de te pairado, como aguias do pensamento, acima de o universo creado, e de se haverem remontad regiões puras do infinito, para ahi contemplare verdade na propria verdade, sabiam suspender tivez do seu vôo, baixar até ao rés do simples beu, logo que o mysterio vinha toldar as intui

da sua mente transportada, para aniquilarem-se perante o incomprehensivel, adorar em silencio, e envolverem-se com o commum dos crentes nas sombras ephemeras da terra.

Em qual das sociedades se encontram os costumes puros, os caracteres nobres, as virtudes generosas, as almas fortes? Na que crê nos mysterios, e só n'ella. O padre que expira na Cochinchina, no pantano d'uma prisão horrivel, e a irmã da caridade que laqueia a perna amputada do soldado, no meio das balas inimigas, não sahiram até agora senão da sociedade que crê. A magnanimidade da classe incredula é o mais das vezes magnanimidade de papel e tinta. Não ha grandeza de coração sem a fé no invisivel; o incomprehensivel nas crenças, é o heroismo nas almas.

NOTA. Não sejamos todavia parciaes, nem injustos. A sociedade que repudia a crença no mysterio, e abdica toda a fé, tambem edita obras de utilidade publica. Veja-se a *Philosophia* de Hegel, em que o « sim » e o « não » são chamados identicos, a de Taine, em que a liberdade humana é considerada como um producto « semelhante ao assucar ou ao oleo de vitriolo », etc.

Tambem esses senhores conhecem as grandes dedicações da caridade. Por exemplo: Dão banhos... de petroleo em Alcoy, hospedam de graça na prisão Roquette de Paris, como pela communa, mostram uma sympathia decidida pela... bolsa alheia, etc.

XVII

O PADRE

XVII

O PADRE

Ha um homem, que um dia se prostrou sobre o pavimento do templo abaixo da humanidade inteira, sob a mão do summo sacerdote; e que um momento depois se levantou maior do que todos os principes do povo, do que todos os potentados da terra, e do que os anjos do céo.

Ha um homem que aos vinte e cinco annos de idade foi investido do mais sublime e tremendo caracter, que possam supportar hombros humanos, podessem elles embora sustentar a molle immensa do universo.

Ha um homem sem pae, nem mãe, nem irmãos, nem parentes, nem domicilio, nem thesouro, nem herança, nem patria, como Melchisedech; porque a sua familia é a grande familia christã, porque o seu do-

micilio é a cabeceira do enfermo, o tugurio do j
bre, e o templo do Deus vivo, porque o seu thesoı
está nas mãos mirradas do mendigo, porque a :
herança é Jehovah, porque a sua patria é a hum:
dade.

Constituido pelo seu ministerio tutor nato de
dos os filhos dos homens, a sua auspiciosa influ
cia e acção estendem-se desde as mantilhas festiv
do berço até ao crepe luctuoso do catafalco e á v:
da sepultura: a sua mão ungida entorna uma g
de agua sobre a fronte da criança, e faz d'ella
filho de Deus; seus labios mysteriosos murmuı
uma ultima prece sobre o grabato do moribun
e fazem d'um espolio da morte um inquilino do
raiso.

Só a elle é dado subir a uma cadeira, cham:
por excellencia *da verdade,* e lançar ao seio das m
tidões apinhoadas em de redor de si, uma pala
franca, independente, ousada, incisiva, que o mu
não perdoaria aos labios authorisados d'um velh
despeito da sua sciencia profunda, e da corôa ve
randa das suas cãs, mas que perdôa aos labios d
homem que mal sahe da juventude, porque essa
lavra chama-se, e é — *a palavra de Deus!*

Postado por mão invisivel e benefica, nas front
ras de dous mundos, a sua acção providencial é co
sagrada a lançar sobre o abysmo da justiça vingadoı
a ponte mysteriosa de insondaveis misericordias.

Personificação embora descorada, mas real do Verl
feito carne, só elle tem o singular privilegio de atr:

vessar a vida, ceifando á direita bençãos inextinguiveis nos campos ubertosos da Igreja, para espargil-as sobre a humanidade soffredora; e á esquerda sinistras e aleivosas invectivas nas conjurações das trevas, para curtil-as comsigo na solidão profunda do presbyterio.

Ha um homem, que sem ruido, nem outro apparato mais que o de uma estola, desce do santuario, aonde só elle tem ingresso, dirige-se a um recanto isolado da Igreja, para entaipar-se entre quatro taboas singelas, e depois d'um curto dialogo secreto e paternal com um pobre peccador ajoelhado a seus pés, ergue a mão em signal de authoridade, articula em seu proprio nome uma sentença judicial, que tem a prodigiosa prerogativa de produzir instantaneamente o que significa, e transforma um criminoso n'um justo, ao passo que os anjos do Senhor inauguram em suas harpas de ouro mais um triumpho de graça.

E o que abysma em assombro os proprios céos, ha um homem que sobe todos os dias ao logar mais sagrado que possa pisar um pé humano; que se encurva respeitoso sobre a ara da sacrificio incruento, e no silencio e aniquilação da assembléa christã, pronuncia á puridade cinco palavras que teem o poder incrivel de gerar sobre o altar um Deus! De attrahir infallivelmente do seio do infinito ás suas mãos indignas, e a este atomo do espaço, chamado a terra, a santidade absoluta!... E victíma á Magestade Suprema uma hostia cujo sangue cobre este mundo de indiziveis miserias, para tornal-o um objecto de ternura aos olhos do Amor increado.

E a immensa familia catholica acerca-se d'este ente unico, e das suas mãos communga a verdade e a vida!...

Quem é, porém, elle? Já ha muito que o comprehendestes, orthodoxo leitor; é o *Padre.*

É elle, apesar de todos, e dos mais negros escuros que lhe ensombrem a vida, e que não lhe podem escurentar o *caracter impresso* nem o *poder delegado.*

Definil-o é difficil, porque definil-o é estremar os limites da sua entidade; e como demarcar um ente, que sahido do nada se perde no mysterioso e no incommensuravel onde se operam as acções divinas?

Não vem de si, porque do pó foi feito padre.

Não é de si, sendo, como é, o servo de todos.

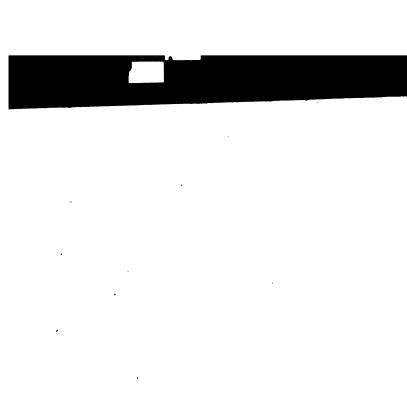
Não é para si, porque a sua existencia pertence á gloria de Deus, e ao ministerio da Igreja.

Não é elle, porque é o anjo medianeiro entre o céo e a terra.

Que é pois?

Menos que ninguem, e mais que todos!

XVIII

LIQUIDAÇÃO DE CONTAS

XVIII

LIQUIDAÇÃO DE CONTAS

AINDA ELLE

I

Espera talvez algum leitor que eu, que acabo de esboçar o perfil do sacerdote, tal qual o fez a mão omnipotente de Jesus Christo, de sobrepensado esconda o perfil do padre, tal qual o teem feito, e o fazem muitas vezes os seus vicios, e as suas ignominias.

Longe de mim violentar por tal arte a justiça e a verdade, muito mais em assumpto em que fôra inutil por sobejamente conhecido, e por isso mesmo indecoroso, o dissimulal-a.

Não é que eu mutilasse, ou favorecesse feições em si deformes, para exhibir um retrato a capricho, me-

ramente ideal, tão insinuante, quanto contrasta
realidade.

Nenhum esforço de sceleratez, parta elle
do proprio levita, póde apagar como deixei di
caracter augusto, sublime, e indelevel que o
lhe imprimiu na fronte, e perante o qual a
mesmo armada de todo o seu poder coerci
reconhece impotente.

A face divina do padre está acima de t
sombras que sobre ella possa projectar a s
humana. Devêra, esta, porém, reflectir a p
sobre todos os pontos da sua superficie...
digo, e aqui a turma hostil ao clero levanta-se
phante, como um só homem, para interpellar
Não lhe estranharei demasiado a interpella
linhas exaradas no capitulo anterior natural
suscitavam, nem cuidei de evital-a.

Pouparei, porém, o trabalho a esses zelos
rinhos da honestidade da nossa classe. For
eu proprio a devassa do processo, e buscarei
resposta independente, sim, mas circumspect
ventura um tanto mais desapaixonada do qu
riam certos malsins gravemente affectados d
vel diagnostico da clerophagia.

II

Estará acaso o padre na altura da sua dig
da sua missão santificadora?

Não: porque tal não é possivel, fosse elle

pirito sem corpo, ou tivesse embora os apices da pureza supereminente da Virgem Maria, porque a sua vocação e potencia transcendem a esphera mesmo possivel da dignidade humana.

Mas cura ao menos o padre de alliar a essa vocação tão santa quão tremenda, uma vida sem macula?

Podéra responder affirmativamente, se me referisse á generalidade de um certo clero estrangeiro, como o francez, o belga, o allemão, o irlandez, o polaco, etc. A mesma impiedade forasteira rende preito á exemplaridade dos seus costumes, e a explosão formidavel que produz no ambiente social o mais leve escandalo d'esse clero, demonstra a exiguidade do seu numero. Será conveniente que tomem nota d'este facto aliás constante, os que não se pejam de englobar na mesma sentença condemnatoria todos os membros do corpo ecclesiastico de todos os paizes. Mas abstrahirei d'essa face da questão, para me circumscrever ao sacerdocio portuguez.

A resposta será mais frisante, porque responderá mais directamente ao sentido do inquerito, tal qual o faria um certo publico.

III

Por sem duvida, que não é força transpôr as raias da peninsula, nem mesmo a elevada serra de Culebra nas estremas de Portugal, para encontrar o padre-typo, cujo moral é o evangelho em acção, cujos

labios nunca inquinados só estilam palavras de vida. Verdade seja que não embocam a tuba pharisaica para inculcar virtudes, que só aspiram a ser conhecidas por Deus. Como o humilde arroio fertilisa os campos por onde serpeja, sem grande murmurio, e pedindo até ás vezes ao salgueiral visinho o docel da sua espessa folhagem, que o esconda á vista dos homens, taes são elles.

De resto, não espanta que os não conheçam os que só teem para com esses homens uma relação de entranhavel despeito, nem que descreiam da sua virtude os que a enterraram para sempre nos remorsos da sua propria consciencia.

Mas é certo que o sacerdote que sabe ter a insigne coragem de arrostar com o proprio nome, o mais nobre, mas o mais pesado, e o mais responsavel de todos, não constitue entre nós a maxima porção da sua classe, antes o pequeno numero d'ella; não nego, que o embuste nunca aproveitou á verdade. Deus sabe, porém, com que pungente magoa a minha penna escreve estas linhas!

Sim, o santuario encerra paixões mesquinhas, defecções deploraveis, vis indignidades, escandalos graves. A corôa sacerdotal nem sempre é a aureola gloriosa que consagra a pureza do que a traz, senão mais vezes ainda o clarão sinistro que redobra o horror das trevas d'iniquidade, em que se abysmou a alma do padre.

Póde o leitor marginar a esta confissão todas as expressões que lhe inspirar o seu justo resentimento.

que a ellas subscreverei, emquanto me parecer tal o seu motivo.

Oxalá, porém, que a linguagem dos que tão alto conclamam contra esses desconcertos, nasça do principio d'uma compaixão genuina, e d'uma dôr intima pelos desvarios d'uma classe que respeitam, e que desejariam vêr exalçada até á altura da sua missão divina; e não seja antes o plano mal disfarçado de um grupo numeroso de individuos que buscam recrudescer as ulceras que cobrem o corpo clerical para as tornar mais repellentes ainda aos olhos da plebe, ou a exasperação pretextada dos que quizeram envolver, se podessem, a causa da extincção radical do clero (em quanto exerce o ministerio d'uma religião que repudiam, ou só admittem a seu talante) na causa da sua desmoralisação parcial.

IV

Aceitemos em todo o caso o facto, com a restricção todavia de que na nova geração ecclesiastica já se nota mais sentimento do proprio caracter e dignidade, mais instrucção, e mais zelo no cumprimento dos seus deveres do que no que nos legou o principio d'este seculo. Penso que devemos attribuil-o a um certo começo de melhor organisação sientifica e moral e religiosa que teem soffrido alguns seminarios do reino, e ao contagio favoravel de uma reacção catholica assás pronunciada que se vai operando no nosso paiz, além da propagação de boas obras ecclesiasticas, vertidas do francez e allemão.

Aceitemos, pois, o facto, disse eu, mas expliqu mol-o convenientemente.

A solução não sorrirá talvez muito aos nossos quisidores, mas cumpre recordar que nem só el são nossos crédores, tambem nós o somos d'elles bem poderiamos reclamar com toda a justiça o gamento da sua divida, porque teem sido até ag insolventes. Venhamos ás boas, e entremos n'u pequena liquidação de contas sem calor nem d avenças. O calor excessivo não serve nem par thermometro, que só á sombra marca o grau exa da temperatura.

Comecemos por uma observação frivola, e dente ás mãos cheias, mas constantemente olvida

O padre é homem nem pode deixar de o ser por tanto de ser fraco, sem abdicar a sua natur Ou por outra, o padre foi feito do barro mais q bradiço que existe, do barro humano, n'um mo já meio partido, como o foram todos os descend tes de Eva. Para descer tem todas as molas natur a ajudal-o, para subir tem de pedir emprestada Deus a alavanca sobrenatural da sua graça, e combinar com ella a sua propria acção tão precar Havendo a mais leve deslocação d'esta ultima for concertada com a primeira, cessa todo o movimen da ascenção.

Para permanecer de pé, invulneravel, não obstan todas as luctas, por vezes heroicas, que tem a trav com mil elementos de mal, com mil agentes de rui é mister levar vida perpetuamente *sobrehumana*. I

é, que todos os dias e a todos os instantes triumphe das leis da gravidade, que o fazem tender para a terra, e para o ceno. É essa a sua attitude sem metaphoras, nem encarecimentos. Um bom padre, dizia um que o era em todo o rigor do termo, é a cupula de S. Pedro sustentando-se nos ares, sem o apoio das suas columnas, o que equivale a dizer, um bom padre é um milagre vivo, que só não produz profundo assombro, por não ser nada ordinaria nos outros homens a violencia magnanima que elle tem de impôr-se a si mesmo, para attingir esse resultado supremo.

Pouca virtude é necessaria a um ministro de Luthero para realisar o ideal perfeito do seu *santo* instituidor. O seu ministerio limita-se a lêr, explicar, e vender a Biblia; o restante do tempo escôa-se-lhe, metade entre os carinhos da mulher, e a preoccupação dos filhos, e a outra metade em fazer do seu palacio (que o é, nem póde deixar de o ser com uma subvenção annual de mais de 250 libras esterlinas, depuradas no alambique da secularisação dos bens do clero regular) um lindo museu de pintura, de archeologia, de historia natural, etc. (monomania ingleza). Um ministro protestante obedece á lei dos graves, que o attrahe á vida dos sentidos; é um homem *conjungivel* como outro qualquer, um *papá* legal; um padre catholico não póde despedaçar as nobres cadeias que o amarram ao celibato; deve participar por virtude da natureza do fluido, que despreza a terra, e se perde no espaço que é o seu centro.

Essa lei é a pertença exclusiva da religião catholica; a continencia clerical é a mais explendida flôr do jardim da egreja. Definha n'alguns torrões mais safaros, mas viça alterosa em muitos outros. Tem produzido doze milhões de santos, ao passo que o protestantismo não póde inscrever ainda um só nos nos seus fastos em branco, e recruta missionarios sem familia, para a Patagonia, e para as Philippinas, em quanto que o ministro de Luthero, assentado cerca d'um delicioso brazeiro, atiça o fogo meio adormecido, para requentar os membros aos louros *children*, que lhe brincam entre os joelhos.

Mas posto o facto da lei da continencia absoluta imposta ao clero, que prodigioso espanto póde causar que o padre por vezes tropece na ladeira escabrosissima, e que até não raro, esfalfado de subir, e subir sempre, se abandone á declividade do plano inclinado para só parar no fundo do medonho abysmo? É doloroso com certeza, é triste; com tudo, um semelhante estado parece-me mais digno de dó, que da aversão, e da sanha de homens, comnosco ligados pelas frageis cadeias de Adão, e que em si mesmos podem encontrar o echo dos nossos proprios crimes.

Pergunto eu a todos aquelles que tanto malsinam e tanto flagellam os nossos desmandos, se elles sabem conservar-se sempre na altura do esposo fiel, do pai zeloso, do empregado integro, do cidadão conspicuo?

Como é concebivel que o homem, que cem vezes

por uma trahe a esposa, que recebeu perante os altares o juramento de sua indeclinavel fidelidade, ouse lançar a pedra ao sacerdote, porque tem a desdita de imital-o, perjurando o voto feito á esposa Immaculada do Christo?

Como tolerar resignadamente que o cidadão atado por uma serie de ignominias ao poste da opinião publica, se não corra de abrir a bocca, ou de pegar na penna para lançar-nos em rosto o parecer-nos com elle um dia, e o prender-nos á sua situação, pelo mesmo lado pelo qual a sociedade o votou a um profundo desprezo?

Descendo por esta escada até aos escandalos menos ostensivos, quantas interrogações não podera eu ainda fazer?

Devagar, censores impiedosos! Vós bebeis a largos tragos á torrente envenenada, e vociferaes a pleno pulmão, quando uma lei inferior nos faz suspender outra lei superior, que nos tantalisa?

Vós multiplicaes em torno de nós as seducções, as ciladas, os abysmos, pelo theatro impudico, pela novella desbragada, pelo jornal lazarento (a folha onde medram mais vermes impuros), pelo deslumbramento das modas, por mil e um confortos materiaes, pela accumulação dos bordeis, pela propagação de doutrinas mais e mais subversivas, e desoladoras; e indignaes-vos, quando n'esse redemoinhar de tantos chamarizes armados á nossa fragilidade, a vertigem, e o desfallecimento do combate nos fazem cahir aos vossos pés? Propagaes com phrenetico ardor as ros-

cas da serpente, e tomaes-vos de colera contra n
se não encontraes em cada victima mais que um I
coonte, que saiba despedaçal-as, e arrojal-as p
longe de si?

Não é que eu pretenda tornar a sociedade civi
habeas corpus dos crimes, que possam condem
muitos talvez d'entre nós ao pelourinho da infa
publica, nem justificar aberrações que reprovo no f
da minha consciencia, mais sinceramente do que aq
les que d'envolta com ellas profligam as manife
ções da virtude sacerdotal, que só deveram res
tar...

O padre que chega a esquecer completamente,
tresvario de ignobeis paixões, a santidade do seu
racter, e a alta responsabilidade da sua missão,
tem o direito de queixar-se de que se cumpra n
o arresto lavrado por Jesus Christo no Evangelho
conculcetur ab hominibus.

O julgamento que o condemna, não é mais do q
a equação dos dados sinistros por elle mesmo for
cidos; e, certo, o julgamento da opinião recta e
clarecida é tão necessario para o estado, como pa
a Igreja.

Haja pleno dia, luz clarissima para todos. Não s
eu que goste da penumbra, a não ser d'aquella q
o cypreste fórma sobre a lousa dos mortos. Não s
eu que opte pelos *seguros* de reputação para pess
ou classe alguma; a corrupção é amiga da seguran
e da impunidade. Capua não presta para ningue
nem para Annibal, nem... para o padre.

Mas o veredicto d'uma certa opinião publica fôra sem duvida menos absoluto, mais comedido, e muito mais racional sobre tudo, se diluido d'ante-mão nas reflexões acima expostas.

Se os seus protestos energicos só apontam a promover a nossa rehabilitação, não comprehendo porque motivo trajam tão a miudo a libré hedionda da injuria, e do sarcasmo alvar. A persuasão não podéra escolher peor processo.

Se em vez de se hostilisar cega, e improficuamente uma sociedade d'homens capazes de offerecer ao paiz um futuro magnifico, porque conta incontestaveis talentos, e corações generosos, se remontasse á causa, ou causas que tem produzido a sua actual decadencia, póde ser que as settas que contra ella se desfecham, fossem cravar-se n'aquelles mesmos que as disparam.

Um padre não se levanta dos pés do bispo que o ordena, transfigurado, e apparelhado *in promptu* para arcar invulneravel com os formidaveis inimigos que o esperam, como Minerva sahiu armada de ponto em branco do cerebro de Jupiter; carece d'um tirocinio anterior.

A sociedade quer-nos moralisados e instruidos, e tem perfeitamente razão. N'uma época aliás em que ella não vê no ministro de Deus mais que um funccionario do estado, a sciencia e a virtude são o nosso unico prestigio.

Mas é precisamente á sociedade que compete proporcionar-nos os elementos indispensaveis para obter

esse resultado final. A moralidade e a sciencia e
siastica bebem-se nos seminarios diocesanos, ins
ção admiravel creada pelo genio da Igreja par
o centro educador onde recebessem a direcção
ciação convenientes os candidatos ao estado cle

Ora quantos, e que seminarios temos tido até
em Portugal?

Desde quando principiaram a funccionar reg
mente?

Qual a verba affectada á sua condigna man
ção?

Que medidas tem sido adoptadas para inocul
pessoal dos seus alumnos esse espirito profundam
religioso, essas virtudes pronunciadamente sace
taes, que são a unica esperança de preserva
que o padre trará para o meio do seculo?

Transmittir o que se não tem nem se conhec
contradictorio; penso que o principio poderá pa
franco de porte. A sociedade nega a posse da scie
e nomeadamente da virtude ao nosso clero, e
tanto a possibilidade de que aquelle as communi

Mas para que preferiu a sociedade a pessima
lução do nó gordio á previdente conservação m
ficada por uma acertada reforma, relativament
ordens religiosas? É certo que ellas continham
mentos preciosos, capazes de prestar relevantissi
serviços á patria, e á Igreja lusitana, uma vez po
em acção pela alavanca de uma nova direcção
claustro cria uma sociedade vinculada á estabilid
pelo elo da obediencia, e uma tal sociedade é s

pre um enorme recurso para a communidade civil; assim que, as ordens religiosas podiam ter sido para o estado como foram por muito tempo uma verdadeira e melhor «caixa economica», do que o é, no sentir de um grande escriptor portuguez, a emigração para o Brazil (que lembra um pouco a capa do propheta, que cobre os hombros de Eliseo, deixando nú a Elias).

Para que se levanta a imprensa, hydropica de patriotismos mal cabidos, e de recriminações aleivosas, quando a authoridade ecclesiastica tenta supprir a deficiencia do clero nacional, importando para os seus seminarios respeitaveis membros do clero regular e secular estrangeiro, onde a educação ecclesiastica é consideravelmente mais curada, por que é mais independente? Porque se lançam aos pulsos do prelado algemas odiosas, que embaraçam a sua acção governativa?

D'aqui a lacuna subsistente entre o programma actual da maior parte dos nossos seminarios, e o ideal do que seriam, se mudassem as condições da sua gerencia, sobretudo moral.

Quando forem lealmente invocadas no jury da opinião publica todas estas *peças de processo*, talvez que os que se entonam improvisadamente em nossos accusadores, occupem mais dignamente do que nós o banco dos réos.

Não sei se me tendes lido até esta derradeira pagina, amigo leitor. Não foi feito para a maior parte de vós o capitulo que termino sem saudade.

Perdoai á minha penna portugueza a linguagem franca e um tanto vehemente em que foi escripto.

Vós, porém, que me conversastes por algumas horas no recinto do *Presbyterio* e me ouvistes tão generosamente até agora, não podeis ser hostis á nossa classe.

O padre é vosso irmão, bem sabeis; é filho do mesmo solo que vos vio nascer, mais do que isso, prende pelo sangue ás vossas proprias familias.

Ufana-se comvosco das mesmas glorias tradicionaes, cobre-o a mesma bandeira, ama como vós a liberdade (de sangue puro), o progresso (que progride), a luz, a tolerancia, e só ambiciona que haja na esphera d'esta bastante ambito para não o excluir a elle.

Crê na sua total rehabilitação como crê em Deus, e no seu paiz; sabe que não conseguirá jámais a confiança, e a adhesão dos inimigos do Christo e da sua Igreja, mas sabe outrosim que as gerações catholicas não cessarão até á consummação dos tempos de lançar-se nos braços d'esse homem, que Deus tornou o intermediario das suas bençãos, e tanto lhe basta para consolal-o n'este mundo, em que até a alegria traz lagrimas nos olhos.

———

XIX

UMA VISITA A MENENDEZ PELAYO

XIX

UMA VISITA A MENENDEZ PELAYO

Ninguem ha em Portugal mais ou menos versado nas lettras, que ignore o nome d'esta gloria da visinha Hespanha.

Tivemos ultimamente a honra de a possuir, por alguns dias, na nossa capital.

O peregrino talento, o encyclopedico rapaz de vinte e cinco annos, o notavel conhecedor das litteraturas antigas e modernas e insigne mestre da sua, o habil traductor do theatro grego de Eschilo, o eminente professor de Historia cuja sciencia precoce determinou o governo hespanhol a expungir pela primeira vez uma das suas pragmaticas antiquissimas para admittil-o, tão joven, no gremio dos professores da Sobbona matritense e que, apesar d'isso, e mais do que tudo isso, é um — catholico intemerato —, Marcelino Menendez Pelayo, esteve ha muito poucos dias

rado. Póde ser que me engane, mas penso que aqu
joven de vinte e cinco annos goza de bem pc
saude. A gloria permuta o que se julga que ella
e a fama, essa fama que fascina tanto ou mais qı
perigo, não é a maior parte das vezes senão «
lucto brilhante», *um deuil éclatant*, como diz mad:
Stael. O vulgo ignora que o brilho com que refı
um nome alimenta-se na fornalha viva dos soffrin
tos intimos do seu author, na perpetua servidãc
um trabalho estuante, nas largas vigilias que entı
pelas horas mortas do somno profundo, no ecı
das criticas acerbas que são o desconto das rep
ções gloriosas.

Fez-me sentar com toda a urbanidade e sentoı
muito ao pé de mim. O meu amigo Quesada já
tinha *mentido* a meu respeito, de sorte que fui rı
bido por Pelayo com termos excessivamente elo
sos que me deixaram corrido.

Principiei por manifestar-lhe qual o motivo da
nha visita. Não podia deixar de dirigir-lhe n'aqu
momento algumas expressões amaveis sobre o
muito talento e prematura illustração. Impres
nou-me e edificou-me a modestia profunda com ı
as ouviu. Via-se que, apesar de não serem em n
exageradas e simplesmente justas, o incommodav:
Abaixou para logo os olhos, sorriu de leve com e
sorriso méramente facial, que significa mais uma c
approvação que uma complacencia, e negou que
podessem ser applicados taes encomios. Fazer i
não é muito para admirar, bem o sei. Os que ı

têem modestia apparentam-n'a (quando não são tolos), tanto acham ridiculos os envaidecimentos da presumpção, mas o que me impressionou e agradou em Pelayo foi a expressão de perfeita sinceridade com que esquivou essas curtas phrases elogiosas que lhe enderecei.

—Muito bem, ruminei commigo, faltava-me esta pedra de toque do teu merecimento, agora tenho-a.

Praticámos ácercá da obra da *União catholica* em Hespanha.

Disse-me que era a questão vital da sua patria, assim como era e devia ser o grande *desiderandum* de todos os paizes que reconhecem a supremacia do vigario de Christo; mas que lamentava a falta de harmonia que ainda hoje existe em Hespanha, mesmo entre os catholicos, sobre a realisação de um tal pensamento, e que essa falta de harmonia era «el gran peligro religioso» do seu paiz. Respondi-lhe que outro tanto se podia dizer de Portugal, onde tambem existem muitos espiritos tacanhos ou intransigentes, rebeldes á idéa da união religiosa, que constitue a grande divisa do pontificado de Leão XIII, porém que a desharmonia nunca seria tão pronunciada como em Hespanha, por isso que não ha tanta tenacidade no nosso caracter, nem para o bem nem para o mal.

Convidei-o a que se dignasse assistir á primeira sessão da associação Catholica de Lisboa, que se reune todas as semanas no palacio de Castello Melhor, pois sei que é socio e orador da «União Catho-

lica» de Madrid. Como um dos vogaes, embo
derradeiro, da mencionada associação lisbonense,
me bem licito desejar ter a honra da sua aprese
ção e da sua assistencia a uma das nossas sess
Não faltando nada á gloria de Menendez Pe
faltava elle á nossa.

Mostrou-se não só penhorado senão satisfeito
o convite, mas disse-me que dentro de tres ou
tro dias devia regressar a Hespanha, e que dur
esses dias tinha muitissimo que fazer. Senti-o e
signei-me. Nem em quanto viaja pelo estrangeir
treguas aos trabalhos litterarios. Reconheci, ao
nos, que, se o illustre hespanhol tem talentos in
testaveis, não tem em todo o caso, o da ociosid
talento unico de tantos moços e velhos, habilissi
em... perder o tempo.

Trocámos mais algumas phrases e quando eu
trazendo ao terreno das lettras, onde tanto desej
ouvil-o, um maldito creado veiu chamal-o para al
çar. Deus me perdoe: tive vontade de despeit
toda a casta de injurias ao importuno lacaio; de
chamar inconveniente e malcreado, embora de
lhe désse um abraço. Levantei-me sem mais den
e despedi-me de Menendez.

Apertou-me a mão com a maxima cordialida
disse-me: *é muito provavel que volte breve a Pc
gal, e então com certeza acceitarei o benevolo co
que acaba de me fazer.* Respondi-lhe: *Archivo a
messa, e, por despedida, permitta V. Ex.ª que lhe c
que, se admiro os seus elevados dotes intellectua*

notavel illustração, ainda mais admiro e applaudo a pureza e coragem dos seus sentimentos catholicos.

Não custa dar mostras d'aquellas duas primeiras qualidades, quando se possuem, porque encontram sempre na sociedade um tributo mais ou menos lisongeiro, mas revela uma alta grandeza moral o accentuar publicamente convicções cuja impopularidade e desapprovação perante o publico que *se diz* illustrado só tende a abaixar o nivel de uma explendida reputação scientifica ou littteraria.

Veio acompanhar-me até á porta da rua apertando-me de novo a mão.

Assim terminou a minha visita.

Pelayo continúa a cadeia d'essas culminações litterarias e christãs, que teem provado e ainda hoje provam contra a meia sciencia vã, que o solo do genio e o da religião estão debaixo do mesmo meridiano. O christianismo não é um escólho, é uma bussola.

Felizmente, a patria de ordinario tão ingrata para com os seus filhos mais benemeritos, tem sabido prestar homenagem a este. A Hespanha tem sabido reconhecer o valor intellectual de Marcellino Menendez Pelayo, abrindo a um moço de vinte annos as portas da Academia real e offerecendo-lhe uma cadeira de professor na Universidade de Madrid.

Nem sempre o talento é uma letra de cambio, que a natureza dá ao homem e que só é pagavel a prazo tardio.

XX

ALTAR CONTRA ALTAR

XX

ALTAR CONTRA ALTAR

Para todo o homem que assiste mais ou menos attento á evolução social que a humanidade tem soffrido no seculo que atravessamos, e no terreno do progresso puramente material, é innegavel que a face da terra está transformada. O explorador scientifico tem impresso a planta do pé nas proprias regiões centraes da Africa, e nos gelos eternos da Groelandia; o globo está medido em toda a sua superficie com um rigor mathematico, e conhecido desde os steppes da Russia até ás savanas da republica Argentina. Carlos Magno não o poderia mais ensombrar com a haste do seu sceptro.

Os oceanos são por toda a parte sulcados pelo rapido navio cuja hélice mergulha nas aguas e faz d'ellas alavanca; os continentes são percorridos pelo dragão flammejante da locomotiva, e é-nos facil, atra-

vez do telegrapho, conversar em voz baixa (
extremidade do mundo á outra. O vapor dá um:
desconhecida a innumeraveis motores, e a ele(
dade permitte-nos contar sem intervallos as]
ções da humanidade inteira. Não, a sociedade
não assistira a semelhante phase, nunca o seu
fôra illuminado por um raio tão esplendente de t
figurações naturaes, nem o seu seio se vira, p(
sim dizer, entumecido por tão poderosa seiva d(
gressos. Por mais vastos que sejam os que o f
reserva ao futuro, os nossos descendentes serão
gados a reconhecer que, se virem, como diz F
rion, elevar-se o sol até ao seu zenith, o dia d'elle
brilhará sem a nossa aurora.

Homem do seculo XIX, nem murmurarei de
Providencia inscrevesse a data da minha exist
n'esta pagina do grande livro dos seculos, n
meu nome de catholico ou o meu sobrenome d
dre me impedem de reconhecer e até applaud
glorias materiaes do meu seculo, ou as momen
consequencias que dos inventos modernos pode
sultar para a realisação da unidade da grande
lia humana, sob o ponto de vista mesmo christ

Mas digo que o progresso material não é t
homem, porque o homem é mais que materia,
mais que ella; a materia entra na minha con:
ção, a materia é minha, mas não sou eu. Eu sou
razão que pensa, um coração que ama, e uma
dade que se determina, ora entre estes elemen
um fio electrico, uma pilha de Bunzen, e um co

sador de locomotiva não ha nenhuma relação intima para que estas cousas, mesmo multiplicadas por cem outras do mesmo genero, possam trazer um atomo de luz á minha intelligencia, uma gota de ventura ao meu coração, uma só particula de bem á minha liberdade.

Haja vista o expediente assombrosamente vulgarisado do suicidio no seculo XIX, e precisamente nas nações d'onde partiram e onde mais florescem esses desenvolvimentos mechanicos.

De facto, estará o desenvolvimento moral na razão directa do material? Nem é mister exame para responder positivamente — não! Na balança da civilisação europea, a moralidade desce á proporção que a deificação da materia sobe de ponto.

Não, o progresso industrial não resolve por si, nem póde resolver o ingente problema humano, o problema da perfectibilidade moral e do bem estar social. Ao contrario, este problema complica-se mais e mais, longe de simplificar-se. A sociedade coeva, materialisada pelo realismo das suas theorias, tem voluntariamente regressado aos seculos de Lucrecio e Epicuro, e pelo realismo dos seus gosos aos costumes estereotypados por Juvenal nas suas satyras tão eroticas como as paginas de Zola. Encarada por esta face, recorda-me os pomos do lago Asphaltyte, viçosos e nacarados por fóra, mas por dentro cheios de cinza.

O seculo entendeu que o Evangelho completou o seu tempo, que o christianismo, util na infancia dos

povos modernos, é hoje archaico e fossil como o esqueleto de uma fauna extincta. Regeitou, pois, a carta de emancipação intellectual e moral que o Evangelho offerece aos homens, e pretende trazer-lhes, em troco, outra carta de emancipação d'onde o nome de Deus, de alma humana, de vida futura, são definitivamente banidos, e substituidos pelos de materia, prazer, utilitarismo, liberdade absoluta; n'uma palavra, perdeu o senso christão, e n'uma especie de furor epileptico de sensualismo, evoca a antiga alma hellenica com todos os seus instinctos de carne, o prazer omnimodo, ladeado de todas as commodidades da vida, sem a minima preoccupação de nenhum fim além da campa, e cria uma sciencia positivista, expressamente organisada para militar ás ordens d'esta moral *sublime*.

O novo systema social, ou antes anti-social, consubstancia-se n'uma cruzada, esta cruzada trabalha com uma actividade febril para a eliminação não só da Igreja mas do christianismo, e para o advento do reinado d'Astréa da sociedade sem Deus, da sciencia sem metaphysica, da arte sem ideal, do Estado sem culto, da moral sem principio efficaz, da liberdade sem deveres, e por conseguinte do direito sem protecção.

Tal o espectaculo que nos está dando o ultimo quartel do seculo XIX. — Dispense-me o leitor de lhe desenrolar o inventario dos processos empregados pela revolução para attingir o alvo premeditado, a que me refiro. Por ahi não faltam jornaes; tanto

basta. O que ha, porém, de notavel n'esta cruzada, é que, a despeito de acoimar de obscurantista a Igreja, lhe copie quasi traço por traço as suas instituições e meios d'acção. A Igreja creou-se outr'ora nas catacumbas, e a revolução tem-n'as e n'ellas celebra as suas ágapas um pouco menos sobrias que as dos primeiros christãos [1], a Igreja reune os seus concilios e a revolução os seus congressos, a Igreja synthetisa a sua doutrina nas escassas paginas de um cathecismo, e a revolução redigiu e propaga o cathecismo do Vigario Saboyano [2], a Igreja tem as suas ordens religiosas e confrarias, e a revolução as suas associações socialistas, communistas, etc., a Igreja tem as suas preces e ladainhas, e a revolução imaginou, não ha muito, uma ladainha originalissima, intitulada — *ladainha do petroleo*, finalmente a Igreja tem o seu credo e a revolução o seu *Symbolo* materialista, cujo Deus é o atomo. — Uma expressão feliz, pronunciada pelo eloquente bispo de Genebra, Mgr. Mermillod, caracterisa ao pintar a physionomia da epocha actual assim considerada — «existia desde o principio dos tempos o respeito do bem, a philosophia anti-catholica, e anti-social teve o privilegio de crear o *respeito do mal.*»

Ora o ataque á Igreja é o grande, quasi que o unico ponto de mira. Não neguemos olhos á revolução, ella sabe bem distinguir qual o seu verdadeiro adversario; Heitor vê e vê bem qual é o seu Achil-

[1] Allusão ás lautas céas maçonicas.
[2] Que fórma uma parte consideravel do «Emilio» de J. J. Rousseau.

les. Porém a Igreja trabalha na hora present
uma actividade não menos formidavel para c
minar a influencia corrosiva da grande inimi
Deus. O mundo catholico não regeita nem teme
pto; agita-se com uma energia invencivel, e
como o sangue acode ao coração nas grandes
pathologicas do organismo humano, o partid
menso dos crentes acode ao centro da unidade
lica, e acerca-se da cadeira de Pedro, com ur
tensidade de adhesão talvez sem exemplo. Sup
o talvez.

A revolução não dormita, para que negal-o
prega a associação, o livro, a gazeta, o theat
club, o cinzel, o pincel, o buril, o sol photogr
a eloquencia, a sagacidade, e a CALUMNIA par
seguir o seu alvo. Faz caminho pela estrada e
abysmos, espesinha de viseira erguida as flor
cias da nossa actividade religiosa, ou rompe c
çada por debaixo da terra, como a formiga de Gu
para avariar e destruir as sementeiras do nosso
Enfurna-se nas cryptas maçonicas para decret
sassinatos politicos, sobe ao parlamento ou de
bodega communista para gosmar parlendas se
sas, e vociferar proclamações avinhadas, replet
blasphemia contra a Igreja e o clero, de crime
tra... a grammatica e o senso commum. Forj
turkampfs e artigos de lei, que são o ludibrio
berdade commettido pela *liberdade*, põe-se a
velhas leis refugadas, e actualisa-as, se assin
convem. Conduz a Companhia de Jesus á front

despede-a como quem despede um criado insolente, pelo flagicio de ella primar por tal arte no ensino, que nem lhe tolera a competencia, nem lhe soffre o confronto. Brada: o «clericalismo, eis o inimigo» pela bocca de Gambetta, aliás «o filho mais modesto e virtuoso da França,» segundo o clerigo parlamentar, (para-lamentar) o sr. Dr. Antonio Candido.

Mas a Igreja tambem não dorme. Em Leão XIII revive a enorme actividade de Bento XIV. Tem sempre o acto e a palavra do momento, falla a doutrina dos seculos christãos com a magestade dos Papas. João XXII canonisára a santidade do *Anjo da eschola*, Leão XIII canonisou-lhe a admiravel *Summa*, deu ao assombroso e humilde clarão do *Definidor* de Fossa-Nuova as proporções de pharol universal do mundo catholico scientifico, fez da Philosophia escholastica de S. Thomaz o padrão da razão philosophica christã, a bussola segura que deve nortear os sabios do pensamento orthodoxo entre as syrtes do racionalismo e do materialismo. Este acto pontificio não foi só a glorificação de um sabio, foi a glorificação *da razão humana*. A Summa de S. Thomaz é o mais arrojado esforço de uma intelligencia *d'élite*, posta ao serviço da verdade theologica.

Muitas são já as encyclicas do actual pontifice. N'ellas o illustre chefe da Igreja concede á revolução o supremo beneficio e inflige-lhe a suprema pena de lhe dizer *a verdade*. Mal nos é dado esfumar, quanto mais descrever detidamente, as multiplas manifestações do movimento actual. Toquemos sequer algumas.

Quem não sabe, que a propagação evange
proporções mais e mais avultadas? Estão a
missões da Patagonia, da Laponia, e da A
tral, onde, ha pouco ainda, não penetrára o
do missionario. Multiplicam-se as associaç
licas de instrucção, de caridade, e de unid
como nunca em tempo algum. Só d'artifice
em França. creadas pelo insigne conde Alb
As Conferencias de S. Vicente de Paulo
proporções numericas fabulosas. A Allem
blica annualmente o catalogo dos muitiss
naes que se imprimem no mundo catholic
paganda pelo livro vae de monte a monte.
obras litterarias pulullam, e se ha um s
que a Igreja deva, apezar de tudo, palm
berbo invento de Guttemberg, é o nosso.
que se confiou o eternisar os escriptos do
da Igreja, [1] e é a elle que agora se confi
nisar em uma explendida edição a lavra
dos philosophos christãos. Pulsam-se com
insolitos os estudos philosophicos, excav
sciencias naturaes para contrapôr á scienci
resposta directa e cabal, e o catholicismo j
tra nos nomes de Sechi, Moigno, Valroger,
Broglie, outros tantos padres, e outros tant
que não precisam de renegar a Deus, a Ig
mesmos para sêl-o.

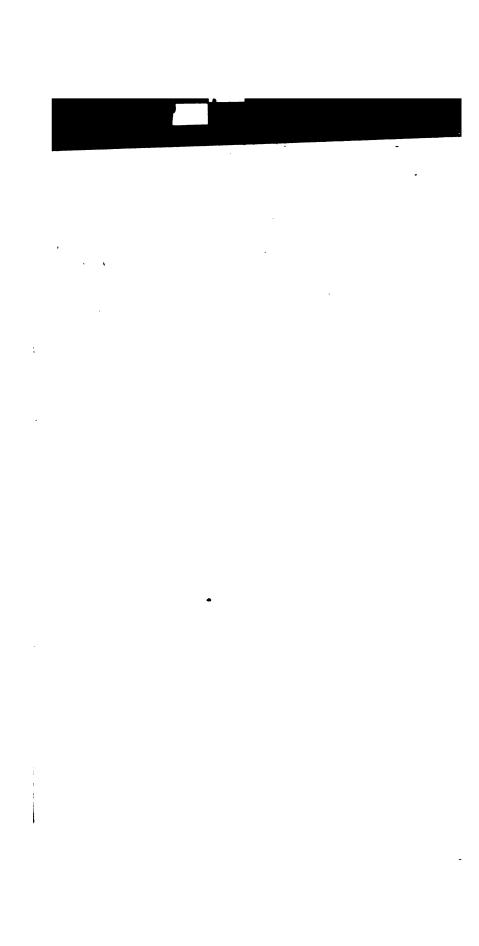
A união á cadeira de Pedro é profunda e

[1] Bibliotheca do padre Migne.

sem simile nos ciclos christãos. Não o demonstraram em 1877 e 78 as numerosissimas peregrinações a Roma? Conhecia-se a adhesão e a veneração ao Chefe da Igreja; temos hoje em pleno XIX o espectaculo do amor para com o Vigario de Christo; e ao seu nome todos os corações palpitam como agitados pelos sentimentos mais ternos do sangue. Não disse tudo, porque não disse uma palavra do novo afogo com que innumeraveis almas affluem a miudo aos templos, em nossos dias, e bebem a vida no mysterio da Eucharistia. Que seculo tão anti-jansenista o nosso! E as conversões dos protestantes ao catholicismo, sobretudo em Inglaterra, e a pasmosa eloquencia, e isempção com que a palavra divina se esparge do alto do pulpito, no templo de Notre-Dame, a um oceano d'homens que a vem escutar, atravez dos labios de um Padre Felix e de um Montsabré; e... Cinjo-me, para não transformar um capitulo em um livro.

A Igreja não foge á luta. Ha mil e oitocentos annos que se exercita n'ella. Póde dar lições de esgrima aos seus adversarios. E estes já começaram a desenganar-se de que ella é dotada de um poder secreto de vitalidade, cuja extincção ainda não descobriram entre os productos dos seus laboratorios.

Falta-lhes o sentido christão, não contam com o *non prævalebunt.*

XXI

«SARAIVA E CASTILHO»

APRECIAÇÃO LITTERARIA

XXI

«SARAIVA E CASTILHO»[1]

APRECIAÇÃO LITTERARIA

te livro pertence todo pela ideia e pela fórma
ɔpos de crenças e inspirou-se no *meio* favoravel
ue viveu o seu auctor. Filia-se na eschola espi-
lista.

ιando Buffon disse «que o estylo é o homem»
miu com um conceituoso laconismo um pensa-
o de genio; mas do mesmo modo que o estylo
ιomem «a litteratura é a sociedade», diz o conde
onald, ou por outra, reflecte-a, tradul-a, é o fiel
umpto e expressão d'ella.

raiva nasceu em Sernancelhe (Beira), humilde
ιção onde hauriu os primeiros effluvios de uma
ιção christã, e onde por todos os poros lhe en-

o titulo de uma obra publicada, ha tempo, em Londres, pelo sr.
) Ribeiro Saraiva.

trava a nobre simpleza dos costumes do seu ber
natal, e as tradições e firmes crenças que caracte
sam ainda hoje algumas das nossas aldeias do nor
do reino (o sul já está muito derrancado). Deduz-s
isto das amiudadas allusões ethnohraphicas que fa
da sua Sernancelhe.

Viveu muito tempo em Coimbra, mas então nã
grassava lá o andaço do indifferentismo ou da syst
matica incredulidade que por lá viça actualment
Ora o livro de Saraiva traduz esse duplo meio e r
flecte-o com as mais vivas côres, porque o pensamen
de Bonald nunca deixará de ser exacto: a litteratu
é o estylo da sociedade.

Publicados ha pouco, o illustre proscripto portu
guez offerece-nos os poemas da sua enflorada juve
tude, que representam, portanto, uma litteratura e
tincta infelizmente, a que crê no infinito, a que sor
para o vulto divino de Jesus, a que ouve as voze
d'alma, como outros tantos echos de indomaveis
remontadas aspirações, a que conchega ao peito
vaso d'ouro das tradições catholicas, intactas com
o amor da patria e das suas glorias, a que profes
o respeito dos costumes da torrão natal, porque com
prehende a sua elevada significação religiosa.

Hoje a nossa litteratura é outra, porque a nos
sociedade já não é a mesma. A nossa sociedade ve
do esquecimento e da negação de Deus e vai para
realismo bestial d'amanhã. Pode-se affirmal-o sem
vate; as reboadas d'esse paganismo elevado ao q
drado, já se ouvem distinctamente, e não é mister

olhos de lynce para descortinar que uma parte da sociedade comtemporanea labora atacada da sinistra variola negra, que tem por novissimos inoculadores Emilio Zola, Baudelaire, Flaubert e congeneres. Mas se a sociedade descamba para o realismo, se este principia a tomar pé nos costumes dos povos que atravessam o ultimo quartel do seculo dezenove, a litteratura coeva ha-de traduzir esta nova phase social, e o estylo dos nossos escriptores será a expressão do realismo que nos invade. Esta a lei de todo o escriptor que não sabe elevar-se *acima da aura popular*, porque ha occasiões em que para o escriptor independente é um dever fazel-o.

Não haja receio que certos poetas nossos da actualidade descrevam *O Natal na minha terra*, *O S. João*, *A Semana Santa*, como o fez Saraiva. Enfeixam implacaveis todos esses formosos themas, não menos christãos que nacionaes, sob o rotulo geral de *idylio*, ou de ideal piegas. Refugam-n'o como fossil e absurdo; julgar-se-hiam por todo o sempre funestados na sua reputação immaculada se dedilhassem a lyra aos pés de Jesus Deus em effusões de humildes adoradores como Victor Laprade ou Lamartine

A musa que julgam digna de inspiral-os aloja no alcouce, espreguiça-se á soleira da bodega ou bamboleia o quadril pelas ruas das cidades; cheira que entonta ás harpias das ilhas Estróphades. Chama-se a musa da podridão e é-o, a despeito do syncretismo detestavel que existe entre o que a litteratura conhece de mais béllo, como é a poesia e o que a

terra contém do mais repellente qual é o tre
dal.

Os poetas phesceninos do realismo acham insij
e ainda archaico o entrar d'ora em diante no ten
d'Apollo pela porta; a poesia não póde ser ved
ás *mirificas* regenerações do progresso intellec
moderno, ainda que seja o que cava cada vez r
fundo no guano social; e o bardo que quizer
grimpado á peanha da gloria ha-de entrar d'aqui
diante no templo «pelo cano de esgoto» como d
hontem C. Castello Branco fallando de Xavier
Cunha, o besuntão.

Porém, por isso mesmo que Saraiva só invoc
musa de sua crença christã, e das suas tradiç
patrias, (que não a musa pagã) prosegue que
não se perfilhou na escola classica senão na ron
tica. O proprio auctor do *Natal na minha terra* decl
que já no seu tempo de universitario era antiphi
tista, assentando praça nas fileras de Castilho cor
a *coterie* litteraria de Almeida Garret, então, *mai*
então, rendido a Philinto archi-classico. Uma supe
cial leitura de qualquer dos dois volumes de «
raiva e Castilho» basta a demonstrar que o no
poeta nem se acorrentou servilmente ás leis par
sianas da *Ars poetica*, nem mesmo no meneio da
gua escrupulisou a tal ponto na contra-prova do
rimbo quinhentista que podessemos suspeital-o lig
por algum voto de castidade de elocução.

Ora o seu credo poetico de então é o de hoje s
discrepancia. Quem se converteu ou antes preve

foi Castilho (perdôe-me Saraiva se ouso remoquear-lhe o amigo) que desde *Ecco* e *Narcizo* até ás *Excavações poeticas* e aos seus mais ligeiros poemetos se touca e arrebica de ouropeis mythologicos para poetar aos leitores do seculo XIX! Foi esse o grande séstro de Castilho como escriptor. Em pleno christianismo, em pleno romantismo, em pleno maravilhoso evangelico tal qual o sagrou a penna diamantina de Lamartine e ainda de V. Hugo (nas suas primeiras producções), uma galvanoplastia mythologica tão espessa qual a que Castilho imprimiu sobre quasi todos os seus lavores metricos, e uma denguice de ternura como a que elle manifestou pelas farraparias do velho Olympo, postiço como um fundo de proscenio, mal podem perdoar-se em um cego quando esse cego tinha a allumial-o um desbalisado talento [1].

Saraiva não invoca nunca Tagides nem Naiades. A sua inspiração unica é o seu Deus e a sua terra natal, inspiração nativa, perpetua e universal do grandioso, não feitiça e insulsa, para a qual não basta o homem com o seu coração e as duas mais profundas pulsações que o agitam, a pulsação do infinito e a pulsação da patria, mas inspiração que jaz toda entre as paginas enregeladas de um diccionario da fabula, abarrotadas de fontes de Aganipe, de aguas de

[1] Não creio que Castilho tenha um mais sincero e incondicional admirador do que eu o sou, da perfeição artistica das suas composições poeticas, e dos primores da sua prosa portugueza, onde ha muito da graça de Bernardes e da grande melodia de Rousseau (melhor prosador que philosopho); o que apenas ouso desapprovar n'elle foi *a escola arcadica* em que se filiou.

ria burlesco e ridiculo um *qu*
tasse em publico trajando a pe
falbalás de camisa, o calção e
D. João V.

Saraiva, pois, não queimou in
como o fez o seu amigo Castilh
o foi no respeito discreto das l
neros poeticos e da vernacul
sempre nossa, sempre portugu

A cada passo se está a co
que elle buscou imitar na sua p
ora epigrammatica, foi Nicolau
phes que quasi equivocam a
nunciadamente accusam o sab
uma imitação nobre e intellige
com a originalidade. Os mingu
tigo vedam-me citações que aff
nha penna.

Não obstante, vá d'amostra.

Tomo o mimoso poemetto d

. . . .
. . . .
. . . .

«Em torno ao fogo os meninos
Da parrochia arrebanhados,
Dançaram cantando hymnos
Pelo natal costumados.

E a espaços a braza viva,
Á sacra pyra roubada,
Nos dará salva festiva
Por grosso maço estourada.

. . . .

A joven turba afanosa,
De martello ou seixo armada,
Rompe a escama pegajosa
Sobre a lareira esquentada.

Da concha vão-se extrahindo
Os pinhões emparelhados,
Que desde já vão servindo
Em par ou pernão jogados.

Repartidos irmãmente
Pelo bando galhofeiro
Vão ser moeda corrente
De jogos taes o dinheiro.

. . . .

Rapa, Deixa, Põe ou *Tira*,
Geram empenhos mais sérios
Que se ali se discutira
Sorte de grandes imperios.

O rebanho galhofeiro
Faz mais gralhada e ruido
Que cem pobres n'um palheiro
Depois de haverem comido.

. . . .

Na alegre manufactura
Cada qual mais se desvela,
Abre o moço a pinha dura,
Brita-lhe a noz a donzella.

Dêdos mais brancos e lisos
Do que os pinhões debulhados
Vão d'estes, entre sorrisos,
Flores formando e bordados.

Com sua baga vermelha
Sempre-verde gilbardeira,
Pela folha, que semelha
Ferro de lança guerreira,

Entra n'estes artificios;
E nem do tojo amargoso
D'esta vez os bons officios
Desdenha artista engenhoso:

Ao ramo de esteril planta
Inda ha pouco toda espinho,
Fada, que os olhos encanta,
Dotou-lhe o fructo do pinho;

. . . .

Costumeiros vem condeça
Ou cesto da Tia Freira,
Com os da Madre-Abbadessa
Do Convento da Ribeira;

Que offerta em phrases modestas
  De carta mui bem dictada,
Suas doces boas-festas
  A toda a Familia honrada.

....

O chá que hontem foi solteiro,
  Sómente de agua tingida
Já traz muito companheiro,
  De qualidade escolhida :

Além da loura torrada,
  Pão-nosso de cada dia
Que parece Eva creada
  Para ser-lhe companhia,

(Que engraçada estrophe !)

Ricos, varios, mesmo novos,
  Em formas, gostos, e cores,
De amendoa, de fruta, de ovos,
  Vem do convento os primores :

Mas não, como de outras vezes,
  Com o bulle desparecem ;
Ali promptos aos freguezes
  Todo o serão se offerecem.

Altas horas são da noite
  (Ou melhor, da madrugada),
E apenas ha quem se afoite
  A fallar de retirada.

Razão sóbria, não desejo,
  Alfim os adeuses pede,

Entre abraços, e algum beijo,
O circulo se despede ;

....

Tal era antigo Natal,
Que me faz tanta saudade !...
Hoje é crime em Portugal,
E de lesa *Liberdade ;*

Repugnam á tal *criança*
Estas velhas costumeiras,
De *Idades Livres* herança
Não de eras *liberdadeiras.*

Moderna *philozophia*
Aos povos, para cural-os,
Receita sempre a sangria :
Constitucionalizal-os. [1]

Liberalismo estouvado,
Que tudo o que é bom desterra,
Consta-me haver desterrado
O natal da minha Terra.»

[1] Estas tres ultimas estrophes incluem allusões politicas, estranhas á minha apreciação litteraria.

XXII

HOSANNA!

XXII

HOSANNA!

Só Jesus é grande.

Ingenito e incomprimivel é no coração do homem o instincto da gloria. A razão a entrevê e a ama desde que n'ella irrompem os primeiros lampejos da virilidade scismadora, os braços estendem-se anciosos, como os de Narciso na miragem do lago, por attingil-a e abraçal-a.

Seductora imagem, fatidico enlevo, aspiração congenial, tão poderosa e vehemente como a lei da propria vida moral, todo o ente humano gravita, atravez das repulsões e attracções creadas pelos homens e pelas cousas, atravez de mundos e mundos de obstaculos, atravez dos desfallecimentos d'um largo e tempestuoso jornadear, para esse astro deslumbrante que se chama a *gloria*. Muitos se equivocam no seu verdadeiro objectivo, ninguem ha que a não procure.

Argumento irrecusavel do sentimento innato da im-
mortalidade.

É pouco, não é nada para o homem, singular en-
tidade que dois metros medem de sôbra e que med
os incommensuraveis espaços, o lapso de uma exis-
tencia de dezenove lustros.

Quer duplicar-se, crear um supplemento á sua pe-
regrinação terrestre, viver além da vida, perpetuar
na humanidade o seu nome, porque aspira á glori
e a gloria é a perpetuidade, sim, a perpetuidade so-
lidada no mais ambicionado de todos os pedestae
como diz Pascal, no pensamento humano. Mas, sem-
lhante á vaga impotente que pretende demover a ro-
solitaria do oceano, o homem debate-se offegante co
o infinito, lucta, persiste, forceja e cahe exhaus
vencido pela fatalidade da acção do tempo que tu
assoberba e absorve, e pela mesma gloria, que t
tas vezes apaga para escrever.

Venha o bronze eternisar um nome consagra
porém o bronze oxyda-se, venha o marmore, por
o marmore esgasta-se, venha a tela, porém a te
desbota-se, venha a Historia, porem a Historia é um
testemunha que se contradiz, venha a tradição ora
porém tambem os homens são raras vezes conteste
e, de resto, cançados de legarem uns aos outros um
nome preclaro, deixam-n'o resvallar á valla immensa
de celebridades sem numero, que fulgiram um dia
para extinguir-se no dia seguinte. E depois, somenos
é a vida que se cifra n'um nome.

Só Jesus é grande, porque só Jesus é sempre.

O pé indifferente do torista conculca hoje as cinzas de florentes e vetustas cidades, que assombraram o mundo, mas das quaes só restam inscripções cuneiformes ou hieraticas e indecifraveis; lapides meio esboroadas, escombros informes e nivelados com o solo, sobres os quaes lavra a herva; e a aragem, ramalhando buliçosa por entre ella, parece soprar um tom sarcastico de irrisão. Que é a outr'ora orgulhosa Roma? O destroço d'um naufragio. Que é o Egypto? Um sepulchro aberto. Que é a Grecia de Pericles? Um thema de dissertação para uma aula de Historia.

Os candidatos da celebridade não foram muito mais felizes. Nenhum sol dardejou sobre elles de tão alto que não projectasse alguma sombra. Na caldeação dos metaes com que fundiram as suas proprias estatuas, depara-se sempre a argilla das suas imperfeições pessoaes, friavel demais para resistir ao criticismo historico e á absoluta admiração da posteridade. As azas do genio não os vedaram de se macularem ao contacto do pó da terra que pizavam.

Vieram successivamente os conquistadores e os legisladores, os fautores de religiões e os sabios, os poetas e os artistas, os argonautas e os descobridores entalhar nas laminas do grande album dos illustres os seus gestos gloriosos ou a menção dos seus productos celebres. Que conquistaram? Um nome? Pouca cousa é um nome. A ambição d'aquelles onde estua o fogo vivo da gloria não póde apagal-a um pouco de ar vibrado nem um pollisyllabo repetido reverencio-

samente pela penna dos historiographos. E
mesmos a quem se ergueu uma peanha no te
Memoria, muitos são os que cobre implacavel
rasa do olvido. Dormem, envoltos no ouropel
nomeada mais que equivoca, um somno que j
não será interrompido. A traça bem depress
o seu tortuoso caminho atravez dos livros p
lentos que buscaram salval-os do despotismo da
Onde os famosos quereriam sobreviver
suas instituições, nos seus systemas, sobret
cultos e no amor dos humanos.

Porém as instituições religiosas de Zoroastr
fucio, de Brahma e Mahomet só remanecem
de povos condemnados a uma perpetua infanc
nunca precedida do vigor intellectual de un
adulta ; mumias de povos, onde não circul
evolutiva d'esta humanidade europêa, que
para seculo se transmonta a novos e mais
progressos, sob a lei social do *ascende su*
a opprime, que é a sua divisa suprema, a
incessante, o seu brazão de gloria. Passa
gislações de Licurgo e Solon, o Direito ar
povo-rei, a organisação politica dos gove
tos. E do alto da arvore da sciencia foran
e pouco despegando, como folhas outon
nadas a juncar e adubar o solo para no
ções, os systemas philosophicos das es
italica, eleatica, platonica, peripatetic
toica, epicureia, alexandrina, etc. ; ou
lucões cosmologicas e metaphysicas, qu

para demonstrar a impotencia da razão humana em deletrear o livro mysterioso do Universo e em fixar-se definitivamente no espirito da humanidade.

O mundo não subsiste pela *agua* de Thales, nem pelo *ar* de Anaximenes, nem pelas *homoiemerias* de Anaxagoras, nem pela *musica das espheras* de Pythagoras, nem pelo *fogo* de Heraclito, nem pelos *typos eternos* de Platão. Quaesquer d'essas theorias, depois de terem fructeado alguns sectarios, foram reunir-se com mestres e discipulos, ás camadas sotopostas dos fosseis scientificos. Servem de lazer util a eruditos.

Identica sorte soffreram os doutrinarios da philosophia moderna, Descartes e o seu systema da *duvida*, Spinosa e o seu *emanatismo*, Malebranche e a sua *visão universal em Deus*, Locke e o seu *empirismo*, Hume e a sua *negação systematica*, Kant e a sua *critica da razão pura*, Fichte e o seu *eu e não eu*, Jacobi e o seu *senso interno*, Hegel e o seu molde da *idéa* para tudo, Cousin e o seu sincretismo eclectico, Conte... não! Conte é o que actualmente está em scena, apresentado pela mão officiosa de Littré ao segundo meado do seculo XIX, continuado por Spencer que lhe requintou as theorias, festejado pelos amadores ruidosos da *dernière nouveauté*. Porém o positivismo contesco, como francez que é, tem a pécha das drogas francezas, de mentirem á papeleta. Tambem elle mente em parte ao seu programma, ultrapassando o circulo que se impoz. Na Allemanha já vai na declinação. Dentro em pouco a França será mais uma vez a pediseequa da Allemanha.

Jesus Christo é sempre actual na humanidade. l
sanna ao filho de David e ao Unigenito de Deı
N'elle até o tumulo se lhe tornou em segundo ber
gerando-o a uma vida immortal. Só no Christo a g
ria assentou o seu throno, aureolando-o da plenitı
dos seus esplendores immarcessiveis. Permanece
pé o seu nome, e a sua obra, a sua doutrina, o s
culto e o seu amor, fecundo de heroismos como é
seiva o seio ubertoso e inesgotavel da mãe nature
A Historia inscreveu a data do seu nascimento, n
não poderá nunca cerrar sobre seu feretro a lapi
mortuaria e inscrever n'ella o epitaphio que se c
sagra aos vencidos do tempo. N'elle, por elle e d'e
teem vivido dezenove seculos.

O seu Evangelho constitue o fundo da moral c
nações modernas e dos seus mesmos codigos politic
a despeito das intercalações cavadas pelo alvião c
revoluções. Que monta que a heresia de braço da
com o scisma e o racionalismo absoluto tenham d
ferido mil golpes para derrocarem o pedestal que
sustenta acima da plana de todos os grandes? Ne
ao menos lhe esborcinaram o bordo. Não tomb
por ora uma pedra sequer dos dogmas por elles r
vellados, e ao mesmo passo que todas as pretens
theophanias empallidecem perante o desenvolviment
progressivo da razão e da sociedade, a theophan
de Jesus está sempre «perante o seculo» e as sci
tillações de ambos reciprocamente se reflectem.

Não ha nação nem cidade culta onde não repon
o lábaro da cruz, escudo d'armas dos povos christã

symbolo da liberbade que os emancipou a preço de sangue.

Jesus Christo é mais e muito mais que um nome, porque é a alma das nações comtemporaneas, embora ellas o desconheçam, porque é o fundo do magestoso quadro da Historia, onde reverbera a sua divina personalidade, preparada ou consummada e influente, porque é a abóbada social d'aquem da cruz, a inspiração das mais benemeritas instituições com que se honra a humanidade, o odio de não poucos, o remorso de muitos, a adhesão de immensos, e o Deus vivo dos nossos altares. Se carecessemos de comprovar este facto, desemparelhado na Historia, e offuscante de evidencia, se quizessemos descer á demonstração ociosa da perpetua actualidade da gloria de Jesus, não evocariamos o sangue de milhões de martyres, que não cessa de escoar-se com a vida dos que o confessam desde a Cochinchina pagã até á Paris communista (preito de crença e amor que nenhum outro personagem póde attribuir-se a dois mil annos de distancia), bastar-nos-hia a guerra hodierna, enorme, sem tregoas com que a Revolução, pretendendo a todo o transe supprimil-o, tanto mais affirma o seu triumpho sobre o tempo. Não se persegue um morto.

Ainda uma vez saboreamos o prazer de commemorar o anniversario do seu nascimento: bemdicto o que vem em nome do Senhor! Festa de religião e festa de familia. O seu encanto aviva o brilho do templo e aquece o lar. É uma primavera florida no coração

do inverno. O Natal constitue uma das raras alegrias do homem que teem em si alguma cousa de infinito, porque se lhe não mistura nada do que a póde toldar. Quem não sorrirá com uma jubilação infinda a uma criança que nos sorri e que, sendo nosso Deus, se diz nosso irmão?

Acercamo-nos, pois, do seu presepio ao chamamento da Igreja e levantamo-nos, confortados pela virtude e pelo sorriso de Jesus, dos profundos enojos que nos provoca uma epocha lançada, a grande velocidade, á mais desoladora revelia. Suspendendo e mesmo banindo as luctuosas reflexões que nos inspira o espectaculo de uma sociedade que na sua materialisação vê o seu unico ideal, saudamos altivos o Natal do Divino Infante, como a era que inaugurou a restauração definitiva do homem e da humanidade.

D'entre os nimbos carregados que se acastellam no horisonte, vemos sempre despontar sereno e formoso o arrebol d'este dia, e retempera-nos de coragem para os certames da vida o echo d'essa voz angelica que rediz ainda e redirá aos nossos ouvidos christãos a promessa auspiciosa, entornada um dia das regiões do infinito sobre um novo mundo, como um rocio benefico: «Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.»

XXIII

O NATAL EM LONDRES

XXIII

O NATAL EM LONDRES

I

Estranho phenomeno! O povo mais essencialmente trabalhador que se conhece, o povo que leva a azafama do labor até a uma especie de monomania, e que faz da industria e do commercio uma sorte de necessidade organica, está em festa e refastela-se nas voluptuosidades do ocio, por tres dias completos.

Londres transfigura-se de repente em Sybaris.

O Shilok de Shakespeare desenruga o rosto vincado e apaga momentaneamente a bossa phrenologica onde Gall descobriu o symptoma do homem argentario, para ensaiar a vida airada dos povos meridionaes, que o calor esbrazeia, e em cuja larga pupilla o bello sol do meio-dia ri esse sorriso de luz, desconhecido nas terras sobre que pezam, como uma lousa sobre um tumulo, as brumas boreaes.

A physionomia de John Bull humanisa-se.

A cidade do ferro e do carvão de pedra obedece
um ideal que a electrisa e chega a enthusiasmal-a.

No grande Banco do mundo estagna-se por u
pouco a torrente caudalosa do ouro que deflue do s
seio e a elle reflue n'uma perpetua ressaca, porq
Londres quer pertencer por tres dias ao prazer.

A natureza mesma parece terçar com este ent
siasmo da população londrina, dando-lhe, como c
tribuição espontanea de alegria, uma semana de d
esplendidos no coração do inverno. O occaso do an
preterito não tarjou aqui lucto, como é costume n
zonas temperadas; por um phenomeno singular qu
ostentar todo o luxo de maio á borda da valla ond
para sempre ia sepultar-se, e ás portas de gelo d'ond
ia emergir o novo anno de 82.

A Londres dos nevoeiros espessos, do trafico ver-
tiginoso, absorvente, do trafico austero e soturno, a
Londres do utilitarismo e do culto *enragé* do metal,
a Londres das mil fabricas e machinismos sae, com
a chrysalida, do seu involucro de fumo e aço, e es
paneja aos raios de um sol connivente, as suas aza
de borboleta folgazã, ávida de aspirar o mel de toda
as flores do jubilo, levado ao delirio.

A metamorphose é não menos sensivel que repen-
tina, e é bello vêr como o Leviathan moderno sacode
as escamas pesadas e suffoca o halito abrazado para
viver alguns dias a vida ligeira do insecto alado.

II

Das vitrinas de cristal das lojas pendem em formas caprichosas de leques, de arvores, de losangos, de porticos as *Christmass cards* ou estampas proprias da estação, chamariz terrivel exposto aos olhos dos transeuntes.

São milhares e centenas de milhares de desenhos, variados ao infinito, muitos d'elles de uma suavidade digna da paleta de Rembrandt, de um mimo que não desdenharia o pincel de Perugino. O commercio faz d'elles armadilha á bolsa das familias de Londres, para reciprocamente se presentearem no grande anniversario do anno.

Como resistir á tentação provocada por estes desenhos que reproduzem com um realismo flagrante o que a mão de Deus creou de mais delicado e gentil, a hera das ruinas, o feto das grutas, o musgo dos troncos, a parietaria dos muros, a violeta dos valles, o nenuphar dos lagos, a rosa balsamica dos jardins, a begonia, ou a rafflesiana das estufas, a selagenella das salas, a alga filiforme dos mares, a arvore coralina das costas, a anémona dos penhascos, o peito do colibri, a aza da mariposa, a cauda deslumbrante e vaporosa da ave do paraizo?

Atravez das praças e das ruas ouve-se o pregão, agudo e estafado, do garoto farrapento que apregôa, atraz de carros carregados, o classico *mistletow,* de folha lenticular e bagas de opala, e a humilde gilbardeira dos campos, de folhas espinhosas e bagas de

nacar. É tudo quanto aqui vive e viça n'esta quadr[illegible]
da natureza morta. As duas plantas de inverno aban[illegible]
donam o seu solo natal, dizem adeus aos campos, [illegible]
vem receber em Londres um verdadeiro triumph[illegible]
A grande cidade emmoldura-se em verdura par[illegible]
converter o seu aspecto, severo e lugubre, nas louça[illegible]
nias de uma cidade de Italia ou Hespanha, que [illegible]
arreia para uma festa popular, de primeira ordem[illegible]

O *mistletow* transforma os templos em bosque[illegible]
afestôa os artigos de commercio expostos nas loja[illegible]
trepa e enrosca-se nas columnas dos bazares como [illegible]
pampano no tyrso antigo, resae da lapella do casa[illegible]
dos elegantes, empenacha o bonet do militar, enflo[illegible]ra
a camisa aberta do marujo, engrinalda as hecatombes
de carneiros e vitellos suspensos dos açougues, realça
os arreios dos cavallos, alegra o interior das casas,
cujas paredes veste, como as franças do pinheiro
bravo vestem as casas e juncam o soalho das habita-
ções da minha saudosa ilha de S. Miguel, na formosa
noite de Natal, se é que ainda por lá sobrenada essa
usança ao contagio do modernismo arrasador.

No Hyde Park (Campos Elysios de Londres) vae
um rodar espantoso de coupés e phaetontes.

Despeja-se alli o *high-life* em pezo, da capital, desde
a uma até ás cinco da tarde.

Todos os «honorable» da diplomacia reinante, toda
a velha fidalguia de pagens de perruca empoada [illegible]
galão d'ouro, todos os Rotchilds *in quarto* ou *in octav*[illegible]
todos os capitalistas de Park-Lane, Portman-Stree[illegible]
Portland place, etc., vão pompear no celebre pass[illegible]

urbano as suas carruagens luxuosas, os seus esplendidos especimens da raça hypica e as suas soberbas pellucias e pelles de urso, de felpa basta e ondeante.

Ao longo dos passeios ensaibrados e reservados para a equitação, centenares de cavalleiros e amazonas desfilam a toda a brida sobre esveltos cavallos, que nada teem que invejar á graça da gazella, nem á rapidez da renna, ao passo que outros tantos centenares de passeadores pedestres se aquecem sobre os passeios alphatados, n'um ir e vir nervoso, ou fazem sobre os cavalleiros as suas apreciações apaixonadas de *sportmen*. É um movimento animadissimo, cahotico, e sobretudo realçado por um bom humor que parece estar a reçumar, mais que a reçumar, a jorrar do rosto de todos.

Quem na noite do dia 23 de dezembro de 81, passasse por diante das janellas do *rez-de-chaussée* das casas de Londres, por volta das seis ou sete horas, veria que todas as familias a essa hora estão á meza celebrando as suas ágapas festivaes. O pato ou o perú e o *plum-pudding* fórmam as duas principaes *peças de resistencia,* cimentadas em dózes inglezas pelo *pale-ale* e pelo *porto,* mas por um *porto* de que quasi sempre se póde dizer sem erro « *quomodo mutatus est color optimus!* »

Essa noite é noite de brodio, de immenso, de inacreditavel brodio, de portas a dentro, de brodio em comparação do qual a nossa cêa portugueza é d'uma sobriedade evangelica. « Não ha mais que uma noite como esta em todo o anno, não a deixemos passar

em branco», dizem os inglezes, e a capacidade elastica da giboia é vencida pelo estomago britanico, ao som dos *hurras* e do *God save the queen*. Em questões de bebida, o nosso ilhéu não admitte meio termo: ou ha de pertencer á sociedade de temperança do P.ᵉ Matheus (obrigando-se a só beber agua) ou á sociedade de Bacho. A orgia sae, portanto, de casa, e vem tumultuar para a rua em canções populares, mais engroladas que cantadas por grupos maiores ou menores, acompanhadas com o corpo por figuras geometricas desconhecidas e por um *delirium tremens*, aliás *sem consequencia*. O inglez raras vezes cae. Tem um poder (cerebral) de equilibrio superior ao do bojo de um vaso de guerra.

As creanças tambem pagam tributo, e tributo soffrivel á intemperança, ou não fosse esta a idade gulosa. Devoram um Chimboraço de assucar, esmiuçado em confeitos e amendoas, e no fim dizem com Goethe á hora da morte: «ainda mais...» ou choram com Alexandre, não porque «não ha mais mundo para conquistar», mas porque ha só um *Christmass* no anno.

De resto, o excesso pouco se mostra, constitue uma excepção. A ebriedade não passa da classe baixa e na alta ou não existe, ou consumma-se silenciosa no mysterio do *at home*.

O que se vê, o que irrompe aos dominios da publicidade, só causa prazer e tende a edificar; não tem ponto algum de contacto com as velhas lupercaes e saturnaes de Roma, tornadas famosas pelas desenvolturas das bachantes.

III

No parque e na rua, na praça e em casa, no velho e no rapaz, no *lord* e no jornaleiro, de manhã e de tarde, hontem e hoje, á mesa ou no omnibus, no silencio e na conversação toda a sociedade de Londres está sob um commum ascendente magnetico, obedece a uma corrente identica, é movida por um só enthusiasmo, legendario, irresistivel, offerece a mesma expressão de felicidade, parece trocar entre si com os olhos, com o gesto, com os labios a mesma noticia, presentir um certo acontecimento, um certo anniversario que o gyro annual de dezembro lhe traz d'entre o seu véo de bruma e de neve.

Que anniversario?

O anniversario do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, o anniversario do maior dia do anno, da mais gloriosa data da humanidade, do mais culminante acontecimento da historia, do mundo e do tempo.

Anniversario que encontra um echo em todos os peitos christãos e até no pensamento livre dos incredulos, anniversario que resôa nas abobadas da basilica de marmore e na capella rustica de bambú, que faz vergar o joelho do europeu civilisado e do negro africano na sua senzalla de palmeira, porque raia como um sol para todos os povos, e cae como um balsamo sobre todas as feridas.

Anniversario ou commemoração de um dia, sempre antigo e sempre recente, que tem o condão de resus-

citar nas profundezas da nossa alma os risos juvenis da infancia, como um lar onde um sopro passageiro aviva a chispa adormecida debaixo da cinza.

Não, não ha outro dia como esse para reacender a vida palpitante e feliz no ninho abandonado das nossas alegrias primeiras, tão innocentes como effusivas, quaes as que se apoderavam de nós na noite unica do Natal, passada no sacro e doce recinto da familia, ao lado de irmãos amigos, entre um pae que depondo o decóro severo da auctoridade paterna, se nivelava com as nossas pequenas loucuras de creanças e uma mãe, cuja corôa tantas vezes de espinhos se refloria e se transfigurava, ao reflexo da maternidade divina de Maria, em uma aureóla constellada de gloria, de paz e de felicidade.

D'onde procede este prestigio, este influxo secreto que o Natal exerce sobre todos?

A Semana Santa é Deus que chora sobre nós, a Paschoa é Deus que triumpha de nós e se ausenta, o Natal é Deus que vem ter comnosco a sorrir-se.

O Natal cerrou as portas carunchosas do paganismo, e abriu a dois batentes as portas radiantes d'uma nova era de amor, de caridade, de regeneração moral e social, de *verdadeira* liberdade e progresso, de definitiva adoração em espirito e verdade.

IV

A manhã d'este dia em Londres passa-se toda na igreja. Os protestantes vão aos seus cantos e

psalmodias, os catholicos ao triplice sacrificio da missa.

É imponente e tem alguma coisa de respeitavel o serviço religioso da abbadia protestante de Westminster n'este dia. Nunca fui nem serei intolerante para com a boa fé e a convicção embora erroneas. Quizera eu que as cerimonias do nosso culto augusto se fizessem em Portugal com a metade do respeito com que na referida abbadia se executam as do culto dissidente. Senti-me penetrado de religião sem o querer. De resto, o echoar dos hymnos medievaes do Natal pela abobada do templo, o recolhimento absoluto dos assistentes, o motivo que alli os reune, o canto dos poemas lyricos e propheticos de David, as lições recitadas dos Padres da Igreja, a voz do orador que no silencio sepulchral da assembléa exalta por cima de todo o nome o nome do divino recemnascido é uma homenagem em si boa e nobre, que um catholico não tem o direito de desdenhar e estygmatisar sem comprometter a sua fé, porque é em si uma homenagem christã.

É mais para consolar que para consternar, que n'uma época nefasta em que Jesus-Deus é apeado ao chão raso de um homem um pouco melhor que os outros, receba ainda no primeiro emporio do mundo e n'uma das principaes cidades da civilisação uma tão magnifica e *publica demonstração de culto,* mau grado que esse culto não tenha o caracter legitimo, e authentico do culto catholico.

O que elle não tem de facto, é o encanto do nosso.

Todas as igrejas catholicas de Londres se adornam de *sempre-verdes*, que pendem em festões do alto dos arcos ou emmolduram os altares e as imagens dos santos.

No fundo, em recatada capella, está a representação do presepio de Belem, a mangedoura, e o menino sobre a palha ladeado da Mãe e de S. José adorado por pastores e reis.

Em algumas egrejas, todo o figurado é de proporções naturaes. Se não se vêem penhascos d'onde porejem gotas d'agua, ha corações em torno do presepio d'onde poreja agua do coração, em lagrimas de amor, como as que eu vi cair.

Uma reflexão apropositada. Decorreram já perto de mil e novecentos annos que uma creança nasceu no Oriente, de paes pobres e obscuros, e este facto vulgarissimo da sua natureza é solemnisado como um acontecimento estupendo não em uma ou outra nação, mas no universo inteiro, não como se commemora um morto, mas com o jubilo palpitante com que se festeja o anniversario d'um chefe de familia, presente e cheio de vida.

O caracter d'este natalicio é a universalidade no tempo e no espaço.

Cesar não confiou o esplendor do seu nome na posteridade a uma penna estranha. Se com a mão de bravo guerreiro expulsava os invasores de Roma, com a mão de eximio escriptor redigia os seus proprios

«Commentarios». Todavia que é Cesar? Um assumpto de thema em uma aula de Historia ou de litteratura, um numero de questionario em dia de exame. Nem talvez o vencedor de Pharsalia esperava vir a ser tanto.

Ainda Bonaparte se não tinha apagado, como um astro, por entre as fisgas do rochedo de Santa Helena, já a opinião publica da França condemnava metade dos seus gestos bellicos. Testemunha viva do julgamento antecipado da posteridade sobre a physionomia moral das suas façanhas, o heroe de Austerlitz, descrente de poder justificar-se perante o jury austero da Historia, deixou cair da mão a penna com que escrevia as suas «Memorias de Santa Helena» e não curou de concluil-as.

Socrates ou Platão, Zenon ou Parmenides, que philosopho exerceu sobre o seu seculo um ascendente que não fosse local e transitorio, circumscripto e disputado? Qual d'elles aspirou na sua maior audacia a um culto de *amor* e *adoração* pelas idades a dentro? E sem embargo, philosophos ou poetas, legisladores ou generaes, conquistadores ou tribunos populares, todos os insignes da Historia alvejaram o mesmo alvo no drama da vida, o brilho *do seu proprio papel*, em quanto que só o drama da humanidade rehabilitada absorvia a mente divina do Salvador a ponto de subordinar-lhe o décoro do seu papel pessoal, consentindo na infamação do seu nome e no sacrificio da existencia.

Não obstante, é certo que, socialmente fallando,

Jesus Christo vive infinitamente mais hoje que durante a sua propria vida...

Antes de cairem, como feudatarios da morte, no carneiro commum, todos os grandes homens podem, portanto, dizer com Juliano apostata: «Venceste, Gallileo», porque só tu sabes viver assim na memoria e no coração do homem, nos costumes e nas tradições das sociedades, no espirito das leis, no kaleidoscópo sempre movediço da Historia, e no fundo de todo o progresso e de toda a civilisação digna de povos illustrados.

Palpitas na humanidade, que, como os mundos, segue a projecção que lhe impelliste desde Belem e desde o Calvario (a despeito da falsa trajectoria que tantas vezes tem seguido) e a hora em que abandonasses totalmente a scena do mundo social, essa hora seria a da decomposição completa dos costumes, a da aberração illimitada das idéas e a do advento de um paganismo para o qual não ha um termo adequado nos diccionarios das academias.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

PADRE SENNA FREITAS

) PRESBYTERIO

E

NO TEMPLO

VOLUME II

SEGUNDA EDIÇÃO

1884

Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

NECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

NO PRESBYTERIO E NO TEMPLO

Padre Senna Freitas

NO PRESBYTERIO

E

NO TEMPLO

VOLUME II

SEGUNDA EDIÇÃO

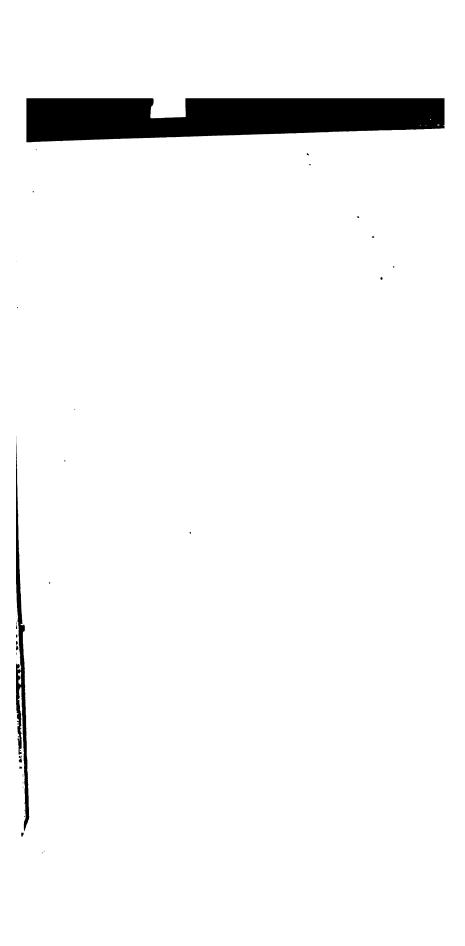
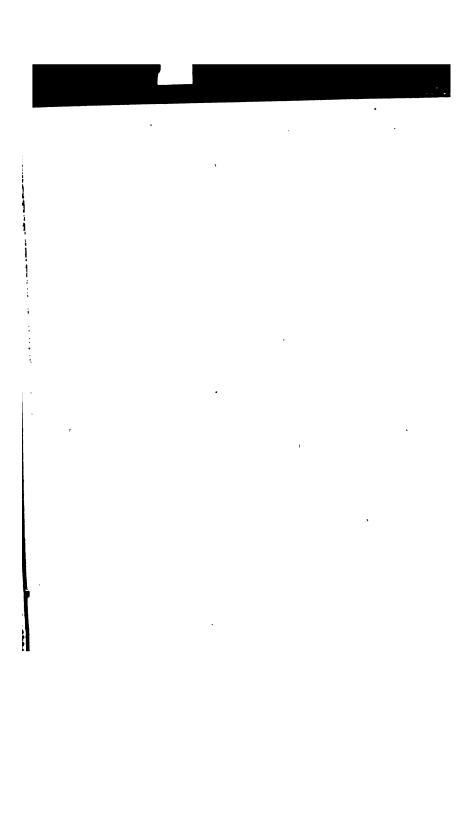
1884

Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

NO TEMPLO

I

PRIMEIRA PARTE D'UMA PRATICA

DIRIGIDA
ÁS RECOLHIDAS DO CONVENTO DA CONCEIÇÃO DE BRAGA
NA CONCLUSÃO DO MEZ MARIANO

CARTA

DO

EX.^{MO} SR. JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

Ministro de Sua Magestade Fidelissima perante o governo hespanhol

AO AUCTOR

Estoril, Caza da Serra, Outubro 11-1884.

Muito Illustre e Revd.º Sr.

Recebi o 1.º vol. da preciosa collecção, que leva por titulo: *No Presbyterio e no Templo*. Se me satisfizera com as praxes do formulario, houvera para logo participado a recepção com o agradecimento do estylo. Mas quiz-me ás primeiras linhas parecer que era para mais e merecia muito mais o livro; e para agradecer conforme ás prendas evidentes do auctor e ás da sua obra, a primeira condição, a condição indispensavel era tomar conhecimento da joia presenteada e dizer d'ella, não como afferidor de officio para entrar aqui a ensaiar-lhe o toque e a pesar-lhe os quilates, mas como curioso das boas artes, que, meio desacoroçoado e quasi desenganado de muito buscar e rebuscar, sondar e inquirir com pouco exito, encontra emfim lavor tanto de seu gosto e que tanto lhe encheu os olhos e as medidas.

Venho n'isto a dizer que, antes de escrever a V. Rev.ma agradecendo-lhe mimo tão deveras mimo, e para lh'o agradecer em consciencia me não chegou até agora o tempo, que me levaram aqui ou em Penha-Verde catarros e obrigações, estorvando-me a cada passo o lêr e relêr aquella saborosa serie de impressões, com alto espirito descriptas e es-

criptas com mão de mestre. Grande era, sem embargo, a minha cu
dade, e a pouco andar se me tornou enlevo summo, ao entrar, vi
e percorrer o *Presbyterio*, d'onde, presumo, o *Templo* se avis
quanto mais por alli me entranhava, mais me comprazia e regala
sanissima doutrina posta em linguagem tão peregrina e sã, qu
apresentava a cada passo, scintillante a inspiração na mais genti
ma, um transumpto fiel do preceito: *mens sana in corpore sano*,
acertadamente queriam os antigos.

A que proposito volverei eu os olhos atraz, quando tenho (
livro tão de hoje? É que este livro de hoje, e tal é um de seus
tos, este livro de hoje e bem para hoje, é em verdade uma reno
e ao mesmo tempo uma revindicação; renovação dos bons model
lingua patria, revindicação ou protesto contra os neglıgentes o
quecidos d'ella.

Não digo que me não tenham feito a experiencia e os annos
dator temporis acti. Mas esta saudade bem justificada anda, e m
vai justificando cada dia, com a degeneração patente das letras,
letras de cambio, e a maré cheia dos barbarismos em que ellas
commum se affogam; a ponto que este doloroso espectaculo dos re
dos naufragios me traz já por dentro aborrido, atediado, derrane
quasi insoffrido, insoffrido e cançado por tórma que, aos que
d'isto se sentem, estou em dizer como Fr. Bernardo de Brito ao
primir as magoas de S. Bernardo pela morte do irmão: «compad
vos da minha sorte, pois fostes testemunhas d'estas cousas que
di!» Bem mais que testemunha é V. Rev.ma que tenta recuperar o
dido com esforço que Deus abençoe.

Dos livros disse o nosso insignissimo Padre Antonio Vieira, s
«uns mestres mudos, que ensinam sem fastio, que fallam a verdad
respeito, reprehendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros
gelos.» Mudos são com effeito os livros, porque não se lhes ouve
e mestres ainda mais, porque d'elles e n'elles tudo se aprende. Po
esses taes mestres que além de mestres deviam ser amigos e c
lheiros, o que bem lhes determina a qualidade do ensino, se dei
transmittir cousas que não fazem já só fastio mas horror; se em
de verdades propagam erros, se perdem o pejo para motejar as
des, se a titulo de amigos se fazem corruptores, e se conselheiros,
selheiros do mal, não vem de tal mercado de enganos tamanho d
gano que produz desconsolação profunda e escurece de tristeza a

Dirá V. Rev.ma que ha bons livros ainda, que a esses unicamen
referia Vieyra e tudo está em os escolher.

la por certo; e ninguem faria a objecção com mais direito do que Rev.^ma, que prega com o exemplo trazendo nas mãos tão notavel exemplar de livros optimos — que será seguido de muitos mais, *espera-os*. Mas se a sementeira dos outros é tão basta e cerrada que não deixa ver mais nada! Se tão de intento vem preparada e accommodada a lisongear e explorar os ruins instinctos! Como hão-de escolher os incautos e incultos — a maioria? Eis o que me preoccupa e afflige! E tanto mais que nem só nos assumptos d'esses livros ha damno, o damno que perverte os corações; ha-o tambem na forma que deprava os espiritos!

Entendeu-o seguramente assim tambem V. Rev.^ma, que haverá já tomado o pulso a esta sociedade enferma: a prova é que, sabendo o mal de que ella adoece, com animo generoso e sollicita previsão pôz todo o cuidado em vestir assim a advertencia com o concelho de galas selectas, e não menos que selectas brilhantes, o que muito louvo, pois tudo o que toma feição de gala para ser verdadeira gala ha-de ter opulencia verdadeira, que nada repelle e contrista como o luxo indigente, ou antes a misera ficção e luxo. Deu logo a sua natural agudeza pelas debilidades que levam á decomposição um corpo gasto de excessos, assim como pela urgencia de oppôr á invasão purulenta, por dentro e por fóra, *intus et in cute*, os mais efficazes depuradores e poderosos confortativos, entrando nas clausulas d'esse regimen para reanimar, para verificar, para reconstituir o organismo depauperado e anemico a elegancia, a correcção, a copiosidade, a viveza e energia da phrase e da imagem, que são as transmissoras e inductoras do pensamento, tanto mais possantes quanto mais perfeitas. Por si e em si mesmo dá o proprio medico a melhor demonstração do aphorismo citado: *mens sana in corpore sano!*

Sempre que deveres e responsabilidades m'o permittem não esperdiço vez, no meu tanto, de pôr o dedo na ferida a clamar por quem saiba e possa cural-a, que por mim o nada que faço é apenas para cumprir o preceito, consoante a pobre viuva da parabola, de quem por ter dado seu minguado como prova de boa vontade, o excellente e primoroso Padre Manuel Bernardes em sua *Nova Floresta* disse como elle o sabia dizer: «que certamente tinha muito que ver uma pobresinha dar tudo que tinha só para dar alguma coisa, ficar sem sustento só por não ficar sem caridade; e é bem que se saiba e se divulgue esta doutrina, tão mal acceite ao mundo: *que os pobres tambem hão-de dar conforme podem!*

Por aqui verá V. Rev.^ma com que intimo gozo me deliciaria n'a-

quellas paginas tão cheias e tão puras, que levam e enleva
ao resumirem e consubstanciarem a PRECE, «*uma das leis*
periosas da existencia humana!» E como cá de dentro me
em bravos á justa e vehemente apostrophe contra a Asphi
quelles innumeros maus livros, que me revolvem o estomag
inteiriçam os nervos, e Vieyra nem previu! E que sentim
tão parecidos aos seus, me fez vibrar o AVE PATRIA, curt
E que indizivel arrobamento me provocou a magnifica sy
termina o NATAL DE LONDRES e fecha este volume com chave
De todo o coração lh'o digo: ha muito não encontro es
em sua generalidade assim me chegue ao amago e tant
com o que me anda no espirito.

Avante, Rev.mo Sr. N'essa edade, com essa tempera, co
com esse zelo e a authoridade que elle lhe dá, com esse
ousado talento, que serviços ha que não possa prestar á
sociedade? que futuros que se lhe não abrem rasgados e an

A epigraphe extrahida de Gioberti, que V. Rev.ma poz á
capitulo: IDEAL CHRISTÃO NAS BELLAS-ARTES compendia a
Renascença, que Michelet, a meu vêr tão mal comprehend
cença não só artistica mas litteraria que toda vem das me
tes. E é justamente essa renascença, um dos mais altos v
pirito humano em todas as edades, que, em vez de ser
timulo a novos e uteis arrojos, vai por esse mundo em c
ser demolida a impulsos de outra barbarie, barbarie int
especiosa e arguta mas não menos feroz e destruidora do
bario dos barbaros. Por isso, e limitando-me a um ponto
da questão magna, entrarão aqui talvez de molde umas qu
marias reflexões, que me occorrem a proposito do system
prezo da fórma e da lingua em litteratura, que não conc
para a degeneração actual, creio, e que em muitos, aliá
responsaveis, antes é desculpa á frouxidão e dissidia do q
cidade. «A fórma não é tudo,» diz acertadamente V. Re
gina 132 n'esse capitulo. Certissimamente, não: fôra demenc
blasphemia pretender tal. A forma não é tudo; mas é mui
poucos se poderá tão afoitamente discorrer ácerca d'este p
com V. Rev.ma, que tão bem conhece, emprega e attesta o
os meritos e os prestimos da fórma na profusão dos seus

E não os utilisou, não os sagrou, digamos, a propria Sa
tanto que principiou a ornar as Aras e as Casas de Deu
livros, paramentos e alfaias, acolhendo, conservando, instr

o, aformoseando, restaurando, ennobrecendo e purificando as ar-
· a forma — e bem se pode dizer resurgindo-as a mais alta e
la vida? D'onde senão da Egreja sahiu o rejuvenescimento d'el-
ı sua nova e mais vigorosa floração? D'onde os triumphos
es da pintura? D'onde os prodigios da estatuaria? D'onde as
ilhas da architectura? D'onde a prodigalidade assombrosa da
ıtura ornamental?
usado interrogatorio, e mais que escusado impertinente, se nem
ombras se dirigira a tão douto e alto espirito. Outro é o alvo,
o terá V. Rev.ma já visto. Se resenho assim as artes plasticas,
para chegar a esta conclusão, que na actualidade tenho por op-
na, e a que justamente o exemplo de V. Rev.ma me convida e
ı: se a essas, accaso por darem mais nos olhos, implicita e pre-
temente se reportam os historiadores e analystas de Renascença,
é que as outras, não menos artes, hajam de ser esquecidas ou
ıtoradas quando precederam aquellas, e tanto para ellas e com
cooperaram.
ualmente na Egreja, prosigo pois, se refugiou, perpetuou e ma-
ou a musica. A Hymnologia sacra, do terceiro ao quinto seculo
tudo, tornou-se o viveiro, medrado e inexaurivel, da moderna
a, sem que por moderna entenda toda a que data de então até
Finalmente a *Ars loquendi* e a *Ars scribendi*, tão esmerada-
cultivadas e apuradas nas cathedraes e nos claustros antes de
r ás academias, filhas são da Egreja, filhas dilectissimas e deli-
ssimas, pelo muito que em seu serviço tem lidado, até precei-
o, ajudando, advertindo, e emfim premiando todas as demais ar-
om a recompensa do louvor e a diffusão do applauso.
tudo isto ainda trago, Rev.mo, para lhe expôr e fundamentar o
em que tenho, e o extremo em que aprecio a fórma da lingua-
entre nós hoje tão deformada, tão abatida, tão escabrichada,
ada, invadida, desfigurada, cortada de más giras e ruins manhas'
arrastada emfim e tão perdida que não ha já conhecel-a. E a
a conheceu, e conhece do que ficou dos seus bons tempos, d'a-
es tempos em que andava tão luzida e senhoril, tão fidalga e
morgada, realçando-lhe a clara stirpe e nobreza a farta e hon'
herança, maior lastima dá o vel-a ahi a pedir por portas —
e portas muitas vezes! — e que esmolas quasi sempre! — tendo
tanto de seu, tantos e tantos bens alagados ou em pousio, feitos
ou matagal por culpa dos feitores que se metteram a adminis-
o vasto patrimonio com a mesma jactancia competenciosa, que

o velho Polybio reprehendia aos chronistas officiosos de Hy
pela semcerimonia com que haviam tratado os fastos d'aquelle
«*somniant si qui de iis vel loquantur vel scribant.*» Desvairn
bem desvairados andam com effeito os que tão pouco fazem
tanto valia; e, mais que vicio do juizo, verdadeiro attentado
seu descuido ou má vontade.

Não cuide por isto V. Rev.ma que eu desejo a immobilid
linguagem: nem n'isto, nem no mais, que fôra o absurdo d
surdos. A immobilidade é o caracteristico da morte. De ra
bem o vejo e reconheço, que as linguas se modifiquem e ampli
segundo a successão dos tempos e desenvolvimento das idéas: as
enriquecem mettendo em si termos, e ás vezes formulas, corresp
tes a novos objectos, conhecimentos e necessidades, juntando ao t
que tinham, legado pelos avós, o melhor e optimo do que possam
lhendo e apurando. Mas, por isso mesmo, sem razão grandissim
que ao revez da ordem natural, as linguas, ou alguma lingua,
de augmentar o seu peculio, o diminua e estrague, o desbaste e
rua, e voluntariamente se faça desherdada e indigente, descont
oiro de suas arcas por alguns cobres com azêbre, importados a
recunhados á tôa.

O esmero da forma torna mais patente e potente o valor da m
assim como os atavios discretos avantajam a melhor formosura.
rado na authoridade de Santo Ambrosio, diz o padre Balthazar Te
sua *Historia da Ethiopia*, que «pela compostura do corpo se tira
feição da alma.» Estamos no caso. O garbo e donaire, a limpez
queza, o decoro, em summo, da lingua, a clareza, a propriedade
ajustado das phrases e conceitos por onde toda a alma se ma
com serem só exterioridade e forma, não se hão de considerar
para tratar de resto como futilidades, porque ainda tendo-as por
darias, muito lhes fica de proveitoso e recommendavel. Bem o
largamente o demonstrou V. Rev.ma no livro que tenho debaix
olhos.

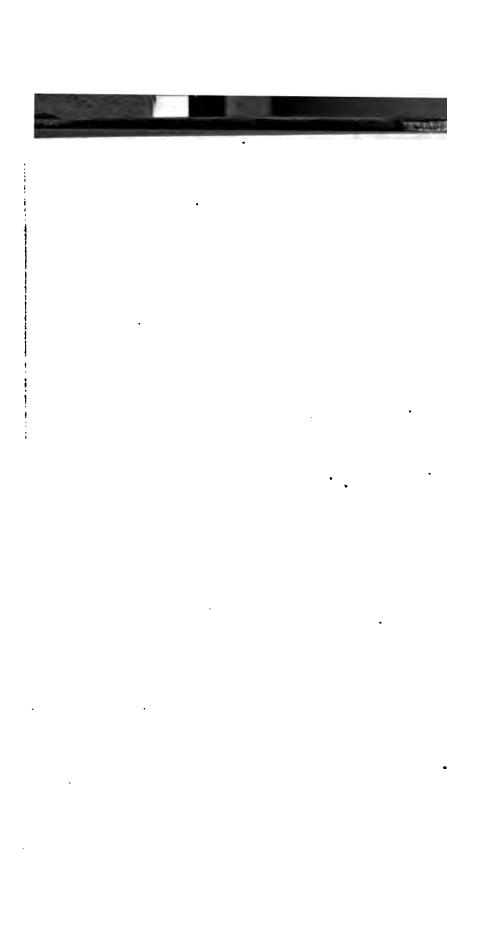
Um estylo dessorado, uma linguagem andrajosa ou bastarda,
me lembrar a audacia ou insania de quem, tentando manej
instrumento que desconhecesse ou mal conhecesse, o desappar
e truncasse para ageital-o á mão imperita.

Se para os cantos do poeta, para as licções do sabio, p
discursos da politica, para as orações do Fôro, para as scen
theatro, para os lances do novellista se pede uma linguagem
quada e pura, quanto mais escrupulosa não deve esta ser em

CORRIGENDA

ERROS MAIS NOTAVEIS

Lin.	Erros	Emendas
2	magnifica cadêa.........	cadêa
12	Depois da phrase «a estrada real é esta,» leia-se immediatamente, supprimindo os outros periodos indevidamente intercalados..	«A lingua ascetica, etc.
(epigraphe)	*statum*...............	*statutum*
25	n'essa.................	nossa
11	Santiago..............	S. Thiago
4	podiam suggerir o descompassado golpe..........	podiam suggerir para traduzir o descompassado golpe
3	depois.................	deposito
18	e trama...............	a trama
18	util..................	inutil
18	maltrapido............	maltrapilho
13	disfarçado.............	desfaçado

I

PRIMEIRA PARTE D'UMA PRATICA

DIRIGIDA
ÁS RECOLHIDAS DO CONVENTO DA CONCEIÇÃO EM BRAGA
NA CONCLUSÃO DO MEZ MARIANO

Ecce Mater tua. Et accepit eam discipulus in suam.
EVANG. S. JOÃO.

I

Não sei que tivesse sahido das mãos de Deus creação mais admiravel, nem que desabroxe em coração algum sentimento mais doce, nem suba aos labios nome repassado de mais pura suavidade, que o de uma *mãi.*

Creação, digo, em que o Omnipotente mais infundiu o genio do seu proprio amor para com os mortaes; sentimento que nos recorda os carinhos ineffaveis que nos ensombraram o berço, os cuidados sem numero e sem retribuição possivel de que foi objecto

Mas nós outros, que o somos; longe de engeitarmos vilmente a nossa filiação, d'ella nos ufanamos, bem que só por um singularissimo privilegio da divina munificencia, tenhamos direito de invocar como tal a Rainha dos Céos.

É precisamente para radicar d'um modo mais solido em nossos espiritos esse direito que nos assiste, e os deveres filiaes que lhe são correlativos, que nós estudaremos n'um primeiro ponto os titulos da preciosa herança, que constituiram a Maria Rainha e Māi da sociedade catholica, bem como as consequencias que d'aqui fluem para proveito nosso: « *Ecce mater tua;* » e no segundo ponto, de que modo a sociedade catholica por um culto de religioso amor tem buscado corresponder a essa sublime prerogativa, e o que cumpre ainda realisar, para completar esse culto: « *et accepit eam discipulus in suam.* »

Sem mais preambulos, nem ceremonias entremos na materia.

II

Chegado ao ultimo dia, e á derradeira hora da sua vida mortal, Jesus Christo lançou do alto do madeiro onde jazia pregado, um olhar retrospectivo para a grande obra que viera estabelecer na terra, e para tudo quanto a sua excessiva caridade tinha feito pelo nosso bem; e viu que as prophecias estavam perfeitamente cumpridas, que nem um jota fôra preterido do que se achava inscripto na lei.

Mas se elle esgotára os presagios das Escripturas,

› esgotára as riquezas infinitas do seu coração tão
inamente dadivoso. Restava ainda alguma cousa,
› anhelava acrescentar ao mystico testamento do
ι proprio corpo que nos legára um dia antes, para
ler então dizer-nos com verdade: «Sendo Deus,
› tenho mais que dar-vos.» Parece que Jesus li-
ra um valor mais que singular a esta nova doa-
›, porque a reservou para ultimo logar, isto é,
·a o momento preciso em que se guardam as pa-
ras mais solemnes da vida, as mais ternas expres-
›s d'affecto, e esses esforços supremos d'alma, que
npem o derradeiro liame que a prende ao corpo,
rque lhes não póde sobreviver.
Baixando os olhos amortecidos para o sopé da sua
ız, procurou em de redor d'ella alguns ao menos
ș seus discipulos, dos seus unicos amigos que fos-
n as testemunhas do testamento que ia legar á
manidade; e apenas viu junto ao lenho sagrado,
pé, morta pela vehemencia da dôr, mas sobrevi-
ndo-se a si propria pela força inigualavel de uma
ignação sobrehumana, e de uma caridade immo-
lora do proprio Filho, a Mãe estremecida, e pro-
no d'ella o discipulo muito amado, a quem o amor
nára mais forte que a morte.
Volvendo então os olhos para Maria, exclamou:
nulher, eis ahi o teu filho;» e em seguida vol-
ndo-se para João, disse: «eis ahi a tua mãe,» e
sde aquella hora o discipulo a reconheceu e a acei-
ι como sua.
Não ha um só padre da Igreja, um só interprete

dos sagrados livros, que não entenda que S. Jo
representava n'aquella hora a humanidade inteira,
por conseguinte, que o testamento de Jesus não s
gnificava tão sómente que elle contituia a Virgem
Santissima mãe do discipulo predilecto, senão mã
simultaneamente de todos os homens, em todos o
tempos.

Não é isto um dogma, mas é a crença unanime, e tradicional da sociedade catholica, crença que pela sua mesma antiguidade, ubiquidade e universalidade, versando sobre materia de tal natureza, tem d'alguma sorte a força d'uma verdade de fé.

Depois d'esta solemne palavra, Jesus Christo só proferiu outra: «*consummatum est,*» está tudo consummado, porque estava de facto completo o circulo da sua immensa caridade, estava dada a ultima demão á obra magnifica que 40 seculos haviam prefaciado; uma esperança infinita acabava de raiar para os filhos desgraçados da culpa; os nossos crimes, a multidão das nossas iniquidades poderão condensar sobre nossas cabeças uma nuvem negra que nos empeça de vêr a face de um Deus, mas não poderão d'ora em diante impedir-nos de contemplar e invocar n'esse céo de trevas a mystica estrella do mar, o coração sempre amigo e compassivo da nossa mãe!

Assim pois, na hora prevista *ab æterno*, para sempre assignalada na ampulheta dos seculos, em que o author da vida arranca o ultimo suspiro; aos pés do patibulo do filho, a Mãi do Homem-Deus gera a humanidade á vida immortal da graça e da gloria dos

os. Deixa cahir d'uma das mãos os titulos da sua
ternidade divina, e aceita na outra os novos titu-
da sua maternidade puramente humana. Que troca
desoladora para ella, exclama S. Bernardo,
s que excelso, e que venturoso privilegio para
!

Segue-se do que levo dito, meus irmãos, que a
gem Maria tudo póde a bem da nossa eterna sal-
ão, ou mais claro, que deve necessariamente ter
poder illimitado sobre o coração de Deus, e que
e poder não é mais, entre as suas mãos mater-
es, do que o instrumento efficaz que põe ao ser-
o do interesse incommensuravel que toma pela
ssa felicidade. É manifesto. Nenhuma alma tão ce-
ste, nenhuns labios tão puros poderiam jámais advo-
r a causa da humana fragilidade perante o tribu-
l da justiça infinita. Quando Maria supplicante
tercede pelos pobres filhos de Eva, é a maior san-
lade creada que intercede perante a santidade in-
eada. Mais. Jesus Christo instituindo a Virgem
ssa mãi sem cessar de ser sua, saberá observar
ra com ella essa respeitosa deferencia devida á que
r espaço de nove mezes o trouxe em suas entra-
as, e o alimentou com o leite de seus proprios
ios. Que digo? Maria dirigindo-se a Jesus em nosso
vor, não é porventura o amor da mais solicita das
iis dirigindo-se ao amor do mais exemplar de to-
s os filhos? — Por isso eu ousei asseverar, e ouso
petir que o poder da Augusta Madona para com a
isericordia divina é sem limites. O illustre theologo

Soares, o segundo sabio da Igreja da idade-media para cá, porque só a S. Thomaz é dado occupar o primeiro degrau da sciencia divina, Soares exclama n'um extasis de assombro: «vós sois, ó Senhora, tão omnipotente como o proprio Deus, tão poderosa em pedir como Elle em conceder.» Oh! sim, dilatem-se os peitos dos fieis, e ergam-se os rostos deprimidos por um temor indiscreto. Maria é uma omnipotencia de mãos postas, Maria é uma omnipotencia de joelhos perante uma omnipotencia soberana!

Ora, que um semelhante prestigio não é para ella mais do que a alavanca mysteriosa posta em movimento pelo seu coração para actuar sobre a Bondade Infinita, só de tal duvidará quem se esquecer de que fôra impossivel que a Virgem não empregasse todo o seu valimento a prol da nossa salvação, quando á nossa propria ruina, á nossa mesma miseria deve ella o ter sido eleita para Mãi do Verbo incarnado, porque se o homem não houvera cahido da innocencencia na culpa, nunca o Christo Jesus houvera cahido do seio do Eterno Pai no seio de uma mulher. Só de tal duvidará, digo, quem se esquecer de que nem a onda obedece tão cegamente á direcção do vento que a impelle, nem a folha é tão docil á aragem buliçosa que a agita, nem a corda acustica movida pela tecla, produz tão pontualmente um som musical, como Maria obedecia fielmente á vontade de seu amantissimo Filho, e Jesus dissera a sua Mãi, e dissera-lh'o na derradeira hora: «*ecce filius tuus.*»

Et cœtera.

II

EXORDIO, INFORMAÇÃO E EPILOGO

D'UMA ALLOCUÇÃO PRONUNCIADA NO COLLEGIO
DE SANTA QUITERIA DE MARGARIDE
POR OCCASIÃO DA FESTA DA SANTA INFANCIA

II

EXORDIO, INFORMAÇÃO E EPILOGO

D'UMA ALLOCUÇÃO PRONUNCIADA NO COLLEGIO
DE SANTA QUITERIA DE MARGARIDE
POR OCCASIÃO DA FESTA DA SANTA INFANCIA

Amen, amen dico vobis, quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.

MATH. 25-4.

I

Além do grande motivo da fé, que não é, nem póde ser outro senão a authoridade infallivel d'um Deus revelador, admitte a sciencia theologica certos principios ou dados subordinados áquelle, fundados na luz da razão, e que não pouco concorrem para radicar em nosso espirito a sua adhesão aos dogmas catholicos.

Chamam-se elles — motivos de credibilidade.

O estudo da historia da humanidade, irmãos meus, é para mim um dos mais fortes motivos de credibi-

lidade, que existir possam em abono da divindade da religião fundada por Nosso Senhor Jesus Christo.

Quando ponho em parallelo o mundo d'além com o mundo d'áquem da cruz, quando comparo as idéas, as leis, os costumes, usos, e instituições dos seculos pagãos com as idéas, leis, costumes, usos e instituições das nações christãs; quando considero que d'entre todos os esforços gigantescos operados pela intelligencia humana, para quebrar o circulo de ferro da sua servidão ou degradação moral, só o madeiro da redempção se ergueu e permaneceu nas fronteiras de dois mundos, como o marco dezenove vezes secular d'uma época unica, e o symbolo da mais admiravel e auspiciosa transformação realisada na sociedade; quando emfim percorro a necropole immensa da historia, e contemplo, prostrados, e corroidos dos vermes de todos os vicios ignobeis, os cadaveres das nações, animando-se posteriormente, e caminhando á voz d'um judeu, não posso commigo que não reconheça e proclame que o homem que tal soube fazer era mais que um homem, e que a religião por elle fundada tem um cunho essencialmente divino.

Que era a humanidade senão um immenso ponto de interrogação, formado pelas cousas e pelos homens, e a que os maiores sabios do paganismo não tinham jámais sabido responder, ou só haviam respondido por modo tão insolito, e até absurdo, que deixava perfeitamente de pé e tornava ainda mais insoluvel esse problema colossal?

Serão todos os homens eguaes perante os deuses? ·guntava a sociedade pagã: «não, respondeu-lhe divino Platão, entre o escravo e o homem livre ·deia uma distancia infinita, porque o escravo não n personalidade.» Poderá a mulher ser admittida altura de socia do homem, por isso que o é da ande obra da procreação da especie humana? «Não, sponde o grave Catão; a mulher é serva d'uma or- ·m um pouco mais elevada; porém não lhe é dado pirar á humanidade.» Quaes serão os direitos da eança recem-nascida? que attenções se deverá ter ıra com esta edade inutil? «Se nascer sem defeito, ›sponde o grande legislador Lycurgo, seja conser- ıda para abastecer os membros da republica; se ascer rachitica ou defeituosa, seja atirada ao rio, ı estrangulada.»

Ahi tendes a ultima palavra da sabedoria humana; ui tendes os tres grandes principios do Evangelho › homem; vêde porque traça admiravel os soube ›rrigir o Evangelho de Deus.

Bom fôra que os egregios padrinhos da *razão so- rana* meditassem um pouco mais sobre este facto storico, para melhor aquilatarem o poder d'aquella, ıando desquitada da fé.

Jesus Christo acabou com os privilegios estabeleci- ›s no ridiculo preconceito d'uma zona mais ou menos mperada, d'uma latitude mais ou menos elevada, uma tez mais ou menos clara, d'um sangue mais ı menos puro, d'um angulo facial mais ou menos ›senvolvido, mostrando que todos os homens ti-

nham uma origem commum, eram filhos d'um mesm
Pai, e por tanto irmãos uns dos outros, e que o ra
da intelligencia e o sol da liberdade, que constitu
a sua verdadeira gloria, ennobrecia tanto a fron
negra no abexim, como a branca e transparente
europeu.

E abraçou todas as raças, e todas as nações
terra no amplexo d'essa divina virtude da *caric
de*, ignorada dos homens, até no nome que a e
prime!

Deu á mulher a carta de emancipação, de que fô
destituida, reconstituindo-a nos seus direitos primit
vos, e mostrando que não podia ser serva do homem
a que era com elle, nos designios da Providencia
uma dualidade n'uma só carne, e n'um só amor, con
centrando-se, e sobrevivendo-se nos fructos commun
d'elle.

Restituiu á criança a protecção carinhosa, que lh
é devida, mostrando que os seus direitos são tant
mais sagrados, e absolutos, quanto é mais absolut
a sua impotencia.

Fallei da criança! Pronunciei um nome que ench
de suavidade meu coração, e meus labios de padre
Ministro de Jesus Christo, as primeiras sympathia
de minha alma são para essa idade de innocencia
santificada na pessoa, e tutelada mais que nenhum
pelas palavras do meu divino Mestre.

D'este pulpito, aonde me trouxe a causa da inno
cencia desvalida, eu saúdo com affectivo respeito
primogenitos do céo, «*talium est enim regnum ca*

rum [1] »; e felicito-me de ter de consagrar-lhes hoje a palavra evangelica, que nunca se achará mais na altura do seu mister, do que protegendo os primeiros no amor de Jesus.

Á criança votou Elle os seus primeiros passos na vida, já que quiz gemer os gemidos da infancia, e ser enfaixado nas suas mantilhas; mais tarde conchegou-a contra o seio, quando os apostolos a repelliam, «*sinite parvulos ad me venire* [2] », e seus labios que só estillavam bençãos, pediram ao Sinay a sua voz terrivel, para fulminarem o que ousasse escandalisar um d'esses meninos que n'elle crêem: «*qui scandalisaverit unum de pusillis istis, qui in me credunt, expedit ei ut suspendatur collo ejus molla asinaria, et demergatur in profundum maris* [3].»

A Igreja, pois, que herdou do seu divino Esposo a plenitude do seu espirito, não podia deixar de ser a protectora de todas as fraquezas, de todas as diversas manifestações da indigencia, da inferioridade, da enfermidade humana, e por conseguinte a defensora da infancia, e a apologista nata dos seus direitos conculcados.

Sim, a Igreja é a prolongação da encarnação do Verbo, atravez dos seculos. Se Este disse: «deixai que os meninos venham a mim», Aquella erige asylos para recebel-os, sagra homens para irem procural-os ao fundo da Asia, e da Africa, cria instituições,

[1] S. Math., 19, 14.
[2] Ibidem.
[3] S. Math., 18, 6

II

Qual foi a origem da pia obra da Santa Infancia?) é, qual foi o sentimento que a inspirou, e de que ido se estabeleceu ella?

Meus irmãos, ha muito para além dos mares do eano Atlantico, no centro do continente asiatico, no perio da China, um povo immenso, pois conta para na de trezentos milhões de habitantes.

Este povo sem entranhas assassina, logo á nascença, seus proprios filhos, para subtrahir-se ao afan da a creação, e educação.

Mãis desnaturadas afogam-os com as proprias os, insensiveis aos gritos da natureza, outras ati-)-os á corrente dos rios, ou depõem-os na estrada lica, para serem devorados pelos cães, que dis-m entre si a horrivel presa.

io ouvis a voz plangente e dilacerante das infe-crianças, que chegam até nós? O seu echo si-atravessa os mares, para conjurar-nos, em da mais vulgar humanidade, corramos em seu, já que seus paes as desconhecem, e lhes am a existencia, mal teem vindo ao bafo d'ella!

iomem de Deus, um piedoso prelado de França, hor Forbin Janson, foi o primeiro a quem eu efficazmente o grito d'esses desditosos, e cebeu o alvitre de os roubar ao seu nefando creando a associação, vulgarmente chamada, Infancia.

ra trinta annos, que este pensamento foi

realisado, tendo sido o seu primeiro executor, monsenhor Mouly, ex-vigario apostolico de Pekin.

Vêdes para logo que o principio que presidiu a esta obra, foi unicamente um principio de caridade e compaixão para com a innocencia perseguida.

A caridade! disse eu; e não tem ella sido a razão d'existencia, de todas as instituições humanitarias da Igreja? A humanidade é semelhante a um grande enfermo, que jaz prostrado no grabato da dôr e a caridade carinhosa enfermeira, que nunca cerra os olhos ao somno, velando de dia e de noite junto da sua cabeceira.

Solta o enfermo um gemido, verte uma lagrima, contorce-se sob a pressão do soffrimento, manifesta uma só das innumeras phases da dôr? A caridade acode solicita, approxima-se d'elle, interroga-o, estuda-lhe o mal, pensa-lhe as feridas, enxuga-lhe o pranto, busca minorar-lhe a pena que o afflige, por todas as traças industriosas que lhe suggere o genio sobrehumano que a anima.

Quem foi que formou tantas ordens religiosas, tantas associações philantropicas (já que a palavra deve *ter um sentido)*, diffundidas pelo universo catholico, senão a caridade, encarnada no seio da Igreja?

N'ella tomou principio a congregação dos irmãos hospitaleiros de S. João de Deus, que se votavam a soccorrer os doentes nos hospitaes.

N'ella nasceu o primeiro pensamento das escólas gratuitas para a educação christã da infancia. Foi o seu fundador S. José de Calasanço.

Sob sua inspiração brotou e se desenvolveu a pia ordem da Santissima Trindade, para a redempção dos captivos de Marrocos, tendo sido S. João da Matta o seu instituidor.

Encorporada no sublime coração de um S. Vicente de Paulo, deu ella principio á magnifica associação das filhas da caridade, anjos da terra, ou mulheres do céo, aos seminarios diocesanos para a formação do clero, aos hospitaes civis para invalidos, ás rodas para as crianças sem paes, ás casas de refugio para as Magdalenas do peccado, etc.

Quem não conhece a grande obra da propagação da fé, que tem enviado para todos os angulos do globo, centenares de missionarios, que vão fazer homens, e depois christãos, dos habitantes nomadas das florestas?

Colligi, se podeis, a cifra de todas as dôres e miserias humanas, e tereis colligido o numero das instituições com que a caridade catholica tem buscado mitigal-as.

Este facto é consolador. Mas além de todas essas miserias, ha outras mais amargas, e mais vivas ainda, que demandam por tanto mais prompto subsidio.

São ellas as que teem a infancia por objecto. Tenras plantasinhas humanas, para quem a vida por algum tempo é uma morte provavel; pobres crianças, que nem dispõem da palavra para nos manifestarem suas necessidades; homens d'uma hora, que só por lagrimas podem revelar-nos as suas penas, e que nem um dia sabem subsistir sem a admiravel provi-

dencia do seio materno; não enternecerão por ventura ellas muito mais o coração humano de que todos os desgraçados, por mais oppressos que vivam, mas que teem por si a idade viril, a força d'alma e a robustez dos membros? que podem pedir até certo ponto á rigidez dos seus musculos um apoio, e ao seu coração um balsamo contra os males que os salteiam, e fazer em fim da energia natural uma alavanca, para repellir o peso dos soffrimentos que os prostram?

Por isso constando a alguns corações generosos, que existiam, a milhares de leguas do seu solo, um numero immenso de meninos desvalidos, condemnados ao exterminio por paes desnaturados, commoveram-se as entranhas da sua compaixão, e voaram em auxilio das pobres victimas, para dizerem a taes paes: deixai-nos adoptar por nossos esses filhos que repudiais cruelmente; e poupe-os ao menos o nosso óbolo ao abominavel destino a que não sabe poupal-os a dureza dos vossos peitos.

E teem-n'o conseguido.

É que a caridade, meus irmãos, não conhece distancias, não faz distincção de povo, ou de castas. É como o sol, cujo fóco, por mais encandescente que seja, não é todavia igual ao seu. Derrama luz, calor e fecundidade sobre tudo quanto aspira á vida, sem discernir entre o cedro do Libano, e a humilde grama.

Assim que, aquelle que desdenha consolar, ou soccorrer um desgraçado, porque não é da sua patria ou da sua familia, prova sobejamente que em si não

de o fogo sagrado do amor christão; poderá ser
cessivel á commoção de uma piedade natural, mas
o conhece o santo arrobo da caridade, implantada
r Jesus Christo, abraçando na sua chamma im-
ensa, todas as dôres, e todos os homens.

Ninguem diga, pois: «que necessidade temos nós
enviar o nosso óbolo para a China, quando no
io de nós temos tantos pobres? As nossas portas
gorgitam de mendigos, e as ruas estão obstruidas
elles.» Os que assim pensam, parece que se des-
regam da esmola, como d'um peso intoleravel,
rque tendo soccorrido uma das fórmas da desgraça,
insensiveis a todas as outras. Dosam a com-
xão, e impõem-lhe o dever de não passar além.

Oh! não, a caridade não tem patria; não é estre-
da pelas cordilheiras, ou pelos rios como os povos.
ida do coração de Jesus Christo, tem as propor-
infinitas do seu proprio author; é vasta como
; e semelhante ao oceano que se subleva contra
os diques e recifes que se lhe oppõem, trasva-
por sobre elles a torrente das suas vagas en-
cidas, a caridade não tem mais que uma ambi-
não conhece mais que uma lei, a de dilatar as
margens!

foi, pois, a origem da obra da Santa Infancia.

. . . .

ogo. E agora, soffrei, intrepido e fervoroso di-
la Santa Infancia na provincia do Minho [1], que

[1] mo e rev.mo sr. padre Manuel Teixeira da Costa.

um sentimento irrepresavel de justo louvor vença um momento a vossa modestia, que só quer do céo, e só a elle confia a emerita recompensa do que a vossa caridade por elle executa na terra. Não podeis, porém, vedar aos labios independentes d'um ministro de Deus o agradecerem-vos em nome de todos os associados da Santa Infancia a activissima parte que n'ella tendes tomado, para promoverdes o seu desenvolvimento, como seu director n'esta religiosa provincia. Do fundo da China, os innocentinhos por vós resgatados, vos saudam pela minha bocca, e gratos se consideram como filhos vossos, gerados, não de um modo commum e material, mas pelas entranhas da vossa commiseração sacerdotal.

Deixar zumbir as vespas importunas, mas impotentes, que só teem o ferrão da abelha, que envenena, sem terem o seu mel, que cura e restaura. Deixar vozear e mentir esses homens assalariados pela imprensa, para fazerem o officio do apostolo traidor que, malsinava o emprego de algumas gotas de nardo precioso, derramado pela Magdalena, sobre os pés do Salvador. São miseraveis, que não são uteis á sociedade, nem consentem que alguem o seja.

A abelha não interrompe o favo, que tão industriosamente fabrica, porque ao lado lhe zumbe o zangão invejoso; fazei outro tanto.

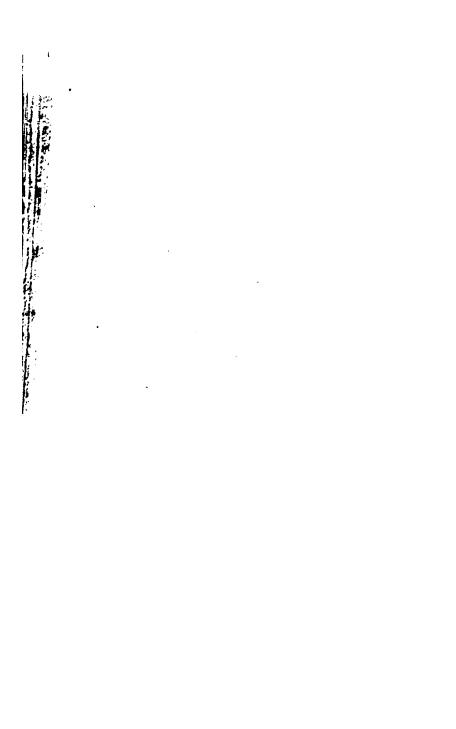
Quanto a vós, socios e socias da bella obra da Santa Infancia, prosegui na nobre missão de arrancar ás garras da morte a innocencia; saboreai o mais dôce de todos os misteres, qual é o de realisar

bem, porque não deixa como o crime após o prazer ephemero de um instincto satisfeito, o travo intoleravel do remorso, mas conserva no paladar interior da consciencia, o saibo delicioso de um acto de que não tendes que corar, senão que regosijar-vos, perante os homens e perante Deus.

E quando fordes transportados do exilio á patria, e vos fôr perguntado pelo supremo Juiz — onde estão os vossos merecimentos, podereis apontar para o coro dos anjinhos que tiverdes introduzido no paraizo, e responder-lhe confiados — alli estão, Senhor, os nossos merecimentos.

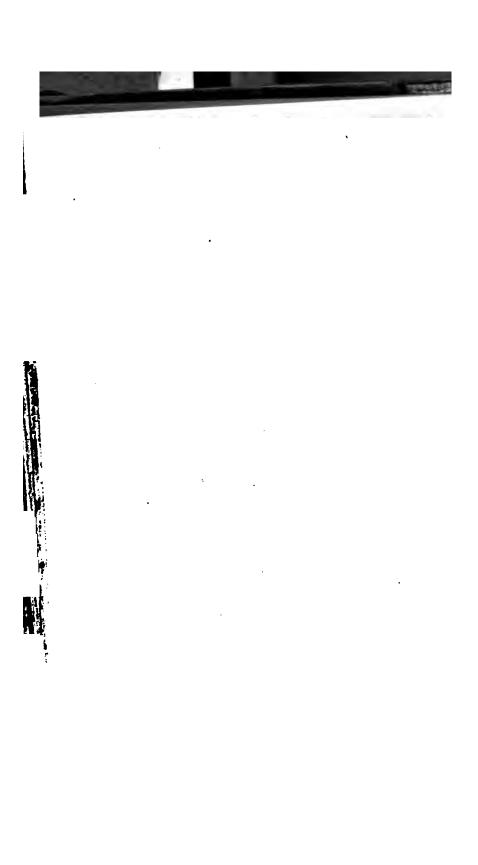
E a cohorte das ditosas crianças por vós remidas, baixará sobre vós, para tomar-vos sob sua tutela, formará uma corôa em torno das vossas frontes, e entoará um hymno de reconhecimento e de supplica, que só é dado á innocencia cantar.

E fará sorrir sobre os labios do Senhor o céo sem nuvens da infinita bondade, e a misericordia do céo, galardoando a misericordia da terra, embainhará a espada da justiça inexoravel.

E nós que amâmos a infancia desvalida no exilio, nos reuniremos ao côro d'esses anjos da patria, e bemdiremos eternamente com elles o Deus magnifico da caridade.

III

ASSUMPÇÃO DE MARIA

SERMÃO PRÉGADO NA IGREJA DE NOSSA SENHORA
DA OLIVEIRA DA CIDADE DE GUIMARÃES

III

ASSUMPÇÃO DE MARIA

SERMÃO PRÉGADO NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA DA CIDADE DE GUIMARÃES

Quæ est ista quæ progreditur quasi aurora consurgens?

CANT. CANT. VI.

I

Um dia Salomão, illuminado pelo espirito de Deus, e transportado por elle ao meio dos acontecimentos futuros, viu uma mulher que se elevava magestosamente no horisonte.

Sobre a fronte radiosa e pura brilhavam-lhe as graças d'uma aurora nascente: *Quasi aurora consurgens,* [1] cingia-lhe o rosto uma luz tranquilla e serena como a do astro das noites: *Pulchra ut luna,* [2] de todo o corpo sahiam-lhe raios fulgurantes como os do sol: *Electa ut sol;* [3] finalmente o porte varonil

[1] Cant. cant., 6, 9.
[2] Ibidem.
[3] Ibidem.

d'esta mulher mysteriosa era por si só tão imponente, como o de um exercito formado em ordem de batalha: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* [1]

Maravilhado por um tal espectaculo, exclamava em extasis Salomão: *Quæ est ista?* Quem será esta matrona? E não lhe era dado comprehender a figura esplendorosa que d'est'arte lhe captivava a attenção. Mais felizes que o sabio, é-nos dado a nós outros saber quem era este vulto magestoso. — A Igreja, fiel, interprete das Sagradas Escripturas, a Igreja infallivel como o Deus que a inspira, ensina-nos que era a Virgem-Mãi do Redemptor, que se elevava da terra para os céos, a fim de quinhoar a gloria immortal do Filho, e receber da sua mão o refulgente diadema, que devia inaugural-a para todo o sempre, Rainha dos anjos e dos santos.

Certo, não é isto um ponto de fé catholica, por quanto ainda até hoje tal artigo não foi definido pelo orgão official da revelação; mas desde os primeiros tempos do christianismo tem sido sempre esta a crença de todos os seus padres, e doutores, bem como o sentir de todos os fieis, ao qual dá um caracter solemne de certeza a festa expressamente instituida pela Igreja, consagrando essa crença geral, como observa o cardeal Baronio, [2] e posteriormente Bergier no seu excellente *Diccionario theologico.*

[1] Ibidem.

[2] E affirma ao mesmo tempo «que não se poderia, sem temeridade, sustentar uma crença contraria».

A faculdade de Paris, condemnando *A cidade de Deus* de Maria de

De mais, se em materias de fé nos é licito, como é, escutar as illuminações convergentes da propria razão humana, não nos está ella dictando que fôra indigno da bondade, e parece que até d'alguma sorte da justiça do Filho de Maria, o sujeitar á corrupção do sepulchro, e á putrèfacção do cadaver o corpo santissimo d'aquella de cuja carne Elle se formou, em cujas entranhas habitou por espaço de nove mezes, e cujos peitos sugou? Podia Jesus Christo preserval-a da lei fatal da corrupção? Logo devia á sua propria dignidade fazel-o.

Sim, se Maria conheceu o somno da morte. para que lhe não faltasse esse ponto de semelhança, e unificação com o Salvador dos homens, como elle, não padeceu o esphacello da campa. Não ascendeu todavia corporalmente ao seio do Eterno Pai por sua virtude propria, qual o Christo, mas foi assumida pelos anjos até o thalamo ethereo, onde reina em solio de estrellas o Rei dos reis; e é ella que o vate sagrado saúda nas suas paginas repassadas de lyrismo, atravez das sombras de onze seculos de distancia: «Quem é esta que sobe tão suavemente pelo deserto, como uma exhalação de myrra, e d'incenso, que se desenvolve no espaço em espiral, para perder-se em fim no seio das nuvens: «*Quæ est ista quæ ascendit per*

Agreda, declarou que cria firmemente, que a Santissima Virgem fôra assumida aos ceos em corpo e alma.

Na Igreja oriental esta festa principiou primeiro que na occidental, por isso que no imperio de Justiniano, 527 da era christã, já se celebrava regularmente.

desertum sicut virgula fumi, ex aromatibus myrræ et thuris?» (Sal.).

A visão porém do Esposo dos cantares não se referia sómente á Assumpção de Maria; referia-se tambem ao estado de gloria em que ella havia de manifestar-se um dia aos olhos do mundo, exalçada por todas as gerações futuras.

De facto, o curso dos tempos tem-se encarregado de justificar admiravelmente o vaticinio de Salomão.

O culto de Maria é semelhante, em seu desenvolvimento, á avalancha das montanhas, que vae decuplando constantemente o diametro da sua esphera na razão directa da sua queda; ou para empregar as proprias expressões do meu texto, é semelhante ao arrebol da manhã, que reaviva e alteia cada vez mais a cinta de purpura com que orla o horisonte, á proporção que o astro do dia se adianta, luminoso e magnifico, sobre a face da terra: *« Quasi aurora consurgens. »*

Demonstral-o não será difficil, descrevendo-vos resumidamente os topicos mais salientes do seu culto desde o berço do christianismo até nossos dias, o que formará o primeiro ponto d'este discurso, e lançando comvosco um olhar retrospectivo sobre a historia d'esse mesmo culto em Portugal, o que nos servirá de segundo ponto.

Assim que, minhas palavras fieis ao meu coração, não irão esmolar nos vossos labios o óbolo d'um louvor vanglorioso, indigno d'um orador sagrado, mas subirão até aos degraus do throno de Maria, como

iis uma homenagem, embora mesquinha, que se prender á magnifica cadeia de amorosos tributos n que hoje a saúda a Igreja catholica.
Comecemos.

II

Respeitaveis tradições escriptas nos referem que apostolos tinham á Mãe de Jesus uma grande ve-ração; que a consultavam a miudo em pontos de itrina; que a faziam presidir em todas as suas as-nbléas, e que ella era como a alma do collegio ostolico, depois da morte e ascensão do Redem-r. Erigiram, além d'isto, nos Evangelhos que es-veram para nossa lição, o mais alto padrão que liam levantar-lhe, narrando-nos com uma nobre, ublime singeleza a curta mas celeste chronica da vida, thema eterno sobre o qual os oradores sa-dos tem tecido e hão-de tecer até ao fim dos tem-o louvor d'aquella, que o Archanjo nos ensinou ognominar — a *bemdita* entre todas as mulheres.
)ando apenas um passo, para chegarmos á era padres da Igreja, é surprehendente a unanimi-.e, que em todos elles se nota em exaltarem nos s escriptos a augusta Mãe do Homem-Deus.
: um concerto delicioso de encomios, que echoando ivés das edades, tem chegado até nós, para ca--se com as manifestações nunca excedidas de culto, a que a tem honrado o seculo XIX, na pessoa no-adamente do immortal Pio IX.
Santo Athanasio exclama que o Espirito Paraclito

a investiu da plenitude da graça, para que fosse em tudo e por tudo graciosa: «*ut in omnibus gratiosa esset* [1].»

O grande arcebispo de Milão, Santo Ambrosio, ao descrever as virtudes preexcelsas de Maria, termina por estas palavras: «Para que demorar-me em individuar e elogiar cada uma das suas eminentes qualidades, tendo sido digna de que d'ella nascesse o Filho de Deus: *Quæ digna fuit ex qua Dei Filius nasceretur?*»

Um dos padres da Igreja, que mais e melhor fallaram d'ella, e mais a amaram, S. João Damasceno chama-lhe toda a esperança, e todo o motivo da confiança do christão, depois de Deus — «*tota ratio spei nostræ.*»

O insigne arcebispo de Toledo, e indefesso apologista das grandezas de Maria, Santo Ildefonso, commentando aquellas palavras do *magnificat* «todas as gerações me proclamarão bemaventurada,» assim se exprime, como alheado de si proprio: «Bemaventurada, sim, te reconheceram todas as virtudes celestes, bemaventurada te cantam todos os prophetas, bemaventurada te chamam todos os povos. Bemaventurada és tu na nossa fé, na nossa alma, no nosso affecto, bemaventurada és e serás sempre nos meus louvores e discursos.»

Do fundo da Grecia, a voz eloquente de Santo Epiphanio solta em louvor de Maria as mais encare-

[1] Tricaletius — *Bibliotheca Ecclesiæ Patrum. Idem,* as citações seguintes.

cidas expressões. Ouçamol-o um momento: «Ave, cheia de graça, que és a urna de ouro que conteve o verdadeiro manná celeste; Ave, cheia de graça, que sacias os que teem sêde com a suavidade ineffavel da fonte perenne; Ave, ó purpura real, que revestiste o Rei dos céos e da terra; Ave, livro mysterioso que publicaste para instrucção do mundo a palavra de Deus feita carne.»

Não nos permittem as ensanchas d'um discurso sagrado o trazer a terreiro todos os termos, e todas as phrases encomiasticas com que a imponente constellação, se assim posso dizer, dos padres e doutores da Igreja, teem vindo pelos seculos a dentro, rendendo testemunho, e vassallagem á Augusta Soberana dos céos.

Não as conteriam muitos volumes *in-folio*.

Mas não me é licito deixar de invocar o depoimento d'esse homem prodigioso, que se chamava a chimera do seu seculo, e era a alma d'elle; d'esse illustre S. Bernardo, cognominado pela Igreja o author mellifluo; d'esse amante apaixonado de Maria, que fez dos seus discursos outros tantos hymnos arrebatadores em honra d'Aquella que absorvia os mais puros affectos da sua alma. «Magnifica, exclama elle, ao commentar o segundo livro dos *Numeros*, magnifica, ó christão, a geradora da graça, a mediadora da salvação, a restauradora dos seculos, exalta alfim a exaltada por sobre os córos dos anjos até ao solio eterno: *magnifica gratiæ inventricem, mediatricem salutis, restauratricem sæculorum, exalta denique exal-*

tatam super coros angelorum ad cœlestia regna. É a[illegible] sim que a Igreja me ensina a glorifical-a: *hæc* [illegible] *de illa Ecclesia docuit decantare.*»

Não julguemos, porém, que estes sentimentos [illegible] intima piedade para com Maria eram exclusivos [illegible]'e ses homens privilegiados, a quem Deus chamou [illegible]rincipalmente nos inicios da sua Igreja, para serem os grandes luzeiros d'ella. O culto da Virgem formava já desde então no coração dos povos um objecto especial do seu amor e veneração.

Haja vista o que succedeu no seculo III, quando Nestorio ousou negar o dogma da maternidade divina, e o papa S. Celestino determinou convocar o concilio de Epheso (3.° ecumenico). O povo fremente de indignação contra Nestorio, e ardendo pela definição infallivel que pozesse termo á heresia nascente, acercou-se amotinado da basilica em que se achava congregado o conclave, e pedia em altas vozes aos padres do concilio, proclamassem a decisão final, vingadora das glorias de Maria.

O patriarcha de Alexandria, S. Cyrillo, cedendo á energica e santa insistencia da populaça, acalmou em fim esta tempestade de homens, abrindo de par em par as portas do templo, e publicando em voz forte e grave, que Maria era verdadeiramente Mãe de Deus, e como tal devia ser conhecida e venerada.

Uma ovação immensa, como o rugido do oceano, applaudiu a definição conciliar. Em vinte mil boccas echoou a formula do patriarcha oriental; e quando os bispos da assembléa ecumenica se dirigiam para

uas casas, foram levados nos braços da multidão, o meio d'um sem numero de archotes, e dos mais nthusiasticos — *glorias á Mãe de Deus!*

Como vêdes, já no seculo III a Igreja conhecia e raticava o famoso *suffragio universal*, de que 1793 :z presente aos estados modernos, com a simples ifferença de que o praticava com mais verdade, do ue posteriormente o tem sido...

No seculo IX, escreve Orsini que já eram populaes as imagens de Nossa Senhora, sob a invocação le *refugio dos peccadores*.

Sobre as collinas risonhas de Napoles, nas ferteis varzeas da Campania, no fundo das gargantas dos Apeninos, nos algidos geleiros dos Alpes, por entre as aridas planicies dos Abrusios, foram-se a pouco e pouco elevando aqui e acolá humildes nichos á Madona.

Poucos seculos depois, o mesmo pio uso começou de introduzir-se na antiga Lusitania, mórmente na provincia do Minho. Não ha aldeola de Portugal, onde não se descortine á beira do caminho, no fundo de recatado nicho, ou através d'algum maciço de verdura, a imagem musgosa, onde a fé de nossos paes nos ensina a descobrir, através da imperfeição da fórma, o vulto de Maria.

Sem me agradar, é certo porém que prefiro essa imperfeição ou deformidade que por vezes se encontra em taes imagens, ás esplendidas pinturas, e esculpturas, com que a nossa esthetica realista de mais, assoalha aos olhos da publicidade a desnudez impudica do corpo humano.

Todas as noites, na Italia ainda catholica, o pastor da collina, o trabalhador do valle, e até o vil salteador accendem com uma certa piedade a lampada pendurada diante da Madona, e que semelha estrella protectora no alto das montanhas.

Deixae ao povo essa fé contradictoria, como é a do bandido, que ao deitar-se, depois d'um dia de crimes, beija a medalha de Maria. Oh! quantas vezes essa medalha (talvez dada por sua mãe, no leito da morte), é o unico laço religioso que o prende á religião com que rompeu, e que ainda um dia o ha-de trazer ao seio d'uma sociedade, para quem hoje é um flagello!

Podéra agora recordar-vos a instituição da pia devoção do escapulario, propagada por Simão Stok [1] no seculo III; a instituição do rosario, propagada por S. Domingos, na mesma épocha, [2] as numerosas romagens que em França, Allemanha, Hespanha etc. se crearam em honra de Maria, e são o pregão constante do desenvolvimento que com o andar dos annos tem tomado o seu culto no orbe christão.

[1] A legenda do *Breviario romano* refere que a Santissima Virgem lhe mostrou um modêlo do escapulario, tal como queria que elle usasse na ordem do Carmello. D'aqui tomou principio a devoção do vulgarmente chamado, bentinho do Carmo, que por intermedio de Simão Stok tão de prompto se diffundia: «*Virgo... beato Simoni Anglico insigne sacri escauplaris præbuit, ut cœlesti hac veste Ordo ille sacer dignosceretur.*»

[2] O mesmo *Breviario* assim se exprime, na legenda do officio de Nossa Senhora do Rosario: «*A qua (Virgine) cum monitus esset, et Rosarium populis prædicaret,... mirum est quanto mentis fervore, et quam felici successu injunctum sibi munus sit executus.*»

Na impossibilidade em que o tempo me colloca de
zel-o, tomarei apenas, de todas essas domonstra-
es populares, duas que revestem um cunho tama-
o de encanto, e suave piedade, que subjugaram o
pirito e a penna, ás vezes tão pouco grave, do
aior poeta que tem tido até hoje a Inglaterra pro-
stante, se é que a dignidade do pulpito comporta
nome de Byron. [1]

A primeira d'ellas, é as—Ave-Marias.

Sabeis qual a origem das Ave-Marias, ou do *An-
lus Domini*?

Nasceu no seculo XIV. Justamente aterrado pelas
nquistas formidaveis dos mussulmanos, o papa
ão XXII houve por bem instituir uma devota sup-
ca, sob o titulo de *Angelus Domini*, a qual devia
zar-se ao cahir da noite, a um toque especial do
io.

Todos os catholicos, a essa hora, se punham de joe-
os, e oravam pelo prospero successo das armas
ristãs.

Luiz XXI, no seculo XV, deu a esta oração a fórma
efinitiva, que até hoje tem conservado, isto é, de
na triplice invocação nas trez divisões naturaes do
a.

Foi, pois, transitorio o seu motivo, como vêdes: a
az já d'ha muito está feita entre christãos e aga-
nos, mas as Aves-Marias teem ainda agora a mesma

[1] No canto III do seu *famoso* poema «D. Juan» lord Byron acrescenta
a corda religiosa á sua lyra mais que mundana, para cantar em su-
ves estancias a hora das — Ave-Marias.

frescura, como no primeiro momento em que brotaram dos labios do catholicismo.

Ave-Marias! hora encantadora do crepusculo! Ave-Marias! na terra... e na amplidão dos mares! Hora de repouso, de magia, e de oração, era ella a mais digna de relembrar o grande mysterio do amor infinito, humanado nas entranhas da filha de Jessé!

Ave-Marias!

Bemdito seja o tempo, o lugar, a occasião, em que eu senti, em todo o seu mysterio, descer sobre a terra velada pelas sombras do occaso, esta hora tão pura, e tão bella!

Feliz e bemdito o povo a quem é dado ouvil-a, e que se descobre sem pejo, n'um piedoso recolhimento, para deixar passar sobre a face do globo essa voz dos seculos idos, que vem dar testemunho da hora entre todas unica e solemne da meia noite, em que nasceu entre palhas o Filho de Maria!

Ditoso povo porque é o povo do Deus do Evangelho...

Lembro-me de ter lido, que uma vez o sabio Platão, o philosopho do paganismo que mais aventou a revelação, tomado de espanto á vista da ordem maravilhosa que reina na natureza, e representando-se todos os mundos que povoam o espaço, e todos os astros que gravitam, n'uma harmonia tão perfeita sob a abobada dos céos, julgava ouvir uma melodia divina produzida pelo movimento d'estes milhares de astros, e deleitava-se n'esta suave comtemplação.

Ora, o que para Platão não passava de uma ima-

ginação brilhante, tornou-se para o catholico uma brilhante realidade.

Cada dia, e tres vezes por dia, milhares de sinos, desde o grave carrilhão da grande cidade, até á campa argentina d'aldeia, e á modesta sineta de bordo nos altos mares, unem-se do nascente ao occaso n'uma grandiosa harmonia, para celebrarem a misericordia do Filho e a gloria da Mai, a encarnação do primeiro, e a maternidade da segunda.

Oh! não tenhaes pejo de unir n'essa hora de saudade da patria, e de tristeza pelo exilio, o murmurio da vossa oração ao concerto religioso do mundo catholico!

Fôra incompleto o inventario das manifestações historico-religiosas, pelas quaes se tem propagado na sociedade dos crestes o bello culto da virgem, se eu deixasse de dizer algumas palavas sobre o mez, que por excellencia, lhe é consagrado.

Já todos os reis da Europa christã, S. Luiz de França, S. Fernando de Hespanha, Santo Eduardo de Inglaterra, Santa Izabel de Portugal etc. haviam deposto aos pés de Maria os seu diademas; já o clero, nobreza e povo lhe tributára o feudo das suas mais sinceras e humildes vassallagens; por ella a poesia soubera educar para o altar os inspirados accentos do seu estro, por ella a musica combinára nas mais enlevantes modulações, as notas variadas da sua gamma; por ella a pintura dera vida e colorido á téla em creações, que já agora serão immortaes, por ella a esculptura fizera, por assim dizer,

palpitar, e fallar o marmore; a architectura bordára esses mimosos rendilhados de pedra, com que a idade media, vencedora n'este ponto da nossa, desafia a arte dos tempos modernos. — Não convinha por tanto, associar tambem a natureza a tantas homenagens? não convinha por ventura fazel-a contribuir pelo esmalte dos seus jardins, para o culto omnimodo e universal de Maria? Tal foi o fim do bello exercicio do mez de maio.

Nasceu elle na Italia no principio d'este seculo. Não foi seu auctor nenhum papa, nem nenhum principe, ou grande d'este mundo. Deus, que para manifestar que para nada precisa dos homens, gosta de edificar as suas obras sobre a areia do que n'este mundo ha de mais fragil e somenos, foi tomar para este fim uma obscura octogenaria, pelo qual o mez mariano se estabeleceu primeiro na pequena freguezia instituidora, e posteriormente pelo mundo inteiro.

Ha pelo menos vinte annos que começou a introduzir-se em Portugal, e hoje em dia não ha povoação nas nossas provincias, pelo menos do norte (onde parece ter-se encantonado a velha fé portugueza, accossada do sul), em que ou na capellinha rustica, ou no interior da familia, não se accendam algumas vélas, e não se colham algumas flôres para festejar o formoso mez consagrado a Maria.

É incontestavelmente um feliz pensamento, como aquelles que só a piedade sabe dictar!

Milhares, e milhares de fieis, espalhados pela superficie do globo, emprestam n'estes dias a sua lin-

guagem christã á flora immensa da terra, e lançam os grãos d'incenso da oração no thuribulo que a risonha natureza balouça aos pés da incomparavel Mãi de Deus...

É possivel que me digaes, que eu tenho apenas traçado a historia do passado, e que o culto da Senhora, longe de augmentar *quasi aurora consurgens*, vae lentamente escasseando.

Não julgo comtudo, que ignoreis até esse ponto as paginas contemporaneas d'esta parte tão tocante dos annaes da Igreja.

Será preciso recordar-vos o immortal dia, 8 de dezembro de 1854, em que foi proclamado o dogma da Immaculada Conceição? as recentes invocações tão populares, e sobre tudo tão significativas de Nossa Senhora da Salette, de Lourdes, de Betarame, de Fourvières etc.? as romarias que se tem feito no corrente anno, tanto em França como na Allemanha, aos santuarios da Virgem e que deram logar a chamar-se á era actual — a era das peregrinações?

Eu mesmo, que agora vos fallo, fui levado na torrente do prestigio mysterioso, que só n'um dia attrahiu cem mil pessoas aos pés da Immaculada de Lourdes. Orei perante Ella com um fervor, como nunca senti na minha vida, e garanto-vos que, se longe da gruta se duvida, ou póde duvidar da Apparição, [1] lá

[1] Alguns espiritos *de travers*, para se mostrarem desempoeirados de superstições, e incredulos, cahem na estupenda *credulidade* de darem ao facto alludido uma explicação absurda e irrisoria para lhe não darem a unica admissivel.

ninguem duvida. A presença inevitavel do sobrenatural invade por tal arte o espirito mesmo vacillante, que não lhe deixa na intelligencia um só recanto para a duvida. É a observação que tem feito milhares de peregrinos.

Porém, se os fastos geraes do christianismo tendem a provar, que a piedade dos fieis para com a Virgem Deipara tem sempre progredido, a mesma consequencia poderemos tirar se lançarmos um olhar retrospectivo sobre a historia do seu culto em Portugal.

Duas palavras sómente, para não fatigar a vossa benevolencia.

III

Não é sem uma sensivel e dôce commoção que o faço, pois porque sou padre, não cesso de ser portuguez, e quando as glorias do meu paiz se consorciam com as proprias glorias da Igreja, sou eu o primeiro a ufanar-me d'ellas.

Essa commoção, porém, sobe de ponto, quando me lembro que é nos annaes do fundador da nossa monarchia, do rei *conquistador* que encontro o primeiro feudo da real piedade portugueza para com Maria, e é precisamente no berço da monarchia, na tão historica cidade de Guimarães que agora me acho.

Se D. Affonso Henriques, o pae da lusitana gente, aqui nasceu, e foi o primeiro a prestar á Virgem um acto conhecido de culto, não deveremos affirmar que Guimarães, que é o berço da monarchia, foi por igual

berço do filial amor dos portuguezes para com a
Ιãi de Deus?

Referem, se me não engano, sisudos chronistas
ue D. Affonso I a ella se consagrou desde a primeira
nocidade, e é um facto constante que de mãos dadas
om S. Bernardo, abbade de Claraval, erigiu em Al-
obaça um mosteiro sumptuoso, que dedicou a Maria.

Esse mosteiro ainda subsiste de pé, para attestar-
os a singular devoção do augusto descendente de
ugo Capeto. — Não vades ensoberbecer-vos com isso,
e se eu arranquei uma pagina gloriosa da vossa
tria, á sombra de um passado remoto, para illu-
nal-a á luz d'uma citação verbal, é porque ella me
rece tanto mais opportuna quanto vos poderá ser-
de incentivo e estimulo, para imitardes os senti-
entos do monarcha vimaranense.

Haveis tambem de saber, penso eu, que a primeira
pella levantada em Portugal, e segundo alguns his-
riadores, em todo o mundo, em honra da Immacu-
da Conceição, o foi pela rainha Santa Isabel na
reja da Trindade, quando esta se edificava em Lis-
a.

Ha um testemunho real, ainda mais solemne do que
ste. A vinte e seis kilometros de Santarem, na pro-
ncia da Estremadura, depara-se ao viajante um dos
ais formosos mosteiros que possue a nossa terra,
Europa, e o mundo.

O buril ainda não abriu nada mais religioso, ele-
ante, e delicado do que esse parallelogrammo ogi-
al, que se chama o convento de S. Domingos da

Batalha. Vi a abbadia de Westminster, e Santo A
brosio de Milão; achei n'elles muito mais vastid
mas não mais primor.

Quem foi, porém, que mandou edificar essa b
lica? desnecessario é dizer-vos que foi D. João
que a fez construir, e a dedicou a Maria, como
voto da sua gratidão pelo prospero successo da b
lha de Aljubarrota contra D. João de Castella.

El-rei D. Manuel fundou outrosim uma collegia
que dedicou á Santissima Virgem.

Mas o facto talvez ou seu talvez mais notavel,
nos legou a historia portugueza a este respeito,
o magnifico exemplo d'el-rei D. João IV.

Nas côrtes de Lamego de 1646, este principe
tholico declarou que Portugal tomava d'aquelle
por diante a Immaculada Conceição por padro
sua. Na capella do seu palacio jurou a esta uma cre
inabalavel, fez com que seus vassalos prestassem ig
juramento, e se compromettessem a defender a e
nente prerogativa da Mãe de Deus, expondo por e
se necessario fosse, a propria vida. Ordenou al
d'isso, que os academicos da universidade de Co
bra fizessem um juramento semelhante, o que
facto se ficou desde então observando, sendo a no
universidade a primeira talvez que deu ás outras
edificante exemplo.

Pouco depois, pelo zeloso intermedio do nosso Sc
portuguez, que assim foi appellidado n'esse ten
fr. Antonio das Chagas, o bem conhecido funda
do convento do Varatojo, foi inscripto o memora

juramento de D. João IV em lapides de marmore sobre as portas das principaes cidades do reino, e a inscripção que referia o insigne acontecimento, confiada por fr. Antonio das Chagas ao nosso mimoso classico, e erudito auctor de «*Eva e Ave,*» Antonio de Sousa Macedo. [1]

Debaixo do tugurio, e da estamenha do pobre, assim como debaixo dos artesões dourados e da purpura dos nossos reis, encontram-se do mesmo modo frequentes homenagens, não tão ostensivas, mas não menos sinceras de veneração, e affecto para com a Mãi de Deus. Proval-o-hia sem custo, se o tempo m'o permittisse, e não fosse ocioso demonstrar-vos que a grande religião do povo portuguez tem sido sempre o culto da Virgem Maria.

Mais ha certos factos brilhantes de mais, para que possam ser cobertos pelo mesmo véo do silencio, que se corre sobre outros. Tal é a erecção solemnissima, que ha poucos annos teve lugar cêrca de vós, da estatua da Madona, sobre um dos picos mais sobranceiros das cordilheiras da vossa provincia, vulgarmente chamado do Sámeiro.

Soffre que te invoque n'este momento, ó Virgem magnifica do Sámeiro! Este povo tão teu colloca-te sobre o cume dos teus montes, como a árbitra da sua sorte, como a rainha tutelar dos seus destinos. Elevada como barreira sagrada nas estremas das duas nações, não permittas que a torrente revolucio-

[1] D'onde extrahimos esta noticia.

naria que já conseguiu abalar e assolar a visi
Hespanha, transponha as fronteiras do reino fide
simo, que tem amadurecido n'uma paz de seis
tros os fructos da sua prosperidade.

Fecunda com o raio do teu olhar celeste todas
nossas emprezas de bem, e disseca todas as em
zas das trevas; não consintas que a cruz, syml
da nossa fé, se apeie jámais da corôa que remat
nossas quinas, e mostra á grey portugueza que
ti confia, que essa mão que tu levantas sobre
não é a mão d'uma soberana impiedosa que ame
mas a mão protectora d'uma mãi que abençôa!

Parece-me que foi por tanto com razão, irn
meus, que eu appliquei as palavras do meu t
(que naturalmente se referem á Assumpção de M
aos céos), á sua assumpção ou elevação gloriosa a
vés dos tempos, saudada por todas as gerações ch
tãs: *quasi aurora consurgens.*

IV

A vós pertence continuar pela evolução progres
do vosso amor filial, os fastos da vossa divina
Se é licito citar-me a mim proprio, referirei
opportunamente o que ha pouco dizia n'um obs
escripto meu: [1] «Portugal sempre foi terra de c
ças; a incredulidade nunca logrou entre nós fóro
pacifico habitante. A devoção para com a Santiss

[1] O Milagre, e a Critica moderna.

Virgem tem sido até á data presente uma das feições mais distinctivas do culto portuguez. Podéra talvez affirmar, sem o louvar — Maria tem ainda um altar em corações onde Deus já não o tem. Os homens da alavanca demolidora não surtiram até hoje aluir esta pedra do edificio».

Ora, se houve uma épocha em que devessem excitar-se em nossos peitos esses sentimentos de amor e confiança para com a Virgem, é a actual.

A crença desfallece em torno de nós, a religião parece emfim querer abandonar a terra e regressar lavada em lagrimas para o seu author.

A impiedade já não é uma guerrilha vagabunda, perdida no meio d'uma população de quatro milhões de homens, é um partido colossal, conscio, na impudencia da sua linguagem, dos recursos da sua força.

O racionalismo pratico impera, ou no silencio ou á luz da publicidade, no meio d'uma nação que se diz catholica.

Ser livre em materias religiosas é um titulo de honra, um passaporte infallivel de espirito elevado; ser christão *d'uma só peça,* franco, praticante, é quasi um crime, uma nodoa infamante, um grave indecoro, sufficiente para fixar *o pretendido réo* ao pelourinho da deshonra publica.

A Igreja vê converterem-se em seus adversarios os seus proprios filhos, e banida por toda a parte, parece não lhe restar outro arbitrio a tomar, senão o de descer de novo ao fundo das catacumbas.

Que farão os crentes sinceros em tão espinhosa crise?

Onde está a esperança? onde o refugio infallivel? onde o germen inexgotavel de novas regenerações sociaes?

Na que esmagou com pé victorioso a cabeça da aspide infernal; na que despedaçou as portas do abysmo, n'aquella que é *o iman mysterioso que traz ao seio de Deus, isto é, da verdade, do bem e da paz, os transfugas da religião.*

Soccorramo-nos pois a Ellà, para que a luz se faça nas intelligencias obcecadas; para que o liame d'uma mesma crença reuna os espiritos divididos; para que se abreviem os dias do triumpho definitivo da Igreja; para que a aurora d'um dia melhor aponte sobre a cidade eterna e sobre a cabeça do grande pontifice e do grande martyr,[1] a fim de que a uniformidade das crenças e o vinculo da divina caridade resolva n'uma perfeita unidade todos os corações e todos os povos, e se prolongue no ceo por toda a eternidade, no seio da Igreja triumphante. Assim seja.

[1] Pio IX.

IV

PANEGYRICO DE SANTA QUITERIA

PRÉGADO NA CAPELLA DO MESMO NOME, NA VILLA DE MARGARIDE (DE FELGUEIRAS)

IV

ANEGYRICO DE SANTA QUITERIA

PRÉGADO NA CAPELLA DO MESMO NOME, NA VILLA DE MARGARIDE (DE FELGUEIRAS)

Inspice, et fac secundum exemplar, quod tibi monstratum est.

Exod., 25, 1.

Se eu não tivera outras provas da verdade da Igreja atholica, á qual temos a ventura de pertencer, basva-me o caracter essencial, brilhante, permanente a sua *santidade*, que a distingue de todas as socieides que falsamente se arrogam o titulo de religiões. De todas as creações do Omnipotente, se exceptuaros Maria, só á Igreja assentam aquellas tocantes pavras do *Cantico dos canticos*, a ella applicadas pes santos padres e sagrados interpretes — «tu és da formosa, ó minha amiga, e macula alguma em existe»: bem como est'outras do Apostolo das gens — «na sociedade de Deus não ha mancha, nem ıga alguma.»

Entre as duzentas religiões que dividem os filhos dos homens, só na Igreja de Jesus Christo, que é guarda tutelar da religião por elle estabelecida, encontro eu a santidade. A Igreja é santa no seu fundador, santa nos seus dogmas, na sua moral, no fim supremo a que é destinada, nos sacramentos, pelos quaes nos communica a graça, santa finalmente nos seus santos, isto é, n'essa magnifica constellação de innumeraveis martyres, confessores, e virgens, que lhe são solar de nobreza, e como diadema sagrado que lhe cinge a fronte.

É gloria sua, e gloria nossa, que d'ella somos: exaltemol-a bem alto.

Não podia faltar á Esposa esta feição de parecença com o seu divino Esposo Jesus Christo, nem com o Ente Supremo, com quem ella nos prende. Deus é um, Santo, e immenso; a Igreja é uma, santa e catholica. Por isso tambem, só ella póde offerecer aos olhos dos fieis um espectaculo quotidiano de santidade, fornecendo cada dia á nossa contemplação um novo exemplar de virtudes, na vida d'um d'esses heroes, por ella collocados sobre os altares.

É assim que a Igreja bracharense recorda hoje á memoria christã, expõe ao religioso culto, e propõe á generosa imitação dos seus filhos a vida eminentemente pura, e a morte heroicamente evangelica da Virgem-martyr Santa Quiteria, orago d'este devoto santuario.

A vossa presença n'este recinto significa a vossa fiel correspondencia ao chamamento da Igreja, e a

inha n'esta tribuna, que me coube ser o interprete
ı vossa propria religiosidade na presente solemne
casião.

Confesso-vos que me é sobre-maneira grato que,
ıdo a vez primeira que subo a este pulpito, venha
ıltar o nome d'aquella santa admiravel, que é a
iroeira d'esta capella, e a Virgem tutelar do povo
Margaride, porque, se o orador que mal vos é co-
ɔcido, nenhum direito tem á vossa benevolencia,
ınçal-a-ha ao menos pelo assumpto que tão fami-
· e tão querido é aos vossos corações.

Não estranheis, porém, que me desvie um pouco
trilho que de ordinario costuma seguir o panegy-
a em discursos d'esta natureza.

ão pretendo fazer-vos o panegyrico propriamente
de Santa Quiteria, ou por outra, não levo em
contar-vos miudamente a sua historia, que to-
vós conheceis tão bem, ou melhor do que eu
ıo; nem adiantar-me pelo terreno d'uma legenda,
ela sua obscuridade, só offerece a espaços uma
movediça ao pé do narrador sisudo, nem tão
limitar o fructo das vossas attenções á admi-
esteril d'uma menina de poucos annos, suc-
do, victima da sua virgindade, sob o cutelo do

o moralisar a sua vida e glorioso martyrio,
ando-vol-os como espelho, onde se reflicta a
'opria vida, ou como traslado por onde se
os vossos proprios costumes. *Inspice, et fac
exemplar*.

Apesar de tudo quanto houver de extraordinario no viver, e principalmente na morte da grande serva de Deus, hei-de hoje mostrar-vos, com a graça do Altissimo, que o vosso fim sobre a face da terra não é outro mais do que teve Quiteria em mira em todos os seus actos, e que os meios pelos quaes deveis obtel-o, se não são eguaes, são por certo semelhantes aos que lhe conseguiram a eterna recompensa. *Inspice et fac secundum exemplar*. Ave-Maria.

II

Não ignoraes pois, meus caros irmãos, que pelos annos de 120 da era de Christo, nasceu no reino de Portugal, d'um rei idolatra, por nome Lucio Cayo Attilio, e de sua augusta esposa, D. Calcia, aquelle mimoso lirio de pureza e innocencia, por nome Quiteria, cujo viço deslumbrante de alvura, havia um dia de maravilhar todo o reino de Portugal.

Conheceis perfeitamente a religiosa educação, que ella teve nas cercanias de Braga, onde juntamente com as aguas do baptismo que recebeu, sugou o leite sobrenatural da fé; a vida claustral que viveu com suas irmãs n'um piedoso recolhimento, as tribulações porque passou, motivadas por seu proprio pae que queria obrigal-a a travar matrimonio com um principe, por nome Germano, intimo amigo seu; o viver solitario a que se entregou, aguardando em paz e oração a hora do seu martyrio, e finalmente o desenlace d'esta existencia toda angelica, coroada ainda

o alvorecer, pelo golpe deshumano, descarregado
ibre a sua cabeça, por aquelle mesmo Germano, a
1em a sua belleza peregrina antes seduzira, agora
onvertido em seu verdugo.

Como nos vem aqui naturalmente aos labios as pa-
fras dos livros sapienciaes, applicadas ao homem
sto: «Consummado em breve intervallo de tempo,
rcorreu uma larga carreira: *consummatus in brevi,
olevit tempora multa!* Que vida tão curta, e que vida
› extensa! Curta, porque poucos annos durou, ex-
ısa, porque dentro de tão apertado espaço preen-
eu perfeitamente na terra o fim supremo a que a
stinára o seu Author, tocando no martyrio os api-
; do heroismo christão; extensa sim, porque na
mavera da vida, soube mostrar a prudencia sobre-
ıral, que muitas vezes não existe debaixo dos ca-
ɔs brancos da velhice.

›mtudo, irmãos, não penseis que Quiteria fosse
ıada por Deus para realisar na terra um fim di-
do nosso, ou que nós tenhamos vindo a este
o para conseguir um fim differente do seu. O
que somos obrigados a tender, é o mesmo que
ɔ admiravelmente attingiu.

' é pois este alvo? A santidade!

ndei-o bem, e gravae-o profundamente nos
espiritos. Só tendes um negocio, um fim, uma
eencher na terra, a vossa santificação: «*hæc
'tas Dei, sanctificatio vestra*».

opposta, porém, não seria a resposta que
'm os homens do seculo, os homens da ma-

Apesar de muda, a sua resposta será mil vezes mais eloquente, mais tocante e persuasiva, do que a dos ignobeis filhos de Babylonia, que acabaes de ouvir.

Que vos diz aquelle lirio alvissimo, cortado tão cedo de sobre a haste que o sustentava? que vos diz aquella joven martyr, debil e indefesa, preferindo o ermo das cavernas, o odio assanhado d'um pae sem entranhas, a perseguição dos seus proprios conterraneos, a trahir a sagrada voz da consciencia, e as inspirações da sua fé? que vos diz aquella cabeça cingida d'uma grinalda de brancas boninas, que symbolisam a innocencia, e aquella mão pura sustentando a palma sempre verde do martyrio? que resposta parte d'aquelle coração, onde repousou o Espirito de Deus, o Espirito Paraclito na abundancia dos seus dons? *«o fim do christão n'este mundo é a santificação da sua alma; e se para conseguil-o fôr mister arrostar com todas as iras dos homens, beber até ás fezes calix de todas as amarguras, collocar até a propria da sob o gume de um cùtelo, não deve vacillar um stante em fazel-o. Não é fatal a morte, que conduz vida que não acaba.»*

E doze milhões de martyres, rubricando com seu ngue a fé de Jesus Christo, e exercitos de virgens ecipitando-se aos dezoito annos no cemiterio d'um vento, ou condemnando-se aos milhares ao ar pesnte dos hospitaes, e a pensarem as pustulas dos rmos; e os solitarios no fundo dos mais horridesertos, cosidos com uma esteira rota que lhes

cinge os rins, e abraçados com uma caveira, su unica companhia; e os monges quebrando á mei noite a lei imperiosa do somno para cantarem os lo vores do Senhor com labios que o rigor do fr obriga a tremer, e suspendendo o psalmear noctur para ensanguentarem os hombros com as lamin cortantes d'uma disciplina, dão-me uma respos egual á de Quiteria — « *O fim do homem é a santi cação da sua alma.* »

Ora, quaes vos merecerão mais respeito e credit estes, que teem em si o espirito de verdade, qu possuem n'um alto grau a sciencia da virtude, sciencia de Deus, ou os primeiros que nem escuta as maximas da razão humana?

Sobre este ponto não póde haver a mais leve du vida. Nem Deus podia crear-nos sem um destin nem nós poderiamos ter um destino digno de Deus a não ser elle proprio. Por isso o primeiro e o ma ximo mandamento é este: « Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. »

Mas não percaes o animo. O que é a santidade? Vejamos.

Dois sentidos se póde dar a esta palavra. De or dinario, e no seu sentido mais rigoroso, ou mais apurado, costuma ella tomar-se por um alto grau de perfeição espiritual, ou pela observancia de todas as virtudes christãs n'um grau extraordinario e he roico.

Tal foi a santidade d'um S. Francisco d'Assis, d'um

Santo Antonio de Lisboa, d'uma Santa Rosa de Lima, ou da nossa joven heroina, Santa Quiteria.

Mas a mesma palavra tem egualmente outra significação não menos *verdadeira*, se bem que mais *extensa*.

Segundo ella, a santidade não é outra cousa mais do que o estado de *graça santificante*, ou por outra, a simples união *sobrenatural* entre Deus e a alma humana, ou a amizade existente e perseverante entre o Creador e a sua creatura.

Todo o que se achar n'este estado é verdadeiramente santo, e se n'elle morrer, é de fé que será contado e introduzido no numero dos eternos cidadãos do céo. N'este sentido chamava S. Paulo santos aos de Philippo e de Epheso; n'este sentido denominava o apostolo S. Pedro ao povo de Anthiochia, e aos primitivos christãos — uma nação santa, um sacerdocio real: «*gens sancta... sacerdotium regale.*»

Se a Igreja, pois, exige tantos signaes, ou notas de virtudes extraordinarias e brilhantes n'um christão qualquer fallecido no seu seio, a fim de collocal-o sobre os altares, e declarar-nos que elle gosa da visão de Deus, e é digno do nosso culto, não é porque entenda que só a pratica d'essas virtudes heroicas tenha direito ao reino dos céos, senão para formar, e proferir um juizo prudente, e *moralmente infallivel* ácerca da virtude, que n'esse varão existia.

Repito por tanto: o que é a santidade, essa condição essencial da nossa existencia de christãos, esse

fim supremo de todo o homem, sem o qual não teremos jus algum á bemaventurança?

Em que consistirá ella?

Será por ventura no dom de operar milagres, de fazer prophecias, de discernir os espiritos, de converter os homens? de modo algum.

Será na austeridade d'uma vida de perpetuo jejum, e rigorosa abstinencia, ou nas continuas macerações da carne, sempre apertada debaixo do cilicio, deprimida e roxeada pelo látego da penitencia, calejada pela dureza d'um leito de pedras, soffreada pelo exercicio astringente de mil pequenos sacrificios, que o genio da piedade sabe inventar? Tambem não; se bem que o ministro do Evangelho não deve temer, antes ousar encarecer bem alto a pratica da mortificação corporea, a uma sociedade *sensualista* até á medulla dos ossos.

Será no gozo passivo da contemplação unitiva? Não, que elle é um puro dom de Deus.

Ou na recitação interminavel de quantas orações, e devotas aspirações encerram os numerosos manuaes de piedade (dos quaes alguns tão pouco succulentos e ainda menos theologicos)? com certeza que não.

Será na recepção quasi diaria dos sacramentos da Penitencia, e Eucharistia, recepção que muitas vezes longe de melhorar e aperfeiçoar o estado espiritual de certas almas, não faz senão familiarisal-as com o que ha de mais sagrado, e por sua culpa, estancional-as no primeiro andar da vida christã, como se

sem feito voto implicito e perpetuo de tibieza?
menos.
que consiste pois ella?
nião intima, repito, da nossa alma com Deus,
r outros termos, *na vida de Jesus Christo* em
ela abstenção do unico obstaculo que a possa
er, o peccado. A graça santificante é Jesus vi-
na alma humana.
como o tenro arbusto do campo pouco a
se vae desenvolvendo, engrossando e robus-
), tornando-se afinal uma arvore agigantada;
braceja para todos os lados seus ramos enor-
ensombra com a sua copa todo o espaço, que
s raizes profundas abrangem por debaixo da

de lhe veio o principio vegetativo que lhe fez
tão grande desenvolvimento? Do seu conta-
nediato não só com o ar, cujo carbone assimi-
as folhas, mas com o sólo, cuja seiva bebeu
aizes.
como a hera parasita se enrola ao tronco
, e se abraça grata com elle, vivendo pela
ue lhe empresta a planta vigorosa, viçando
u viço, e resignada a morrer com elle. Des-
i-a do tronco, que a nutre, e definhará n'um
to, como a era de Jonas.
a nossa alma *é a parasita de Deus;* a seiva
imenta, não a vida dos sentidos, nem a vida
tual, e natural, que para essa basta o prin-
ue em nós sente, pensa, e quer, mas a vida

preter-natural, é a graça que nos illumina, que nos fortalece, que nos santifica, que nos torna homens celestes; que converte a nossa alma n'um céo, e a nossa existencia n'um festim perpetuo — graça preciosissima, que nos torna participantes da natureza divina, que é o commercio mysterioso do limitado com o eterno, da fraqueza, e da enfermidade com a perfeição suprema; graça em comparação da qual, na expressão energica de S. Paulo, tudo é desprezivel, e semelhante a fezes que se arrojam ao monturo «*ut stercora*»; a par da qual não valem riquezas, nem honrarias, nem deliciosos prazeres; graça mil vezes mais invejavel do que a posse de todos os sceptros, de todos os thronos da terra. Sceptros?! thronos?!

Throno é o coração onde Christo reina!

Rei, e cujo reino se prolonga pela eternidade dentro, é todo o christão que ama, e serve ao Rei dos reis, Nosso Senhor Jesus Christo! «*quem servire regnare est.*»

Dai, pois, de mão a essa vida futil, que vos absorve, e que não pesará um grão de areia na balança da vossa justificação além da campa; não concedaes á banalidade das mil vaidades humanas as honras de um negocio serio, que um só merece este nome; deixae cahir das mãos esses objectos funestos que vos seduzem, e escravisam, e que em ultima analyse não tem mais valor do que um punhado de cevada, segundo a bella expressão dos Livros Santos «*pugilum hordei.*»

Reconhecei hoje commigo que o alvo a que deveis
rigir todas as vossas vistas, todos os vossos pas-
s é aquelle mesmo, e aquelle unico que foi obje-
› do todos os pensamentos, de todos os cuidados,
sacrificios da Virgem Martyr Santa Quiteria. *«Ins-
c et fac etc.»*

Agora, porém, me perguntarei vós: o alvo está
nhecido, mas qual a estrada que lá vai dar? quaes
meios que devemos adoptar para conseguil-o?
vosso direito perguntar-m'o, é meu dever respon-
r-vos.

Entremos na segunda parte d'este discurso, e se-
nos breve.

III

Irmãos meus, não existe no universo outro bem
m de Deus absolutamente fallando, nem outro
l além do peccado.

Ora, do mesmo modo que o bem é inconciliavel
m o mal, assim Deus é inconciliavel com o peccado.
us e peccado não podem existir ao mesmo tempo
coração humano; ou o primeiro ha de ser senhor
soluto, ou sel-o-ha o segundo.

São dous moldes oppostos, que não cabem dentro
n do outro.

Quem quizer ser de Jesus Christo, ha de trancar
portas do seu interior a Satanaz.

Quem quizer dar entrada ao celestial inquilino, ha-
primeiro pôr fóra o vil habitante, condemnado
lo Eterno a occupar a morada infernal.

Nossa alma é um vaso; se queremos que o Altissimo o encha de si proprio, importa vasal-o primeiro das tres concupiscencias do mundo, da carne e da soberba. Se desejamos traçar um trilho recto e seguro, que nos conduza ao nosso ultimo fim, é forçoso que antes de tudo arroteemos o matto bravio de todas essas miseraveis inclinações que suffocam as sementes da graça nascente, e que arredemos para longe esses vicios e essas paixões degradantes que atravancam a praça por onde Deus tem de fazer a sua entrada triumphante na mystica Jerusalem do nosso pobre coração.

Logo, o primeiro meio que tendes a empregar para estabelecer o reino de Deus dentro de vós, é declarar uma guerra de morte e sem treguas ao peccado, eterno inimigo de toda a santidade. É a limpa do interior.

Desbravado o terreno, resta traçar o caminho.

Porei agora de parte os processos tão variados e poderosos, que a devoção ou a piedade fornecem á alma temente a Deus, para n'ella formar, arraigar e desenvolver o espirito christão, e fazel-a progredir na senda escabrosa da virtude. Todos esses meios são outros tantos caminhos, que vão ter ao mesmo termo.

Mas nem o tempo me permitte que d'elles me occupe de presente, nem tão pouco é meu fito indicar-vol-os indistinctamente como a estrada real, que mais seguramente vos conduzirá ao porto da vossa eterna salvação.

. estrada real é outra, que a que talvez se vos
ura.
erá a heroina d'este dia, a Martyr do Pombeiro,
m nol-a ensinará, depois de nos ter já ensinado
rmo bemaventurado aonde ella vae dar.
êdes o que Quiteria sustenta nas mãos, como
héo precioso e immortal do seu triumpho? É uma
na.
alma, na linguagem da Igreja, quer dizer marty-
martyrio quer dizer sacrificio, sacrificio quer
r abnegação total de si mesmo *«mors sui ipsius.»*
estrada real é esta.
ergulhado no seio de seu eterno Pae, como n'um
no immenso de amor; vertendo d'um para outro
entes de uma luz incomprehensivel, que lingua
erá narrar o abraço eterno com que se abraçam
effusões da mutua caridade, com que se amam?
n poderá recontar a geração mysteriosamente di-
, que os espaços dos céos, povoados das innume-
is cohortes angelicas, contemplam n'um assombro
terrupto? Honra, gloria, e benção ao Rei immor-
los seculos, cantam os exercitos celestes; hosanna
Filho unigenito de Deus, clamemos nós tambem
erra do exilio.
as agora vinde presencear commigo um especta-
totalmente opposto.
ue montanha é aquella que eu descortino ao
nte de Jerusalem? Chamam-lhe o Golgotha. E
scena horrivel se passa n'ella?
ão vêdes um homem nú, aberto em chagas, en-

volto n'uma onda de sangue, immerso em dôres, cravado n'um lenho esgalhado [1]?

Cinge-lhe a cabeça uma corôa de espinhos, cujas pontas fazem rebentar outras tantas fontes de sangue. Esvoaça-lhe pelo rosto, e por todos os membros a lividez da morte; as sombras sinistras do trespasse annuviam-lhe os olhos, que já se negam á luz, e o pendor derradeiro da cabeça sobre o peito traduz o ultimo signal de vida de um corpo exangue.

A lingua ascetica chama-lhe o real caminho da santa cruz.

Foi o Filho substancial de Deus quem primeiro que todos o veio abrir; quem primeiro que todos o palmilhou, arrostando com o peso da sua cruz até ao alto do monte Calvario; quem primeiro que todos ensanguentou o pó da estrada com as gotas do seu sangue divino; quem fez jorrar para nós no meio d'essa estrada a fonte nunca exhaurida das celestiaes consolações, que lhe foram negadas.

Nem de todos Deus exige o martyrio, mas de todos exige o sacrificio.

Se portanto o meio por onde haveis de attingir o alvo que vos é indigitado pelo dedo do Supremo Legislador, não é exactamente o mesmo que o de Santa Quiteria, é sobremodo semelhante, como vos disse no

[1] Permitta-se-nos a anecdota. A simplicidade d'aquelle bom povo do Arraial é tanta, que, não me tendo comprehendido bem, foram alguns ao alto da montanha, que ficava fronteira ao pulpito, onde eu prégava n'uma praça, para vêr se lá encontravam o personagem extraordinario de que eu lhes fallava.

io d'este discurso: é o meio do sacrificio; o
o, não do sangue, mas da vontade e do cora-
o do corpo, mas do espirito, não do homem
r, mas do homem interior. A grande estrada

Verbo feito carne que nol-o revela:
m quizer vir após mim, negue-se a si proprio,
sua cruz, e siga-me:» *Si quis vult post me abneget semetipsum, tollat crucem suam, et se- me.* (S. Math.).
bre que deverá versar esse sacrificio?
tão de todo o momento.
ictimas a immolar são sem numero!
sentis referver em vós paixões de odio, de
;a, de ambição, de orgulho? pois o sacrificio
ra vós em subjugal-as.
vos acommettem ás vezes sinistras suggestões
a fé, contra a esperança, contra os preceitos,
põe a religião e a vida christã? pois o sacri-
ıra vós está em victimal-as no altar do vosso
ao triumpho da graça de Deus.
tendes acaso um amor proprio tanto, ou mais
l do que o é a tecedeira domestica ao mais
que, que agita a sua têa? pois o sacrificio para
á em pôr esse amor proprio aos pés da hu-
e evangelica.
tendes uma lingua desmandada, sempre dis-
e sempre prompta a escalar o muro dobrado
ntes, e dos beiços, todas as vezes que se trata
lsinar a reputação do proximo? pois o sacrifi-

cio para vós está em condemnal-a a um discreto silencio, quando tenhaes de deputal-a a tão vil officio.

Não sentis em vós a lei terrivel da carne, o instincto torpe da sensualidade a travar lucta constante com a lei superior da razão, e a ameaçar sacudir o seu nobre jugo? pois o sacrificio para vós está em subtrahir-vos victoriosamente ao seu dominio infame, fazendo sentir á rebellião dos membros o prepucião da mortificação christã.

De mais, a épocha em que vivemos é uma épocha de martyrio, que tem uma relação profunda com a em que viveu Santa Quiteria. Era um periodo de paganismo despotico e oppressor, para quem o nome christão era o objecto d'uma geral execração.

Quiteria foi uma das suas victimas mais admiraveis.

No conflicto entre a condescendencia com a vontade dos homens, e a obediencia á vontade de Deus, não vacillou um momento, abraçou generosa o martyrio, e pôde exclamar com o Esposo dos cantares, o amor é forte como a morte: «*Fors ut mors dilectio.*»

Os dias sinistros que atravessamos tambem são uma épocha de perseguição, como a Igreja talvez só conheceu nas eras infaustas de Nero e Diocleciano.

O talento, gerado *do mesmo fóco divino da fé*, subleva-se altivo contra ella no seio da sociedade, como Esaú contra Jacob no seio de Rebeca: a razão diz á

ꞏvelação como outr'ora Loth a Abrahão, seu irmão: se tomas á direita, eu tomarei á esquerda; não ha vermos de companhia. »

A sociedade, que se diz christã, rasga o seu di- ito da primogenitura, por menos que um *prato de ntilhas;* e corre desvairada após o principe das tre- s, iriado de todas as seducções da mentira!

Os governos arvoraram-se em logares-tenentes Satan, e cumprem admiravelmente a sua mis- o tyrannica, saboreando o prazer tão *nobre* quan- delicioso de opprimir a innocencia inerme e ca!

Pois bem; o sacrificio e o heroismo está para s, christãos leaes e corajosos, em desdenhar esse ndo, condemnado a uma eterna cegueira; esse culo, que despe a nobre tunica de Jesus Christo, ra tornar a envergar a tunica esfarrapada do pa- nismo. O sacrificio para vós está em crêr no meio um seculo que *não crê* nas verdades racionaes da *para crêr* nos *monstruosos não-sensos* d'uma phi- sophia (anti) positiva; em esperar no meio d'um culo sem esperança, em amar no meio d'um seculo, e não sabe amar, em cultivar o lyrio mysterioso da stidade, que povôa o céo, no meio d'um seculo, e não despega os labios impuros, da taça hedionda Babylonia; em santificar-vos pela resignação no eio d'um seculo que *se morre a rir*, como a antiga ma « *moritur et ridet.* »

Oh! d'est'arte sereis verdadeiramente martyres mo o foi Santa Quiteria, e a palma do vosso mar-

tyrio vos reverdecerá além da campa, no sólo abençoado da patria.

Tereis confessado a Jesus Christo na terra do desterro, e o Filho de Deus, infallivel nas suas promessas, vos confessará por sua vez na presença do seu Eterno Pae, e collocará sobre vossas cabeças a corôa immortal d'uma eterna recompensa.

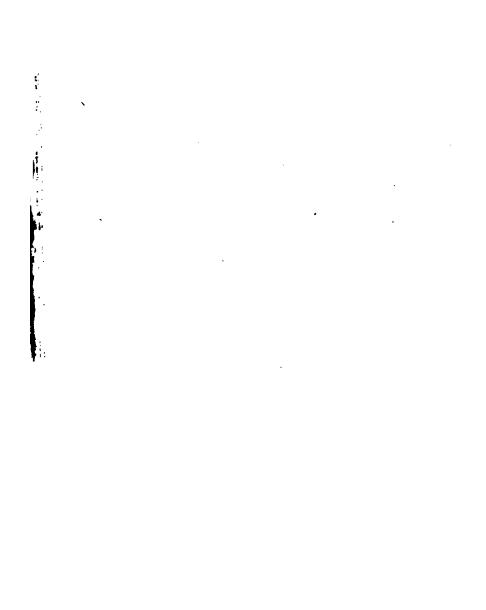
Amen.

V

FRAGMENTO DE UM SERMÃO

SOBRE A IMPORTANCIA DA SALVAÇÃO

PRÉGADO NO SERTÃO
DA PROVINCIA DO CEARÁ (IMPERIO DO BRAZIL)
NO LOGAR CHAMADO ARRAIAL

V

FRAGMENTO DE UM SERMÃO

SOBRE A IMPORTANCIA DA SALVAÇÃO

PRÉGADO NO SERTÃO
DA PROVINCIA DO CEARÁ (IMPERIO DO BRAZIL)
NO LOGAR CHAMADO ARRAIAL

Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?

. . . .

Julga-se com razão que uma cousa é de summa importancia, quando pessoas de grande capacidade, illustração e prudencia n'ella se empregam por largo tempo, e com todo o ardor.

Não foi, irmãos meus, uma creatura, por mais perfeita que a supponhaes, que se dignou pôr mãos á obra da vossa eterna salvação, senão o proprio Deus. Deus! isto é, um ente que não só possue a sabedoria, mas que é a propria sabedoria; que não só pos-

sue a prudencia, mas que é a propria prudencia; infinitamente perfeito, infinitamente grande...

Quando todos os anjos do céo, e os maiores homens da terra se occupassem de alguma obra com todo o affinco e zelo, e além d'isso com uma perseverança, não já de annos mas de seculos, não nos mostrariam nem mais, nem tanto a importancia d'essa obra, como o menor pensamento, que o Ser Supremo se dignasse consagrar a um negocio qualquer, que respeitasse á creatura racional.

Pois esse pensamento foi Deus servido dal-o ao negocio da salvação do homem; e não fallo aqui d'um pensamento transitorio, mas fixo e eterno.

A salvação da vossa alma, homens que me ouvis, tem occupado a intelligencia do Altissimo desde o primeiro momento da vossa existencia, e occupal-a-ha até á hora final da vossa morte.

Não digo bastante; occupava-a ainda antes, muito antes, infinitamente antes de terdes uma vida propria.

O que Elle quer no tempo, de toda a eternidade o quer; o que realisa no tempo, de toda a eternidade o tinha resolvido. O amor que hoje vos vota é tão antigo como Elle mesmo.

Ouvi o propheta Jeremias — *charitate perpetua dilexi te*. Amei-te com um amor sem fim, nem principio.

O paiz catholico, onde havieis de nascer, a mãe, que com o leite corporeo, vos havia de transmittir o leite sobrenatural da fé, o padre, que tinha de lançar sobre a vossa fronte a agua lustral da regenera-

», a hora em que pela vez primeira irieis prostrar-s aos pés do ministro da graça, para receber a meira absolvição, a hostia santa, pela qual commungarieis pela primeira vez o corpo e sangue de a unigenito Filho, a mente de Deus as tinha preto e disposto de toda a eternidade.

E desde então tambem fixára o numero, e o nome s obscuros missionarios que viriam hoje annunr-vos as grandes verdades do Evangelho; acordar um somno profundo a vossa fé dormente, e fazer ir n'este momento aos vossos ouvidos entorpecidos la voz alliciadora das paixões a grande e terrivel rdade da *salvação eterna.*

Ó meu Deus! ou antes, ó Pae extremosissimo das ossas almas! Será possivel que vós nunca tivesseis rincipiado a occupar-vos da minha salvação, porque empre d'ella vos occupastes, e que eu, sonho d'um ia, filho do nada, irmão da morte, atomo da creaão, que até o simples ser vos devo, nunca até aqui 'ella curasse, porque nunca me preoccupou um insnte?!

Cáia eu sequer hoje na razão, já que por tanto mpo tenho andado fóra dos seus dictames. Se um eus, que não póde enganar-se, e que conhece o var intrinseco de cada cousa, liga tanto interesse ao egocio da minha salvação, é força que esta seja ousa de summo interesse, ousarei dizer, d'um interesse infinito, porque importa a um Ser infinito.

Porém não quero prevenir a hora de Deus, nem iolentar sentimentos, que devem naturalmente nas-

cer dos ponderosos motivos que continuarei a expôr-vos.

Se o argumento que acabo de vos desenvolver é convincente; o que ides ouvir é por si só capaz de determinar os mais indifferentes.

Acompanhae-me. Larguemos por um pouco a terra, e transportemo-nos em espirito até ao throno do Altissimo.

Que se offerece aos nossos olhos?

Assentado á direita de seu eterno Pae, n'um solio mil vezes mais brilhante que todos os sóes do firmamento, eu vejo o Verbo de Deus; gerado do seio do Infinito no principio sem principio, ou antes de todo o principio; consubstancial a Deus, só na personalidade distincto.

Que homem é este? Quaes foram os seus crimes para merecer tão barbaro supplicio? Não finjamos por mais tempo desconhecer o facto mais memoravel da historia da humanidade, e mais sublime da nossa fé.

Este homem é Jesus; o mesmo que ainda ha um momento contemplámos resplandecente de gloria e magestade, no mais alto dos céos. É o justo por excellencia.

Será possivel, ó Verbo da Sabedoria increada?!

Mas ao menos contai-nos porque motivo vos revestistes d'essa tunica impura de nossa carne, e vos fizestes homem: porque motivo consentistes que ella fosse impiamente rasgada no madeiro da cruz; porque motivo quizestes que todos os tormentos da terra.

toda a perversidade da malvadez, e todas as
ições d'uma raça de judeus se esgotassem so-
› homem mais santo, e mais amavel, que jámais
;erado do seio de mulher? E como, ou porque
ı quizestes chegar a tão cruel extremidade, que
os abandonasse a protecção de vosso Pai celes-
: vos visseis reduzido a exclamar no ultimo auge
a agonia, que só passou uma vez pelo coração
›mem — «Meu Pai, meu Pai, porque me desam-
tes?»

! dizei-nos emfim porque deixastes que se
›em todas as veias de vosso corpo santissimo,
: a terra bebesse a largos tragos um sangue
:lla não podia senão profanar?

vi, irmãos meus peccadores, da bocca do seu
ıo ministro, a resposta que o Martyr do calva-
ı a todos nós — *Encarnei e morri pela vossa sal-*
...

·itus est propter scelera nostra; padeceu pelos
s crimes, diz o apostolo S. Pedro.

tificati à peccato in sanguine ipsius; fomos justi-
s do peccado no seu sangue, escreve o apostolo
ulo aos fieis. E a voz solemne da Igreja catho-
›pete ha dezenove seculos esta profissão de fé —
·opter nos homines et propter nostram salutem...
s (est) *sub Pontio Pilato, crucifixus, mortuus,*
›ultus... o qual por nossa causa, e pela nossa
ção soffreu sob Poncio Pilatos, foi crucificado,
o, e sepultado.

nto vales, pois, ó christão! exclama S. Leão

Magno, reconhece em fim a tua dignidade, e entra ao menos pela primeira vez em ti.

Repugna que Jesus Christo se illudisse, sendo a propria verdade, ou que nos illudisse a nós, sendo a propria bondade, e tendo encarnado para ser a luz da humanidade em todos os tempos.

Se portanto o Redemptor fez tanto caso das nossas almas, e da sua sorte eterna, que por ellas «não teve horror ao seio de uma mulher» (Santo Agostinho), e se deixou esmagar pelo pé impio da morte, no meio de torturas indiziveis. que lhe espremeram, como debaixo do peso d'um lagar, a derradeira gota de sangue, segue-se que fomos nós outros que nos illudimos até agora, ligando ao nosso destino futuro tão leve importancia.

Sim, logo errámos, e errámos grosseiramente, jogando o tempo contra a eternidade, *ergò erravimus (Liv. Sapienc.)*; logo errámos, immolando a posse illimitada do Bem Supremo a um gozo ephemero e fementido; logo errámos, e errámos grosseiramente, vendendo nossa alma preciosa aos olhos de Deus, por um prato de lentilhas, como outr'ora Esaú o seu direito de primogenitura: *lentis edulio (Gen.)*; logo errámos, e errámos iniquamente, frustrando o preço da nossa redempção, que é o proprio sangue de Jesus Christo.

Errastes, sim, irmãos meus peccadores, e até hoje não tendes cessado de errar, para que vós, ó meu Deus, «sejaes justificado na vossa palavra adoravel, e vençaes em vossos juizos» *(Psalt.)*.

as eu dirigirei n'esta hora por vós a Jesus, ó
s do sertão, a mesma supplica que Elle dirigia
u eterno Pai do alto do madeiro da redempção,
)garei confiante a vossa causa com os proprios
imentos que Elle me forneceu : «Pai, Perdoai-lhes,
jue não souberam o que fizeram!»
alvador dos homens, perdão para aquelles, por
m Vós mesmo pedistes perdão!
ão, nunca até aqui tinheis pensado a serio na
ima importancia da salvação, nunca até á data
sente haviam entrado em vosso espirito estas ver-
es sublimes: «o Filho do Altissimo fez-se peccado
a me lavar do peccado, fez-se maldição para apa-
para sempre a sentença de maldição eterna que
ava sobre a minha cabeça, subiu a um lenho in-
e para rasgar o chirographo de condemnação que
istiça soberana lavrára contra mim, deixou que a
ha pharisaica lhe desangrasse todo o sangue das
is, para tingir a minha alma impura n'esta pur-
a do céo; e eu tornarei inutil tão prodigiosos ex-
nos de caridade?! *Absit* — impossivel.»
por que negocios urgentes tendes esquecido
elle grande negocio, que Jesus Christo chama o
o necessario, *porrò unum necessarium est* (S. Luc.)?
que custosos bens tendes renunciado ao bem
avel da bemaventurança?
que assombroso lucro immolastes a perda da
a alma preciosa?
dôr! ó decepção sem nome! pelos bens cadu-
e mentirosos do dia presente!

. . . .

Accumulai thesouros sobre thesouros, esgotai, se poderdes, todas as riquezas que encerra o centro da terra nas minas do vosso Brazil, da Asia, e da Africa; vasai, recalcai, coagulai no vazio immenso do vosso coração tudo quanto este mundo encerra de mais seductor; conquistai todas as nações, e ponde debaixo dos pés todas as corôas dos principes com todos os despojos das victorias; requintai a admiração publica com as maravilhosas descobertas do vosso genio, com a profundidade do vosso saber, e a extensão das vossas luzes; colhei as mais bellas flôres que abeiram o caminho da vida, empinai a taça impudica que sustenta nas mãos a prostituta de Babylonia; ganhai em fim um nome que saibam de cór todos os povos do mundo.

Nada mais resta? Estaes em fim satisfeitos?

Insensatos! Não vêdes já desenhada na parede a sombra do dedo mysterioso da visão de Balthasar, escrevendo uma sentença irrevogavel; ámanhã virá o exercito dos Médas esmigalhar o throno vacillante de Balthasar? — Ámanhã é o dia da morte, ámanhã escôa-se na ampulheta da tua vida o derradeiro grão d'areia.

Despede-te d'esses thesouros, nescio e louco, que nú sahiste do ventre da terra, e nú te tornarás a ella; dá tregoas a essa carne por tanto tempo votada a nefandas delicias, que já os vermes da sepultura aguardam sedentos para d'ella se cevarem; renuncia a esse nome, que dois sóes bastarão para empanar, e apagar do todo.

Ou se assim te praz goza, goza á farta d'esses ul-
ıos momentos que a vida te concede, mas em meio
lles te tomará de chofre a voz solemne, terrifica, e
soladora do teu Deus, para confundir-te, e julgar-te:
id prodest homini, si mundum universum lucre-
, animæ verò suæ detrimentum patiatur? que apro-
ta ao homem ter ganho o mundo inteiro, vindo
nal a perder a sua alma?
Ainda quando fôras por ventura o personagem mais
stro nos concelhos, mais intelligente no manejo dos
gocios, mais habil no commando dos exercitos, se
condemnares, *qui prodest?* de que aproveitará tudo
o? Ainda quando fôras mais oppulento que um
eso, ou que um Rotchild, mais sabio que um Sa-
não, mais forte que um Sansão, se te perderes,
d prodest?
Ainda quando nunca tiveras conhecido a dôr na
vida; ainda quando a fortuna, e o prazer nunca
essem desertado do recinto do teu aposento, se
res a perder-te, *quid prodest*?
Ainda quando fôras o mais formoso, o mais ama-
de todos os homens; ainda quando... ainda
ando fosses um deus da terra, se Deus riscar o
nome do livro da vida, se a tua alma se não sal-
, se á gota do tempo tiveres sacrificado o oceano
eternidade, *quid prodest*?
Que tendes a replicar, christãos, a esta pergunta
sillusora que hoje vos dirige pela minha bocca o
pirito Santo? Que oppondes ou que podeis oppôr
este *quid prodest*, que tão admiravelmente vos faz

comprehender que riquezas, honrarias, gozos, sciencias, belleza, e gloria, nada são, nada valem, se vierdes a mallograr o unico bem solido, o unico bem digno do coração do homem, o unico bem superior ao dente do tempo, á fouce da morte, e ao verme do tumulo?

Ah! nada, absolutamente nada. Depois de mil e mil reflexões, todos os reprobos juntos só acharão uma resposta que dar: *Nos insensati...quid profuit nobis jactantia divitiarum, et superbia vitae*: insensatos que fomos! De que nos servirá a jactancia das riquezas, e a soberba da vida? (*Liv. Sapienc.)*

VI

EXORDIO E PRIMEIRA PARTE

DE UM SERMÃO SOBRE A MORTE

PRÉGADO NA CIDADE DE ITABIRA, PROVINCIA DE MINAS GERAES (BRAZIL)

VI

EXORDIO E PRIMEIRA PARTE

DE UM SERMÃO SOBRE A MORTE

PRÉGADO NA CIDADE DE ITABIRA, PROVINCIA DE MINAS GERAES (BRAZIL)

Statum est hominibus semel mori.
HEBR., 9, 27.

Formou Deus o homem immortal, dizem-nos os Livros sagrados, e comtudo demonstra a experiencia quotidiana, que não ha homem que goze do beneficio da vida, e que não venha a perdel-o pelo golpe da morte. *Non est homo que vivat, et nom videat mortem.*

Não parecem estas duas proposições entre si contradictorias?

Se o parecem, estão longe de o ser.

Fizera o Creador o homem immortal, por um pri-

vilegio indevido á nossa condição de homens, qu
formados de carne, deviamos naturalmente soffrer
corrupção, e a destruição de toda a carne. É esta
lei da animalidade, é a lei da materia, que por su
propria natureza tende de continuo a deteriorar-se
a destruir-se.

Mas Deus, que constituira o homem monarcha d
creação, quiz cingir-lhe a fronte com a corôa de un
vida immortal. *Fecit Deus hominem immarcescibile*
(Liv. Sapienc.)

Posto isto, porque não goza elle d'este direito,
d'esta prerogativa inicial, que era como que o rema
de tantas outras, com que o ornára o Ser Supremo

Penso que nenhum de vós o ignora.

Não tendo o homem recebido um tal privilegio s
não com a condição de que observasse fielmente
preceito que lhe fôra imposto no Paraiso terreal, qu
brado o preceito, desappareceu o beneficio da immo
talidade. Era o direito da innocencia; extincta a i
nocencia pelo peccado, extinguiu-se o direito que e
a sua recompensa, e o homem provou o travo d
morte, de que fôra primitivamente isento.

A morte tornou-se pois o soldo que a degradaç
humana paga á justiça de Deus, e como todos pe
cámos em Adão, primeiro homem, e chefe de toda
descendencia humana, *in quo omnes peccaverunt* (
Paul. *ad Rom.)*, todos permanecemos debaixo do ju
da morte.

Não nos admiremos de que assim tivesse suc
dido. O peccado assassinando a alma, não podia d

xar de assassinar o corpo, que é o involucro d'esta. O servo não podia deixar de participar da decadencia, e da desgraça do seu senhor, como outr'rora compartilhára a sua gloria.

Deus, por tanto, expungiu a primeira lei da immortalidade, e sobre ella escreveu a seguinte: *statutum est hominibus semel mori*, todo ser humano fica d'ora em diante sujeito á morte. Do pó o tirei, ao pó voltará: *pulvis es et in pulverem reverteris (Gen.)*.

Queixamo-nos dos amargores da existencia, e á fé que todo o que meditar na sua crua realidade, não póde deixar de ver n'elles um dos mais lugubres espectaculos, que lhe seja dado contemplar.

Sahidos um dia da eternidade, cahimos, sem o saber, assignalados com o estigma do peccado, no abysmo immenso da vida, como no vasto recinto de uma lobrega prisão.

Ahi, encorporados á multidão d'outros exilados que povoam a terra, trituramos de parceria o pão da tribulação, e bebemos o calix amargo das lagrimas. Dôres sem numero volteiam em torno de nós, como aves noctivagas; abatem-se, ora sobre nossos corpos, ora sobre nossas almas, salteiam, assolam, derrancam uns e outras á porfia.

Comtudo, por mais doloroso que seja semelhante estado, seria ainda assim comportavel, se todos esses males se limitassem aos que acabo de indicar.

Mas a todos elles acresce o que é o remate fatal de todos, a cruel *morte,* que ceifa no seu curso infatigavel assim o principe sentado no seu throno d'um

dia, como o leproso estirado na dura enxerga da mendicidade.

Verdade formidavel, que devêra ser um aviso continuo, e que tão longe anda da nossa memoria.

Meditemos hoje sobre ella, já que, como diz o Espirito Santo, a meditação da morte é o mais seguro meio para evitar a culpa: *meditare novissima tua, et in æternum non peccabis. (Liv. Sapienc.).*

Dois pontos: morrereis, mas quando? primeiro ponto; qual é o quadro da morte do criminoso? segundo ponto.

Prostremo-nos primeiro, e invoquemos a luz e a uncção insinuante da graça divina, que sabe amollecer, e converter os corações mais empedernidos. Ave-Maria.

II

Desde a hora fatal em que a morte sahiu armada de ponto em branco das entranhas do peccado, não tem o homem cessado todos os dias, e a toda a hora de vêr esse verdugo implacavel rodando pelo mundo, e contando os seus passos pelas suas victimas.

O solo que sopeamos, o solo sobre o qual dormimos com tanta seguridade, sobre o qual nos entregamos ao prazer com tanta liberdade, que outra cousa é senão a lousa do sepulchro vastissimo para o qual a morte atirou as gerações dos nossos antepassados? E essas ondas de pó, que levanta cada um dos nossos passos, e que o vento faz redemoinhar em derredor de nós, que outra cousa são senão a

cinza dos nossos irmãos finados? Germinaram, medraram, luziram um instante á superficie do grande cemiterio do mundo, e depois... cahiram na valla commum, que espera as gerações futuras. É a historia completa da humanidade.

Ah! que nos dizem os dobres propheticos dos sinos, quando annunciam aos fieis o passamento de algum membro das nossas familias? Esse som que revela um facto preterito, não será por egual o prognostico de um facto futuro, mais ou menos proximo, isto é, a morte do obscuro missionario que vos falla, e de vós todos, que me ouvis?

Que pareciam dizer-nos, do fundo das suas sepulturas, esses parentes e amigos, quando os acompanhámos ao seu jazigo mortuario? *hodie mihi, cras tibi:* é hoje a minha vez, ámanhã será a tua.

Terriveis, e todavia inevitaveis ameaças!

É força morrer; foi lavrada por uma vez, e para sempre a sentença exterminadora que a todos nos abrange. Não ha hi diadema, nem couraça, nem ouro, nem genio, nem força, nem belleza que áquella nos subtráia.

Um dia virá em que esta multidão viva, que se sustenta sobre seus pés, não será mais que um renque de esqueletos juxtapostos uns aos outros. (É necessario meditaI-o ao menos uma vez, e ter a coragem de fixar a morte de frente, para que nos não aterre mais tarde a sua vista inesperada).

Porém o que escurece ainda mais o fundo d'esta perspectiva, é que o dia da morte está perto.

Meu Deus, que é a mais longa vida na sua duração? Passa, corre, vôa, desapparece, embora a espequemos com as escóras enganadoras das horas, dias, mezes e annos.

Passa como a nuvem, que mal formada, se some no horisonte; como o despenhar impetuoso da torrente, como o raio que sulca o espaço; como a frecha despedida do arco.

Já vistes um navio, desferrando o porto, para desapparecer momentos depois na orla extrema do oceano? Pois eis o que é a vida.

Ao signal de Deus, entramos no baixel. Eil-o que já deslisa sobre o vasto mar, e parece pinchar, e voar sobre a superficie das ondas. A pouco e pouco se vão deprimindo, e confundindo n'uma côr uniforme os objectos que se distinguiam na praia; ainda um instante, e essa ourela de terra que se divisava n'uma distancia immensa, some-se de todo ao nosso olhar, que em vão se esforça por fixal-a. Aterrados, por nos acharmos de repente no meio da vastidão infinita das aguas, quizeramos retroceder ao ponto d'onde partiramos, lentar sequer a carreira... Impossivel! Dir-se-hia que o fatal navio redobra de velocidade. Caminhamos, proseguimos sempre, e sempre, por entre naufragios d'outras embarcações, que nos gelam de terror, até que emfim se arma uma tempestade... fuzila um relampago, rebenta d'entre as nuvens uma faisca electrica, ponteira ao pobre barco que nos conduz, afundindo-nos no meio das ondas; e acabou-se tudo!

Passageiros da vida, dizei-me se eu exagero? Quando mal entraveis na existencia; n'essa epocha em que o olhar contempla com tanto encanto a abobada dos céos, em que o coração, virgem por então de desenganos, toma este valle de lagrimas pelo paraizo, não vos parecia que os annos que vos distanciavam dos que hoje tendes, eram sem conto? Não pareciam elles desdobrar aos olhos da vossa imaginação uma especie de eternidade, cujo termo julgaveis impossivel attingir?

E onde estão agora esses bellos, e largos annos, onde, onde está essa eternidade? sumiu-se para sempre no pégo sem fundo do passado: *transierunt.* Espanta-vos hoje a rapidez com que passou a mais formosa quadra da vossa vida; afigura-se-vos que datam d'hontem apenas os principaes acontecimentos d'ella; mais contai, e vereis como os annos se accumulam aos annos. Assim decorreram esses, assim se precipitam os que vos restam.

Quantos me não estão agora ouvindo, que já começam a descer a vertente da montanha? Quantos, a quem só restam alguns passos para chegarem ao valle sombrio, e toparem com a leira da sepultura aberta, que os espera, e para a qual se encurvam?

Nem por isso pensem os jovens, que estão de muito melhor partido. Podem marcar-me os annos, que terão ainda a viver? Serão dez, quinze, vinte, ou um? E como o poderão saber, se até ignoram se chegarão a vêr o sol d'ámanhã, mais do que isso, se lhes será dado ouvir-me até ao fim d'este sermão?

E de facto, que é a existencia?

Atraz de vós cava-se um abysmo, o abysmo do passado; diante de vós cava-se outro abysmo, o do futuro. A existencia, a totalidade do tempo de que vos é dado dispôr, e com que podeis contar, é esse ponto imperceptivel, e indivisivel que separa um abysmo do outro, isto é, um atomo de tempo sobrenadando entre dois oceanos sem raias.

O resto é o dominio da morte!

Que porção de vida vos terá ella destinado, ignoro-o eu, ignorae-l'o vós.

O que, porém, sei perfeitamente, é que cerca de oitenta mil homens morrem por dia sobre a superficie da terra, e que muitos d'elles não passam ainda de homens em flôr; o que sei, é que o dia de hoje se parecerá com o de hontem n'este computo obituario, e o de ámanhã com o d'hoje.

Sim, d'aqui a algumas semanas, d'aqui a alguns mezes, d'aqui a alguns dias talvez, o sinistro percursor do passamento, a pallida doença baterá á porta da habitação d'um de nós.

Illudido pelos parentes, amigos, e medico sobre a graveza do seu estado, viverá por algum tempo o enfermo embalado na dôce esperança do restabelecimento, formará na mente vãos projectos... mas d'improviso, a enfermidade impetuosa como torrente que quebrou os seus diques, invadirá todas as suas faculdades physicas e moraes, e mais prompta que o abutre que se abate sobre a timida presa, despedaçará o ultimo laço que o prendia ainda á vida.

Ao cahir da noite, ao som do dobre dos sinos, os que passam se interrogarão reciprocamente — quem morreu? — E apenas se tenha declinado o vosso nome, os que vos conheciam permanecerão attonitos, e assombrados, e exclamarão: «Como é possivel?! ainda esta semana o vi tão cheio de saude, agil e vigoroso... Que pena! era ainda tão moço, e o o futuro acenava-lhe tão risonho...»

Então dareis de mão a essas esplendidas moradas onde hoje accumulaes todos os gozos do luxo. Então largareis sem remedio esses ricos thesouros empilhados á custa de tantos suores, e, ainda mal talvez, de tantas injustiças! Então vos despedireis d'esse mundo seductor, cujos ouropeis vos cegam, e vos arrastam, cujos prazeres vos fascinam, cuja vida vos absorve, e pela qual resistis aos convites da graça divina, presos e amarrados por grilhões aviltantes. Não antecipemos porém, a ordem das verdades, que pretendo expôr-vos.

Quão triste é, pois, a recordação da morte, direis vós no silencio do vosso pensamento, e digo-o eu comvosco, ou antes com o sabio: «*O mors, quam tristis est memoria tua!*» Mas, se a sua meditação é lugubre, bem que salutar, se o seu scenario reveste n'essa alma de uma melancolia profunda; muito mais lugubre é a consideração da morte do criminoso, que passou a vida nas mais degradantes torpezas. Assisti commigo ao quadro tremendo dos seus ultimos instantes. Feliz de mim, e ainda mais felizes de vós, se a sua vista vos fizer arripiar essa senda

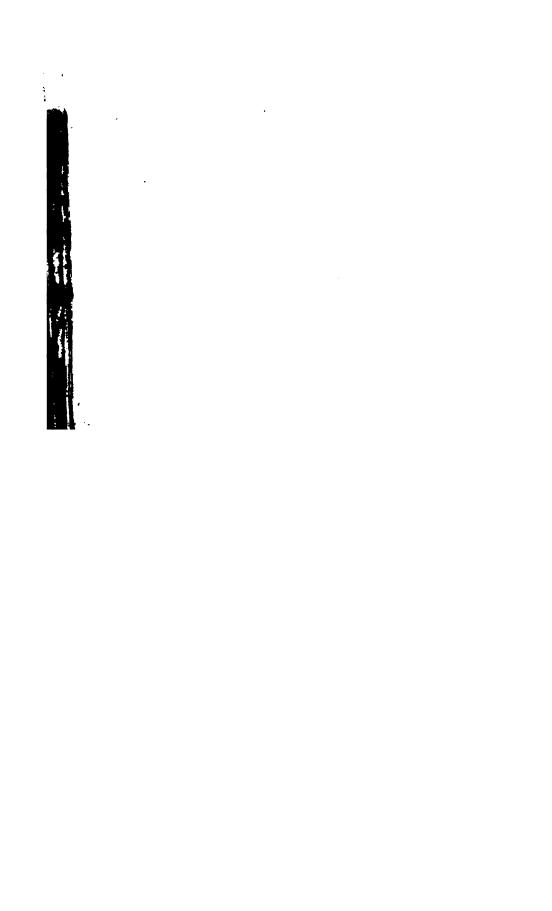
funesta, e abominavel em que ha tantos annos talvez caminhaveis, para vos fazer entrar na vereda apertada, mas segura da justiça, da virtude, e da salvação.

. . . .

VII

EXORDIO DO PRIMEIRO SERMÃO

DE UMA MISSÃO QUE HAVIA DE SER DADA
(E O NÃO FOI) NA CIDADE
DA FORTALEZA, CAPITAL DO CEARÁ

VII

‹ORDIO DO PRIMEIRO SERMÃO

DE UMA MISSÃO QUE HAVIA DE SER DADA (E O NÃO FOI) NA CIDADE DA FORTALEZA, CAPITAL DO CEARÁ [1]

·e lançando um olhar para o passado, nos re-
ıtarmos a um ou dois seculos, encontramos o
ıdo com os seus imperios, cidades e habitantes,
, instituições e costumes.
ncontramos o sol, suspenso no meio do espaço,
ıo a grande alampada do templo immenso do uni-
ɔo, encontramos a terra que hoje sustenta nossos
ɔos, a patria que nos viu nascer, a familia a cuja
ealogia prende aquella d'onde sahimos, o nome
'onymico porque então era talvez conhecida, mas...
todos que aqui nos achamos... onde é que en-
estavamos?

[1] Fui impossibilitado de a dar por uma doença séria que então me
ıveio, e me obrigou a vir procurar os ares do meu paiz.

No nada! É na escala infima dos meros possiveis que se nos depára o principio do nosso ser actual.

Durante quantos seculos ninguem pensou em nós, por isso que o nada não póde ser objecto d'um pensamento humano! Durante quantos seculos foi mais do que eu um insecto, um grão d'areia, porque eram dotados da existencia, e eu não!

Todavia hoje existimos, e o sopro de Deus, que nos creou, elevou-nos acima de toda a creação terrestre, sobre a qual não brilha o lume sagrado da intelligencia.

Quem somos nós? d'onde vimos? e para onde vamos?

É esta a primeira pergunta que todo o homem que pensa, deve dirigir a si proprio. É este o mais essencial de todos os conhecimentos, a mais importante de todas as sciencias moraes; a bussola que deve dirigir através das syrtes que erriçam o pelago da vida, este baixel pensante, chamado o homem.

Seja este pois o thema do presente discurso. O meu plano será simplissimo.

D'onde vimos nós, primeiro ponto. Para onde vamos, segundo ponto.

O desenvolvimento d'este lemma vos mostrará, que Deus é nosso verdadeiro ponto de partida, e o nosso ponto de chegada definitivo, ou por outra, o ponto inicial e final do circulo mais ou menos vasto da nossa existencia.

Antes de principiar, permtiti-me um desafogo.

Cidadãos da Fortaleza! Caros irmãos meus em

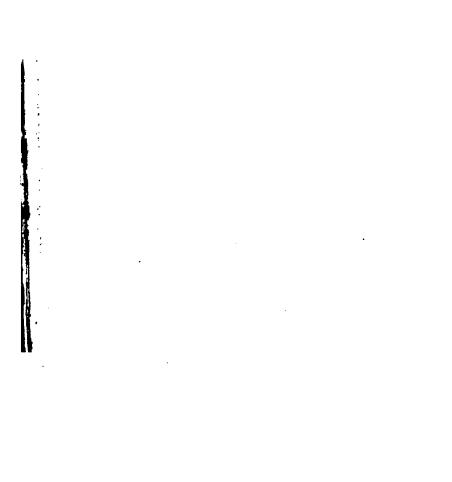
Jesus Christo, quanto me tardava contemplar-vos do alto d'este pulpito! quanto o meu coração nãa almejava a gloria e o prazer de vos fallar lá onde a palavra do padre é como um sacramento que contém a vida divina e eterna, e de vós me ouvirdes lá onde sobretudo me pareceis grandes, quando despindo a habitual preoccupação dos negocios terrenos, christãos doceis e de fé viva, recebeis em corações dilatados a palavra que gera as melhores dedicações da vida! Quando o virtuoso e esclarecido prelado d'esta diocese sa dignou commetter-nos a tarefa da missão d'esta capital, eu pela minha parte exultei de alegria, mas quando vi que a capital não repellia a missão, mas a invocava e a esperava impaciente como uma era de regeneração social e religiosa, então cobrei animo, e exultei duas vezes mais,; e agora que a minha voz amiga se faz ouvir pela vez primeira no meio de vós, parece-me que ella já cae em peitos amigos... Cidadãos da Fortaleza! Os homens que tendes na vossa presença não vos são desconhecidos, não; elles nada pódem fazer sem a vossa confiança, mas ousam pedil-a e não temem obtel-a, porque estes que aqui ouvis, são aquelles que ha já dois annos teem derramado a palavra, os suores e a vida n'esta provincia que é a vossa.

Não é sem alguma commoção que vejo ante meus olhos um auditorio tão differente d'esse que nos ouviu. Acostumado a prégar a um povo simples e rasteiro, a quem era necessario offerecer já triturado o pão da palavra, terei por certo desaprendido, irmãos

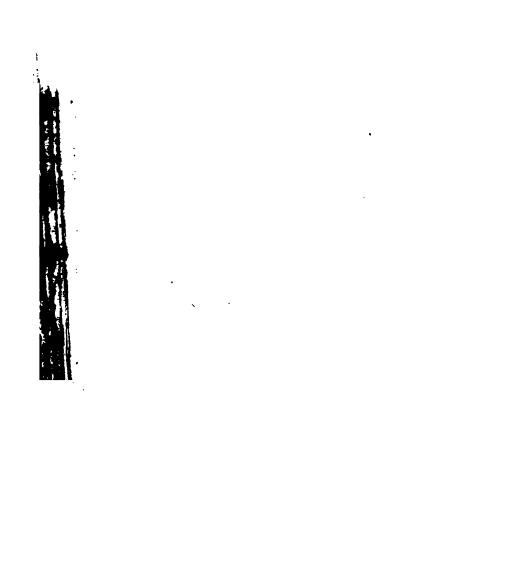
meus, ess'outra linguagem mais polida e cortezã com que por ventura convinha fallar-vos a vós, dignos cidadãos da primeira cidade da provincia, a vós que possuis o primado de tudo quanto faz a vida d'um povo civilisado. Tende paciencia commigo. As frutas agrestes são ás vezes as mais saudaveis, o que as minhas palavras perderem na sublimidade, ganharão na clareza. Tanto melhor. Os sabios devem amar a clareza como o esplendor da verdade, os pobres e os ignorantes precisam d'ella. De mais, nós desprezamos os ouropeis da fórma, se conseguirmos o nosso grande fim, gerar-vos á graça de Deus, ao amor da sua lei santa. Basta-me a linguagem do Evangelho, basta-me a grandeza da moral divina de Jesus Christo, que vimos annunciar-vos e prégar-vos com uma nobre independencia, basta-me a virtude da cruz, basta-me o accento de convicção intima e profunda da verdades adoraveis d'essa sciencia que eu estudei, e que subjugando a minha intelligencia soube arrebatar o meu coração; pereça para sempre a eloquencia do tempo, que só põe a mira no tempo; eu só peço ao céo esse fogo sagrado que consome as paixões e os preconceitos do coração humano, e lhe communica o amor do Eterno!

Se algum homem veio a este lugar para analysar os defeitos ou bellezas do nosso fallar, ou para deleitar o ouvido com os atavios caprichosos e effeminados d'uma palavra mais profana que sagrada, que esse homem saiba que errou o seu caminho; mas que todo aquelle que é attrahido por uma aspiração

mais alta, que todo aquelle que quer e procura sinceramente conhecer a verdade e o bem, Jesus Christo e sua fé, venha a nós, e saiba que é elle o homem que nós procuramos.

. . . .

VIII

SERMÃO SOBRE O RESPEITO HUMANO

PRÉGADO NA VILLA DO CANINDÉ PROVINCIA DO CEARÁ

VIII

SERMÃO
SOBRE O RESPEITO HUMANO

PRÉGADO NA VILLA DO CANINDÉ, PROVINCIA DO CEARÁ

Qui me erubuerit, et meos sermones, hunc Filius hominis erubescet, quum venerit in magestate sua.

LUC., 9, 26.

Entre as numerosas cadeias pelas quaes o espirito das trevas retrahe as almas do bem, e as retem no caminho da culpa, mal se encontrará uma tão pesada como o é o *respeito humano.*

Por esta palavra, respeito humano, entendo eu o crime d'aquelle que *córa de Deus;* que não ousa manifestar os seus sentimentos religiosos, porque essa manifestação lhe attrahiria os motejos dos impios e dos indifferentes.

O respeito humano é um sentimento ignobil e cobarde, que nos faz renegar o bem pelo mal, a verdade pelo erro, a consciencia e a religião pelas ma-

ximas do seculo, com o fim de agradar aos homens, e de conciliar-lhes a estima.

Ora eu digo que esta servil condescendencia, e esta baixa cobardia é tão contraria á virtude, e á piedade christã, que impede completamente que o homem possa obedecer aos preceitos impostos pela religião, de cuja observancia resulta para elle a consecução do seu ultimo fim.

N'uma palavra, o respeito humano é um dos mais formidaveis adversarios que se oppõem ao fim supremo, a que o christão é obrigado a tender. Qual é este fim? a posse de Deus, summo e ultimo bem. Mas para isso, é mister, absolutamente mister que o christão paute todos os seus actos pelos dictames da sua consciencia, e pelas leis positivas, assim de Deus, como da Igreja; ora o respeito humano violenta-o em mil circumstancias a sacrificar a consciencia, e o dever ás leis abjectas do mundo, ás maximas seductoras do seculo, essencialmente oppostas ás da religião.

Haverá inimigo mais perigoso?

O discipulo de Jesus Christo carece de independencia, e o respeito humano rouba-lh'a, e lança-lhe aos pulsos os ferros d'uma servidão vergonhosa! Quem diz christão diz *livre*, porque o Christo nos libertou de todos os jugos, que o paganismo impozera á nossa liberdade «*ascendens in altum captivam duxit captivitatem*» (*Psalt.*); libertou-nos do jugo das paixões, dos preconceitos, das tyrannias, da morte, e do inferno, para só nos impôr um jugo nobre e suave, o

·dade «jugum meum suave est» (S. Math.); mas
lade é muito menos um jugo do que a condi-
a nossa verdadeira liberdade *«veritas liberabit*
(S. João); o jugo que eleva, e que salva não é

em d'entre vós não ama a liberdade, esta au-
da humanidade, este talisman das grandes em-
s, este raio de Deus que illumina a nossa fronte,
sólo feracissimo, d'onde tem germinado os maio-
eroismos, este sol esplendidissimo onde se ba-
, como em oceano de luz, de amor, e de fe-
dade, os povos emancipados pela cruz?
s o respeito humano é o eclipse sinistro d'esse
o verme devorador que desseca na sua propria
a germinação dos actos nobres e generosos,
s da vida eterna.
ı tempo algum como agora, que Deus vos
extraordinariamente pela santa missão que vi-
lar-vos, careceis vós de declarar guerra aberta
e inimigo detestavel, que vai fazer o objecto do
nte sermão.
cutai-me attentamente, e vereis em primeiro lu-
ue o respeito humano é uma cobardia indigna,
segundo lugar uma verdadeira idolatria.
Maria! Tu que nunca tiveste outro pensamento
o de agradar ao teu Deus, sem se te dar dos
pensamentos do mundo; vem em meu auxilio,
-me comprehender tudo quanto ha de baixo, e
l n'esse sentimento que degrada a creatura, fa-
o-a córar do seu author, e as minhas palavras

accendidas ao fogo da tua inspiração trarão a teus pés os corações de todos os meus ouvintes. *Ave-Maria.*

O respeito humano é uma cobardia indigna.

Cobarde chamamos nós áquelle que carece de animo e firmeza nos lances da vida; e tanto mais subirá de ponto esta cobardia quanto mais frivolo fôr o motivo que a determina, e mais vil o jugo a que nos condemna.

Ora o que se deixa vencer pelo respeito humano carece por esse mesmo facto de animo e energia para observar a religião que professa, a despeito de estar convencido da sua verdade, a despeito dos remorsos da sua consciencia, a despeito de reconhecer a superioridade evidente das maximas de Jesus Christo sobre as do seculo.

E porque motivo receia ante o cumprimento do dever que a lei natural, ou a fé lhe impõe? porque motivo trepida, e ousa apparentar o que não é, e simular o que no fôro intimo reprova altamente?

Pelo *medo* do mundo!

Como assim! Receia a deshonra, a tortura, ou a morte?

Já ouviu a ameaça na bocca d'esse miseravel adversario, ou já lhe viu scintillar o ferro na mão?

Não, de certo; mas treme... Uma tal pusillanimidade deshonra mais que um christão, deshonraria até um discipulo de Mafoma, deshonraria o sexo timido, aliás muito mais isento do respeito humano

o nosso; é mais do que pusillanimidade, é a
ria cobardia da cobardia.
ɪs se a frivolidade do seu motivo já a torna tão
ɔria e hedionda, muito mais ainda a torna o jugo
ɪe que ella escolhe, e ao qual sacrifica o que a
amiga da religião suavemente lhe impõe.
feito, a que se sujeita o homem dominado pelo
eito humano? Sujeita-se nada menos que a uma
adeira *escravidão,* para empregar o termo rigo-
que o caracterisa.
a que é a escravidão? É o estado em que um
iduo passa a ser propriedade alheia, ficando
ituido debaixo do senhorio do seu dono, que o
rna, e póde dispôr, como lhe prouver, do exer-
da sua liberdade.
esta escravidão é meramente corporea, priva
ividuo da liberdade dos seus actos physicos, e
gra o braço e o suor do servo ao proveito do
enhor: tal é a que existe em muitos d'entre
Se porém a servidão é espiritual e penetra no
nio da intelligencia, da vontade, e das crenças,
ca ao individuo a liberdade ao menos externa
u pensamento, dos seus affectos, da sua cons-
ia, da sua razão, das suas convicções, e tal é a
vidão absurda, detestavel a que o respeito hu-
condemna as suas victimas.
estado horrivel! Ó servidão nefanda! Ó tributo
deiramente *duro* e *torpe,* que só a vergonha
pagar a um mundo futil!
ro, sim, porque escravisa o homem, não a um

só senhor, mas a tantos quantos são os membros da sociedade; torpe, porque nada ha ahi mais torpe, feio, e deshonroso do que vêr-se o homem forçado a fazer o que repugna á sua razão, á sua crença, aos seus sentimentos mais intimos, e é precisamente a collisão em que se encontra cem vezes por uma o escravo d'esse tyranno sem corôa, nem sceptro, chamado respeito humano!

Vêde-o em exercicio, e talvez que melhor lhe conhecereis a hediondez.

Não se pode dizer que Pilatos fosse dotado de má indole; o seu coração era, pelo contrario, assás accessivel á equidade e á compaixão. Por mais d'uma vez tentou poupar o Justo ao supplicio da cruz, e até eximir-se de ser juiz no jury da sua condemnação. Mas porque trepidou ante quatro palavras do pretorio *«non es amicus Cæsaris»*; porque se arreceou de cahir no desagrado do imperador romano, consentio em lavrar a mais iniqua de todas as sentenças, e entregou Jesus ao furor armado dos judeus.

Podera ter sido um prototypo de rectidão, e hombridade, recusando-se formalmente a uma condescendencia atroz, profligada pela sua propria consciencia; deu porém ouvidos ás suggestões da baixa prudencia humana, deixou-se alliciar pela surda voz da pussillanimidade, e tornou-se um monstro de iniquidade, cujo nome legado aos seculos futuros, até as crianças repetem no *credo* catholico, onde elle se encontra não longe do de Jesus, como uma testemunha de que só a mais ignobil de todas as cobar-

dias podia condemnar a mais immaculada e divina de todas as existencias.

O Christo recompensára a fé preeminente de S. Pedro, elegendo-o para pedra angular da sua Igreja; mas porque este commetteu a fraqueza de tremer ante a voz de uma mulher, que o accusava no pretorio de pertencer ao numero dos seus discipulos, renegou por tres vezes o seu Mestre; baixou da alta dignidade de principe do apostolado a nivelar-se d'alguma sorte com o discipulo traidor, e a sua memoria ainda hoje andaria com a d'elle fraternisada, se as suas lagrimas ardentes não houvessem transfigurado o seu crime no mais solemne e sublime de todos os arrependimentos.

Ahi tendes os fructos damnados do respeito humano. Quereis vêr, em contraposição, um exemplo frisante dos que é capaz de produzir a nobre e santa impudencia de uma alma amante de Deus, e mais respeitadora dos dictames da sua consciencia, que dos do mundo?

Encontro-o admiravelmente em

MAGDALENA

Magdalena era uma peccadora publica, uma d'essas infelizes, cahidas de si mesmas, que á mingoa de dignidade e de coração que já não teem, vendem todos os dias o cadaver do seu proprio pudor ás solicitações da concupiscencia humana. Meu Deus!

Quantas vezes não são ellas mais dignas do vosso dó, que da vossa indignação!...

Não nol-o está ensinando a clemencia ineffavel com que absolvestes a Magdalena?

A sua desgraça fôra que só se encontrára no caminho da vida com os homens do peccado, que lhe roubaram todo o viço e toda a pureza d'uma alma moldada para amar o Infinito, a sua ventura inestimavel foi encontrar-se uma vez com o Homem da redempção, que lhe restituiu essa alma mais bella que d'antes.

A graça de Deus não lhe pulsou debalde á porta do coração. Subjugada por uma força invisivel e sobrenatural, assentou dar de rosto para sempre a esse mundo que por tantos annos servira, longe do seu Author, e infinitamente longe de... si mesma.

Que vai ella fazer? arroja primeiro de sobre seu corpo todos esses atavios deslumbrantes da vaidade; esses vestidos brilhantes e custosos, auxiliares ordinarios do engano femenil, esses collares e braceletes de ouro, com que o mundo soubera amarral-a a seus pés, esses esgares provocantes, onde mora a seducção; veste as roupas singellas da penitente, solta os cabellos, que lhe são agora véo de pudor, toma um vaso de alabastro que enche de aromas..., assim se arreia para agradar ao seu novo amante... Cobra animo: penetra na sala onde se achava Jesus rodeado dos seus discipulos, roja-se-lhe aos pés, e innunda-lh'os d'uma torrente de lagrimas.

Ó lagrimas celestes! vós não vos sumistes na terra,

Anjo da dôr christã recolheu-vos preciosamente e isportou-vos comsigo ao céo, como as primeiras que rramou este mundo degenerado, para rehabilitar-se baptismo do novo Amor, que se expande ao con-cto de Jesus! O universo fôra preço vil para pa-r uma só d'essas gotas d'alma, que uma intima ntricção diffundiu.

Mas que fazes tu, Magdalena! Pára, pobre mulher lucinada. Ignoras por ventura o que de ti pensam que são testemunhas da tua santa loucura? Não bem elles a vida licenciosa que levavas em Jerusa-m, não presenciavam ainda hontem os escandalos ie davas a toda a cidade? Não temes que te apo-em de insolente, por affectares uma virtude que io tens, e por te aproximares tão cerce d'esse ho-em entre o qual e ti medeia um abysmo? Que izo farão das tuas intenções, que significação liga-o a esses extremos de familiaridade? Não ouves ie já um dos discipulos chama desperdicio repre-nsivel á profusão d'esse unguento precioso com ie unges os pés do Salvador?...

E que me importa a mim *o que dirão*, ou *o que 'garão* do meu proceder? Que muito se me dá de ie o condemnem no seu pensamento, e de que amem talvez dissimulação perversa á dôr pungente ao arrependimento sincero d'uma pobre peccadora, e chora amargamente os seus crimes aos pés aquelle a quem só offendeu, e de quem só lhe de vir o perdão? É-me indifferente que me attri-am as mais perfidas intenções, quando o meu

Mestre, que sonda o fundo da minha alma, se inter-
põe em meu favor, e deixa cahir do seus labios di-
vinos o perdão das minhas dissoluções passadas E-...
de todo indifferente que esse idolo do mundo, a
quem por tão largos annos immolei, e por quem des-
perdicei sem dó todo o emprego da minha alma
corpo, e teres, chame louco desperdicio ao primeiro
acto de culto, porque eu adoro o meu Deus, a quem
tão tarde principio a amar.

Oh quanto a tua hombridade, e coragem é gene-
rosa, illustre penitente, e ainda mais illustre amante!
Quanto é digna da nossa imitação! Possaes vós,
christãos que me ouvis, ter a força de copial-o nos
vossos actos, desprezando as criticas, motejos, risos
dos homens, todas as vezes que se trate de cumprir
o que a consciencia ou a religião vos impõe.

II

Digo, em segundo logar, que o respeito humano
encerra uma verdadeira *apostasia*. Por apostasia en-
tendo eu a deserção publica da religião que se pro-
fessava, por outra.

Ora, posto isto, que outro nome convirá ao crime
d'aquelle que, tendo sido baptisado, educado no seio
do catholicismo, e adorado o verdadeiro Deus passa
de repente a *córar* do Deus que antes adorava, do
baptismo que o perfilhou na sociedade catholica, e
das praticas religiosas em que fôra formado? Com
que outra denominação senão de apostasia se pode-

rá caracterisar o procedimento d'aquelle que põe acima do respeito e submissão que deve a Deus, o capricho dos homens

Pôr Deus acima da creatura, sacrificar-lhe riquezas, honras, affectos, saude e vida, se tanto fôr necessario, obedecer fielmente aos seus preceitos, praticar os deveres impostos pela Igreja, é todo o christianismo. Por tanto sacrificar Deus á creatura, e aos interesses do mundo, sacrificar a gloria do Ente Supremo, e a nossa gloria futura ao idolo de miseraveis considerações, e respeitos humanos, é fazer precisamente o opposto do que a relegião aconselha, e ordena, é renegar o Rei immortal dos seculos, para adoptar o seculo. Que é isto senão uma apostasia?

Tem-se visto christãos abjurar a sua fé para se subtrahirem ás torturas. O seu procedimento era de certo culposo, era uma verdadeira cobardia; mas eu ouso affirmar que o respeito humano, se bem se ponderar, encerra uma cobardia ainda maior, e uma apostasia ainda mais vil. Quando o apostata renega a Jesus Christo em meio das torturas, é a vehemencia das dôres que leva debaixo a firmeza da sua fé; mas que coacção invencivel é essa que leva o renegado pelo respeito humano, abjurar o cumprimento dos seus deveres? Um..., ouvi-o bem, e córai, se a consciencia vos remorde, um sorriso, um gesto desapprovador!

Nada mais.

Ha homens que córariam de se persignar na presença de outros homens, de assistirem n'um grave

recolhimento ao santo sacrificio da missa, e isto simplesmente para que os não acoimem de *devotos* ou *tartufos*. Pois deixai que vol-o chamem. Sabeis que resultará d'esse desdouro apparente? Talvez o não suspeiteis..., pois sabei que sereis em ultima analyse mais acatados e estimados.

Mais estimados, sim; e regulai-vos por vós mesmos. Se tivesseis que fiar uma bolsa d'alguem; de quem a fiarieis de preferencia, d'um *devoto* ou d'um *impio?* Se tivesseis filhos a mandar educar, de quem os fiarieis de preferencia, de mestres sem principios alguns da religião e moralidade ou dos que se achassem no caso contrario? Logo não córeis das vossas crenças e da vossa religião, não sejaes apostatas.

Existe na Igreja um sacramento, o primeiro, a porta de todos os de mais, chamado baptismo.

É sabido que ha sempre n'elle uma pessoa, que toma o nome de padrinho do baptisando, porque é quem recebe a criança da pia baptismal, e quem responde ao sacerdote, em nome do afilhado, pela fé e perseverança do mesmo.

Ora sabeis vós o que o sacerdote pergunta ao padrinho, que se responsabilisa pelo baptisando? «*Abrenuntias Satanæ? Abrenuntio. Et omnibus operibus ejus: Abrenuntio. Et omnibus pompis ejus? Abrenuntio.*» Renuncias a Satanaz? (pergunta o ministro do baptismo). Renuncio (responde o padrinho em nome da criança). E a todas as suas obras? Renuncio. E a todas as suas pompas? Renuncio.

:hegado á plena edade da razão, o christão toma
re si os compromissos, que outrem tomára em
nome, junto á pia baptismal. Aquelle, pois, que
ıs miseraveis considerações da prudencia humana,
pelas futeis apprehensões d'uma indiscreta sus-
tibilidade, ousa quebrar as solemnes promessas
trahidas no dia memoravel do seu baptismo, não
ımetterá acaso um crime detestavel, e não mere-
à o nome de apostata?
ıssim que, a pena ligada a uma tal abjuração, está
ıtemão predita pelo Salvador do mundo, e exarada
a eterna memoria no seu Evangelho. Foi com as
ıvras que a encerram que epigraphei o meu ser-
› — « aquelle que córar de mim, e das minhas pa-
ıs, tambem eu córarei d'elle na presença de meu
quando julgar o mundo. »
n outro logar do Evangelho, depara-se o mesmo
›, expresso de um modo ainda mais formal:
elle que me negar (ou pelas palavras ou pelas
) na presença dos homens, tambem eu o nega-
etc.
ɔs os tempos, e todos os povos christãos teem
lido esses heroes sublimes da fé, que derra-
por ella o sangue, e fizeram do seu martyrio
nunha irrecusavel da sua crença.
pergunto eu: que foram todos esses marty-
ío outros tantos homens como nós, envasados
ıo molde d'argilla, tão sensiveis por tanto á
nós outros, dotados d'uma vontade tão fra-
a nossa, e em quem o sentimento instinctivo

do horror da morte existia tão vivo como em qualquer de nós?

Porém, as generosas inspirações da sua fé, e do seu zelo pela salvação da sua alma, e pela gloria de Deus pôde muito mais n'elles do que a vontade iniqua dos tyrannos.

Eram homens, collocados muito acima dos caprichos e preconceitos do seculo, para poderem escutal-os, ou para resentir-se da sua influencia. Tinham a *santa desvergonha* da religião, eram *nobres* impudentes, « *bene impudentes* » (Tertull.), que sabiam perfeitamente discriminar entre o escandalo, a que se deve oppôr o pudor, e a cobardia, a que se deve oppôr a santa energia da crença.

Sabiam que Satan, conforme a felicissima expressão do mesmo Tertulliano, envida todos os esforços para nos diffundir interiormente o sangue pelo rosto, por meio d'uma vergonha indigna « *potius sanguinem suffundere* », a fim de não nol-o deixar derramar exteriormente pela martyrio : « *quam effundere.* »

São estes os varões que proporei á vossa imitação, para aprenderdes pelo seu exemplo a sopear o respeito humano.

Não é mister que derrameis, como elles, o sangue pela fé, nem que vos exponhaes ás horriveis perseguições a que se submetteram: basta-vos um pouco d'aquelle louvavel despejo, e d'aquella nobre independencia, que souberam assoalhar na presença dos homens.

Mas se esta vos basta, porque, como diz o grande

escriptor já citado, « estamos salvos, se não córamos de Deus, *salvus sum, si non confundor de Domino meo* », é-vos ella por outro lado absolutamente necessaria, porque, como affirma S. Paulo, é sufficiente crêr para a justificação, mas é força confessar exteriormente a fé que em nós habita, para consummarmos a obra da nossa salvação « *corde creditur ad justitiam, confessio autem fit ad salutem.* »

. . . .

(Seguem-se algumas applicações praticas, relativas á população que eu missionava, e que aqui supprimo).

IX

INSTRUCÇÃO FAMILIAR

SOBRE A MALEDICENCIA

PRÉGADA NO LUGAR DE SANTO ANTONIO DE SAPATUÍ,
SERTÃO DA PROVINCIA DA BAHIA

IX

INSTRUCÇÃO FAMILIAR

SOBRE A MALEDICENCIA

PRÉGADA NO LUGAR DE SANTO ANTONIO DE SAPATUÍ, SERTÃO DA PROVINCIA DA BAHIA

Si quis putat se religiosum esse, non refrenans linguam suam, hujus vana est religio.
JACOB, 1, 26

I

Sim, meus caros irmãos, é vã, é falsa a religiosidade d'aquelle que não sabe refrear a lingua.

Debalde me diria elle: eu respeito a minha religião, e curo de a pôr em pratica. Se antes de lhe dar credito, eu penetro no santuario da sua consciencia, e vejo que não põe freio algum á sua lingua, que toma por um simples recreio o atassalhar a reputação do proximo, estou no direito de lhe recordar

o texto dos Livros Sagrados; é falsa a vossa religião por mais numerosas que sejam as vossas praticas de piedade, por mais edificantes que pareçam as vossas virtudes, não passam aos olhos de Deus d'uma pura hypocrisia e vaidade: *hujus vana est religio.*

A lingua sem comedimento, segundo o testemunho do Espirito Santo, é uma chamma devoradora, sahida do seio do proprio inferno, é um flagello destruidor, é um veneno que mata a alma e o corpo, é finalmente um verdadeiro mundo de iniquidade «*universitas iniquitatis.*» (Santiago).

A lingua é um pequeno orgão, implantado por Deus, por traz de um dobrado muro de dentes, e de labios, mas que escalando ambos elles, causa males immensos; gera odios, querelas, e divisões, arruina fortunas, compromette reputações, destroe a honra das familias e dos individuos, baralha todas as condições sociaes; é uma faisca, que parece imperceptivel, e que causa incendios formidaveis «*magnam incendit silvam.*» (Idem).

Arcar por tanto com este vicio hediondo, e obrigal-o a capitular para sempre nas vossas consciencias, fazendo-vos tocar, para assim dizer, com o dedo, esse cancro purulento da sociedade, é advogar os vossos proprios e mais legitimos interesses.

Porei de parte o caso em que a maledicencia é permittida por um motivo grave de caridade, como seria o denunciar um salteador, ou um homicida á authoridade competente, para evitar os males que possam causar de futuro. N'esse caso a murmuração já nem

mereceria tal nome. Porei outrosim de parte essas censuras ligeiras, que escapam quasi necessaria, e inevitavelmente á fragilidade humana, nos individuos de mais delicada consciencia. A maledicencia é um prurido, que a ninguem poupa, e a que pouquissimos resistem.

Levo em mira fallar principalmente d'aquella que é gravemente nociva á sociedade, e como tal uma falta grave.

II

Primeiro que tudo resumamos o ensino theologico sobre esta materia.

A maledicencia, diz S. Thomaz, é todo o discurso ou palavra capaz por sua natureza de destruir, ou prejudicar o credito alheio.

O murmurar é do genero *(in genere suo)* dos peccados chamados mortaes.

O detractor, como affirma S. Paulo, é aborrecido de Deus «*detractores Deo odibiles*» (Rom., 1, 30), e o grande apostolo comprehende expressamente este vicio no numero das culpas, que excluem do reino dos céos. «Nem os impudicos, nem os avarentos, nem os ladrões, nem os *maldizentes* entrarão no reino dos céos.» (I. Cor., 6, 10).

Sim, a maledicencia é um grande crime, porque é ao mesmo tempo um vicio profundamente *opposto á caridade, e digno da execração dos homens.*

Oppõe-se totalmente á caridade. Observai qual o

tempo que o murmurador escolhe para descarregar o golpe sobre uma das suas victimas. É o tempo em que ella está ausente, e na impossibilidade de se defender.

Não a ataca de frente, e de viseira erguida. Antes muitas vezes na sua presença lhe tece louvores, e lhe liberalisa amabilidades, mas apenas a victima lhe volta as costas, incontinente aguça o ferrão para dardejal-a impiedosamente, e estillar-lhe na ferida o veneno mortal da infamia.

Assim que, não lhe fallecem industrias para conseguir o seu fim. Varia ao infinito o seu plano traiçoeiro de ataque. Umas vezes occulta-se como a serpente debaixo de flôres, *latet anguis*, e cospe o dardo fatal quasi insensivelmente, *leviter transit, et graviter ferit*. Outras, cobre-se com o manto da caridade; parece triste ao referir certas faltas alheias, dir-se-hia que a sua linguagem mais deplora amargamente defeitos graves do proximo, do que os accusa; tactica tanto mais perigosa, quanto mais perfida. Ora vai murmurando com um certo ar prazenteiro, por gracejo, e como por pura distracção, e envolve habilmente a critica acerada n'um dito chistoso, ou n'um equivoco transparente; ora fere até por meio de elogios, condimentados com certas restricções destramente calculadas na inflexão da voz, e no arranjo da phrase (!) « Fulano tem talento, mas...; é dotado de bons sentimentos, mas... não se póde negar que é um homem honrado, se não fosse... Fulana é uma excellente esposa, mas... é dotada de uma piedade

a toda a prova, é pena que...» É pena o que? se não fosse o que? mas... mas o que? O que é certo, e não carece de *mas*, é que tu que assim fallas, és um maldizente, um má lingua, que até o mel do louvor sabes converter no fel d'uma amarga censura.

Ora é claro que em qualquer d'estes procederes ha o que quer que seja de vil, baixo, e detestavel a todos os respeitos.

Ha, porém, outro ponto sobre o qual chamarei toda a vossa attenção e que fórma parte da doutrina theologica, relativa ao mesmo vicio. Consiste em que aquelle que escuta com prazer as fallas do murmurador, em vez de empecel-as por qualquer modo, podendo facilmente fazel-o, torna-se cumplice da mesma falta que elle.

E de feito, conforme o preceito da caridade evangelica, é nosso dever julgar favoravelmente do proximo, quanto ser possa, e fazer por elle o que quizeramos que fizesse igualmente por nós. Ora, da mesma maneira que quizeramos que o proximo tomasse a nossa defeza, se uma lingua impregnada de peçonha viesse a atacar-nos; assim, quando a maledicencia fere na nossa presença um ausente, corre-nos o dever de rechaçal-a, segundo as circumstancias e a nossa posição o permittirem, ou soffreal-a pela nossa authoridade, ou pelo menos profligal-a pelo nosso silencio. Devemos ser os tutores, os advogados dos nossos irmãos perseguidos, e se o não fizermos, seremos até certo ponto responsaveis do damno que lhes causar a nossa cobardia.

A Sagrada Escriptura allia-se á sã razão para corroborar esta verdade: Deus confiou a cada um de nós o cuidado dos nossos irmãos: *«mandavit unicuique de proximo suo.»*

Ah! não deis nunca ouvidos, caros irmãos meus, á negra linguagem da maledicencia; antes não córeis de antepôr-vos entre o detractor e a sua victima, para lhe poupardes o golpe imminente. Como assim! Se visseis o ultimo dos homens prestes a cahir sob o ferro d'um assassino, e vos fosse possivel, e facil salval-o, pergunto, não voarieis em seu auxilio? Pois ha assassinatos, cujo instrumento é a lingua do detractor, e que por vezes são mais deploraveis que os que se commettem com o ferro, porque a reputação é preferivel á vida, porque a morte é mil vezes preferivel á deshonra, aos olhos do homem de bem, e de dignidade.

Deixai-me contar-vos um rasgo tão bello, quanto edificante da vida do grande Santo Agostinho, consoante a este vicio. Conhecendo a graveza do peccado da murmuração, e não consentindo que na sua presença se censurassem as vidas alheias, mandou collocar por cima da porta da sua sala de jantar a seguinte inscripção: «saiba todo aquelle que ousar detrahir das reputações alheias, que esta mesa lhe é defeza.» E um dia que alguns dos seus amigos, esquecidos da prohibição infligida, começavam a conversar dos defeitos do proximo, o Santo apontou-lhes para a inscripção gravada, e com este simples gesto os cohibiu.

Não me é possivel offerecer mais bello exemplo á
›ssa imitação.

III

Sobre ser um vicio essencialmente opposto á ca-
dade christã, a maledicencia é um vicio odioso, e
gno da execração dos homens.

Escutai os Livros Sagrados: O murmurador é um
te perigoso, na cidade onde habita; «*terribilis in*
'itate homo linguosus.» Turba a paz e a união dos
ladãos, semeia no meio d'elles as inimizades, os
ios, e as vinganças. Accende por toda a parte o
:hote da discordia. Qual espada de dous gumes, a
gua bifida do maldizente divide as familias mais
ıidas, e rompe as mais antigas amizades. Azeda
dos os espiritos, e envenena todos os corações.

O maldizente entona-se em juiz, e pronuncia em
tima instancia sobre o merito de todos, absolve
ıem bem lhe parece, e malsina quem tem muito
ıais direito que elle a um credito illibado.

Haverá nada mais odioso e execrando que um tal
rocedimento? quem poderá amar semelhante ho-
em?

E todavia, este vicio, ignobil como é, encontra-se
é em certas classes que passam por sizudas e ho-
stas; faz o encanto de todas as conversações, que
ssam de ser alegres, animadas, e interessantes,
ando as não tempera o sal... da maledicencia!...
al a razão d'isto? Dil-o-hei, embora humilhe a al-

gum d'entre vós, que não veio comtudo pedir-me a este pulpito a lisonja, senão a linguagem da verdade. É que a maledicencia allicia, satisfaz o orgulho do homem, e todos os instinctos ruins da natureza. A critica dos defeitos alheios é louvor indirecto ou implicito das (suppostas) virtudes do detractor. Quanto mais descer n'um dos pratos da balança a reputação alheia, entende que na mesma proporção subirá a sua no outro. A censura das faltas do proximo que condemnaes, é uma declaração virtual de que vos consideraes superior a elle. Eis a explicação do mysterio.

È, portanto, tão detestavel quam *pouco detestado*, o crime da murmuração, e quando digo, detestavel, reparai bem que o entendo tanto em relação ao que a fez, como ao que a escuta de bom grado.

É tido por uma obra prima o quadro da detracção, desenhado por Apelles, celebre pintor da antiguidade. Vou copiar-vol-o, porque resume quanto tenho dito até aqui sobre este assumpto.

No quadro symbolico do famoso artista, via-se a Detracção ou a Maledicencia, representada em ponto grande, sob a fórma d'uma mulher formosa e sumptuosamente trajada, mas dardejando olhares sinistros e ferozes. Na mão esquerda levava um brandão acceso, e na direita arrastava traz si uma criança, que pela expressão que lhe transluzia no rosto, e pelos gritos sentidos que soltava, implorava o soccorro do céo. Em frente avultava a Credulidade, deixando ver através dos cabellos duas orelhas desmesuradas, e

estendendo para a maledicencia mão amiga, e connivente. Ladeavam-na a Ignorancia debaixo da figura d'um cego, e a Suspeita debaixo da apparencia d'um homem inquieto e vacillante, mas satisfeito ao mesmo tempo de ter descoberto alguma cousa. Em face da Maledicencia, paralella á Credulidade, estava a Inveja hirta e encolhida, sob a fórma de um velho mirrado, e comido de despeitos. Finalmente, no fundo do quadro, e n'uma especie de meia luz, ou de penumbra, divisava-se a verdade tranquilla, e grave, trajada com uma singeleza cheia de magestade, adiantando-se para a criança rojada, que vinha soerguer do chão; e por traz d'aquella o Arrependimento, coberto d'um crepe, e vertendo lagrimas copiosas.

Esplendida imagem! Sublime allegoria! Facil vos será comprehender, penso eu, o que significa cada uma das suas partes.

A mulher seductora, que dardeja olhares sinistros, e leva n'uma das mãos um archote acceso, e na outra uma criança de rojo, é a maledicencia capciosa em seus ademanes, lançando por toda a parte o facho da dissenção, e arrastando victimas. Só a acolhe favoravelmente a credulidade, que nasce apenas ou da ignorancia, ou da suspeita. Precede-a e inspira-a a inveja. Chega a enganar por algum tempo, mas cedo ou tarde a verdade desponta, cingida de luz, e só resta á maledicencia o arredendimento, que, se repara a culpa, nem por isso repara muitas vezes as suas funestas consequencias.

Oxalá que esta imagem vos aproveite.

IV

Em conclusão, digamos algumas palavras sobre o valor das desculpas que o murmurador emprega de ordinario, para se justificar perante a sociedade, e para tranquillisar a sua propria consciencia.

Primeira desculpa: «eu não levantei nenhum falso testemunho; o que disse é a pura verdade.»

Podera responder-vos que as apparencias ás vezes enganam; que os susurros que correm sobre o credito do vosso proximo não passam talvez d'uma traça do odio, ou d'um effeito da prevenção, e que sem o saber, estaes calumniando o vosso irmão. Podéra perguntar-vos se não aggravastes o mal pelas circumstancias que juntastes, pelo tom, e maneiras porque o referistes, e pelos motivos que lhe suppozestes... Mas dou de barato que houvesseis apenas dito a verdade, sem côres, nem franjas postiças. Creio-o de bom grado. Tendes-vos por justificados perante Deus?

Illusão. A falta alheia era pouco conhecida, vós a tornastes publica; era um simples peccado, do qual fizestes um escandalo! Estaes innocente da calumnia, mas sois réos da odiosa detracção.

Segunda desculpa: «não fui eu o primeiro a fallar.» Quero pensal-o, mas a culpa alheia não cobre a vossa; a primeira indiscripção não authorisa a segunda; e referindo os ditos diffamatorios que circulavam sobre o vosso proximo, tornaes-vos d'alguma sorte fiança da verdade d'elles. Contastes o que já

utros haviam contado; melhor fôra sepultal-o no ilencio. Repetindo a murmuração, não fazeis mais ue estender o circulo da sua publicidade, e talvez esapparecer a ultima duvida que restava sobre a ıa exactidão.

Terceira desculpa: «é facto publico.» A sel-o na ealidade, cessa a maledicencia, ou pelo menos não assará d'uma falta leve, cuja abstenção não queremos impôr-vos. O homem que já perdeu de todo a ıa reputação, não tem direito algum a que a respeitemos: só uma caridade estreme póde ser bastante generosa para poupal-a em tal caso. Mas vinde ı: a que chamaes vós *facto publico?* ao pequeno rupo dos vossos conhecimentos... ou a uma simles presumpção da publicidade d'esse facto, porque ı duas ou tres pessoas vol-o relataram. Outra illusão. Quantas vezes vos não terão respondido, quando ommunicaes a alguem um d'esses factos culposos: é a primeira vez que tal ouço, não sabia que fuano tivesse feito semelhante cousa.» Cautella com a ossa pretendida publicidade.

De resto, se o facto é publico, para que annunial-o? Pois não o está já? Quanto mais forem cohecidas as faltas do vosso proximo, tanto mais deeis sentir o escandalo que elle originou, e a confusão ue d'ahi lhe advem. Um coração, onde arde o fogo grado da caridade de Jesus Christo, só cura de agar com um silencio exterior a lugubre recordaɔ de taes miserias.

Oh! queridos irmãos meus, cessemos por tanto,

uma vez por todas, de nos illudir sobre o crime d
maledicencia, e se tivermos algum motivo de no
humilharmos sobre esta materia (e quem n'ella s
haverá por innocente?), busquemos reparar as sua
consequencias, e tomemos a firme resolução de re
fugir este vicio tão opposto á feição dominante da re
ligião de Jesus Christo, que é toda caridade. Ponha
mos por obra os caracteres d'esta amavel virtude
taes quaes são descriptos por S. Paulo na sua pri
meira epistola aos corinthios. A caridade, diz elle, é
cheia de bondade; releva indulgentemente as fraquezas do proximo: « *charitas benigna est.* »

Não augmenta a vergonha do peccador, nem lhe exproba amargamente as suas faltas: «*non agit perperam.*»

A caridade não cogita o mal: *non cogitat malum*. Não folga com o mal alheio: *non gaudet super iniquitate.*

Tem sido este o traslado porque tendes modelado o vosso procedimento?...

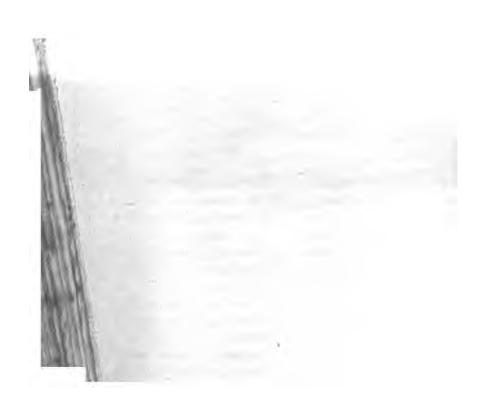
(Seguem-se applicações moraes, privativas do povoado, onde então dava a missão, e que aqui deixo em branco).

Segui pois o grande preceito, o mandamento palmar, que resume em sua synthese immensa todas as regras da caridade christã; não façamos a outrem o que não quizeramos que nos fizessem a nós, e pelo contrario saibamos haver-nos para com o proximo em tudo e sempre, como quizeramos que se houvesse para comnosco. D'est'arte cumpriremos o conselho

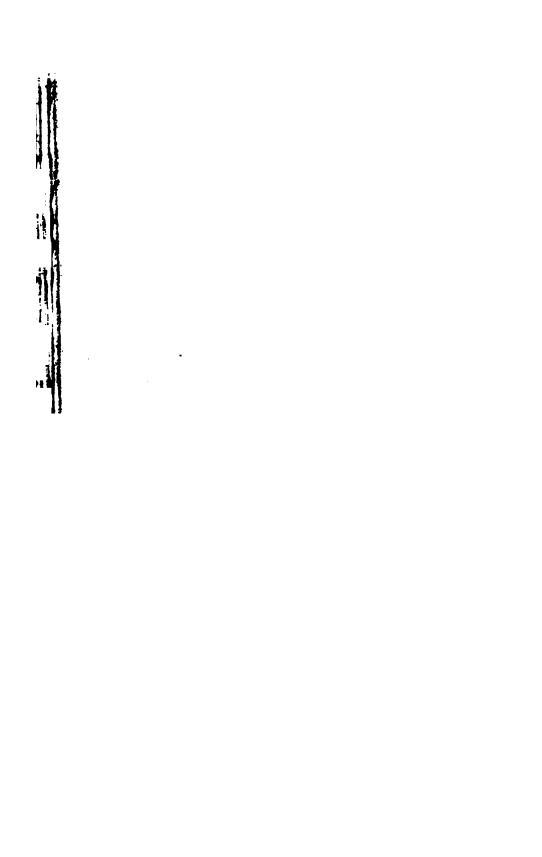
do Divino Mestre, e mereceremos a recompensa immortal, que elle prometteu aos que n'esta vida a observarem.

Assim seja [1].

[1] Esta pratica foi em parte imitada d'uma palestra sobre o mesmo assumpto, que se encontra no « Choix de prédication » do abbade Lelandais.

X

LOUCURA DA CRUZ

PENSAMENTOS AFFECTIVOS D'UM SERMÃO
PRÉGADO NA FREGUEZIA DE S. GONÇALO DO CAMPO,
SERTÃO DA PROVINCIA DA BAHIA

X

LOUCURA DA CRUZ

PENSAMENTOS AFFECTIVOS D'UM SERMÃO
RÉGADO NA FREGUEZIA DE S. GONÇALO DO CAMPO,
SERTÃO DA PROVINCIA DA BAHIA

Dilexit...!
S. Paulo aos Gal., 2, 20.

....

Amou! A creação e a redempção fluctuam igual-
nte no oceano do amor omnipotente de Deus. É
a causa, o fim, o repouso e o bem de todas as
stencias da ordem da natureza, e da graça, a luz
eladora dos mysterios mais obscuros da religião,
mais fiel interpretação da acção divina.

Se o impio ousa insultar a loucura sublime do Cal-
io, e passar indifferente ao longo da cruz, desli-
ido para o Martyr da justiça infinita um sorriso
castico, e incredulo, é porque bem se póde dizer
lle o que a Santa Thereza de Jesus dizia do prin-
e das trevas: «Infeliz! *não póde amar!*...» O

impio não sabe o que é o amor, cuja chamm
para além do mundo creado; o seu coração é
verno perpetuo, onde nem uma flôr de divi
dade se espaneja á luz da crença vivificante
pio só sabe odiar; e ahi está a razão intima
não comprehende, não crê, nem póde crêr, co
no mysterio da morte de um Deus.

A vós, porém, que possuis a ventura de ai
terdes perdido a fé, e que já déstes um pas
Deus, dando tantos para vir ouvir de tão long
palavra, explicarei hoje o segredo do grande
da redempção.

A humanidade estava manchada em si me
no seu tronco commum. Rehabilitar-se, reent
fóros da justiça primitiva, e da amisade divi
lhe impossivel, porque isso suppunha uma e
de que era incapaz. Repugnava que do pecc
desse sahir a innocencia, da impureza a pur
contaminada, que sabe aplacar a ira do Etern
potest facere mundum de immundo conceptum sen
(Job); repugnava que do crime nascesse a
pção que o apaga, e a humanidade não era m
um crime collectivo. Tinha uma divida de qua
culos a pagar ao seu author, e estava insolve
sacrificios da antiga alliança, em vez de mitig
colera de Jehovah, não faziam mais que enoj
irrital-o.

Então o Filho Unigenito do Altissimo disse
eterno Pai: « Aqui me tens, envia-me ao me
homens, e eu me farei carne, immolar-me-h

ı gloria, e regenerarei o mundo: *tunc dixi:*
» (Psalt.). E o pai disse *Fiat;* e o Verbo se
n no seio da Virgem Maria, consentiu em
que ao furor iniquo dos phariseus, e morreu
z, e ao expirar, victima d'um amor incom-
el, entre dois malfeitores, a justiça soberana
e meio a meio lá no céo o decreto de repro-
rada contra os filhos da culpa, e pela pri-
a misericordia infinita sorriu um sorriso
ıcencia para esta misera humanidade, que
ı fim ao ponto de partida dos seus destinos,
ma aberração incalculavel.
então o mundo soffreu uma revolução pro-
nensa, que marca, e marcará até ao fim
s a maior era da humanidade.
) mundo estava só, e sentiu-se de repente
de Deus, estava nú, e cobriu-o a purpura
ıngue do Messias, como a tunica de Esaú
orpo de seu irmão mais moço, e lhe attrahiu
de Isaac; estava enfermo e tocou-o a vir-
rana da cruz; era esteril, e foi enxertado
franca da humanidade de Jesus, e passou
fructos de benção, germinados no sangue
ptor, que clamam pela vida eterna.
vós conheceis essa arvore magnifica, tão
na vossa provincia: o *cajueiro.* A má qua-
terreno, e da propria especie da planta
r logar a que um d'esses cajueiros seja in-
ou só produza productos silvestres, e agros.
ıginae que a mão industriosa do agricultor

insere um renovo do cajueiro bravo no manso, e ao cabo d'alguns annos começará aquelle a dar fructos tão suave e agradaveis como os da arvore franca.— O ramo silvestre e infecundo eramos nós, era a natureza humana; mas o Filho de Deus dignou-se inserir na sua pessoa divina esta natureza degradada; soffreu que o golpe sangrento do martyrio lanhasse o tronco da sua humanidade consagrada pela união hypostatica da divindade, a fim de que na incisão praticada fosse enxertada a raça esteril de Adão, e eis que esta melhorada de subito na condição someños, principia a produzir fructos, já não corruptos, mas divinos, formados, e nutridos pela seiva do seu sangue infinitamente precioso.

Caridade ineffavel de Jesus! Culpa verdadeiramente feliz, que nos mereceu tão insigne gloria! Igreja unica de Deus, que nos revelas tão sublimes e consoladores ensinos!

Ó pensamento, que inunda minha alma da mais viva alegria! Poder repousar constantemente na virtude infallivel da cruz, em logar de repousar no nada da minha miseria; recair com todo o peso do meu ser na clemencia gratuita do meu Redemptor; ser para todo o sempre devedor de tudo, *e de que tudo* á pessoa adoravel de Jesus!...

E o que deve augmentar o vosso assombro, irmãos, é que nem era necessario para a regeneração do mundo, que o Christo padecesse, nem mesmo que incarnasse. Deus podia crear outro meio de reconciliação entre elle e a humanidade degenerada, em-

ɔra esse meio não podesse satisfazer *condignamente* justiça infinita offendida.

Jesus, porém, quiz que a compensação fosse de do o ponto perfeita, e que lá onde abundou a culpa, perabundasse a expiação.

Fez-se carne.

Inda assim, para a rehabilitação d'este mundo imıro, era mais que bastante uma só gota de sangue ı Homem-Deus, menos do que isso, uma lagrima, enos do que isso, um suspiro, menos do que isso, n olhar; um olhar do Deus passivel, para o Deus ıpassivel, implorando perdão para nós, e esse olhar va por si só mais gloria á Magestade Suprema, do ıe eram capazes de lh'a roubar todas as nossas ignoınias.

Para que serviu então todo esse apparato lugubre s cordas, dos flagellos, da columna, das bofetadas, ıs cravos, da lançada, e da cruz?

Ah! é que a sua ardente caridade ignorou todas medidas, não consultou a justiça commutativa, só ıube escutar os extremos do seu amor. Não quiz ıgar só quanto deviamos, mas infinitamente mais, n todo o sentido, do que deviamos, para desaggrar superabundantemente a Magestade de seu eterno ıi ultrajada, e manifestar-nos eloquentemente o exssivo zelo com que nos estremecia; não hesitando, ıra conseguil-o, em passar pelo rio de sangue, pelo ıprobrio do Calvario, pela noite da morte, e pelo ırror do sepulchro!...

Amar assim, amar até ao martyrio, é amar até á

loucura. A cruz é uma loucura. Jesus foi tido aos olhos dos judeus como um escandalo, e aos dos gregos, como um alienado. S. João da Cruz, no extasis das suas meditações sobre a paixão do Salvador, exclamava: «Vós sois um louco de amor, ó meu Deus crucificado!» Mas elle, como nós, pronunciamos esta palavra com um sentimento totalmente diverso do que a dictava ao povo grego, que não comprehendia, nem podia comprehender o enigma de uma tal dedicação. Nós chamamos a essa loucura, uma loucura sublime, mais sensata que toda a prudencia humana, mas capaz de nos revelar o poder, a sabedoria, e a bondade infinita de Deus, que o poema eterno da creação, com todos os magnificos esplendores que perpetuamente revelam a mão habilissima que o escreveu no tempo.

E para que a consideração do martyrio do Golgotha vos inspire uma idéa mais elevada, e um sentimento mais intimo da cari[illegible]e ineffavel que o determinou, soffrei que eu v[illegible]nsporte commigo até essa montanha mysterios[illegible]n todo o sempre memoravel, onde se operou o [illegible]ma tristissimo da nossa redempção.

Afigure-se-vos pela imagina[illegible]ontemplar o Filho de Deus, elevado alguns pés d[illegible]terra, e cravado por quatro pregos sobre um lenho tosco; ladeado de dois malfeitores. Por cima da sua cabeça, um céo sem lua, nem estrellas, pejado de trevas densissimas; por baixo de seus pés uma populaça amotinada, estupida, e brutal, buscando surprehender nas palpebras da

ıa augusta o derradeiro annuncio da existencia.
re todo esse povo, só dois rios de pranto cor-
sobre a terra, é o que brota dos olhos de Ma-
dos de João, que estavam de pé, junto á cruz
edemptor...
o é possivel conceber uma attitude mais dolo-
que a de Jesus, n'este momento de solemne e
vel amargura.
deixa repousar o peso do corpo sobre os pés,
m-se-lhe as feridas d'estes, causando-lhe dôres
es. Se tenta apoial-o sobre os braços, rasgam-
ainda mais as fendas das mãos, e os cravos
do-lhe os nervos, e os tendões, fazem-lhe soffrer
ormento agudissimo. Se encosta levemente a
a sobre a haste da cruz, os espinhos da corôa
he cinge a fronte, enterram-se-lhe ainda mais
ndamente na cabeça, e fazem-lhe escapar a sua
vermelha, com pungentes gemidos, que abafa no
; vê a Mãe, desentranhando-se em lagrimas de
ıe, com os olhos pisados de soffrimento, na ago-
e um silencio mysterioso, contando os minutos,
ue ainda terá de ser mãe... e de... viver,
ıe já não tem um só suspiro de vida, senão na
ive o Filho muito amado...
verá ao menos alguma circumstancia favoravel,
llivie uma situação tão desesperada?
vez os apostolos o não abandonassem, e a pre-
dos amigos sempre mitiga d'alguma sorte a dôr.
o abandonaram, excepto João, para receber a
ça de uma mãe, de que elle não era digno.

Mas se a terra lhe é agra, e o engeita do seu seio, o céo ao menos não póde deixar de lhe ser propicio. Ó desolação da desolação! ó soledade sem igual! O proprio Pae lhe refusa toda a consolação, e no calix immenso de seu Filho não deixa cair uma só gota de conforto!... Na sua alma um oceano de amargura, e por cima d'elle um céo tão resequido de lenitivo, como as areias abrazadas do deserto...: «*Eli, Eli, Lamma Sabactani;* meu Pai, meu Pai, porque me desamparaste?!» exclama Jesus.

Emfim a sagrada fronte deixou-se abater lentamente, o vidro da morte embaciou o olhar do martyr, e a alma desprendida d'aquelle despojo de um corpo humano, sumiu-se nas profundezas da terra. Jesus expirou... e da sua morte resuscitou um mundo inteiro!

É para aqui que eu chamarei toda a vossa attenção, e os mais puros e dolorosos affectos do vosso coração.

Morreu o Filho do homem sobre um madeiro; mas porque, ou por quem? Ó santa fé, envia-nos n'esta hora um raio da tua luz celestial, para que possamos comprehender esta palavra: —*Um Deus morreu por nós! — Um Deus morreu para destruir em nós o imperio degradante da culpa!*

Não foi, nem podia ser pelos seus proprios crimes, sendo mais puro que os céos, mas pelos meus, e pelos vossos, ó filhos do Brazil, e por cada um de vós, indigenas do sertão da Bahia: « *Tradidit semetipsum pro nobis.* » (S. Paul. *ad Gal.*).

(Segue-se uma serie de interrogações sobre os
cios grosseiros, que grassavam n'aquella população,
de instigações tendentes a abandonal-os, em vista
s reflexões expostas. Supprimo-as).

Qual d'entre vós não entra agora em si, no senti-
ento de um immenso desgosto pelo contingente de
iquidades com que concorreu para a condemnação
Justo, e com que aggravou o peso enorme da sua
uz?

Qual d'entre vós consentirá em calcar por mais
mpo aos pés aquelle sangue preciosissimo do novo
el? Quem poderá continuar a ouvir aquella queixa
ntidissima, que o Redemptor nos faz do alto da
ontanha de Jerusalem, onde se immola: *Quæ utili-
s in sanguine meo?* » (Psal.). Filhos meus, qual é
fructo do meu sangue?

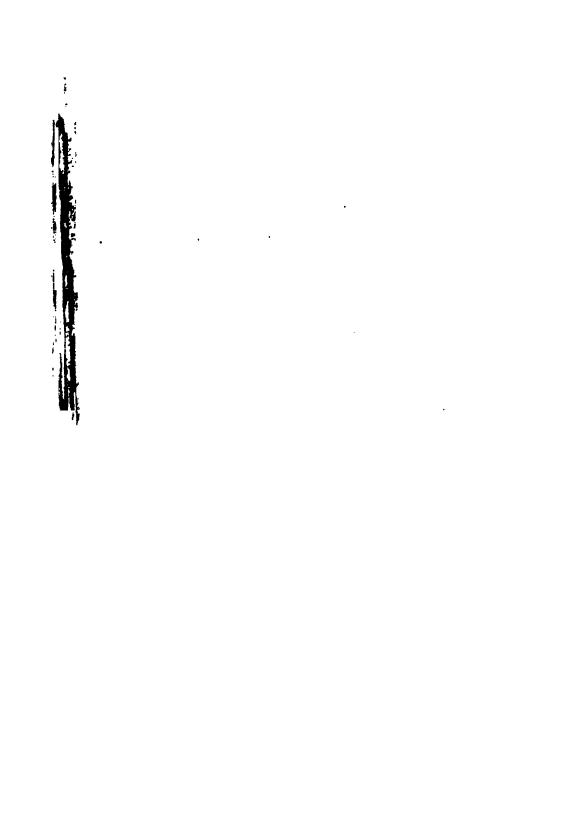
Desapegae-vos para sempre dos braços do crime,
o semeeis por mais tempo nos sulcos da injustiça,
ntemplae o quadro formidavel da paixão de Jesus,
le o livro eloquente da cruz, que todos o podeis
r. Ide áquella escóla de abnegações, que a cruz é
nda mais cadeira de mestre, que leito de martyr,
alli aprendei que o peccado é um tão abominavel
al que a santidade infinita consentiu em ser entre-
ie ao mais infame de todos os supplicios, para la-
il-o da face da terra.

. . . .

XI

SEXTA FEIRA SANTA

SERMÃO PRÉGADO
NO ENTERRO DO SENHOR, NA IGREJA DO TERÇO
E CARIDADE, DA CIDADE DO PORTO

XI

SEXTA FEIRA SANTA

SERMÃO PRÉGADO
NO ENTERRO DO SENHOR, NA IGREJA DO TERÇO
E CARIDADE, DA CIDADE DO PORTO

Foi a ultima queda!

Do seio do Pai cahiu no regaço de uma virgem, do regaço de uma virgem em um presepio, de um presepio no leito de uma cruz, do leito de uma cruz eil-o agora cahido no seio de um tumulo!

Foi a ultima queda.

Da mais subida altura desceu até ao mais profundo abysmo, até ás entranhas da terra, para elevar-nos do mais profundo abysmo, qual o da culpa, á mais subida altura, á eterna participação do reino de Deus.

Onde abundou a preversidade dos homens, superabundou a misericordia do Senhor.

N'este drama sem primeiro nem segundo, em que tudo é mysterio e traz o caracter do infinito, misturam-se os extremos mais oppostos, luctam entre si as paixões mais contraditorias. Luctou o amor divino

com a perfidia pharisaica, a innocencia com a malvadez, a clemencia com o odio, a fraqueza com a força, o direito com o arbitrario, e a morte com o inferno, mas a victoria pertenceu a quem de direito devia pertencer, *ego vici mundum,* disse a sagrada victima. Os cravos e espinhos da sua paixão floriram-nos em botões de suavissimas esperanças, e n'aquelle tumulo acaba de ser lançada a semente, apparentemente inerte, d'onde porém, ha-de repontar o fructo da eterna redempção do mundo.

Foi a ultima queda, disse eu? Pelo contrario, não devêra dizer que foi a apotheose de um triumpho immenso, mal disfarçado pelo tétrico scenario da morte?

Não obstante, tudo aqui é triste como a sombra de um ceu tempestuoso, e d'alguma sorte sinistro como para a consciencia do prescito a noite que se segue a um dia de crime.

Que é isto? Porque traz a face pisada de pranto a virgem pura do meu amor, a quem liguei o coração e a sorte, a Igreja santa, de quem sou ministro? A desesperança e a desolação estão-lhe pintadas em todo o exterior, outr'ora magnifico de magestade... Um veu tão espesso como o da viuvez cahiu sobre o seu rosto.

Onde estou eu? Desconheço o templo, onde todos os dias fazia descer sobre o altar, debaixo da sombra de um pão transformado, a hostia viva de paz e de caridade.

Meu Deus! que é feito da tua imagem, que a ar-

rancaram de meus olhos? que é feito da eterna cruz, que eu contemplava na grande hora do sacrificio eucharistico? Que mão impia ousou apagar esse pharol de 19 seculos, verdadeiro sol do mundo crente?

Igreja afflicta! Esposa sem macula do meu sacerdocio, quem te ultrajou, quem profanou o teu sanctuario? Semelhas uma mulher que soltou a trança sobre as espaduas, e vem á beira do caminho, desgrinhada, saciada de fel, perguntar aos que passam se ha dor igual á d'ella.

Onde estou? Minha alma tem frio n'esta mansão funerea, onde o sol «se calla», como no recinto tenebroso de uma crypta medonha.

Não é aqui o templo do *alleluia*, é o jazigo dos mortos sempiternos.

Ah! deixai-me fugir d'esta atmosphera onde me falta o ar, d'este recinto onde me falta a luz, d'esta Igreja onde me falta Deus... E para onde fugiria eu, Senhor? a que templo me abrigaria, onde no mesmo dia e hora não encontrasse por toda a parte o luto e a dôr da Igreja christã, pranteando o passamento do seu Author? ou onde podesse ouvir outra nota que não fosse a do sentimento, contemplar outra decoração que não fosse a do tumulo?

Sim, o dia de hoje não pertence á luz, senão ás trevas, não o podem saudar alleluias, gemem-n'o as vozes dos sacerdotes, esconde-o a Igreja sob o seu manto de crepe.

Ai de mim, ai de nós! É, pois, verdade que Jesus já não existe; nem é um homem, porque jaz cada-

ver. Merecia que o universo se lhe transformasse em throno, e até o lençol em que o seu corpo foi amortalhado, lhe foi dado d'esmola.

Raça ignobil, o teu crime nefando foi punido! Perdeste rei, nação, e patria, e só vives para ser o opprobrio perpetuo de ti mesma. Continúa, continua a tua eterna peregrinação, judeu errante dos seculos. O sangue do Justo que chamaste sobre a cabeça goteja sempre sobre a tua misera prole, como uma herança de maldição, e o roçar dos annos accumulados ainda te não apagou da fronte esse nome de *deicida* que sobre ella te escreveu o dedo de Deus.

Mas não; não é este o fallar, nem o sentir que competem a um prégador evangelico, nem tão pouco vos convém essa tristeza que vos domina, semelhante á desesperança dos que perderam um bem irremediavel, ou á dos vencidos, entregues á decepção de uma derrota fatal.

Onde está a nossa fé? A paixão e morte de Jesus Christo são o manancial das nossas mais puras esperanças, das nossas mais legitimas consolações; o titulo immortal da nossa gloria, e o espelho preclarissimo da nossa vida e morte.

Chorou para nos fazer sorrir; deixou-se despir para nos cobrir com a chlamide riquissima dos seus meritos; sangrou copiosamente, para com o seu sangue temperar o amargor excessivo dos nossos soffrimentos, bebeu o calix até ás fezes para que as não encontrassemos no nosso, expirou para nos gerar á vida sobrenatural, foi sepultado para animar no seio

hro as cinzas dispersas do nosso corpo dis-
'evocando-o á gloria da immortalidade e á
dade da Gloria. Quem jámais soube soffrer
us? quem soube morrer como elle?!
ıemos as lagrimas, que até o tumulo do Re-
é glorioso; levantemos a fronte abatida,
ıo ultimo crepusculo d'aquelle astro ha mais
is brilho do que no maximo apogeu da glo-
esares.
commigo ao seu mausoleu.
elo, como vêdes, que o Salvador do mundo
ı deixar de engeitar as soberbas decorações
tamos aos nossos restos mortaes, ostenta-
ıuma de um miseravel orgulho, que nem ás
: um cemiterio despe o luxo do seculo, irri-
ltima loucura de um ente que até para cahir
dão requer um local explendido. Mas se re-
ı todo o apparato da vaidade, não renun-
ureza, tendo querido ser inhumado n'um
) simples, mas novo, assim como quizera
: mãe pobre, mas virgem. Este sepulchro
ıdo d'esmola por José d'Arimathêa.
ım, portanto, fôra ainda depositado n'elle
Jesus, e ninguem o foi depois, como nin-
concebido nas castas entranhas de Maria,
ıs nem depois de Jesus. Oh! que mysterio
ndente, arrebatador! Ao entrar no mundo,
de Deus é gerado por um seio virginal, ao
mundo é confiado a um jazigo offerecido por
. Ó corpo verdadeiramente santo, adoravel,

ditoso, que teve a virgindade por mãe e a justiça por guarda! É que o Filho da Virgem Mãe compraz-se de se dar e manifestar por toda a parte verdadeiro homem e verdadeiro Deus; verdadeiro homem, passando por todos os estados mais abjectos da humanidade, verdadeiro Deus, só se mostrando zeloso da santidade e da pureza, unica companhia digna da sua pessoa, unico atavio azado á sua magestade.

Ao desabrochar do regaço intacto de Maria, desdenhou os palacios dos reis, ao expirar desdenhou os sarcóphagos dos grandes, e todavia quiz que todas as virtudes lhe formassem cortejo, a constancia da Mãe, a pureza de João Evangelista, a fé do centurião, o pranto de Magdalena, a devoção das santas mulheres, a coragem de Nicodemos, e a justiça de José d'Arimathêa.

Ah! se a morte de Jesus, essa morte sem fraqueza, só convinha a um homem Deus, a sepultura de Jesus só convém a um Deus homem! Santidade, grandeza, encanto da religião christã, poder, formosura, sabedoria infinita do Verbo incarnado!

Ainda uma vez, pois, porque vos invadio a melancolia, christãos, e rodeaes esse feretro n'um morno silencio como filhos inconsolaveis podem rodear o cadaver ainda tepido de um pae estremecido, que não verão mais? As lagrimas, expressão vulgar das dôres, são para os homens vulgares, para os nossos mortos, mas não para o vencedor da morte...

Ah! que não posso mais! Em vão, misero consolador, busco disfarçar a impressão d'um golpe, que

me prostra mais que a vós mesmos, e extrahir o balsamo do conforto, de um peito que só contém o absyntho de uma dôr acerba.

Dae, dae livre curso á vossa magoa justissima, que eu o darei comvosco. Magdalena quebrou aos pés do Salvador o vaso de alabastro, para ungir-lh'os com o nardo precioso de suave fragrancia, derramemos nós sobre o corpo do divino finado, o vaso partido dos nossos mais intimos e dolorosos affectos. Sejam-lhe balsamo as nossas lagrimas.

Que rosto poderá debruçar-se enxuto para aquelle rosto, onde a expressão da benignidade infinita mais parece guardar silencio, do que ter expirado? Que olhos poderão deixar de regar com o orvalho do coração aquelle lyrio deslumbrante, cahido sem vida, das mãos da mãe afflictissima, na lagea fria do sepulchro, entre as cinzas dos filhos do peccado?

Ó scena desoladora! A morte, ainda quando seja a de Deus, sempre é lugubre e sinistra.

Contemplai o quadro que vos defronta:

Jesus aos pés de Maria, fulminado pelo golpe implacavel, Maria em frente de Jesus, de pé, immovel, hirta, fulminada pelo raio do mais atroz infortunio, distillando sobre o cadaver do filho o pranto gelado de um coração morto. Tem apparencias de viva, mas não o está. São duas mortes que a Igreja hoje commemora, a do Filho e a da Mãe. A primeira é morte deitada, a segunda é morte de pé, a primeira é morte á qual falta a consciencia, a segunda é morte duplicada pelo proprio horror da consciencia; em baixo,

no athaúde, dorme a vida um somno que não será
longo, em cima, no altar, véla a morte uma vigilia a
cujas horas a angustia communica uma extensão de
seculos.

Irmãos meus de crença, e hoje de orphandade,
ter-vos-hei eu attribuido sentimentos que não possuis?
Ter-se-hiam perdido no deserto da vossa indifferença
estas expressões filiaes com que eu suppunha com-
mungar comvosco nos mesmos affectos christãos?

Seria ser injusto para comvosco o imaginal-o,
vossos corações estão certamente ainda mais fixos n
consideração e compaixão do martyrio de Maria, d
que os vossos olhos nos seus.

Pois bem: abaixae-os por um pouco. A segund a
parte do quadro que estaes contemplando, é aind a
mais tragica e admiravel que a primeira. Quem ja z
n'aquelle athaúde? Alli jazem trinta e tres annos d e
um pensamento unico. Alli jazem trinta e tres anno s
de amor, de dedicação e soffrimento, votados á sa l-
vação do homem. Foi alli que caiu o Leão de Judá,
ensanguentado e exanime, vencido e vencedor n a
grande peleja em que estava empenhada a nossa fe-
licidade eterna. É alli que dorme na solidão absoluta
da morte e no gélido pó dos finados, Aquelle que
pediu á Samaritana uma gota de agua, para lhe da r
em troco d'ella o dom precioso da regeneração pe la
graça, o que advogou a causa da adultera, e acolhe u
benigno as lagrimas e os aromas da peccadora pu-
blica; alli jaz aquelle coração amantissimo, que tant as
vezes deixou que as liberalidades da misericordia

atraiçoassem os direitos da justiça; o amigo que consentiu em ser entregue pelo beijo perfido do discipulo refalsado, e a troco d'elle nos deu o osculo da perpetua reconciliação de Deus com a humanidade decahida; alli repousa emfim, do seu horrivel martyrio, o homem da dôr e da caridade; aquella face que o escarro de um soldado polluio, e a bofetada de outro insultou, aquelle corpo exhausto, que os látegos fustigaram, que o ferro trespassou, os espinhos penetraram, e a cruz esmagou. Alli jaz, ó Ceos, nem tenho a coragem de ir por diante, alli jaz a nossa Victima e o nosso Redemptor, a sombra de Jesus que foi, o despojo de Jesus que cessou de ser...

Que perda! Que passamento fatal! Que desgraça suprema não illumina o sol maldicto do dia 14 de abril! E como este miseravel mundo fica vasio e arido, privado inteiramente do que era a sua luz e todo o seu viço!

A luz immensa dos seculos, a mais seductora visão da caridade, tantas virtudes, tantos rasgos de clemencia, tantas lagrimas, tantos suspiros, tantas bençãos, tantas palavras de vida eterna, tudo se abysmou dentro dos dez palmos de um sepulchro, e uma lousa é o fecho singelo com que os homens sellaram o livro sublime e immenso, escripto pela mão de Deus.

Impia synagoga! tu foste a causa da morte do Justo, mas o teu delicto sem nome... não, christãos, os verdadeiros reus fomos nós, não lancemos sobre a cabeça dos judeus um sangue que cahe tambem e principalmente sobre as nossas proprias cabeças, ac-

cusando-nos de deicidas. ¿ Quem sentenciou á morte o Salvador do mundo, quem o coroou de espinhos, quem o pregou n'um vil madeiro, quem o saciou de fel e vinagre, e o matou senão as nossas culpas? Proclamo-o, meu Redemptor, não o escondo, proclamo-o com a alma transida da mais entranhada magoa, o vosso algoz fui eu; o pezo enorme da vossa cruz, que por tres vezes vos fez caír sobre a ladeira do Calvario, foi o pezo dos meus crimes, que vós carregaveis aos hombros, para transportal-os comvosco para cima do instrumento do vosso supplicio. N'este dia, entre todos memoravel, em que a terra commetteu á face do Céu o maximo attentado, e o Céu outorgou á terra o alvará do mais solemne e misericordioso perdão, ache o meu sincero arrependimento prospera acolhida perante vossos olhos, Deus de infinita clemencia. Por todos morrestes, ó Christo Jesus, mas morrestes particularmente pelos sacerdotes, como o dissestes na grande noite da cêa — *pro vobis et pro multis*. É que os seus crimes são maiores, porque o seu caracter sagrado lhes communica maior malicia e deformidade. Ah! quantas vezes nós, sacerdotes, que somos os convivas do teu altar, não temos sido os Judas da mystica paixão que todos os dias se renova sobre o altar! E quantas vezes esta sotaina escura, longe de symbolisar o luto do mundo, que em nós vive, symbolisa com mais propriedade o luto da virtude christã e da dignidade ecclesiastica, que em nós jaz morta ou agonisante. Céus! sêde testemunha da verdade dos meus sentimentos: quizera agora

esta libré da minha vocação, cerrada esta
; para ti, Senhor, se converteu n'uma corôa
s, confundido cóm os simples fieis, envolto
da penitencia, de joelhos junto ao teu tu-
le véla todavia a tua divindade, bradar em
ıe e em nome dos meus companheiros de
- Perdão, Jesus, perdão para o teu levita e
eus levitas, para os teus privados, de quem
não devias esperar a ingratidão, *si inimicus fuisset, sustinuissem utique;* piedade ainda
para nós, pela tua vida santissima, pelo teu
·eciosissimo, pela tua morte cruelissima. Eia,
Resuscitado, resuscita do tumulo da culpa e
ırença aquella porção do sacerdocio portu-
ɘ traz por acaso a sua dignidade sepultada
.andos de uma vida profana, e sejam de ouro
nossos actos, como são de ouro os nossos
os nossos paramentos.

meus irmãos, eu não separo a nossa causa
que a nossa causa é commum; todos somos
; do tragico acontecimento que commemora-
ıbem vós votastes o supplicio do Justo pelo
nento dos vossos costumes, pela sensualidade
do vosso viver. Foram elles, bem mais que
ade da synagoga, os que desfiguraram o
ıoso d'entre os filhos dos homens *speciosus*
., e o reduziram a um verme repellente, ul-
mpossivel de ser reconhecido. Pae! eu ap-
;angue do Calvario, por nós derramado, para
da pia baptismal, com que o Redemptor da

nossa alma nos protegeu contra a tua vingança, com a purpura dos seus infinitos meritos. Olha para o sangue do teu Jesus, que ennobrece e consagra as nossas frontes, e perdoa-nos.

Meus irmãos, vamos, com as santas mulheres, ao sepulchro do Redemptor, derramar os perfumes das nossas lagrimas e da nossa dôr sincera sobre o seu feretro, vamos com ellas lavar-lhe as preciosas feridas que nossas iniquidades alli rasgaram, vamos velar o somno passageiro da augusta Victima; e quando soar a hora da sua resurreição, abandonemos então o sepulchro e resuscitemos com Jesus a um dia que não conheça mais a noite sinistra e caliginosa do peccado.

XII

ORAÇÃO FUNEBRE

PRONUNCIADA NAS EXEQUIAS SOLEMNES, CELEBRADAS PELO SUMMO PONTIFICE, PIO IX, NA IGREJA MATRIZ DOS ARCOS DE VAL DE VEZ (ARCEBISPADO DE BRAGA)

XII

ORAÇÃO FUNEBRE

PRONUNCIADA NAS EXEQUIAS SOLEMNES CELEBRADAS PELO SUMMO PONTIFICE, PIO IX, NA IGREJA MATRIZ DOS ARCOS DE VAL DE VEZ (ARCEBISPADO DE BRAGA)

Ubi est, mors, victoria tua?
Onde está, ó morte, a tua victoria?
PAUL. 1 COR. C. 15 V. 55

(FRAGMENTOS)

No momento em que rompo o silencio que me rodeia para celebrar as grandezas de Pio IX, a quem um golpe entre todos fatal acaba de prostrar na valla sempre aberta dos mortos, sinto-me alternativamente enleado pela magnitude do meu assumpto e, se é forçoso confessal-o, pela improficuidade do lavor, a que metti hombros. O elogio de Pio IX está feito, e esplendidamente feito por elle mesmo...

Que rincão do mundo, não só catholico, mas do mundo habitado, ignora este nome que resume a

primeira culminação moral do seculo XIX e em quem as mais preexcelsas virtudes se abraçam com os mais heroicos gestos? Todos vós os sabeis de côr, senhores, e por mais que me disvelle em resuscitar pela palavra o vulto verdadeiramente esculptural que a fouce implacavel abateu sem sequer lograr empanar-lhe o fulgor, terei sempre que responder perante a exprobração secreta que me farieis de não ter sabido reproduzir fielmente o meu exemplar e de haver permanecido abaixo do meu objectivo.

Pouco ou nada podemos nós, pobres oradores, em beneficio da gloria dos gigantes da virtude e da dedicação. O mais bem elaborado panegyrico empallidece em face dos grandes nomes; o biographado esmaga o biographo debaixo do pezo da sua enorme celebridade.

Em quanto, porém, a historia, que fica devedora aos seculos vindouros d'esse capitulo eminentemente glorificador do actual, o não redige com a independencia que o fallecimento do heroe dá ao historiographo para já não ter que melindrar-lhe a modestia; importa que eu satisfaça, consoante o comportarem as minhas minguadas forças, ás justas exigencias da vossa rendida piedade para com o extincto chefe da religião catholica.

Quanto se não recommenda, de facto, á grata memoria da Igreja um Papa que foi o mais esforçado mantenedor dos seus direitos inauferiveis e sagrados; que soube salvar incolume na sua pessoa a dignidade amesquinhada dos thronos, interpor-se sem-

pre em favor das victimas contra os algozes e imprimir ao catholicismo o prodigioso desenvolvimento que em nossos dias tem attingido?

Dizia o insuspeito Leibniz que nenhum throno da Europa fôra occupado por tão avultado numero de principes esclarecidos e piedosos como o dos Papas. Que diria do reinado de Pio IX, se a elle houvera assistido? E hoje o universo inteiro conclama-o como um dos mais egregios vultos do papado e da epocha hodierna.

É um espectaculo grandioso. Já não são unicamente as igrejas do orbe catholico que se abrem, se revestem de pezado lucto e convocam os fieis á celebração de solemnes exequias em que tomam parte os principes dos differentes Estados mesmo acatholicos, [1] já não são unicamente as mil boccas do jornalismo orthodoxo, tarjado, e a ressumbrar ora lagrimas ora canticos de triumpho; é o profundo abalo, e, por assim dizer, o tremor de terra moral que o infausto acontecimento produzio nas nacionalidades

[1] De feito, sem fallar já nos chefes dos estados catholicos da Europa, como no Rei de Hespanha, de Portugal, no presidente da republica franceza etc., que assistiram ás exequias celebradas em honra de Pio IX, não posso deixar de fazer aqui menção de que o mesmo se deu com o presidente dos Estados-Unidos da America, e se a memoria nos não falha, com a Rainha Victoria d'Inglaterra, que mandou celebrar um officio funebre por esta occasião. Além d'isto, nos proprios templos scismaticos da Russia, como no de Santa Catharina de S. Petersburgo se fizeram solemnes exequias ao augusto finado. Todos os principes da Europa enviaram officialmente ao sacro collegio as suas manifestações de sentimento, inclusivé o sultão da Turquia; e tanto o governo francez como o *inglez* mandaram deitar lucto por dois mezes...

ainda estranhas á communhão catholica, são os homens dos arraiaes contrarios, que d'antes ajudavam a encravar mais na fronte do Augusto finado a corôa d'espinhos das suas amarguras, e agora lhe depõem aos pés a corôa de perpetuas que symbolisam os immortaes; são os escriptores assalariados da idéa anti-christã, que dando alfim de rosto aos altares de uma venalidade injusta, vem, feudatorios da verdade reconhecida, genuflectir perante o altar da consciencia, da honra, e da virtude personificadas pela tão extensa quão preclara vida de Pio IX.

Assim, é na hora em que o veu da noite eterna cahe sobre elle, e nol-o esconde aos olhos, que o astro da immortalidade reponta de chófre em jorros de luz e illumina com a claridade dos que não passam o nome abendiçoado do Pontifice da Immaculada! *Ubi est, mors, victoria tua?* Onde está, ó morte, a tua victoria? De que servio que com a ponta do teu sceptro de ferro inscrevesses o dia 7 de fevereiro no teu registro de lucto e de destruição, se a posteridade te desmente e brada: Pio IX não morreu; vive e viverá sempre pelas idades e pelos corações a dentro, em quanto existirem peitos reconhecidos e a virtude houver um sentido na terra.

Ia-me, todavia, esquecendo de que esta hora é consagrada a commemorar uma grande dôr. Os solemnes e funereos apparatos que tenho à vista cohibem-me a expansão, reportando a minha phrase á lugubre conjunctura que a deve inspirar. Que vejo? Um catafalco que parece querer levar até ao ceu o

testemunho da vossa pungente magoa, emblemas funerarios, disticos, lampadas que bruxoleam, todo um scenario de lucto, tudo quanto a religião e a magnificencia podiam suggerir o descompassado golpe que a catholicidade soffreu com a morte do seu estremecido pontifice. Ó Deus! Porque nos quizeste dar mais esta prova de que só tu és grande, e de que toda a grandeza humana é fatalmente embaciada pelo halito da morte? Tudo aqui põe de pé a memoria do teu inclyto Vigario, e nada falta a estas honras magnificas senão... aquelle a quem são prestadas!...

Comtudo quizestes, senhores, que uma voz animasse estes mudos transumptos da vossa saudade, e opinastes que essa voz fosse a minha.

Resigno-me e acceito. Fique a vossa generosidade com o obsequio de um convite immerecido, e fique eu com o reconhecimento de que semelhante convite me faz cargo e com doloroso compromisso que me impõe.

Mercê de Deus, para exornar a vida de Pio IX, não se me torna mister recamar este discurso com as côres feitiças da arte oratoria e ainda menos arredondal-o com os miseraveis arrebiques da lisonja. Não é o meu personagem d'aquelles de quem só se falla a medo, traçando com mão tremula, que não segura, as peripecias de uma existencia que só é dado elogiar por abstracção (como o pintor que deixa em fundo indistincto tudo quanto prejudica ao effeito optico da sua téla), e encommendando á prudencia o triste papel de enfrear o amor innato da verdade. Nada tenho a calar nem a dissimular, e, se algum

liame me tolhe a mão, é o de haver de reproduzir as feições de uma imagem cuja magestade e belleza desespera as melhores côres da minha palêta, longe de exigir as contrafacções de um pincel mentiroso. Os officios funebres não se queixarão de ser intercortados por um discurso profano, pois, ao contrario, o que vos dirijo vos proporá virtuosos lances tão de imitar, que merecerá, como dizia Bossuet fallando do principe de Condé, servir de epilogo aos mesmos mysterios do altar.

Não me é possivel dissimular-vos por mais tempo que o pezo do mandato que ora impende sobre meus hombros, me esmaga; e que, se alguma vez senti no pulpito o suor frio do athleta atterrado pela previsão certa de uma lucta desigual, é agora.

Sobre ser innegavel que só a santidade poderia descrever adequadamente os heroismos da santidade, não é menos certo que quando a oração funebre não é o triumpho, só pode ser o escolho da palavra sagrada. E essa oração commettida á minha convicta inhabilidade, é a de Pio IX... Não importa. Faz-me cobrar alento a recordação de que a evidente difficuldade com que labóro se me converte n'este momento em precioso titulo para melhor acarear a vossa indulgencia. A demais de que, venho soltar a linguagem de uma grande saudade, e de um grande amor, e esta linguagem sempre costumou ser grata e sympathica áquelles cujos corações abrigam uma saudade e um amor identicos.

Meu Deus, em cujo seio inspirador e complacente

se tem sempre refugiado as perplexidades do mais arduo dos meus ministerios; vós que dissestes: «Eu sou a resurreição e a vida,» fazei com que a vida apagada do vosso derradeiro Vigario na terra se reavivente ao calor da minha palavra, illustradora dos seus esplendidos feitos; e já que esta não pode aspirar a côroal-os com a immortalidade das grandes vozes, sirva sequer de pedestal, bem que mesquinho, a tão pura gloria.

Modelando-me pelos mestres da tribuna sagrada, não adoptarei, senhores, outra divisão n'este discurso funebre mais que aquella que estabelece a propria ordem chronologica dos factos respectivos á vida de Pio IX. Posto isto, principio.

II

Nas antevesperas d'essa epocha nefasta em que á voz sanguinaria de Danton e Robespierre tinha a França de offerecer ao mundo o espectaculo da mais assombrosa e detestavel hecatombe humana que os seculos teem presenceado, nascia em Sinigaglia, pequena cidade da Umbria, João Maria Baptista Peregrino Isidoro, filho de Jeronymo Mastai Ferrete, e de Catharina Solazzi. Perdeu-se este nascimento na multidão de milhares de outros que no mesmo dia tiveram logar; nenhuma *local* da imprensa provavelmente o assignalou, mas o recem-nascido devia chamar-se um dia Pio IX. A Providencia justificou mais

pados das virtudes que lhe serão um dia cortejo na sua ascenção ao sólio pontificio. Deixai-o partir, já sacerdote, para o Chili, a fim de apostolisar essas raças nascentes do Novo Mundo, e tragar nos riscos do Oceano traiçoeiro, nos *pampas* esbraseados do deserto, nos transes da fome, nas tristezas do carcere, e no horror do naufragio, as primeiras gotas do calix amarissimo que lhe estava reservado para annos depois. Era d'est'arte que o Omnipotente principiava a provar no crisol da adversidade o metal que havia de fundir, e envasar no molde do martyrio, para d'este extrahir o vulto gigante de Pio IX. Quando em 1825 regressar á Europa, Mastai Ferreti já virá curtido nas provações de uma aspera missão e no ministerio de um largo tracto das almas, para receber das mãos de Leão XII a investidura prelaticia, que de facto recebeu, tomando posse do arcebispado de Spoleto. Contava então apenas trinta e cinco annos de idade.

Que raro espirito evangelico não patenteou o nosso Arcebispo elevado a tão summa dignidade! Que fé tão tirante áquella que Lacordaire chamava «transluminosa», que desprendimento absoluto dos ouropeis do mundo, e de todo o fausto palaciano e de todas as preoccupações argentarias, a ponto de ter de vender a unica propriedade que possuia para pagar as suas bullas de preconisação! Mas principalmente que encendrada caridade, que entranhas de mãe, que dedicação de pastor, desde o dia primeiro em que a sua mão se alçou para abençoar o novo

redil e empunhou o baculo pastoral; o baculo, que não symbolisa menos a ternura e o devotamento paterno de um prelado que o quadro do flácido berço, junto do qual a esthetica inspirada no sentimento faz velar a alampada nunca extincta do olhar materno.

Senhores, a grandeza não dispensa os homens de ser bons e dadivosos, antes lhes segunda o dever de o serem, que a grandeza só lhes foi dada para facilitar a communicação da bondade, para ajudal-a a expandir-se mais copiosa e efficazmente, tal como uma fonte publica que se eleva no centro de uma praça para espadanar em jorros suas limpidas aguas sobre a bacia que lhe serve de base. Assim, sublimado á dignidade de Arcebispo de Spoleto, Mgr. Mastai desentranhou a flux do proprio coração os thesouros de compassivo amor que encerrava, e derramou-os pelas dores, e necessidades dos seus diocesanos.

Não me escasseariam testemunhas do que levo dito, se as quizesse invocar; basta uma.

Levanta-te do teu sepulchro, arbitro supremo da França imperial, que dispunhas em ultima instancia dos seus destinos como outr'ora os principes de Sparta no periodo do seu *Despotado;* levanta-te, illustre Napoleão III, que escondes em Cherburgo com as tuas cinzas um nome que a gloria não consentio em immortalisar, embora a houvesses requestado, nem a historia em entalhar no bronze das suas paginas immorredouras. Reconta-nos com que sagaz sollicitude te occultou no seu proprio palacio o arcebispo de Spoleto, quando lhe vieste bater á porta,

XIII

RESURREIÇÃO

DE

NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

DISCURSO PRÉGADO NA EGREJA DO SALVADOR
NA CIDADE DE SANTAREM

XIII

RESURREIÇÃO
DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

DISCURSO PRÉGADO NA EGREJA DO SALVADOR
NA CIDADE DE SANTAREM

Surrexit Dominus vere.
LUC., c. 24, v. 34.

o grito victorioso do *surrexit* e do *alleluia* deve-
ser a unica voz que agora echoasse atravez das
badas d'este formoso templo, e do alto d'esta tri-
a sagrada, porque a alegria excessiva, como a
profunda, só têem uma nota na harpa do cora-

Egreja, a esposa do martyr divino do Golgotha,
piu o crepe ephemero da sua viuvez para retomar
ianto de arminho e ouro das suas nupcias eternas,
ugou as lagrimas e calou a lamentação que lhe

gelava os labios, para entoar quasi delirante o seu sublime canto de triumpho, ao passo que o sol que emerge radiante do horizonte parece saudar o reapparecimento de outro sol maior do que elle.

Christãos, o homem que colloca uma pedra sobre o tumulo do seu semelhante, tem o costume de entalhar n'ella o lugubre e monotono epitaphio—*Hic jacet*. É a certidão do pó assentado succedendo, na expressão de Vieira, ao pó levantado. Para todos os filhos dos homens o epitaphio nunca póde ser senão um memorial do seu trespasse; mas para aquelle que foi ao mesmo tempo o filho do homem e o Filho de Deus, eis a magnifica inscripção que um anjo resplandecente e jubiloso vem trazer do Céo á terra, e d'alguma sorte dictar sobre a sua lousa: « resuscitou, não está aqui. »

Tal o privilegio unico do Redemptor da humanidade.

Todo o poderio, todo o prestigio, toda a grandeza, toda a gloria dos reis de barro naufraga contra a pedra fatidica de um tumulo; e é precisamente no tumulo que principia o poder, o imperio e a gloria do Rei dos reis, porque esse jazigo funereo, que é a testemunha inilludivel da corrupção de toda a carne, foi em Jesus Christo o documento authentico de que o santo de Deus não podia vêr a corrupção do cadaver. Abriu a sepultura a fauce, e restituiu a preza. Ali se affundiu um sol eclypsado, d'ali assomou um sol que não conhecerá mais occaso. Hoje, por tanto, o nosso divino Mestre póde glorificar-se de ter sepul-

tado no seu mausoleu todos os soffrimentos, todas as ignominias da sua paixão, todos os desfallecimentos do seu corpo angustiado, todas as dôres da sua grande alma, e, como diz o Apostolo, a propria morte. Onde está, pois, ó morte, a tua victoria, se tu foste absorvida na victoria do martyr-Deus que te atrelou ao seu carro triumphal? Se te sepultou no proprio mausoleu que tinhas cavado para Elle?

Porém, a glorificação do monarcha não póde deixar de reverter na glorificação dos subditos. Entre todas as datas do christianismo é esta para nós a mais solemne e a mais fausta. Nada, pois, mais justo e digno do que applaudirmos com toda a expansibilidade das nossas crenças religiosas o triumpho do nosso Rei, como sendo o nosso proprio, nada mais justo e digno do que acompanharmos dos nossos cultos e dos nossos cantos, dos nossos hosannas e das nossas ovações o transmontar do excelso Resuscitado que se ergue sobre a synagoga prostrada no pó de 19 seculos de ruina, sobre o novo mundo e sobre a civilisação moderna, por elle conquistada com o preço do seu sangue.

A mesma creação material e inconsciente parece festejar a resurreição do Salvador. O viço renascente da vegetação terrestre, ainda ha pouco desfallecida e quasi semi-morta pela acção apenas obliqua do astro que constitue o centro do nosso systema, annuncia agora o retorno de todos os bens terrestres pelo retorno da influencia calorifica e directa d'esse astro amigo. A verde coma das florestas celebra-o na sua

muda linguagem, a artistica primavera fazendo, d'alguma sorte, bastidor da relva, borda sobre ella os matizes das mais risonhas flores, que embalsamam o ar; nuvens scintillantes de passaros regressam das suas transmigrações, com as gargantas cheias de cantos que tornam sonoro o espaço, d'onde se despenham jorros de harmonia e de luz; tudo acorda, tudo respira, tudo sorri á superficie da vida; em summa, a terra inteira, amortalhada no sudario do inverno, resuscita com o seu Author, e, do templo christão como do templo do Universo, parece rebentar unisono, harmonico, incomprimivel e festival um immenso *alleluia*. Não, não é sem um certo mysterio que a Paschoa da religião coincide com a Paschoa da natureza. Unindo-nos a este concerto universal, consagremos ao menos alguns minutos á meditação do mysterio da resurreição de Jesus Christo. Para este fim, rememoremos em primeiro logar as explendidas prophecias que haviam vaticinado o grande acontecimento que solemnisamos, e em segundo logar os prodigios singulares que o acompanharam.

Antes d'isso, permitti, Rainha e mãe nossa, mar de dôr antes de serdes alcaçar de jubilação e felicidade, permitti que eu me congratule comvosco e, por assim dizer, vos dê as Boas Festas pelo goso indizivel que o triumpho de Jesus fez substituir em vosso coração á agonia e á desoladora soledade dos dias precedentes. Nós todos em côro e como se foramos um só homem vos felicitamos, e cá da terra do exilio dirigimos para essa região eternamente suave e feliz

a bella doxologia com que vos sauda a Egreja Catholica — *Regina cœli lætare, alleluia!* — Quanto a vós, senhores, não é exorar, é agradecer a vossa attenção que eu devo. Ella só por si já é uma sufficiente fiança da que me continuareis a conceder.

I

Uma das provas mais luminosas da divindade de Jesus Christo, é que foi elle o unico personagem cuja vida inteira foi narrada muito antes do seu nascimento. Os mysterios do homem Deus foram prognosticados não só pelo verbo inspirado dos prophetas, como outrosim figurados pelas acções dos patriarchas, pois, consoante se exprime Santo Agostinho, a vida dos patriarchas foi toda prophetica. De facto, a dupla substancia do primeiro homem na unidade da existencia, prefigurou a dupla natureza de Jesus Christo na unidade da pessoa. Do mesmo modo que Moysés prefigurou o seu nascimento, Abel a sua innocencia e mansidão, Noé o seu ministerio, Malchisedech o seu sacerdocio, Isaac o seu sacrificio, Jacob a sua fecundidade, Job os seus soffrimentos, David a sua perseguição, Salomão a sua realeza, José a sua exaltação, Sansão a sua morte, do mesmo modo estava reservado a Jonas o prefigurar a sua sepultura e resurreição. Foi o proprio Jesus Christo que quiz interpretar e applicar á sua pessoa divina esta grande figura historica, quando disse: «Assim como Jonas, depois de ter passado tres dias e tres noites no ven-

tre da baleia, d'elle saiu vivo, assim o Filho do homem, depois de ter passado tres dias no seio da terra, resurgirá glorioso. Ora vêde, senhores, com que fidelidade não foi pintado de antemão o mysterio d'este dia no mysterio a que alludo.

Jonas pede para ser lançado ao mar, *tollite me et mittite me in mare;* e Jesus Christo entregou-se livremente nas mãos dos judeus, para ser lançado ao mar revolto da sua paixão e dos opprobrios e humilhações que a haviam de acompanhar. Porque foi que assim procedeu? Porque da mesma fórma que a barca de Jonas não podia escapar ao naufragio se o propheta não fosse lançado ao seio das ondas, assim tambem não podia a Egreja subtrahir-se á ruina total que a ameaçava, se Jesus Christo não fosse entregue á morte affrontosa da cruz.

Quem é, pois, esse homem extracommum, singularissimo, que se deixa arremessar com tanta confiança á voragem de um oceano proceloso? Que homem é esse, que, caindo nas fauces devoradoras de um monstro marinho, poude ser engulido e não devorado? Que homem é esse que, lançado fóra das condições da humanidade e como desterrado da vida, nem por isso deixa de viajar em sociedade com a vida, vencedor da morte?

Ah! este homem prodigioso é Jesus Christo em effigie, Jesus Christo em simulacro, de quem a parca, monstro implacavel, quiz apoderar-se, mas de quem ficou captiva, reduzida a tremer diante d'aquelle de quem fizera sua preza; é a figura prophetica de Je-

sus Christo, que, absorvido pelo sepulchro tenebroso, d'elle emerge refulgente ao terceiro dia, porque nem a morte podia segurar entre suas phalanges hirtas o Auctor da vida, nem o verme da corrupção podia jámais attingir à carne sempre immaculada do Santo do Senhor. O mesmo Deus que outr'ora forçara o cetáceo a depôr Jonas, são e salvo, sobre as praias de Ninive, foi o mesmo que forçou o sorvedouro da morte a escancarar a fauce, para restituir ao mundo e a uma eterna esperança o Salvador do mundo, resuscitado.

Independentemente, porém, d'esta grande e explendida prophecia em acção, fez Deus predizer o mesmo mysterio de Jesus resuscitado, pelas palavras de todos os prophetas e de David em particular. Foi pela boca d'este que o Messias disse: «Dormirei tranquillo o somno do passamento, mas resuscitarei, por que o Senhor me ha-de amparar.» Foi egualmente pela bocca de David que o Messias pronunciou o seguinte vaticinio, mais de mil annos antes da sua paixão: «A minha carne repousará na esperança, porque Deus não a deixará abandonada nas trevas subterraneas, e preservará o corpo do seu Messias da corrupção do sepulchro. Finalmente foi pelos labios do mesmo Propheta-Rei, que o Christo Jesus proferiu esta admiravel palavra: «A minha carne recomeçará a florecer *refloruit caro mea.* Palavra admiravel, repito, porque a carne do Salvador refloriu verdadeiramente, quando elle resurgiu d'entre os mortos, escreve a aguia de Milão, Santo Ambrosio.

Não é possivel imaginar uma prophecia mais suave e graciosa. Bem se póde dizer que aquelle corpo que disputava pureza aos raios solares e ás diaphaneidades do cristal, e que a união hypostatica da divindade consagrara para sempre, florecera pela vez primeira, quando desposou a pessoa do Verbo divino. Foi, de facto, então que a flor nazarena brotou da haste de Jessé, do seio virginal de Maria, como a planta brota espontanea de um solo nunca lavrado. O furor cego dos judeus quiz desarraigar da terra dos vivos esta mimosa flor que era o seu enfeite e louçania, e ella consentiu em ser triturada, pizada, esmagada em beneficio d'aquelles mesmos que a conculcavam. Vimol-a languescer, pender murcha, perder de todo o viço e a belleza, ser desfolhada e finalmente cahir rojada pelo chão, quando Jesus expirou no Calvario e foi encerrado no tumulo. Todavia nada perdeu a mysteriosa flor dos perfumes que recendera durante a vida. A divindade nunca abandonou o corpo do Redemptor, nem ainda depois que a sua santissima alma desatou o ultimo liame que a prendia ao seu involucro de argila. Assim, repousando tres dias incompletos no seio da terra, este sagrado corpo conservou sempre em si pela hypostasis divina, o principio, ou o germen da immortalidade e da vida. Por isso, o lyrio mysterioso do nosso valle — *ego lylium convallium,* retomando hoje a alma e com ella o vigor da sua vegetação divina, poude reerguer sobre a haste o calix pendido, reanimar-se e desenvolver com nova magnificencia todos os encantos da sua forma, colo-

rido, e gentileza, tal como a flor da varzea, varejada, açoutada e arremessada ao chão pelo vendaval desencadeado e pelas chuvas torrenciaes, se levanta pouco a pouco sobre a caule que a sustenta e desdobra todo o viço da sua corola, quando um raio de sol injecta n'ella de novo a vitalidade e o vigor. A resurreição de Jesus Christo foi pois uma verdadeira reflorescencia — *refloruit Dominus, cum resurrexit.* E é assim que os dogmas da religião catholica fallam á imaginação, ao coração, á razão, á fé, ao homem inteiro, para eleval-o, ennobrecel-o e santifical-o.

Seja-me agora dado recontar a gloria dos prodigios que acompanharam esta *reflorescencia* e este acontecimento epico tão magnificamente figurado e predicto, e hoje tão divinamente effectuado.

N'um só e mesmo instante, pela virtude omnipotente do Verbo, reune-se a alma de Jesus Christo ao seu corpo, e o corpo revivificado reveste-se de um candor já agora immarcessivel.

De facto, depondo as faixas que o cingiam, expungindo as nodoas de sangue em que haviam sido banhados todos os seus membros, cicatrisando todas as chagas que o desfiguravam, excepto as do lado, pés e mãos, convertidas em brilhantes estigmas, testemunhas honorificas da sua identidade; o corpo, digo, do Salvador adquire de subito todos os privilegios de um corpo glorioso. Era enfermo, passivel, torna-se impassivel, era opaco, pesado, torna-se translucido, leve, estava sugeito á morte e torna-se immortal, e eis que com o seu pé victorioso impelle para longe

e para sempre a ampulheta partida do tempo e a fouce nunca embotada, mas para elle impotente da morte. Ó corpo bemaventurado do meu Redemptor, quanta belleza te adorna, quanta graça te decora, quanta luz te aureóla, quanta magestade te reveste!! Sim, na sua primeira florescencia a vergontea de José fôra o mais formoso dos filhos dos homens, mas n'esta segunda florescencia é a formosura mesma, porque a penetra por toda a parte a imperecedoura luz da resurreição gloriosa.

Quanto é peregrino, diz S. Pedro Crysologo, quanto é novo este prodigio! Mudou-se em um momento a ordem natural das cousas! As sepulturas comem, devoram os cadaveres, e eis uma sepultura de nova natureza que devora a morte mesma! Que digo? Eis uma sepultura que concebeu e gerou como uma mulher, recebeu um corpo morto e restitue um corpo vivo. Não só isto, senhores, mas podemos dizer com S. Leão Magno que este segundo nascimento é ainda mais prodigioso que o primeiro. O seio da Virgem Maria gerou a Jesus Christo sugeito á morte; a sepultura gera-o hoje doado de uma seiva immarcessivel que supporta a duração do infinito.

A este prodigio assombroso faz Jesus Christo succeder, quasi no mesmo momento, o da resurreição de muitos patriarchas, e justos, mortos havia muito tempo, e envia-os a Jerusalém, a fim de se mostrarem a um grande numero de pessoas e de tornar d'est'arte mais authentica e solemne a resurreição do Senhor pela resurreição dos servos. Estes prodi-

gios que pertencem á ordem da gloria foram acompanhados de outros na ordem da natureza. Na mesma hora em que o Salvador irrompeu triumphante do sepulchro, effectuou-se, segundo o Evangelho, um grande tremor de terra. Porque tremeste tu, ó terra, ou porque renovaste pelo teu movimento oscillatorio o signal pelo qual manifestaste a tua dôr pela morte do teu Auctor? Parece-me que a terra me responde: «se então estremeci até ao fundo das minhas entranhas, foi de horror, hoje estremeço de jubilo, mas então como agora rendo homenagem á divindade d'aquelle que reconheço como meu Creador e Supremo Senhor.» Apenas Jesus Christo sahio do tumulo, um anjo, consoante a descripção evangelica, baixando dos ceus, arreda a lousa que cerrava a entrada do monumento e parece dizer á morte com desdém as palavras empregadas pelo Apostolo das gentes na sua 1.ª Epistola aos Corinthios. «Onde está, ó morte, a tua victoria? onde está o teu triumpho?» E é assim, irmãos, é por este facto unico nos fastos humanos que o Regenerador da humanidade foi ao mesmo tempo a morte d'essa morte que sobre nós imperava com um sceptro despotico, projectando a sua sombra ominosa sobre a propria vida d'além tumulo. Era digno da magestade e da sabedoria divina, que o Christo, recusando-se a conceder aos judeus o milagre do descimento da cruz que lhe pediam insolentemente e incredulamente, operasse um prodigio ainda maior, mais capaz de confundir a um tempo a obstinação d'elles, e de vindicar a divindade do Fi-

lho de Deus. Foi o que fez resuscitando. E, na verdade, não haverá maior suspensão ainda das leis da natureza em evocar a vida ausente do que em mudar a situação d'ella?

Assim, portanto, vistes desenrolar-se ante vossos olhos a trama dos decretos do Altissimo, quer na magnificencia das figuras e prophecias pelas quaes durante largas ephemeridas foi prognosticado o grande acontecimento da resurreição, quer no esplendor dos miracolosos successos que acompanharam a sua realisação. Nada faltou á solemnidade do adoravel mysterio que hoje solemnisamos, mysterio que constitue o centro, a base, o ponto culminante de toda a nossa fé, e faz do dia presente o maior dia do anno christão, o dia que o Senhor fez — *hoec dies quan fecit Dominus*. Demais, eu limitei-me a historiar o singularissimo successo que forma o lemma do meu sermão, sem pretender propriamente demonstral-o. Fazendo-o julgaria eu ferir a sinceridade e a intensidade das vossas convicções religiosas. É a um auditorio christão que fallo e tanto basta. Prefiro vibrar a harpa do apologista a manejar a espada do dialecto. Ouçam-se antes nos meus labios o *alleluia* do crente do que o *ergo* do philosopho.

Só tu és grande, ó rei immortal dos seculos, só tu és grande! A gloria do homem reluz, qual meteoro fugitivo, que se apaga na espessura das trevas com a mesma rapidez com que fusilou no espaço. Que resta hoje dos valentes campeões que calcaram desdenhosamente este globo que habitamos, como in-

gno escabello dos seus pés, e fizeram da bandeira
)s povos vencidos a tenda dos seus campos de ba-
lha? Avançou o tempo um passo, deu a fortuna uma
› volta á sua chave caprichosa, e eil-os prostrados
) pó do esquecimento, e o viajante piza inconsciente
campa olvidada d'esses famosos que instilaram o
›neno de uma dôr irremediavel no seio rasgado da
·phandade e obrigaram a fama a pronunciar um
)me que lhe ensanguentava os labios. O punhal de
ruto cravando-se no coração de Cezar, fez baquear
›bre o pavimento do Senado esse homem excep-
onal que se julgava fadado por ser a estatua viva
› um pedestal eterno; as aguas do Hellesponto sub-
ergiram para sempre na profundeza das suas on-
ıs aquella cabeça altiva de Alexandre a cuja fronte
› entrelaçavam os louros de cem victorias como o
ırasita se entrelaça ao cedro, e para quem o mundo
·a estreito; Annibal, o celebre general carthaginez
ıe victimava ao orgulho do seu nome os despojos
› 60 combates, expirou como qualquer suicida, ás
ıas proprias mãos, trahido e escarnecido, e o toxico
›rrosivo que o matou mal poupou á victima um
)me distincto na historia; as vagas que espadana-
ım contra o penedo solitario da fatidica Santa He-
na pareciam repetir ao lengendario soldado francez,
›m o tom sarcastico de uma derrota sem igual, que
le não era mais que um homem, embora aspirasse
; apotheoses de um numen.

Tu, porém, ó Jesus Christo, és hoje ainda mais
:tual do que o eras durante o tempo da tua vida

terrestre, tu venceste a morte, despedaçaste, qual outro Sansão, as portas do teu ergastulo sepulchral, e fizeste jorrar d'ella um mundo novo, cujo eixo é o teu triumpho alcançado sobre os infernos. Tu culminas na immensa pyramide das gerações accumuladas. A tua cabeça aureolada pela divindade eleva-se acima de todos os sceptros monarchicos e de toda a gloria humana. Vives uma vida unica, não nas paginas frias da historia, mas nas paginas vivas, palpitantes, ardentes dos nossos corações, não no echo longinquo e mais ou menos sumido da tradição, mas nas vibrações dos nossos cantos, e hymnos, não na penna do escriptor erudito ou no estro do vate lyrico mas nos labios e nos cultos de 390 milhões de christãos, não no hontem do passado, mas no hoje perpetuo da humanidade subsistente. Não foi um throno que ella te erigio, foi um altar, porque te confessa por maior que Cesar e tão grande como Deus.

Não nos limitemos, todavia, a um culto meramente exterior. O culto verdadeiramente digno da divindade é o do espirito e o do coração. Não rastejemos sempre pelo tremedal de ignobeis paixões que nos escravisam, levantemo-nos do sepulchro, e vamos ao encontro do prototypo que nos dá o exemplo. Atiremos para longe com o sudario que nos envolve, despedacemos as ligaduras dos habitos viciosos que nos retém na indifferença e na apathia para a verdade e para o bem. O Christo surgio á primeira aurora do dia d'hoje, espancando para sempre as trevas. Surjamos com Elle para a luz, resuscitemos nós tambem

com o Homem-Deus para as alegrias e para as puras fulgurações de uma vida christã, d'essa vida toda norteada pela razão e pela consciencia, que é para a alma um festim intimo e ineffavel na vida presente e que colhe no ceu a palma sempre verde de uma recompensa interminavel.

E assim, todos nós teremos a dita de encontrarnos com Jesus Christo na verdadeira Gallilea da manifestação eterna. Contemplal-o-heis na irradiação esplendorosa da sua gloria: Se o amardes, protesto-vos, assevera-vos em seu nome que vos revereis no seu rosto divino, mais doce que mil auroras, mais fulgurante que mil soes.

N'esse dia sem crepusculo, eu só terei hoje tomado a palavra para vos transmittir esta mensagem de feliz agouro, e confundido comvosco celebraremos a festa definitiva da Paschoa, entoando a eterna *alleluia* da bemaventurança.

XIV

DISCURSO

PRONUNCIADO NA ACADEMIA DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA PORTUENSE, NO DIA 16 DE MARÇO DE 1873

XIV

DISCURSO

PRONUNCIADO NA ACADEMIA DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA PORTUENSE, NO DIA 16 DE MARÇO DE 1873

SENHORES:

Não era de fórma alguma minha intenção tomar hoje a palavra, melhor reservada para os oradores da associação catholica portuense, quando, na qualidade de mero hospede n'esta cidade, e a convite d'um amigo, vim assistir como outro qualquer d'entre vós, ao presente congresso religioso.

Não me atrevêra a romper um só instante o silencio que a mim mesmo me impuzera, ao tomar assento n'esta assembléa, se apenas attendesse á consciencia das minhas limitadissimas forças para tratar d'improviso, como vou fazel-o, um assumpto tão grave e solemne, como o que acaba de me ser proposto para objecto da presente allocução.

O obsequioso e reiterado convite, senão d'um amigo, d'um cavalheiro que de ha muito, sem elle o saber, occupa no meu espirito o lugar devido á homenagem para com a profunda religião, a illustração, e a probidade illibada, a saber, o ex.^{mo} sr. D. Antonio d'Almeida Saldanha, teve mais força sobre mim proprio do que o sentimento da minha indignidade.

De mais, não posso dissimular aos meus olhos, que um padre catholico, que se encontra no centro d'um auditorio tambem catholico, que se reune para um fim exclusivamente religioso, está sempre em familia, e, se tanto ouso dizer, entre amigos, porque a unidade da crença tambem constitue uma amizade. Esta certeza anima-me.

Comtudo, longe de mim pensar que eu não careça agora de invocar a vossa benevolencia quando a vossa illustração é um direito que eu respeito, e todo o direito suppõe deveres correlativos.

Obscuro missionario da America do Norte, pouco ha que cheguei do vasto imperio do Brazil, cujos sertões percorri em grande parte, distribuindo aos indigenas e aos habitantes d'aquelle immenso territorio, o pão singelo da palavra de vida: por oito annos partilhei do seu pão e da sombra do seu tecto rustico, e acostumado a vestir a doutrina que expunha a esses filhos das mattas, sob uma linguagem rude e acommodada ás suas intelligencias acanhadas, terei sem duvida desaprendido esse portuguez mais culto e vernaculo, com que conviria fallar n'este assumpto aos filhos da segunda metropole do reino,

[ue, pela sua cultura litteraria, primam talvez entre odos os outros. [1]

Não vol-o occulto: a vossa distincta assistencia onfunde-me, e sinto a necessidade de manifestar-vos omo um titulo á vossa sympathia, que o humilde adre que ora vos falla, não é estrangeiro, é portuuez como vós.

Romperei, pois, o silencio confiadamente; nem le facto era admissivel que n'um lugar e n'uma ocasião como esta, em que perto de seiscentos honens se congregam para reciprocamente se edificaem por meio de asceticas palestras, só o secular evantasse a voz, e que o padre, o homem, cujos abios foram ungidos para o ministerio sacro da paavra, e que o padre, este relator titular das cousas ternas, guardasse um morno silencio.

É justo que uma voz sacerdotal consagre a solennidade d'este congresso catholico. O thema d'esta ioite, é o symbolo adoravel da cruz; nós somos os soldados da cruz, a sua milicia official; é nossa missão exaltal-a, exaltemol-a.

Todo o christão esclarecido, ao reflectir por um pouco sobre a transformação operada pelo sagrado nadeiro, onde se consummou a redempção do mundo, acilmente encontra n'elle um argumento invencivel m favor da divindade da religião a que pertence.

O que era a cruz nos cyclos pagãos, e até na pro-

[1] Posteriormente, pela minha detida estada em Lisboa, vim a reonhecer, e isto por um juizo comparativo, que a côrte sempre é... côrte.

pria letra da lei de Moysés? Era um instrumento infame, um supplicio, mais do que nenhum outro, ignominioso, destinado 'a ser a extrema pena do crime.

O mais negro ferrete imposto sobre a fronte do réo, era a condemnação a um tal supplicio. A cruz symbolisava a accumulação das maldições com que a sociedade excluia o scelerado do seu seio, e aos olhos da propria divindade, segundo a linguagem do Pentateuco, era maldito o homem que pendia do lenho.

N'uma palavra, já que a sociedade não podia impedir o grande criminoso de cahir na valla commum dos mortos, queria primeiro forçal-o a estender-se fóra da terra, sobre um leito de martyrio e de escarneo.

Pois bem. Um judeu teve a ousadia de escolher esse instrumento maldito, e de pretender triumphar por meio d'elle de todas as potestades conjuradas contra o verdadeiro progresso da humanidade. E esse judeu triumphou com effeito...

Senhores, a divindade do christianismo não precisa d'outra demonstração. Vencer derribando é proprio do homem, mas vencer morrendo é proprio d'um Deus; vencer pelo desenvolvimento da força e da astucia é natural, mas vencer desarmado e no meio dos fallecimentos d'uma cruz, só é proprio do Homem-Deus, como só d'Elle era proprio converter n'um symbolo de amor, de esperança, e de immortalidade, o estigma da maldição — o madeiro da cruz.

E eis que por ella tudo se rehabilita, tudo se ins-

taura, se transforma, e se vivifica, e sem ella tudo é noite profunda, degradação total.

O mundo sem a cruz foi por muito tempo um cadaver, e a vida das nações robustece-se, ou escaceia, conforme o pharol da redempção resplandece mais ou menos sobre ellas. Fazei o parallelo do universo além da cruz, com o universo d'áquem da cruz. Que era outr'ora a mulher, a consorte inseparavel dos nossos destinos, o anjo da especie humana, creada por Deus para *emparadisar* a nossa existencia, e que expulsa comnosco do Eden, tornou-se o anjo da dôr que entorna sobre as chagas do homem a lagrima do lenitivo; que era a mulher do paganismo senão a demittida por força, do seu nobre sexo, para ser a serva submissa da crueldade do nosso? Que era a criança senão uma planta sem valor que o lacedemonio, como o romano, arrancavam ao solo da existencia, se tinha a desventura de não nascer perfeita? Que era o escravo senão o *paria* da sociedade, um ser sem personalidade, sem direito a ser cousa alguma mais do que... uma cousa?

Mas na cruz se corrigiram estes enormes erros sociaes, se aproximaram estas distancias, se restituiram todos os direitos postergados.

Jesus Christo, expirando pela humanidade inteira, nivelou por esse mesmo facto todas as classes, todas as condições, todas as idades, todos os povos debaixo do nivel da sua caridade universal, e rehabilitou-os ao contacto do seu sangue divinamente precioso. A mulher é admittida, segundo o plano primitivo do

Creador, aos segredos mais intimos, e ás alegrias mais puras da nossa vida; a criança é o mais terno e precioso depois que o céo póde collocar entre as mãos de dous conjuges; o escravo não passa d'um nome que em breve será riscado do diccionario christão.

Uma nação havia ainda que não tinha por ora applicado á sua legislação esta modificação profundo realisada pela virtude da cruz, era o Brazil; mas dous annos ha que a lei da emancipação do filho da escravo alli foi promulgada. O pai do recem-nascido, sem ser homem completo, porque ficou escravo, já pode produzir um homem, onde sorri á liberdade, que em si proprio não conhece.

Os paizes que o sol do cruzeiro não illumina, jazem nas trevas da mais profunda ignorancia, do mais completo atrazo moral, social, litterario e religioso, como a maior porção da Africa, da Asia e da Oceania; os paizes onde a cruz domina e é adorada são os unicos que representam o verdadelro progresso intellectuai, scientifico, industrial, commercial, moral, social e religioso, sendo assim que a cruz fez mais pela humanidade do que todos os tratados philosophicos de Socrates, Platão, Aristoteles, e todos os outros sabios da antiga Grecia, e da Roma pagã.

Os seculos XVIII e XIX teem-nos aturdido os ouvidos com os principios humanitarios de liberdade, igualdade e fraternidade, de que teem immensamente abusado, e com que pretendem abolir o reinado do Christo Redemptor, e passar acta de condemnação á

sua religião como antiquada e insufficiente; mas os apostolos d'esses principios não vêem que o que n'estes póde haver de grande, de nobre, de legitimo desceu em linha recta do alto do Calvario, d'entre os braços estendidos do Homem-Deus, para mudar a face da terra.

O divino Martyr levou para cima do seu leito de dôr todas as tyranias, todos os privilegios odiosos, todas as oppressões sociaes, e o seu sublime *consummatum est* foi a consummação ou a extincção *em direito* de todas as dominações baseadas no abominavel *direito do mais forte.*

Salvé, pois, ó cruz, que datas a época da nossa verdadeira prosperidade, porque és o symbolo e o instrumento da nossa regeneração moral.

E a humanidade catholica reconheceu-o.

A cruz é o precioso ornato que domina os templos da christandade, que realça a corôa dos reis, que brilha sobre o seio virginal da donzella, que ostenta sobre a farda o soldado condecorado, que pende do peito nú e tostado do galé. A cruz illumina o primeiro dia da nossa existencia no sacramento do baptismo, symbolisa o perdão outorgado ao arrependido pelo deputado de Deus, santifica a união nupcial do homem com a mulher, refulge como um raio de esperança e de conforto por entre as vascas do moribundo, e véla triumphante sobre o pó dos cemiterios.

Oh! sim, a cruz desmente as cinzas da sepultura; a cruz domina sobre a lousa do cadaver, como a li-

nha de vida, a linga vertical, dominando a linha de morte. Ella é o laço mysterioso que prende o tempo á eternidade, o finito ao infinito; é o arauto da immortalidade que diz á mãi inconsolavel que chora sobre o sepulcro do filho, á esposa que deplora a morte do esposo estremecido: «elle não morreu, espera um pouco, ámanhã vos abraçareis.»

Mas a cruz não é apenas um emblema na historia da humanidade. É o marco divisorio que separa o partido dos homens da verdade, dos amigos da religião e da Igreja, dos seus miseraveis impugnadores, e a arma sagrada com que infallivelmente triumpharão d'elles, como Christo triumphou pela primeira vez.

Quando vejo o velho do Vaticano (o orador aponta para o retrato de Pio IX, que se achava defronte da tribuna), o grande e immortal Pio IX despojado da seu poder temporal, ignominiosamente recluso entre os muros guardados d'um palacio, comprehendo e trama da revolução, que não ousou arrancar-lhe a corôa do soberano, senão para arrancar-lhe mais facilmente a do pontifice, mas quando contemplo pendente do peito do vigario de Christo o emblema sacro da cruz, lembram-me as palavras solemnes de Jesus aos seus discipulos: — «Confiai, eu venci o mundo.» Venceste, sim, pela arma da tua cruz, e o teu representante na terra que se escuda com essa arma, a qual figura a causa da justiça, da paz, da verdade e da religião, ha-de tambem vencer, embora as tuas promessas formaes não fossem a fiança inabalavel d'esse triumpho.

Quando vejo o alto e o baixo clero, insultado, es-
:arnecido, despojado, calumniado, encarcerado, per-
seguido como o mais perigoso flagello da sociedade,
)erseguido, digo eu, não entre vós, que na qualidade
le portuguezes sois, ou devereis ser, duplamente
:atholicos, mas n'outras nações europêas, não posso
onter por vezes o sentimento d'uma profunda indi-
;nação misturada com um entranhavel nojo do triste
ɪeriodo que atravessamos; porque o padre, embora
scorregue ás vezes ao longo da estrada escabrosa,
salpique de lama essa tunica que devêra ser tão
ura como a hostia do altar, o padre está revestido
'um caracter sagrado e indelevel, que os estados
atholicos deveriam proteger, como outr'ora soube
rotegel-o a purpura de Constantino. Mas á fé que o
lano da revolução nem por isso vingará.

Os ministros de Deus são os soldados natos da
ruz, que por ella, e com ella combatem; ora a cruz
a arma com que um Deus venceu o mundo e o in-
:rno. Podemos, pois, ser humilhados, dizimados,
tirados ás gemonias, mas não destruidos. Do alto
'essa cruz dezenove seculos nos contemplam, e ne-
hum d'elles ainda assistiu á nossa quéda, porque,
ɜ jámais devêramos cahir, sobre nós cahiria a cruz,
ue os nossos braços sustentam.

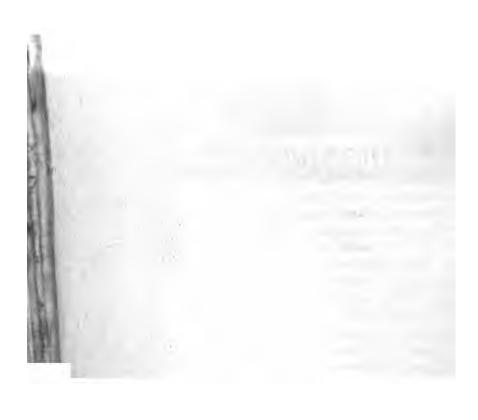
Quando vejo os numerosos socios da associação
ɪtholica portuense agruparem-se em torno do sym-
ɒlo adoravel do Crucificado, collocarem no meio das
ɪas sessões este foco de luz e de caridade, estrea-
ɜm as suas academias pela sua invocação, e enfilei-

rarem-se debaixo da egide d'aquella cruz invencivel (o orador aponta para ella), não posso commigo que vos não clame n'um transporte de applauso, e de jubilo repassado da mais firme esperança — membros da associação catholica, a vossa sociedade póde ser perseguida, contraminada; os seus fins elevados podem ser calumniados, mentidos, desnaturados; porém confiai e cobrai animo, que a sociedade que se colloca á sombra protectora da cruz não póde ser destruida — « *Confidite, ego vici mundum.* »

XV

DISCURSO

PRONUNCIADO NA PRIMEIRA ACADEMIA DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA DE BRAGA, QUE TEVE LUGAR A 22 DE JUNHO DE 1873, POR OCCASIÃO DO XXVII ANNIVERSARIO DA ASCENSÃO AO THRONO PONTIFICIO DO N. SS. PADRE PIO IX.

XV

DISCURSO

PRONUNCIADO NA PRIMEIRA ACADEMIA DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA DE BRAGA, QUE TEVE LUGAR A 22 DE JUNHO DE 1873, POR OCCASIÃO DO XXVII ANNIVERSARIO DA ASCENSÃO AO THRONO PONTIFICIO DO N. SS. PADRE PIO IX.

EXC.^{mo} SNR. PRESIDENTE.

SENHORES. — É tão extraordinaria e tão solemne a crise que atravessamos, considerada sob o duplice respeito moral e religioso, que não é licito ao observador christão, em presença d'um tal espectaculo, permanecer despercebido e impassivel, encerrado no seio d'uma nescia indifferença.

São abalados os mais inconcussos principios da fé, e da consciencia, alcunha-se o Evangelho de codigo antiquado, apeia-se o seu Heroe immortal da peanha da divindade, perante a qual vieram prostrar-se

successivamente os seculos, [1] organisa-se contra a Igreja uma conspiração universal, combinada, systematica, incansavel e satanica, busca-se affincadamente descatholisar a sociedade, furtando-a á ultima influencia da acção religiosa, atira-se a derradeira pedra ao clero catholico, lançam-se algemas aos punhos do chefe supremo da igreja, e reduzem-n'o a esmolar o obolo de S. Pedro.

A religião de Deus é conduzida ao ostracismo degradante, a que deveram de ser conduzidas as religiões dos homens; renova-se a era memoravel dos martyres, sendo o perseguidor a totalidade moral dos estados da Europa, e o martyr não já um membro destacado da sociedade christã, mas a propria Igreja na sua constituição intima e essencial. A perseguição physica allia-se á perseguição moral. Nero e Juliano dão-se as mãos.

Se se não bane toda a crença, dá-se-lhe por base a liberdade absoluta; se se não exclue em theoria a ordem social, dá-se-lhe por lei a anarchia.

E quando o mundo assombrado pergunta á Europa quaes são os authores d'essa longa tragedia, a Europa responde ao mundo: «somos nós, as nações catholicas da Europa.» (!!)

Este aspecto tragicamente solemne impõe-se a todo o homem que vê, quando olha.

Só o não vêem os ineptos, ou talvez os *ingenuos*, que ainda sonham com irrisorios systemas de *conci-*

[1] *Strauss, Renan, Jacoliot*, etc.

liação, na épocha mais absolutamente inconciliadora do mundo, como é a presente.

Sempre me sorriu muito mais o optimismo que o pessimismo, porém confesso que alardear de *optimista*, na crise actual, em materia religiosa, me parece absurdamente ridiculo.

Ora Portugal não se póde considerar de fóra no quadro lugubre em que figuram a maior parte das nações europêas.

Não rompemos por emquanto com o christianismo, não chegámos ainda ás do cabo, não temos uma academia, que conte entre os seus quarenta, um um Renan, ou um Littré, nem um codigo nacional que declare n'um dos seus artigos, que o estado não adopta culto algum, como o codigo — Napoleão; não temos o matrimonio civil legal e incondicianlmente reconhecido pela nossa constituição como o é em França, nem um publicista, que espanque o clero e o nome de Deus da instrucção primaria, como ainda outro dia o vimos em Paris, [1] mas hemos dado sufficientes provas de que tambem temos geito para impios, e discolos; mas hemos demonstrado por algumas vezes que na escóla anti-catholica que tem a sua séde na patria de Voltaire, e de Frederico o Grande, não somos dos discipulos menos proficientes.

Desfallece, a crença na nossa geração contemporanea; a licença dos nossos costumes ganha e occupa todo o terreno que lhe deixa a moralidade christã

[1] Projecto de lei de Gambetta.

que se retira; o nosso prélo, um dos mais puros que o orbe christão conhecia, pela orthodoxia das suas producções, tem-se tornado o grande cumplice das doutrinas heterodoxas que diariamente são derramadas no povo da nossa terra por uma imprensa impiamente barateira; a liberdade de pensar desceu do gabinete do escriptor publico para a rua e para a praça, e não cura de dissimular-se.

O espectaculo d'uma tal crise consterna a todo o homem de convicções religiosas, mas consterna duplamente um portuguez sinceramente amante da sua patria, que ao contemplal-a com verdadeiro amor de filho, a encontra a braços com os mesmos elementos de ruina que assolam os outros paizes catholicos.

Seja-me permittido accrescentar: este aspecto sinistro compunge ainda mais um portuguez que é ministro da igreja, e lhe quer do fundo d'alma, mais que á patria, mais que á humanidade, mais que a si mesmo, como se quer á verdade, e a Egreja, senhores, é a verdade.

Por isso, conversando diversas vezes a sós commigo, meditava quaes poderiam ser as causas d'este mal ingente, que ameaça a sorte futura da nossa nação, como as aguas sempre crescentes do vendaval desencadeado ameaçam submergir em seu alveo immenso uma cidade inteira. E cheguei á seguinte conclusão:

As fontes do mal estão em primeiro lugar *na familia, que se affasta cada vez mais da sua missão*

educadora, e em segundo lugar *nos agentes viciosos depostos no seio da sociedade.*

Quando declino estes dous factores, não pretendo cifrar n'elles todos os moveis do mal moral e religioso, que nos mina, mas parece-me ter mettido o dedo em duas chagas principaes, que prostram n'um leito de agonia este enfermo chronico chamado Portugal.

Estudemol-as juntos, se bem que forçados a ser curtos em materia que pedira um desenvolvimento vastissimo para ser expendida d'um modo completo. [1]

Aos olhos d'uma philosophia materialista, a familia não passa d'uma simples condição da procreação humana, d'uma lei puramente animal, que cessa de ter razão d'entidade, uma vez realisada a geração, e a primeira educação physica.

Aos olhos, porém, d'uma philosophia racional e christã, a familia é mais, muito mais do que issso, é a primeira acção benefica da Providencia sobre o recem-nascido, é um verdadeiro sacerdocio marital, cujo mandato tem por alvo essencial a formação intellectual, moral e religiosa da prole, é a officina onde se fazem, e se pulem os futuros membros da

[1] Tendo havido diversos oradores, que n'esta mesma occasião fallaram sobre o glorioso pontificado de Pio IX, pareceu-me acertado, para variar o assumpto da attenção publica, escolher o lemma interessante acima indicado.

sociedade, é o molde mysterioso onde se lhes imprime toda a generosidade de sentimentos, toda a pureza de crenças, toda a elevação de caracter, toda a urbanidade de relações, que o homem leva depois comsigo para o meio dos seus concidadãos.

Sob esta face grandiosa, a familia assume uma dignidade sublime, e até sagrada, que a torna o primeiro elemento civilisador das nações, a grande e inesgotavel abastecedora das virtudes civicas que ennobrecem os povos que as possuem, e o santuario intimo da moralidade publica.

Não, depois do padre, o intermediario titular dos interesses eternos que ligam o homem a Deus, não conheço nenhum ente mais benemerito da gratidão e da veneração social que o *pai*, que cumpre ao peso da consciencia e do decalogo, a missão nobrissima porém penosa de transformar a criança informe e util, essa materia prima, fructo do seu amor, n'um homem que sabe vergar-se a todos os direitos, a todos os deveres sociaes, e n'um christão que sabe elevar as mãos para o céo, e baixal-as para a terra para escondel-as entre as mãos myrradas do pobre, ou para enxugar as lagrimas do desgraçado.

Se houvesse lugar para uma reminiscencia pessoal n'um momento, e perante uma assistencia tão solemne, eu ousaria dizer, que esse pai tive-o eu. Soffra-se-me esta homenagem posthuma rendida á memoria de um nome, ao qual está para mim ligada a mais viva gratidão, e a mais viva saudade da minha existencia.

Mas se um tal ente póde conhecer igual a si na erra, é a *mãi-typo* que comprehende a elevada res-ionsabilidade de que foi investida, desde que o céo cingiu da aureola da maternidade.

Verdadeiro anjo da familia, que estende sua aza naterna sobre o filhinho indefezo, e inexperto, sobre ssa luz nascente do thalamo, para que o vento de-abrido do mundo a não agite e a apague; divindade lelegada (soffrei-me a expressão), que é a providen-ia de cada instante da plantasinha humana do lar lomestico; que vela com toda a solicitude luminosa la sua intelligencia, com toda a viveza da sua fé in-ima, com todo o genio do seu amor sem semelhante, om toda a energia invencivel da sua alma sobre o ilho estremecido, para lhe inocular a submissão e o affecto filial, para lhe informar os sentimentos nobres, para inspirar-lhe a crença santa e tradicional da fa-nilia, para preserval-o de todos os perigos, para mpedir em fim que uma só nuvem negra, das que he enlutam a vida, tolde a superficie serena e ri-sonha do coração infantil do seu filho, até ao dia, em que este, tornado homem, e abandonando o solar paterno para emprehender a viagem do grande nundo, lhe leva todas as lagrimas dos olhos, e todos os affectos d'alma; quem não viu, quem não admi-rou ao menos uma vez na vida o espectaculo d'uma tal mãi, da mãi-typo, da mãi christã?

O povo irlandez é talvez o povo de mais completa moralidade e orthodoxia que o mundo conhece, e aquelle em quem continúa a viver essa simplicidade

dos primitivos costumes christãos[1], que faziam da sociedade catholica uma communidade de irmãos.

Não indagueis a causa de tal phenomeno.

Em parte alguma como na Irlanda o pai, e sobre tudo a mãi são tão dignos d'esse nome; em parte alguma como lá a communidade domestica constitue ainda uma especie de culto religioso qual era outr'ora nos seculos patriarchaes.

Assim pois, a familia, senhores, é em todo o rigor da palavra o *thermometro da sociedade.*

Ha-de sempre a segunda ser mais ou menos honesta, conspicua e feliz, conforme a primeira se sustentar mais ou menos na altura da sua missão educadora.

O Minho é a provincia mais moral e christã do reino portuguez, porque é outrosim, e sem contestação aquella em que os deveres sagrados dos progenitores são mais conscienciosa e cabalmente desempenhados, em que os direitos paternos são mais intactamente mantidos, e em que os encantos suavissimos da vida de familia não são um paradoxo como na maior parte das cidades europeas. Na Extremadura já ha muito menos pureza, e muito mais liberdade na existencia domiciliar. Lisboa não será por certo mal escolhida como capital d'aquella provincia, para exemplo da decadencia d'esse desmpenho elevado da educação, que tem a sua séde no seio mysterioso dos lares.

[1] Superiormente descriptos pelo abbade Fleury na sua historia dos *Costumes dos primeiros christãos.*

Paris, geralmente fallando, é cynica e impia. [1]

Mas tambem dizei-me, o que é a familia em Paris?

Senhores, lá vivi eu cinco annos completos. Na capital da França quasi que não existe, quasi que não é conhecida a communidade domestica.

Parece impossivel que na cidade mais civilisada do mundo, cujo computo pessoal se eleva a tres milhões de habitantes, viva um povo nomada, e vive de facto.

O parisiense não se assenta tres vezes a fio á mesma mesa; tem a cama em casa, a sala de jantar nos restaurantes, e o resto da residencia na rua. Decididamente é o cometa da sociedade.

A familia, pois, existe alli em total degeneração, o thermometro está abaixo de zero, não estranhemos que Paris o esteja tambem.

Fallemos, porém, de preferencia de nós.

Fôra illusão grosseira não reconhecer que a nossa geração actual tem consideravelmente aberrado d'essa simpleza de costumes, e d'essa candura de fé que era o mais glorioso apanagio dos nossos maiores.

A fonte d'este mal está em grande parte na familia. O thermometro ainda não marca zero, mas a columna atmospherica vai baixando progressivamente.

Reservando comvosco todas as excepções honrosissimas que a equidade manda reservar, mas não declinando tão pouco um ápice, como homem da Egreja, do dever inauferivel de dizer a verdade n'uma época e a uma época que tanto d'ella precisa, ousa-

[1] Eu hoje não diria isto de um modo tão absoluto.

rei affirmar com uma convicção corroborada pelo peso de todas as vossas, que a educação entre nós portuguezes se tem tornado cada vez mais deficiente e viciosa.

Eu não chamo, nem posso chamar educação a fazer d'um filho um automato de piruetas de salão, nem um jornal vivo das ultimas modas, nem um subscriptor eterno de theatros, nem um catalogo completo dos melhores romancistas nacionaes e estrangeiros, nem um executor irreprehensivel das mais celebres operas italianas e allemans.

Não obstante todos esses predicados accessorios, *o principio da authoridade paterna* enfraquece-se, e chega por fim a extinguir-se, não sendo imposto e mantido com a firmeza com que conviera. Posto isto, o respeito e a submissão filiaes desertam do lar, e com elles o amor reciproco do pai para com o filho, e d'este para com o author dos seus dias: a união e a paz intestina são substituidas por interminaveis dissensões domesticas que fazem do domicilio do remanso o albergue sinistro das furias, um livro fechado para o publico, que só contém horrores. Por fim rebenta a explosão, atirando para todos os pontos, qual lava vulcanica, os membros que a Providencia cimentára com os laços estreitissimos do sangue.

Ha um vicio (que o não é senão por ser o excesso ou o abuso d'um grande bem) que de ha muito anda mettido de portas a dentro na nossa educação. Este vicio é a grande monomania do seculo, porque o se-

culo tambem tem as suas monomanias como os homens, é a *liberdade*.

A familia é essencialmente uma monarchia em miniatura, e a fórma primordial da monarchia civil; é um governo hierarchico não estabelecido pelos homens, senão preordenado por Deus como lei d'ordem.

Desde o momento que a liberdade sem jugo nem freio, desde o momento que a democracia é proclamada no lar paterno, a familia expira; e este facto deploravel consumma-se desde que o filho insurgente colloca debaixo da mesma rasoura os dous diversos graus da ordem jerarchica, ou desde que, estribado no consenso superior, a serie dos seus multiplicados actos apenas depende do arbitrio da sua propria vontade, e do capricho da sua imaginação juvenil.

Ninguem comtudo se atreverá a chamar a este facto um phenomeno, se lançar os olhos para os principaes centros da nossa população.

Além d'isto, atraz do ser corporeo, cujos authores são os paes, habita um espirito intelligente e immortal, susceptivel d'um desenvolvimento indefinido, creado para destinos eternos, e cuja primeira formação deve começar no regaço de uma carinhosa mãi, d'envolta com os primeiros afagos do pai.

Não ha escóla, nem mnemonica para a infancia, tão efficaz como as instrucções paternas proferidas entre joelhos, e abraços.

Quero aqui referir-me á educação nomeadamente moral e religiosa, que faz parte do sublime mandato, a cargo dos instituidores natos da adolescencia, e que

não cumprido por elles, muito menos o será depois pelos instituidores mercenarios.

Consente-se, quando não se auxilia, que mil germens existentes na atmosphera mephitica da sociedade viciada sejam depostos no espirito do mancebo inexperiente, e se desenvolvam em plena liberdade n'um terreno tão fecundo para o mal, como o é a natureza humana decahida da sua pristina perfeição; ao passo que se deveriam interrogar todos os mysterios de verdade e de bem, que mal principiavam a revelar-se no coração em flôr d'um filho; ao passo que cumpria cultivar todas as qualidades innatas, todas as tendencias elevadas, todos os sentimentos nobres e latentes, que dormitavam em semente no fundo do peito infantil, e só pediam para desabrochar: deixa-se ociosa, inerte, coberta de oxydo essa mola fortissima chamada — o sentimento religioso, que posta em movimento pelo exercicio, centuplicaria a energia d'alma na esphera do bem.

Raro, ou nunca, se desce ao fundo d'essa cavidade onde se achára um coração de filho, coração tornado semelhante a um ninho desamparado, onde as aves do céo teriam vindo incubar, se as não houvessem espantado para tão longe!

Quando, por conseguinte, a chronica diaria do jornalismo vem a registrar posteriormente certos acontecimentos tragicos, que comprimem dolorosamente a nossa alma, um roubo, uma vil fraude, um sacrilegio, um estupro, um adulterio, um assassinato, um suicidio, eu lamento profundamente esses graves des-

concertos sociaes, mas não os estranho, são a consequencia inevitavel da decadencia da educação domestica, revelam simplesmente que ao author d'esses crimes faltou, por via de regra, a base da primeira e insubstituivel formação moral, e orthodoxa, pela suppressão do mister augusto que houvera de ser desempenhado no recinto da familia e o não foi.

Quando vejo a piedade encontrar cada vez menos corações onde refugiar-se, e o indifferentismo a lavrar de continuo, ostentando-se por toda a parte de collo erguido, com a arma do insulto e do sarcasmo sempre engatilhada para desfechal-a contra o padre, o mesmo pensamento me vem obstinadamente ao espirito; uma educação christã e desvelada teria por sem duvida evitado taes e tão frequentes escandalos.

A primeira fonte dos males que opprimem a nossa cara patria, é esta; a segunda são os fermentos viciosos existentes no seio da sociedade.

Senhores, entre o lar e o municipio estabelece-se uma especie de solidariedade, ou de transacção reciproca.

A familia subministra á communidade civil membros prestaveis, isto é, homens, já não em bruto, senão sinzelados pelo attrito continuado da educação; a sociedade restitue-lh'os, cidadãos completos.

É esta a transmutação de bens que se dá entre uma e outra, quando ambas se manteem na altura do seu ideal.

No caso inverso, o domicilio só fornece á communidade homens perigosos, e ella devolve-lh'os estigmatisados com o ferrete degradante do crime, addições numericas do pessoal das cadeias.

Forçoso é confessar, ainda mal, que a influencia presentemente exercida pela sociedade sobre os individuos que lhe empresta a familia, é uma influencia deleteria e fecunda de tristes resultados.

E porque?

Porque o estado actual d'essa sociedade é um estado morbido ou anormal.

Senhores, quem diz sociedade, diz corpo moral.

Este corpo moral, cujo estado perfeito é a plenitude da saude, é tão susceptivel de doença, como o corpo humano, e do mesmo modo que o ultimo, as suas affecções morbidas se transmittem aos membros e orgãos do mesmo corpo moral.

E por isso que a saude é o equilibrio perfeito de todas as funcções organicas, e a condição essencialissima do desenvolvimento do corpo humano, a enfermidade, negação da saude, segundo fôr mais ou menos grave, paralysa na mesma proporção o seu incremento regular, e debilita progressivamente a energia d'essas mesmas funcções.

Ora é publico e palpavel que existem no seio da nossa sociedade uma collecção sinistra de principios morbidos, de virus perniciosos, de elementos de morte, que se communicam aos membros que a constituem, e que ameaçam atrophiar-lhes toda a vida e acção moral.

O primeiro virus é o romance.

Em si, o romance é uma producção indifferente, que se presta á forma que se lhe quizer dar, e cujo merito se pode limitar a um merito puramente litterario e esthetico.

Assim o bom romance, como os do grande cardeal Wiseman [1], os de Bresciani, de Franco, de Willefranche, Newman, do conselheiro Bastos, etc., são verdadeiros livros de ouro, amigos salutares da juventude, preciosos manuaes de bons costumes, iniciadores faceis da consciencia, que eu desejára ver entre as mãos de todos os adolescentes, de preferencia a muitos outros, e ornarem as estantes de todas as familias, em cujo recinto medra essa planta mimosa e tão delicada, chamada um filho.

Mas o romance immoral é um elemento formidavel de corrupção, um traidor insigne que, disfarçado sob a apparencia attractiva d'uma linguagem elegante e especiosa, se insinua no espirito incauto do joven, e perverte insensivelmente um coração só feito para amar a virtude : é um celebre criminoso que ha mais de quarenta ou cincoenta annos tem commettido mais delictos, realisado mais dissenções domesticas, consummado mais desordens sociaes do que todos os suppliciados, e residentes dos calabouços d'esse tempo para cá.

[1] Wiseman : *A lampada do santuario — Ignez — Pedro, o bandido — Fabiola*, etc. Bresciani : *A Republica — O judeu de Verona*, etc. De Franco : *O proscripto.* Villefranche : *Roma no tempo de Nero.* Newman : *Perda e ganho.* Conselheiro Bastos : *A virgem da Polonia — Os dous artistas — O medico do deserto*, etc.

Mercê de Deus, podemos declarar com orgulho que esse criminoso é muito mais estrangeiro, mórmente francez, do que portuguez de nação, mas nós temos-lhe dado entrada franca, pago a honra de o hospedar em casa, e arranjado para elle carta de naturalisação, trasladando immediatamente em vulgar as novellas nauseabundas que lá de fóra nos vem tantas vezes, para nos envenenarem a rir, e a fazer *humor*. Acrescentemos em parenthesis, que se as referidas versões nem sempre assassinam as consciencias, quasi sempre assassinam... a lingua portugueza.

Quando algumas novellas immoraes por ahi apparecem, compostas no nosso proprio idioma, podemos asseverar que são apenas crias procedentes de cruzamento de raças com o romance estrangeiro.

Fôra engano julgar que os authores da famosa communa franceza de 1871 fossem Flourens, Delescluze, Felix Piat, Dobrownsky; os legitimos authores da Internacional foram com toda a certeza certos romances como os *Miseraveis* e *O homem que ri*. Os personagens cujos nomes acabo de articular, foram tão sómente os heroes d'esses livros, incarnados na realidade, e os agentes principaes d'esse drama horrivel de sangue e arbitrio ainda hontem representado.

O mau romance é o conselheiro disfarçado das paixões, o mau romance é a faisca da impudicicia lançada e ateada no coração, o mau romance é o apologista e o advogado de todos os vicios, o mau romance é a litteratura do crime, o mau romance é a serpente do Eden lavrando através das paginas d'um

livro, é o introductor do prostibulo, o scelerado que violou a pureza do leito nupcial, o rewolver que perpetrou o homicidio, o mau romance é o evangelho do Inferno.

Não haverá na sociedade uma cadeia onde tão enorme criminoso seja retido, e isolado até vir a resipiscencia? Existe sim uma cadeia, uma penitenciaria estabelecida pela Egreja para a novella immoral, onde seria efficazmente coarctado do mal que opéra na sociedade, se fosse fielmente observada a lei que lá a encerra, é o *Indice dos livros prohibidos.*

O segundo virus é o jornalismo.

A liberdade moderada da imprensa é com certeza um direito inalienavel, como o de fallar, e o de respirar, porque a palavra fallada ou escripta é sagrada na mente do Eterno, como vehiculo de communicação entre as intelligencias humanas, e a communicação é uma das condições da verdade, e do bem entre homens.

A imprensa é um invento esplendido e admiravel, a quem a Egreja é immensamente devedora, porque n'ella tem tido e tem o seu mais activo e incansavel missionario.

Só não applaudirá um tal invento um espirito acanhado ou tacanho, que pensa que o bem n'este mundo é possivel sem o roçamento, e a companhia importuna do mal, ou que uma idéa grandiosa pode passar através da humanidade sem perder mais ou menos

da sua pureza primitiva. Tambem a palavra e o talento foram dados por Deus, e teem sido a occasião de funestissimas aberrações.

Não obstante, é certo que a imprensa tem dado lugar a abusos frequentissimos, que nunca serão demasiado deplorados, e muito justamente profligados pela Egreja, a balança incorruptivel do recto sobre a terra.

N'este sentido, é a imprensa um virus nocivo, e o *gazetismo* o orgão palmar por onde elle se transmitte á sociedade.

O nosso seculo seria sufficientemente caracterisado pela antonomasia de *reinado do jornal,* que nunca em tempo algum este genero de publicações attingiu a proporção numerica a que se elevou n'estes ultimos tempos.

O prelo é uma fauce immensa que de dia e noite se abre e contorce para vomitar a flux os productos do genio humano.

Os Estados-Unidos, a nação aguia, tem mais de 2:500 gazetas, a França para cima de 700, a Inglaterra quasi outro tanto, os Estados-Austriacos contavam em 1860, 73 folhas politicas, Portugal está inundado d'ellas.

Não só temos o jornal quotidiano, mas um para cada divisão astronomica do dia. As estações dos nossos caminhos de ferro andam abarrotadas de *Jornaes da manhã, Jornaes da tarde, Jornaes da noite.*

A gazeta é semelhante ao papel pardo da loja, embrulha tudo que se lhe mette dentro.

Entre tantas folhas estou que ha algumas de mais.

O periodico anti-religioso, e anti-moral é de mais.

A folha impia vive sem jus á vida, porque o erro não tem direito á luz publica.

A sociedade é um estomago que pede alimento, e não triaga que a mate a pequenas dóses diarias.

Se a sociedade é mãi, a folha impia é verme que corroe as proprias entranhas onde vive e se alimenta.

O jornal anti-religioso é intruso, é deformidade monstruosa no corpo moral, é barra atravessada na grande roda social para a não deixar andar, é a vasa impura e fetida que a torrente da imprensa depõe no seu curso enorme através dos povos; é a descrença impudente feita sordido insecto, voando de rua em rua, volteando da esquina á praça, da loja ao café, subindo ao primeiro, ao segundo, ao terceiro andar, pousando no litterato e no ignaro, no rico e no maltrapido, e percorrendo o paiz inteiro, para todos vulnerar com o ferrão hervado da impiedade, e da facecia sacrilega; é ladrão d'estrada publica que nos rouba por dinheiro o mais precioso thesouro que podemos possuir, as crenças immaculadas dos nossos paes.

Sob o mesmo virus, e por identicos motivos, não vacillo em protestar contra o *livro heterodoxo.*

Tambem elle é para a communidade um principio morbido, um elemento de morte, um fermento de dissolução. São verdades que basta apontar, passando adiante, porque a nenhum de vós é desconhecido o mal consideravel, espantoso que póde fazer, e tem

feito á sociedade, e á nossa patria em especial, o livro em questão.

É-me, porém, impossivel deixar de soltar um brado contra a tolerancia affectada de certos individuos, aliás intelligentes, e mettidos de gorra nos segredos da litteratura, porém de crenças problematicas, cujo credo eu escrevera talvez á vontade na unha do dedo minimo, os quaes perdôam de bom grado aos escriptores racionalistas os mais profundos ataques dirigidos contra a religião, a moral, e o direito publico, pelo talento eminente com que são feitos, e pelo estylo deslumbrante em que são redigidos.

Para estes o bello é tudo, e a verdade é nada; comtudo «o bello não é mais, segundo o Horacio francez, [1] do que o esplendor da verdade,» ou do que a tunica brilhante que reveste a realidade; logo o bello que sómente reveste a mentira, reveste a negação da entidade, é fórma sem corpo, mero espectro, pura miragem.

Aberração flagrante do bom senso! Que me importa a mim que o punhal que vara o coração ao meu proximo seja um punhal d'ouro? nem por isso deixará de ser homicida, nem o sangue que o tinge de lhe imprimir uma nodoa indelevel.

O talento é por vezes uma apotheose em vida, outras muitas é um abysmo profundo, ao lado do qual o homem de bem deve passar com horror e compaixão.

[1] Boileau.

Um esquife por mais dourado, e redourado que seja, é sempre para mim um objecto repugnante, porque contém um cadaver.

O mau livro está n'estes dous casos.

O terceiro virus é o theatro devasso.

Tertulliano, o genio immortal de Cesarea, diz que) Espirito do mal tem os seus sacramentos como o Christo, cujas instituições arremeda. O theatro é um los mais efficazes sacramentos do espirito do mal, jue o seculo encerra.

Quando assim fallo, não levo de modo algum em ʼista profligar uma instituição humana, que póde ser ıma escóla publica de moralidade, assim como póde ;er, e muitas vezes é, uma escóla publica de dissoução. Sempre desaffecto a idéas extremas, e antipa:hico a anathemas mal cabidos, fôra eu o primeiro a)ptar pela regeneração da scena, que só offerecesse ıo publico a virtude acrisolada em acção, e os qualros gloriosos da historia patria.

Que prestigio soberano não teria o theatro sobre)s costumes civicos, e a vida intima da familia, se o nfluxo tão poderosamente magnetico que exerce para) mal, fosse apenas exercido para o bem?

Mas refiro-me ao proscenio devasso que exhibe e ʼeste de graça e louçania o que é condemnavel, ou nclusivamente feio e abominavel; refiro-me ao thea:ro apeado da magestosa dignidade de Corneille, Ra-

cine, Monti, Garrett, até ás trivialidades repellentes, e ás torpezas cynicas do *vaudeville*, do melodrama ligeiro, da opera impudica, e do tripudio semi-nú. Fallo da naturalisação arrevezada de todos esses ruins estrangeirismos que permanecerão para sempre estrangeiros entre nós, porque mercê de Deus, nem a *Familia Benoiton*, nem *Rabagás* e quejandos[1] serão jámais, penso eu, a photographia da nossa sociedade, nem o *fac simile* dos nossos costumes nacionaes; fallo de todas essas peças dramaticas portuguezas ou não, d'onde a virtude e a consciencia são furiosamente banidas, e onde o vicio e a paixão se ostentam de collo erguido, e rosto disfarçado, para dar sete vezes por semana a um publico corrompido o espectaculo do escandalo triumphante.

Sob este aspecto, o theatro é um dos mais energicos venenos que a sociedade póde propinar aos cidadãos que a compõem.

Sim, o theatro por esta fórma concebido é uma verdadeira universidade de maldade, o grande iniciador do crime, o templo e a cadeira curul de Satan, a incarnação perpetua da gargalhada blasphema do Mephistopheles de Gœthe, e do D. Juan de Byron, a escarnecer de todos os sentimentos puros e elevados; é o despenhadeiro da moralidade, o pégo voraz da innocencia, e a ante-camara do inferno.

[1] Ambas estas comedias foram compostas pelo celebre e bem pouco moral dramaturgo francez V. Sardou, tendo immediatamente sido traduzidas em portuguez, e representadas no theatro da côrte, para accrescentarem mais dous autos de delicto ao nosso palco.

Paris applaude-o phreneticamente, Sodoma o teria prohibido.

Tenho fatigado as vossas attenções, muito mais do que pretendia e convinha.

Ahi ficam apontados alguns dos principaes elementos dissolventes, que vão gradualmente solapando o que ainda resta de pé na nossa terra.

Deixo de indigitar alguns outros não menos graves, mas que nem o tempo, nem as razões de prudencia me permittem trazer a terreiro n'este momento.

Quanto á rehabilitação da nossa patria, consiste ella, se me não engano, na regeneração d'essa mesma sociedade, de que até agora me occupei; da familia pelo desempenho d'esse mandato educador, cujo compromisso pesa sobre seus hombros; da sociedade pelo desapparecimento d'esses agentes deleterios que actuam d'um modo tão sinistro sobre os membros da communidade civil.

Seja a familia *de facto,* como é *de direito,* o santuario intimo da moral publica.

Seja o lar domestico um templo, o pai um sacerdote, a educação uma religião, e a familia será regenerada.

Regenerar a sociedade é mais difficil, até impossivel, no sentido de purifical-a inteiramente do velho fermento de concupiscencia, que é a alma do mundo. O escandalo possue o infeliz privilegio de ter as pro-

messas de Jesus, que garantem a sua existencia até ao fim dos tempos.

Regenere-se, porém, a sociedade por um theor diverso.

Saiba-se oppôr o antidoto á cicuta, a verdade ao erro, o bem ao mal, a palavra poderosa e denunciadora do Cicero á conspiração infame de Catilina, e o mal cessará de ser tão geral, e tão *insolente*. Ao culto do prazer opponha-se o desdem christão, ao exemplo destructor o exemplo que eleva, á impiedade descabellada a crença decidida, á indifferença systematica a pratica religiosa, á imprensa immoral, cynica, e blasphema a imprensa catholica, ao romance libertino o romance moralisador, ao livro que nega o livro que affirma, á gazeta-guerrilha a gazeta zuavo da igreja, ás associações de trevas as associações catholicas...

A vaccina conjura a infecção do virus, conjuremos nós tambem a participação de todos esses virus mortaes acima notados, com a vaccina efficaz d'uma adhesão intima e inabalavel á voz incorruptivel da consciencia, e aos decretos infalliveis da Santa Sé, mãi e mestra da verdade, e seja a nossa palavra de ordem: guerra figadal, irreconciliavel, eterna ao erro, mas caridade, mas longanimidade, mas tolerancia sem fim para com os homens do erro, que pódem ainda um dia vir abraçar-se comnosco na unidade d'uma mesma fé, d'um mesmo codigo, d'um mesmo redil, e d'um mesmo Pastor.

XVI

DISCURSO INAUGURAL

PRONUNCIADO NA INSTALLAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE INSTRUCÇÃO RELIGIOSA, NA CIDADE DA FORTALEZA, PROVINCIA DO CEARÁ, NO DIA 2 DE JUNHO DE 1872.

XVI

DISCURSO INAUGURAL

PRONUNCIADO NA INSTALLAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE INSTRUCÇÃO RELIGIOSA, NA CIDADE DA FORTALEZA, PROVINCIA DO CEARÁ, NO DIA 2 DE JUNHO DE 1872.

EXC.^mo E REV.^mo SNR. PRESIDENTE [1]:

SENHORES. — Só se basta [2] Aquelle ser unico, que é a razão bastante de tudo quanto existe ou póde existir. Mas o homem é por essencia um ente — de relação — e o isolamento, fazendo-lhe por vezes abortar ou definhar nas mãos as emprezas começadas, prova-lhe exuberantemente a impotencia das suas for-

[1] O sr. D. Luiz Antonio dos Santos, dignissimo bispo da diocese do Ceará.

[2] Não sei exprimir a idéa d'outro modo; e demais, a phrase, embora pareça mexericar gallicismo, é de José Agostinho de Macedo, na sua undecima carta a Atico.

ças, não combinadas com as dos outros seres da sua especie.

A união é um grande principio de efficacia, tanto no mundo physico como no mundo moral. A combinação harmonica das leis materiaes produz a existencia complexa, e a ordem perfeita do universo, desde a grande lei da gravitação, que traça a cada planeta a sua orbita respectiva; desde a lei universal da attracção, que une entre si as moleculas de todos os corpos, até esse confluente de condições, que fazem brotar da terra a mais pequena flôr, a mais humilde grama.

Semelhantemente no mundo moral, ha uma verdadeira lei de attracção ou cohesão, que impelle um homem para outro, e que constitue a força social.

Sim, senhores, se no coração de todo o homem existe uma sympathia innata para outro homem, se a solidão o enfada e o descentralisa, se busca quasi irresistivelmente a companhia e o trato de outro ser da sua especie, se não póde respirar outra atmosphera que não seja, para assim dizer, uma atmosphera social, é porque o Creador o fez para a sociedade, e fel-o para esta, porque quiz que n'ella e por meio d'ella attingisse o fim sublime para que o destinou.

N'este sentido póde dizer-se, que o homem não é um todo completo, mas a fracção de um todo, que não é outro senão o corpo social. D'aqui a dependencia que liga os seres racionaes entre si, que allia o soberano ao subdito, o nobre ao proletario, o homem

de sciencia ao analphabeto, o estadista ao humilde artista, e que torna todas as condições sociaes solidarias umas das outras.

A união produz a familia, a união produz o estado, a união produz a Igreja, a união produz a sociedade no seu unico e verdadeiro sentido.

Ocioso fôra prolongar por mais tempo o desenvolvimento de uma verdade intuitiva, que podemos considerar como a propria base da sociabilidade.

Jesus Christo reuniu em torno de si doze apostolos, e esses dozè homens unidos pela crença, pela caridade, e por um fim identico em um corpo moral, foram mais fortes que o universo em peso, immenso composto de individuos não colligados pelo cimento do amor.

Mais.

A observação nos mostra que este instincto de associação realisa-se não só nas grandes corporações, destinadas aos grandes fins, como na Igreja, no Estado, senão outrosim n'esses fins especiaes e mais secundarios, que tem ou póde ter em vista uma porção maior ou menor dos membros da sociedade.

Ainda ha pouco o padre *Boone* estabeleceu na Grã-Bretanha associações destinadas á extirpação da blasphemia, tão vulgar n'aquella região. O padre *Mathew* organisou na Irlanda associações de temperança; *Kolping,* uma das illustrações do clero allemão, fundou não ha muitos annos uma corporação sob o titulo — *Camaradagem catholica* — que poz debaixo do patronato da Igreja. O illustre prussiano *Schutz* organisou

ultimamente uma associação humanitaria, economica, de artifices, onde o pobre operario, na sua propria officina, encontra os meios de troca do capitalista.

Decididamente a época entendeu que para a efficacia do bem era força enxamear.

Bem conhecidas vos são as associações religiosas, scientificas, litterarias, politicas, commerciaes, industriaes, artisticas, agricolas, etc., em que abunda o nosso seculo. O homem comprehendeu que a proficuidade do plano concebido está, em grande parte, na união social, e que a união é realmente a força.

Senhores: o fim que aqui hoje vos aduna é tambem um fim de associação. Ainda hontem a sociedade nascente, que n'este dia data o anniversario da sua installação, não passava de uma idéa feliz, que se abrigava hesitante na mente d'alguns d'entre vós, hoje vigorosa se manifesta, e como que se incarna em corpo social. O dia 2 de junho de 1872 separa um plano realisado de uma simples velleidade.

Senhores, a mim coube a honra de ser o interprete dos vossos proprios sentimentos e intenções na presente solemne occasião; de ser, digo, a primeira voz que no novo circulo catholico cearense se eleva em nome de Deus, para affirmar-se e definir-se a si proprio. Eu devêra, certamente, declinar de mim esta honra, devolvendo-a a outrem mais idoneo, mais annoso do que eu; devêra transmittir esta missão a uma palavra mais authorisada que a minha, e a attitude da mudez era a unica que me convinha em momentos tão solemnes; mas um convite impõe-se,

quando desce de tão alto, como dos labios de um bispo; e o dôce prazer de fallar a uma assembléa como esta, em que vejo a flôr da sociedade cearense, sob os diversos aspectos da religiosidade, do talento, da sciencia, da educação e da posição social, é uma compensação ao lado ingrato do meu ministerio, que me é licito aceitar. Sim, a faculdade de manifestar-vos os sentimentos de alta approvação e applauso que meu coração concebeu pelo fecundo pensamento d'esta associação, desde o primeiro momento em que elle lhe foi revelado, é um desvanecimento a que não sei resistir, e com o qual gostoso venho quinhoar do vosso afan, e da vossa satisfação. Não m'o estranheis; vós sois uma sociedade nascente; como o infante ella deve ter um vagido, esse vagido sou eu.

Qual a natureza da associação que ides organisar?

Será ella scientifica?

Será litteraria? politica talvez? ou industrial?

Não, porque é mais do que tudo isso; é uma associação *religiosa*. Não fita o terreno, paira acima da terra, e mira o céo, não aponta ao temporal e transitorio, aspira ao eterno, abstrahe de todos os motivos e de todas as preoccupações de interesse, ou só tende ao interesse generoso e supremo da religião; intitula-se — A ASSOCIAÇÃO DE INSTRUCÇÃO RELIGIOSA.

Porque razão vos reunis vós, senhores?

Em primeiro logar, deixae que assim me expresse,

porque sois livres. Á liberdade plena é o apanagio do nosso seculo, e a palavra de alarma da sociedade moderna, e por tanto ou é para todos, ou é porto franco, um oceano sem balizas, onde a todos é licito navegar, ou eu não a concebo. Pois bem: se ha a liberdade do mal, haja outrosim a liberdade do bem, para não dizer que só esta é a verdadeira liberdade, e que outra qualquer é um perigo a evitar. O oceano tambem tem suas boias.

Porque motivo vos associaes, senhores? Porque o direito de associação, com tanto que esta respeite a religião e o Estado, é um direito legitimo e imprescriptivel como o de viver, como o de respirar, como o de ter um logar ao sol; direito aliás altamente consagrado pelo espirito das modernas constituições dos povos.

Se a religião é a primeira necessidade do homem e dos estados, os meios de a conhecer e de a praticar são a mais preciosa e a mais necessaria acquisição que o homem possa fazer; ora uma associação religiosa destinada ao fim unico do conhecimento e pratica da religião, é fóra de toda a replica o mais precioso de todos esses meios, pois a pratica da religião suppõe a força moral, e a sociedade é força — *unio fortitudo.*

Porque vos associaes, ainda uma vez? Porque, se o poder das trevas se denomina — *legião* —, e como legião conspira na hora presente contra a luz e contra o bem, é força que o poder da luz seja tambem — legião —, e como legião conspire contra as tre-

vas em prol da verdade. Senhores, o vosso nome é —*legião*— e a vossa missão é serdes tão terriveis contra o erro e contra o mal, como o foi outr'ora a legião fulminante do exercito romano ao colosso da Germania.

Já que tocamos o periodo em que o homem de fé, açoutado perpetuamente pelo vento da incredulidade e da indifferença, precisa de levar a mão ao coração para perguntar-lhe se é ainda a fé que o *faz bater*, vós quereis mostrar abertamente á provincia, ao imperio e ao universo inteiro, que protestaes em corpo e em côro contra essa indifferença mortifera, que ganha a sociedade inteira de um modo assustador; que vós outros crêdes com a fé integra do catholico de sangue puro, e que a vossa crença é aquella que se resolve em actos, e não a fé inerte do lutherano.

Sim, a associação catholica cearense inaugura-se, porque importa sobremaneira que do mesmo modo que ha homens que se reunem para se animarem, e se estimularem reciprocamente nos principios secretos e condemnaveis, e na tactica sinistra, que só tende ao desmantelamento da sociedade e á ruina total da Igreja e do seu senado, haja tambem homens que se congreguem para reciprocamente se excitarem e se afervorarem nos principios e nas praticas salutares, que são a garantia da vida religiosa, individual e social. Importa que o partido catholico, adunado por uma idéa sublime em um corpo moral, dedicado exclusivamente a um pensamento de verdadeiro progresso intellectual e religioso, levante um antemural,

forme uma barreira invencivel contra essa torrente esterilisadora de progresso material, de que faz alarde este seculo de carvão de pedra, de gaz, e de pilhas. A materia não é tudo, nem muito.

A associação inaugura-se no dia de hoje, para receber das mãos da Igreja a semente da pura doutrina catholica, limpa d'esse vil bagaço de doutrinas suspeitas, erroneas, scismaticas. Certa assim de possuir a verdade, a sociedade se apressará de derramal-a, de vulgarisal-a, de infiltral-a no povo ignaro, no povo, o eterno sequioso da fé, no povo, o grande mendicante da instrucção, no povo, n'esta pobre creança de seis mil annos, de cuja imbecilidade tão terrivelmente tem abusado os homens da classe litteraria, insinuando-lhe idéas capciosas e damninhas, que o precipitam na sua propria ruina.

A associação toca a rebate e chama ao seu gremio todos os catholicos decididos e de bom querer, porque, se nos aproximamos do momento em que, segundo a expressão energica do insuspeito Proudhon «será necessario metter á sociedade uma camisa de força» como a um louco furioso, convém que os amigos da religião e da Igreja, em presença da procella imminente, que nos ameaça com toda a solemnidade de um diluvio, e no vortice medonho de homens de todos os principios e de idéas de toda a natureza, convém, digo, e convém no mais alto ponto, que os amigos de Deus e da Igreja se associem para se conhecerem, para conseguirem pela grande lei da união que tudo vence, o que segregados não poderiam con-

seguir, a conservação da seiva christã contra o veneno da descrença e dos vicios.

Alfim a associação catholica é o *rendez-vous* dos mais distinctos filhos da sociedade fortalecense, que inspirados por um mesmo sentimento, se colligam como um só homem para aproveitarem o extraordinario movimento catholico, que n'este magnifico mez de Maria, *n'este mez santamente revolucionario de tão saudosa memoria,* [1] se tem manifestado n'esta capital; e bem assim para encelleirarem em commum essas particulas da palavra divina e da graça celeste, que cahiram em seus corações, afim de que se não desperdicem.

Resumindo e precisando mais o que levo dito, qual é o fim do novo circulo religioso cearense?

É a instrucção orthodoxa de todos os seus membros, e a observancia dos preceitos de Deus e da Igreja.

Não pretendendo fazer monopolio de sua instrucção, a sociedade buscará communical-a ao povo, fazendo-o assim participar dos seus proprios bens e d'alguma sorte assistir ás suas proprias sessões.

Afim de não deixar-se levar *por todo o vento de doutrina,* terá ella um juiz authentico, e para assim

[1] O mez de maio de 1872, durante o qual o distincto padre Honorati (da companhia de Jesus), que então estava no Ceará, prégou, na igreja cathedral da Fortaleza, uma serie de conferencias, em que a profunda illustração theologica, e o vigor d'uma dialectica luminosa, corriam parelhas com o accento de convicção e unção religiosa, que soube imprimir-lhes, e que tão salutares resultados produziram na capital d'aquella provincia.

dizer, official, da sua instrucção, a saber, o prelado diocesano.

Sendo de sua natureza communicativa, possuirá dous orgãos, a *palavra* e a *imprensa*. Pelo primeiro, todos os membros terão a faculdade de emittir as suas idéas, de propôr as suas duvidas, de discretear sobre os principios religiosos. Pelo orgão da imprensa publicará no seu jornal *especial* as actas das suas sessões, os discursos que n'ella tiverem sido feitos, todos os actos e deliberações, cuja publicidade fôr julgada congruente, pelo presidente da associação.

O jornal terá tambem por fim combater e elidir as doutrinas erroneas, impias ou immoraes, que por ventura forem propaladas em jornaes, *pamphletos*, ou livros da provincia, ou mesmo de outro ponto do imperio. D'est'arte com uma das mãos edificará ella os muros de Jerusalem, e com a outra empunhando corajosa as armas de uma justa defeza, como outr'ora os operarios de Nehemias, repellirá os adversarios que pretenderem escalar os seus muros ou oppôr-se á sua construcção.

Nem será a folha ephemera o orgão unico de publicidade da associação, para a diffusão das luzes no povo. É fim igualmente directo e peculiar seu, o promover a instrucção popular pela distribuição de bons livros nacionaes, ou traduzidos em vulgar das linguas estrangeiras, afim de oppôr uma verdadeira cruzada de escriptos orthodoxos e moralisadores a essa cruzada formidavel de pessimas folhas e libellos, que ...

assoalham francamente a impiedade e a negação de todos os vinculos da consciencia, ou escondem sagazmente nas dobras do espirito humoristico, e de um estylo cortezão e elegante, a baixa urdidura da descrença e da desmoralisação.

Ora pois, senhores, o que vela sobre o homem como sobre a sociedade, e o que perscruta as entranhas d'aquelle e a direcção d'esta, não poderá deixar de abençoar vossas generosas intenções. O que promette a sua assistencia a dois ou tres humildes filhos da sua Igreja, que se reunirem em seu nome, assistirá, eu o espero, com as suas luzes divinas ás vossas sessões e aos seus resultados.

Mãos, pois, á grande obra! A empresa vem do alto, a empresa tende a Deus, a empresa respeita mais a Deus que a vós mesmos. Deus tomará cuidado d'ella, e se desvelará pelo seu incremento, como a carinhosa mãe se desvela pela vida do filho das suas entranhas.

Póde ser que as mesquinhas insinuações do respeito humano venham de longe em longe enfriar o zelo de algum d'entre vós, fazer-vos vacillar ou mesmo recuar na senda que ora emprehendeis. Póde ser que dissabores e difficuldades ulteriores façam abandonar a alguns d'entre vós o gremio da associação, ou cheguem mesmo a dissolver os liames com que hoje espontaneamente se ligam e unificam em corpo religioso. Mal haja um tal prognostico!

Principiar, senhores, é um bem, mas o perseverar é a consummação do bem. Só á perseverança é

dado cantar victoria. Confesso que se n'esta hora de tanto jubilo para a minha alma e para nós todos, ha ou póde haver uma idéa ominosa capaz de attenuar em mim este sentimento, é o receio de que não persevereis por assás tempo no religioso commettimento que tomaes a peito, a partir do dia 2 de junho do corrente anno.

A *perseverança*, senhores (eu quizera grifar a palavra se vos fallasse por escripto e não de viva voz), a perseverança, diz a maxima popular, é *a chave do successo*; Fixae esta idéa, que até a propria natureza nos préga. O sol é perseverante em vivificar a terra inteira, os rios em despenharem-se no oceano, e o orvalho da manhã em verter todos os dias no calix da florzinha solitaria a gota de agua vital, que deve fazer-lhe attingir a perfeição da sua fórma e do seu colorido. Vós conheceis o *thermite*. Este pequeno insecto, que medirá quando muito tres millimetros, chega a construir, á força de perseverança, uma habitação de barro, que attinge muitas vezes á altura e ao diametro de uma guarita de soldados, e que o habitante das provincias do sul converte em fornos domesticos. Ahi está o que realisa a perseverança.

Ávante, senhores! o futuro religioso do Ceará pertence-vos; o futuro tão esperançoso d'esta esperançosa provincia está nas vossas mãos. Sêde os juizes da sorte d'este povo. Ah! o povo é o *engeitado da instrucção*...

Pois bem, senhores, deixal-o-heis morrer de fome porta dos ricos indifferentes da sciencia, definhar e inanição á mingoa do pão da verdadeira luz?

A vós compete a gloria de terdes dado ao Brazil iteiro *o exemplo da iniciativa da primeira associação ıtholica laical*; guardae-vos de dar-lhe d'aqui a pouco exemplo infausto do descoroçoamento.

Vós sois tambem um sacerdocio, embora sem lirè, mas em verdade ungido com o oleo da sciencia əligiosa, e santificado pelo fogo sagrado do zelo; ımpri a vossa missão civilisadora.

Ajudae-nos a conduzir até ao porto o batel da ;reja cearense, auxiliae os ministros do santuario, ϰcedei-nos, vencei-nos, se é possivel.

Sois d'ora em diante a ordem terceira de S. Pero na diocese do Ceará; Deus vos arma n'este dia avalleiros para esgrimirdes a espada não percuciente a imprensa, contra os inimigos da fé e da religião.

O prelado da diocese vos institue cruzados de uma ıais sublime cruzada que a da idade media, porque ão corre á defeza dos logares santos, mas á conuista do céo, mas á regeneração do povo pelo batismo da instrucção christã e de uma iniciação moalisadora.

Ávante, senhores, de *fronte erguida,* para vos reonhecerdes bem, e vos conhecerem ainda melhor. ·e a época é de impudencia, sabei ter a santa im·udencia da crença e da consciencia: *bene impudenəm* (Tertulliano), sabei arrostar o nobre descredito a religião: *necessarium dedecus fidei.* (Idem).

O chefe supremo dà Igreja catholica, o clero inteiro, e o cearense em particular vos offerecem a dextra, vos felicitam, vos agradecem a vossa cooperação, e vos saúdam pela bocca do seu ultimo levita.

Os céos bafegem as primicias e os esplendores da vossa obra.

Uma grande e religiosa associação como esta, que emprehende uma grande causa, já tem n'esta mesma causa o penhor do seu successo.

Uma sociedade que estreia as suas sessões, collocando-se debaixo dos auspicios da Mulher Forte, que «*pulverisou todos os erros...*» «*terrivel como um exercito alinhado em ordem de batalha,*» já leva comsigo um prenuncio lisonjeiro do mais prospero futuro.

EM APPENDICE

OITO ANNOS NOS SERTÕES DA AMERICA DO SUL, OU O BRAZIL POR DENTRO

EM APPENDICE

OITO ANNOS NOS SERTÕES DA AMERICA DO SUL, OU O BRAZIL POR DENTRO

PERGE!

No cèo sempre mais ou menos nebuloso do nosso futuro, brilha para cada um de nós a estrella luminosa que nos cumpre seguir, no caminho emmaranhado da vida.

E esse esplendor peculiar, com que ella fulge, e tão admiravelmente se harmonisa com a indole e a feição propria da nossa alma, é a revelação superior do nosso destino, que nos resta abraçar.

A estrella é a vocação de cada um de nós.

Esphera traçada pela mão de Deus, na qual tem de girar as tres phases da nossa existencia, sólo caroavel e abençoado, em que devem desenvolver-se, e esgotar-se os recursos da nossa intelligencia, cora-

ção, e energia, a vocação constitue *todo o homem*. Se Dikens diz acertadamente, que ha muitos individuos dotados d'uma natureza sobremaneira dadivosa, que morrem antes de chegar ao *termo de si mesmos*, é porque andaram, o mais do tempo, por fóra do seu centro de gravidade.

Eu tinha apenas quinze annos, quando meu pae me mandou para o seminario patriarchal de Santarem.

Ao despedir-me d'elle, brindou-me com o offerecimento do *Genio do Christianismo* de Chateaubriand, traduzido (em parte infelizmente) pelo visconde de Castilho.

Era n'esse livro a todos os respeitos precioso, que eu nos dias feriados, costumava refrigerar-me, por horas inteiras, dos ardores... do purgatorio do latim, que até que se me tornasse em cabo de Boa-Esperança, foi por largo tempo para mim um verdadeiro Cabo das Tormentas.

Devo-lhe muito mais do que isso.

Foi elle que abriu minha alma ao sabor delicioso do bello litterario, que folhou a primavera do meu amor pelas letras, e me fez abraçar por convicção essa religião toda divina, que até então só seguia pelo impulso de uma desvelada educação christã, que meu pae dera aos meus annos infantis.

Devo-lhe sobretudo o ter-me revelado a vocação, em que ulteriormente havia de desenvolver-se a melhor parte da minha vida.

Em boa hora estava eu uma vez sósinho no meu

quarto, a ruminar gostosamente as primeiras paginas do quarto livro do *Genio;* e a narração tão historica, quanto sublime e pathetica que o author faz das missões do Levante, do Paraguay, e das Antilhas, me arrancou do peito este grito involuntario, que foi o primeiro clarão do meu futuro: Tambem eu serei missionario!

Esse sentimento, a principio debil, intermittente, indeciso, ao cabo de tres annos de seminario, cessára completamente de ser uma velleidade, e creára corpo e vigor, consolidado pelo confluente de outras circumstancias a elle sympathicas.

Era a final uma resolução assente e inabalavel, que não se informou de opposições de familia, e prescindiu d'ellas, quando foi preciso.

Tinha ouvido claramente uma voz intima que me dissera com uma persistencia cada vez mais accentuada: *Perge!* [1] E caminhei.

O vapor *Saint Nazaire,* que me conduziu a Paris, onde cursei os estudos relativos ao sacerdocio, marcou apenas a primeira parte da viagem, que, estreada em Lisboa em 1860, havia de terminar-se cinco annos depois (através d'alguns intervallos estacionarios mais ou menos longos) no imperio do Brazil, onde fui pedir um pequeno logar e uma porção de trabalho ao lado de outros operarios, que me tinham precedido no afanoso emprego das missões do alto sertão.

[1] Exodo, 1.

Aprouve-me trocar por oito annos o torrão inoffensivo do meu paiz pela insalubridade d'aquelle territorio tantas vezes fatal aos proprios portuguezes, a quem por ventura devêra ser mais grato; e commutar a temperatura deliciosa da patria pelo sol calcinante dos tropicos.

Não forrei o trabalho com meticulosas precauções de saude, que, ao envez, distribui quasi toda por entre os corações d'aquelle excellente povo, que ouviu a minha pobre palavra, e por entre os palmares do seu immenso continente.

Não me arrependo; a vida é apenas um meio, e não um fim, uma simples moeda de circulação para generosas empresas, e já é muito quando o é.

A estas horas, apesar da mesquinhez do operario, é possivel que a semente lançada n'uma terra virgem, como o é em grande parte para o conhecimento do christianismo, o coração do indigina brazileiro, já tenha começado a repontar em flôres e fructos de virtudes sociaes, e de virtudes christãs, muito mais sociaes ainda. Que outra compensação posso eu almejar n'este mundo?

Se hoje voltára ás missões do Brazil, só lhes podéra offerecer alguns destroços a custo reunidos, d'uma saude outr'ora vigorosa. De pouco lhes aproveitariam, quando nem temperamentos de aço resistem, muitas vezes, ao exercicio violento em que ellas os esmoem, e os despedaçam.

Tive, portanto, de retroceder ao meu ponto de partida, suspendendo talvez para sempre o ministerio

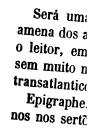
aborioso, que era como o centro de attracção da minha actividade.

Quantas vezes me não surprehendo a evocar pela reminiscencia os quadros commoventes e sublimes da missão brazileira, o toldo de *carnaúba*, o rustico altar improvisado, as massas de povo sahidas como por encanto do fundo dos seus *capoeiraes* para vir ouvir a exprobação dos seus vicios! Quantas vezes não evoco a memoria de amigos, que foram para mim outros tantos genios tutelares na terra, e de logares que tinha por uma patria de emprestimo!

Parece-me que me acenam de longe, e me chamam com um accento de pungentissima saudade...

Que me resta agora, deslocado do fóco de uma vocação dominante? A companheira obscura das minhas locubrações, que commigo vela junto á banca do trabalho e com quem converso por horas esquecidas, a minha modesta penna responde-me — *eu* — !

Sim, tu, e comtigo fórmo o pacto eterno de não nos separarmos jámais de ora em diante, ó minha pobre penna, que me encantas a solidão d'este deserto povoado, que se chama a sociedade. Por ti posso tambem servir como d'antes a nobre causa da verdade, e do bem, que outra aspiração não tenho; e a religião santa, a quem te voto, não engeitará a lavra humilde das tuas vigilias, como Deus não engeita o murmurio nocturno do insecto escondido debaixo da herva.

Perdôe-me o leitor a indiscripção de lhe ter fallado tanto tempo de mim.

algum fandango tupi ; de maravilha se suspeitára que se estava a novecentas e cincoenta leguas do velho continente da Europa.

O Brazil do sertão é aquelle onde principalmente se póde contemplar a natureza do seu sólo fecundissimo, em toda a sua liberdade, robustez e magnificencia. E n'elle, além d'isso, que se nos depára, sem intermittencia de ligas heterogeneas, o typo classico, os costumes genuinos, os usos peculiares, as virtudes primitivas, e as crenças intactas e hereditarias do povo brazileiro.

O mesmo sertão não é um só no Brazil.

Tendo percorrido as provincias de Minas Geraes, Bahia, Ceará, etc., posso affirmar que cada provincia tem um caracter especial, e distincto d'outra qualquer, dependente da sua posição geographica relativa, fauna, flora, cultura, desenvolvimento da população, etc., que mais ou menos modificam os seus usos, e costumes.

Pascal dizia, referindo-se á variedade das leis humanas : «o que é verdade áquem dos Alpes, cessa de o ser além ;» e nós podemos dizer sobre o Brazil : o que é verdade ácerca d'uma provincia, cessa de o ser n'outra a muitos respeitos.

Quem não partir do principio apontado, nenhuma idéa cabal poderá ter do vasto imperio do Cruzeiro.

Penetremos n'um d'esses sertões.

Estou certo de que o leitor não porá duvida em acompanhar-me n'este jornadear em extremo commodo, que remataremos pelo espectaculo do mages-

A viagem até Maragogipe é apenas de quatro horas. Se o leitor não gosta de andar embarcado, póde consolar-se com a noticia.

O rio que agora atravessamos é o Paraguassú, assás caudaloso a espaços, orlado de espessos maciços de verdura, e de excellentes *fazendas* de ricos proprietarios; ou accidentando-se aqui e acolá para offerecer á nossa vista uma pequena ilhota, estufada de juncaes de um tamanho descommunal.

A *piroga* que nos passa cerce pelo bojo do vapor, é um tronco cavado d'arvore, se não me engano, de gameleira, [1] movido por uma pá, que um negro meneia á ré a uma e uma parte, servindo-lhe ao mesmo tempo de remo e de leme.

Tocam em terra uma sineta. Estamos chegados a Maragogipe, o vapor abica ao caes, saltemos. Despedindo-se do vapor, póde o leitor despedir-se da ultima reminiscencia, e arremedo da sua civilisação européa, saudar emfim um novo mundo, ou uma nova natureza, mil vezes mais luxuriante que a sua, e que o aguarda a algumas leguas, encantoada nas suas florestas de coqueiros, hervados, enrediças, e cipoaes, meneando-se sob um sol muito mais *caseiro* que o nosso, que de inverno nos emigra para o outro hemispherio; e renovando perennemente a sua vegetação na atmosphera creadora de um eterno verão.

Maragogipe é uma villa de pescadores, sem impor-

[1] Arvore agigantada do Brazil (*ficus doliaria*), cujo succo é vermifugo, e cuja madeira é optima para gamelas, e canôas.

tancia alguma. Limitemo-nos a seguir o conselho de Virgilio ao florentino Alighieri, na *Divina comedia:* — *Guarda e passa, lettore.*

Esperam-nos ao sahir da villa, dous cavallos baios, sobriamente arreiados, e segurados á redea, ou brida (como lá dizem) por um moleque, em uniforme de *jockey*, esperto que nem phosphoro.

O Brazil não prima em raça bucephala. Os melhores cavallos são os do Rio Grande do Sul, e, ainda assim, não são comparaveis aos arabes, nem aos andaluzes. Comtudo, nas provincias do norte do imperio encontram-se alguns muito soffriveis de talhe, e até esbeltos, sobretudo muito robustos, andando vinte e mais leguas por dia, sem se sentirem consideravelmente cançados. (Digo-o por conhecimento proprio).

Os donos mais pechosos adestram-nos a *baralhar* [1] com uma admiravel elegancia, e uma verdadeira rapidez de gamos, que suavisa sobremodo o movimento do cavalleiro.

Estou percebendo que o meu camarada de viagem attende mais ás *caçambas* de prata lavrada, que pendem dos selins das nossas cavalgaduras, que ás minhas prelecções de hippologia. Effectivamente, a caçamba, entre nós quasi desconhecida, é o estribo ordinario no interior do Brazil. Tem perfeitamente a fórma de um sapato, solidamente construido, sem calcanhar.

[1] Passo muito miudo, e ligeiro, a que em Portugal se chama passo *travado*.

Offerece maior segurança que o nosso estribo ao cavalleiro, e preserva o pé, ao atravessarem-se brejos, atoleiros, ou *córregos* (riachos), frequentes em todo o Brazil.

Calcemos as nossas botas de meia perna, munidas das competentes esporas de rodella, e montemos sem mais delongas.

Se o leitor é fraco montador, nem por isso se assuste, que n'este paiz essencialmente hospitaleiro, estou persuadido que até os animaes reconhecem e recebem bem os estrangeiros.

Em todo o caso, abramos os nossos guarda-soes, de que vimos providos, que no Brazil *fóra do guarda-sol não ha salvação,* senão debaixo de telhado.

O primeiro objecto que se nos offerece é este *coqueiro jyssára* ou *palmiteiro,* [1] agitando no espaço a sua haste esguia, e delicada, tornada presa d'uma enorme parasita, que suffoca a planta inoffensiva com uma especie de ferocidade inconsciente.

Tal é a luxuriante vegetação da assassina, que mal

[1] Ha-o em todo o Brazil. Os fructos não se comem. As folhas tenras, ainda não abertas, constituem o palmito, de que os brazileiros fazem uma especie de legume em extremo saboroso. O coqueiro jyssára é um dos individuos das cincoenta e uma especies de coqueiros, que existem na America do Sul. Esta planta nucifera é a mais util de quantas se conhecem. Da raiz fazem-se cordas, do tronco traves para edificios, os fructos são um alimento no estado solido, e uma bebida refrigerante no estado liquido; com as folhas cobrem os indigenas as suas choupanas, ou fazem vassouras, e até com o pó d'algumas, como da carnaúba, fabricam vélas de summa consistencia, com quanto d'uma luz pouco agradavel. (Vid. Isabeau, *Botanique*).

nos é dado contemplar o tronco já meio amarellado, cuja seiva ella suga impiedosa. Apenas se enxergam no topo do coqueiro algumas palmas linguiformes, que a custo logram escapar ao inimigo, e vem respirar á superficie, pelo unico ponto livre que lhes resta.

Toda a America do Sul está cheia d'estas parasitas (sem fallar das de face humana, de quasi todos os paizes da Europa), mórmente de orchideas de uma variedade infinita. Nas florestas de Minas Geraes ha arvores, que supportam em seus ramos mais de sessenta parasitas, que semelham uma exposição gratuita, offerecida ao viajante pela mão habil e caprichosa da natureza.

A planicie que nos fica em frente, é uma *savana* (varzea inculta) de mais de setecentos metros quadrados, coberta, como o leitor vê, de perto de duzentas cabeças de gado vaccum, que pastam descuidosamente, lambendo algum tufo de *capim* (herva), esquecido na vespera.

Este numero, aliás calculado a olho, está longe de ser extraordinario. Ha fazendeiros na Bahia, e outras provincias do imperio, que possuem para cima de oitocentos individuos da especie vaccum.

Se o terrivel *berne!*[1] a não dizimasse tanto, esta parte tão momentosa da fauna brazileira attingiria

[1] O berne é um tumor produzido debaixo da pelle pelo desenvolvimento da larva de um insecto semelhante á mosca. No estado de larva o insecto tem a fórma de uma pequena lagarta, composta de sete articulações, na secção de cada uma das quaes o animal deixa vêr uma se-

na America do Sul proporções numericas fabulosas.

Que viçoso plantio se desdobra á nossa esquerda! Aqui a mandioca, além o algodão, mais lá ao longe a canna d'assucar, entrelaçando as suas caules tortuosas. N'estas tres plantas se compendia, para assim dizer, a grande fonte da riqueza da Bahia; é o seu capital perenne, a têta inesgotavel da sua immensa prosperidade monetaria. O meu companheiro de jornada não tinha talvez ainda visto nenhuma d'estas producções vegetaes. Mas agora que as póde observar, e estudar á vontade, admitta que não é fabula o que referem certos botanistas viajantes, que a canna d'assucar chega a attingir na Bahia doze, quinze, e até vinte e cinco pés de altura, embora originaria da India [1]. Diga-me se ha nada mais gracioso, do que o algodoeiro, desabrochando do pedunculo as suas esplendidas corollas de amarello desmaiado, e depois despojando-se de bom grado d'este magico colorido com que se ornára, para transformar-se em calices, que se desabotôam n'uma felpa alva como o arminho, e que semelha flócos de neve cahidos no

rie de pellos, ou cabellos assás duros, cujo movimento produz o prurido que soffre a victima, na carne da qual se interna.

O Brazil é fecundo em outros insectos, igualmente parasitas, como o carrapato (*ixodes*), e o bicho do pé (*pules*), que poupam tão pouco os animaes, como o homem.

[1] Não é necessario dizer que o sumo da canna d'assucar, levado ao alambique, é o formidavel *agente* do deus dos pampanos, n'aquella nação, onde a vinha nenhum auxilio lhe presta.

meio d'um terreno abrazado. Na mandioca, que occupa mais de metade da planicie que nos fica visinha, contemple a mais preciosa graminea dos brazileiros, cuja raiz, submettida a um processo especial, constitue o seu pão, e cujo leite ou sumo escorrido fórma, solidificando-se, a nutritiva e saborosa tapioca, que os estrangeiros apreciam mais do que elles, e preparam muito melhor.

O pittoresco do logar convida-nos realmente a apear-nos, e a descançar um pouco; mas faz-se tarde, e as columnas de pó, que se levantam no horisonte, e se approximam de nós, advertem-nos de que em breve estará comnosco o *pampeiro*.

Confesso-lhe que o vento é o mais importuno socio de viagem que conheço, sem exceptuar as chuvas torrenciaes das provincias do sul.

O pampeiro constitue o vento alisado da America. Precipita-se soberbo e impetuoso, como uma potencia aerea, do seio das mattas virgens do Amazonas, só por elle habitado e pelas feras, povôa de tempestades os desertos equatoriaes, juncando de destroços a terra e o mar no seu curso victorioso: resvala magestoso sobre os pampas[1] do Maranhão, Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte, etc., e vae exhalar o ultimo suspiro a trinta e quatro graus de latitude longe do seu berço, entre as mais remotas savanas do Rio da Prata.

Piquemos das esporas, que são oito horas e meia

[1] Varzeas incultas.

da noite, e a fazenda onde temos de pernoitar, ainda nos fica a tres kilometros de distancia.

Na orla extrema d'aquelle mandiocal já se retigem de negro os nimbos accumulados, que o sol colorira de purpura, ao atufar-se no horisonte, e que agora semelham brazas encineradas de um fogo quasi extincto.

E na orla opposta, já ha muito que surgiu, de cima da corôa de mangueiras que a recortam, o satellite amigo do nosso globo, bello, sereno, e meigo, em todo o esplendor do seu plenilunio.

Confessemos, amigo, que a não ser a lua magnifica do nosso Portugal, superiormente cantada por João de Lemos, nenhuma se póde comparar á lua americana n'aquella pureza transparente, e n'aquella luz indizivelmente suave, de que inunda mil leguas d'espaço, até vir reflectir-se na superficie sombria da terra.

Porém, apesar d'isso é força admittir que as noites no sertão do Brazil teem por vezes um encanto desconhecido entre nós. Dá-lh'o a presença, d'um numero infinito de pyrilampos [1].

Não tenho o gosto de os poder mostrar agora ao meu companheiro de viagem, porque de ordinario

[1] Bouillet, no seu *Diccionario de Sciencias*, diz que só a femea do pyrilampo, que não vôa, tem geralmente o privilegio de emittir uma certa phosphorecencia. Vi o contrario no Brazil, onde ha uma especie, cujo macho, que é alado, é igualmente luminoso. Esta observação é confirmada pela descripção completa que Jouvencel faz do referido insecto, no seu livro *A Vida*, onde affirma que o lampyro alado das Ardennas é tambem phosphorecente.

mercio da nicociana [1], e admira até que date d'uma epoca tão recente, quando aquella planta se dá tão perfeitamente com o terreno da Bahia.

Subamos.

Acha talvez pitoresco o alpendre ou *avarandado* (termo bahiano) que serve de peristilo á casa? Quasi todas as fazendas o têem. É elegante, e mais do que isso, em extremo commodo, porque é o ponto mais fresco da casa, muitas vezes o mais alegre e desafogado, e sempre um passeio á mão debaixo de coberta enxuta. Até não raro serve de sala de jantar, nem a ha melhor, e mais convidativa do appetite.

Que enfiada de moleques, de todos os tamanhos, correm para nós do fundo do corredor central da fazenda! Não se assuste; é um magote de escravinhos e escravinhas, que sahem d'escantilhão da cozinha, para nos vir saudar com o salvé tradicional, e tradicionalmente corrompido do sertão. Não se detenha a examinar estes pequenos seres de face humana, e não pretenda resolver o problema de qual é mais negro, se a tez d'elles, se a côr da camisa que os cobre, e que constitue a collecção completa do seu vestuario annual.

[1] A nicociana, ou tabaco commum, é originaria da ilha de Tabago (uma das Antilhas), d'onde lhe veio o nome ordinario que tem. Foi descoberta por Christovão Colombo, e applicada á industria por Nicot. Esta planta é mui glutinosa em todas as suas partes; a sua caule mede mais de um metro de altura, sendo recta, pubescente, e ramosa, guarnecida de grandes folhas ovaes, é lanceoladas, e de flôres de um escarlate desmaiado, reunidas ás duas, e tres n'um mesmo pedunculo.

Aposto que não comprehendeu bem o que elles lhe disseram? Não sabe o que quer dizer *Xu Quisto?* É uma corruptela de uma bellissima saudação, ensinada por nós aos indigenas do interior do Brazil, e que elles conservaram muito mais fielmente que os seus mestres. Significa — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! *Parce retorto.* Ainda assim, apesar de adulterada pela maior parte dos que alli a empregam, vale mais na sua intenção, e na sua significação religiosa do que todos os — *passou bem?* e todo o mofoso formulario de salamaleques, do prosaico bom tom das cidades.

Bem se vê que já estavam prevenidos para a nossa chegada. A sala está aberta, e em cima de uma jardineira arde com luz mortiça um castiçal de prata maciça, cançado de esperar-nos.

E nós tambem o devemos estar um pouco. Não importa. Quasi que se gosta da sensação do cansaço, quando se tem, suspensa de argolas de ferro, bamba, ampla, franjada de rendas, alva como a flôr do linho, a classica rede do sertão, prestes a recebernos, e a fazer-nos esquecer nas dôces oscillações do seu movimento cadenciado, o chouto importuno das cavalgaduras.

A rede é o leito habitual, e unico possivel nas proprovincias septemtrionaes do Brazil, por isso que estão situadas muito mais proximo da linha equatorial.

O caboclo afogueado pelos raios perpendiculares de um sol de dezembro, não podia imaginar invenção mais commoda, e efficaz. Inventou-a, digo, isto é,

achou-a, não a creou, e creio que lh'a suggeriu o passaro do deserto, balouçando-se no seu ninho de arestas, e raizes entretecidas, que prende por um fio ao ramo d'uma arvore, ou suspende á borda de um rio, entre os canaviaes que o abeiram.

Ahi vem a criada, trazendo para cada um de nós uma chicara de optimo café. Lord Byron, se aqui estivesse, saudava-o como a musa americana da boa companhia.

Tenha a bondade de servir-se: não fazel-o, além de exotico, seria de *mauvais aloi* n'um paiz em que o café [1] é o preludio forçado, e o epilogo infallivel de todas as refeições, e, para assim dizer, a primeira linha de união, pela qual commungamos nos costumes d'aquella nação parente.

Tenho o prazer de apresentar ao amigo uma das mais honestas, e religiosas familias da Bahia, que o vem comprimentar, e convidal-o para a cêa, que nos aguarda, ha pelo menos um quarto d'hora.

Occupemos os logares que nos estão destinados. Faço votos por que o excellente appetite, que me confessou ter no caminho, não seja contrariado pelos novos pratos e temperos da culinaria brazileira, com

[1] Do jardim das plantas de Paris foi transplantado para a America o primeiro pé d'este arbusto, que constitue hoje uma das principaes fontes de riqueza no imperio brazileiro. (Diccionario scientifico de Chernoviz). O cafezeiro mede oito pés de altura. As folhas são ovaes d'um bello verde, e as flôres, brancas como o jasmim, ás quaes succede um fructo, da fórma de um feijão grosso, no centro do qual se acha um grão dividido em duas partes. Este é o café. O melhor que existe é o de Yemen, nos arredores de Moka, d'onde é oriundo.

que ó esophago portuguez do meu amigo entabula hoje as primeiras relações.

Póde gabar-se de não lhe faltar á mesa nem guardanapo, nem vinho, porque nas casas mais somenos do interior são cousas que raras vezes apparecem. Ha-de saber que o vinho é todo importado do estrangeiro, e por conseguinte só chega ao sertão falsificado, o mais das vezes, nas cidades da costa, e galvanisado pelos alchimistas do commercio, que fazem pagar ao brazileiro uma droga impotavel pelo mais excellente sumo dos vinhedos do Douro, graças a uma etiqueta pretenciosa que collam ás garrafas impingidas.

Comtudo, o meu amigo ha-de ter paciencia de dispensar d'esta vez o pão.

Deve saber por certo que este é geralmente substituido pela farinha de mandioca, que se confecciona em todas ou quasi todas as provincias do Brazil, e se come nas septemptrionaes, preparada por um processo especial, chamado *farofa*. Nas do sul usam tambem da farinha de milho torrada *(fubá)*, em logar do pão.

As diversas especies de viandas; de vacca fresca, de carne secca ao sol, de gallinha, *capote* [1], kagado, porco, leitão, formam todo o serviço da mesa.

As hortaliças, e legumes, tão apreciados entre nós, pouco ou nada se fazem representar no programma

[1] Assim se chama pelo menos no Ceará á *numida meleagris* ou gallinha d'Angola, cujo sabor é semelhante ao da gallinha commum.

da culinaria brazileira, sem duvida porque não se dão tão bem n'aquelle solo como no nosso (o que não obsta a que muitos horticultores intelligentes e activos do Brazil, tenham provado experimentalmente, que o terreno americano é muito susceptivel de apresentar uma horta pouco inferior á europea).

Não faça escrupulo de provar d'este prato de *vatapá* [1], que lhe afianço, que se o não repetir, o deixará emprazado para nova avançada na primeira opportunidade.

Encontra-lhe apenas o defeito de lhe terem carregado bastante a mão na pimenta, e é essa para o bahiano a sua melhor qualidade. Os norte-brazileiros principalmente, são amicissimos de malagueta, por tal arte que comem tudo com ella, por não dizer que a comem com tudo. É um tanto *shoking*, verdade seja; mas a pimenta é talvez o unico tonico efficaz n'um paiz abrazado como aquelle, em que o excesso de calor tende tão sensivelmente a relaxar a acção digestiva do estomago.

Póde acceitar por minha conta estas duas colheres de *coalhada*, que muitas vezes fiz d'ella no Ceará a minha unica cêa, sem soffrer o mais leve incommodo. A coalhada não é mais do que o leite azedado e solidificado por um processo qualquer. Toma-se simples, ou temperada com assucar. É uma alimentação fresquissima, saborosa e substancial.

[1] Especie de polenta preparada com côco, oleo de dendé, pimenta, etc.

Agora perdoe-me que o interpelle na conversação tão interessante que travára com o honrado fazendeiro que nos hospeda, e sua digna familia, para lhe lembrar que já são onze horas da noite, e ámanhã teremos de partir pelas cinco horas da manhã para Santo Antonio de Sapatui, que nos fica a tres leguas de distancia. O céo está um pouco ennovoado: ámanhã deve fazer um sol de grelhar.

Despeçamo-nos, pois, dos nossos hospedes, e vamos pedir ás redes que nos estão apparelhadas o narcotico de algumas horas de somno.

. . . .

PARADA NA FLORESTA. — A NATUREZA EMBEBIDA DO CREADOR

Eis-nos outra vez cavalgando, a passo de chouto, nos nossos rocinantes, necessariamente consanguineos dos de D. Quixote, e do seu rotundo escudeiro, no garbo, e na andadura.

Pareceu-me que o leitor estava hontem bastante commovido, ao dizer adeus ao amavel fazendeiro, que tão de bom grado nos deu acolhida.

O Brazil já é hoje para mim, se assim posso dizer, uma natureza de casa, mas a impressão que o meu companheiro de viagem sentiu é a que sente todo o estrangeiro que é hospedado pela primeira vez n'uma das fazendas d'aquelle vasto imperio.

Da palestra assás prolongada que hontem tivemos á mesa, e fóra d'ella, póde formar um juizo do ca-

racter brazileiro, tão distinctivo, e acrescentemos sem lisonja, tão distincto a muitos respeitos.

A hospitalidade proverbial do brazileiro constitue um dos seus mais irrecusaveis encomios. Dá ao sertão um certo cunho oriental, que lembra a tenda do arabe, sempre aberta de dia ou de noite ao estrangeiro, e reporta-nos d'alguma sorte ás idades genesiacas do mundo, quando Abrahão apertava com os personagens mysteriosos de Mambré para que aceitassem a sombra da sua arvore, e mandava a Sara que lhes preparasse tres pães subcinericios, em quanto elle matava o melhor dos seus novilhos para servil-os aos seus hospedes.

E essa hospitalidade é cordial, rasgada, e tão gratuita que um *obrigado* a paga exuberantemente, ao passo que a proposta de uma retribuição *qualquer* a fere.

Não ha estalagens no sertão, porque seriam simplesmente uma excrescencia, que por si mesmo cahiria.

O trato do brazileiro é facil, como viu, prazenteiro, e muitas vezes cheio d'aquella simplicidade das raças nascentes, ou para assim dizer, de primeira mão, ainda não gafadas pelo verniz postiço da cortezanice. Revela intelligencia, finura, e principalmente um instincto extraordinario, e prematuro da vida pratico-social, e das conveniencias pessoaes.

O brazileiro franqueia-vos a sua casa, exigindo apenas de vós que estejaes *á vontade*, e lhe deixeis á porta, ao entrar, todo o ritual do mundo artifi-

cioso, porque prefere a tudo o estar tambem á sua vontade, sem ter de interromper os seus costumes de familia para com ninguem, e por cousa alguma.

O grande senão do seu caracter é a indolencia; indolencia innata, que será sempre um obstaculo consideravel ao seu mais vasto desenvolvimento litterario, scientifico, industrial, commercial e agricola.

A maior parte dos grandes capitalistas d'aquella nação são portuguezes, ou inglezes, porque a inercia, e o amor do *dolce far niente* allicia, subjuga os seus naturaes, e não lhes deixa abrir os braços á fortuna inesgotavel e prodigiosa, que encerra o seu solo maravilhosamente dadivoso[1].

Muitos indigenas ha que vivem na pobrezr, e até na miseria, quando defronte da sua porta teem um campo immenso, baldio, *nullius possessoris,* que bem podiam cultivar, e converter em capital perenne. Limitam-se a plantar algum pé de mandioca, ou de bananeira, e o ideal da sua aspiração pára na satisfação das primeiras necessidades do dia presente. Foi este um dos peores sestros que tive a combater nas missões do Brazil, e por isso mesmo, uma das maiores difficuldades com que tive a arcar, foi a de inspirar aos naturaes o amor do trabalho.

Mas este facto não escurece aos meus olhos a ra-

[1] Agassiz reconhece esta falta de equilibrio, quando diz no ultimo capitulo do seu roteiro pela America: «*Si jamais les facultés morales et intellectuelles du peuple brésilien se mettent en harmonie avec la beauté et les richesses immenses que le pays tient de la nature, jamais contrée plus heureuse n'aura etée vue sur le globe.*»

zão até certo ponto justificante que o explica. Os climas fazem os povos. A atmosphera abrazada de um paiz enerva naturalmente os seus habitantes, porque desenvolve n'elles uma transpiração frequente e abundante, que debilita o organismo, e convida mais ao repouso do que ao exercicio. Os mesmos europeus sentem-se muito menos activos, e vigorosos, algum tempo depois de alli permanecer.

Por outro lado a escravatura[1], concentrando no homem da gleba todo o serviço braçal, inspira ao brazileiro livre o deploravel preconceito de que aquelle o avilta, quando, pelo contrario, devera convencer-se de que o trabalho ennobrece, eleva, santifica, constitue a unica condição natural do homem depois da queda primitiva; e, verdadeira realisação da cornucopia mythologica, com que a antiguidade symbolisava a abundancia, gera a riqueza e a independencia pessoal.

Não obstante, o brazileiro possue grandes propriedades ruraes, herdadas de seus maiores, e trabalhadas pelos seus escravos, as quaes lhe rendem som-

[1] Abstenho-me de tocar no assumpto da escravatura, porque não saberia ser curto, já que tive occasião de metter tão fundo o dedo n'este herpes medonho do imperio brazileiro: e porque não ignoro quanto tal assumpto é melindroso. De mais, o governo d'aquella nação comprehendeu perfeitamente que a escravatura era a traça roedora do seu adiantamento, e se aquella é ainda um *facto*, cessou de ser um *direito*, ou um principio. A recente lei do *ventre livre*, (o acto mais glorioso do parlamento brazileiro) descarregou-lhe o golpe mortal, que a condemna a uma consumpção lenta embora, mas infallivel.

mas enormes, que colloca no banco, que converte em apolices, ou que permuta liberalmente com o trabalho do estrangeiro. O proletario é quasi exclusivamente portuguez, allemão, ou inglez, mas sobre tudo da primeira nação. Nós somos os braços, e os musculos do brazileiro, elles o sangue metallico, que nos faz circular nas veias a riqueza, e a prosperidade; nós somos as rodas que põem em movimento o seu progresso material, elle unta-as d'azeite... e o gigante *si muove*, ou antes é movido, sem abandonar o quietismo em que se delicia.

Ponho ponto a estas reflexões moraes, já talvez extensas de mais, para chamar toda a attenção do meu companheiro de viagem para a magnifica floresta, em que vamos embrenhar-nos.

A estrada continúa á esquerda. Nós temos de internar-nos por este atalho, para nos dirigirmos a Sapatuí. Só temos que ganhar com o desvio, que nos torna a viagem mais amena, e pittoresca.

Não receie emboscar-se na matta, que as feras são muito mais raras do que na Europa se pensa, e em geral gostam tão pouco de nos encontrar, e de nos vêr o branco dos olhos, como nós a ellas.

O dardo das serpentes é muito mais nocivo... nas descripções imaginosas dos viajantes, do que no uso fatal que d'elle faz o terrivel reptil. De ordinario só ataca o homem, sendo atacado ou pisado. É um resto de homenagem que o animal damninho presta a um principe desthronado.

Os oito annos que vivi pelo interior do Brazil, dão-

me certo cunho de authenticidade para depôr em favor da *innocencia* do formidavel ophidio, que, não obstante, não se esquece de lembrar de vez em quando á descendencia de Adão os instinctos perversos que lhe fizeram envenenar a fonte da vida humana[1].

Não pense tambem que as florestas virgens, propriamente ditas, se encontrem a cada passo, a duas ou tres leguas da costa. Já tenho fallado com alguns patricios meus, que por por pouco não julgam que cada brazileiro tem uma floresta virgem... no seu quintal.

Todavia, a que temos á vista, sem ter pretenções a sel-o, já póde dar ao leitor uma idéa, e uma grande idéa da opulenta vegetação dos tropicos, de que a America brazileira é, para assim dizer, a patria.

Contemple, meu amigo, o viver livre, fraternal, pacifico, e risonho d'este immenso povo vegetal; d'estas arvores colossaes, decanos do floresta, e de estes arbustos inferiores, confundindo por debaixo da terra as suas raizes, e nutrindo-se da mesma seiva, ao passo que solidarios de suas debeis irmãs offerecem o dorso robusto á hoste franzina que as engrinalda, e projectam uma sombra reconhecida sobre o tapete de verdura que lhes resguarda as raizes. Não será a imagem de uma grande republica, isolada do attrito doloroso de uma civilisação bas-

[1] As especies mais conhecidas de cobras que existem no Brazil, são a cascavel, ou boicininga, a surucucú, a jararaca, a coral, a giboia (*boa constrictor*), e a cipó, não venenosa.

tarda, e vivendo unicamente sob o ascendente da sublime caridade christã, e da confraternisação universal?

Quem poderá enumerar os individuos de que se compõe, não direi a extensão total que comprehende a floresta, mas este pequeno raio de vinte metros quadrados, que a nossa vista abrange, antes de perder-se na sombra profunda da ramagem?

Jaqueiras, cajueiros, jaboticabeiras, fetos arborescentes, coqueiros, jotahis, bicuibas, ipés, camarás do matto, quassias, quinas do campo, urucus, copahibeiras, cannafistulas, anjicos, e mil outras variedades de arvores de todas as fórmas e tamanhos, do alto das quaes se dependura uma infinidade de cordas lignosas, que, depois de apertarem em multiplicados contornos os ramos corpulentos das arvores, como anneis de enormes serpentes, vem esmolar á terra uma raiz, para duplicarem sua força vital, e cruzam-se e enfeixam-se, e abraçam-se, como se, dotadas de uma intelligencia previdente, se colligassem para oppôr uma barreira ao pé sacrilego, e ao machado devastador do homem.

Enrediças de cresciumas, de cem parasitas filiformes atiram-se de uma arvore a outra, formando entre si doceis, festões, cortinados de uma elegancia, e de uma graça admiravel. A bromeliacea enraiza-se nos mil braços aereos da floresta, e despenha-se d'elles sob a fórma de crina, ou de barbas de ancião, acrescentando a magestade da senectude á belleza arrebatadora do bosque.

E se o ar tem uma floresta, que n'elle se meneia, a terra tem outra, que por ella rasteja.

Contemple o leitor, e admire este tecido apertado de plantas herbaceas, que calca aos pés, e que por toda a parte vão obstruindo de verdura os pontos nús, onde não pullula a vida: aqui a samambaia, o mentrasto, a ipecacuanha, o mendobim, além a ratanhia, a salsaparrilha, o estramonio, o áloes, o tayuá, a anileira, a capitiçoba, o cacto, etc.

É a idade viril da vegetação, é a fecundidade, que no terceiro dia do mundo vestiu de viço a face arida do globo, é a seiva poderosa, que amadurecia os fructos do Eden, e o pleno desenvolvimento da flora terrestre em todo o luxo da sua magnificencia.[1]

Que mysteriosa grandeza no recinto d'esta matta, onde a natureza parece resguardar as grandes nascentes d'esse sangue vegetal, que faz correr nos vasos capillares da planta o vigor da mocidade!

Que revelação de belleza, apesar do véo, que eloquencia, apesar do silencio absoluto, que superabundancia de vida, apesar da inanimação apparente!

Custa a conceber que haja um espirito tão derrancado pelos miseraveis sophismas do erro, que não saiba elevar-se do complexo surprehendente d'esta harmonia perfeita, á causa suprema que a produziu.

[1] Ao desembarcar no continente americano, e ao contemplar as suas florestas, e rios, exclamava Christovão Colombo. «para fazer a relação de tudo quanto vi, ao meu rei, não me bastariam mil linguas, nem a minha mão, dominada por um encanto invencivel, poderia descrevel-a.» (Alexandre Humboldt, *Cosmos*, vol. II, pag. 41).

Quando a força vital palpita desde o sol creador até á flôr ephemera, que nasce e morre no mesmo dia, para que negar a formosura, a bondade, e a intelligencia infinita? para que pretender eclipsar a luz immaculada que desce dos céos para inundar de si mesma a terra inteira?

Eu vos vejo, ó meu Deus, eu vos vejo por detraz do involucro transparente d'esta brilhante flora, que reflecte por todos os pontos da sua superficie a vossa mão benefica e divinamente prodiga. Cada uma d'estas folhas, cada corolla d'estas flôres, cada tronco d'estas arvores me ensinam o vosso nome adoravel.

Eu vos sinto penetrar em minha alma tão realmente, como quando commungo por minhas proprias mãos a hostia do altar, porque, de verdade, que outra cousa é a natureza inteira para o que sabe contemplal-a, senão uma communhão continua da Divindade, atravéz do sacramento das fórmas materiaes do universo?

ESBOÇO DE UMA MISSÃO NOS SERTÕES DA AMERICA BRAZILEIRA

Esquecia-me de que não estava só.

Releve-me o meu consocio de jornada esta livre expansão, provocada pelo grandioso quadro da floresta. Mas estou certo de que os nossos espiritos se encontram e se elevam harmonicamente n'um mesmo arrobo, como duas teclas de um mesmo instrumento, vibradas simultaneamente pelos dedos mysteriosos da natureza.

Prosigamos.

Estamos quasi a chegar a Santo Antonio de Sapatuí. D'aqui ao povoado mal haverá meia legua.

Vamos já entrados na estrada, que lá desemboca em linha recta. Os nossos bucephalos perceberam-n'o antes de nós, e apressam o passo, picados pelas saudades da farta manjedoura dos seus donos.

Não sei se vê ao longe, por entre um tufo espesso de angicos, duas torres a alvejarem. São as torres da igreja de S. Philippe, freguezia a que pertence o logarejo que demandamos. Sapatuí demora a pequena distancia de lá.

Estas são as primeiras casas da povoação, que já de longe se encarregam de confessar a pobreza dos seus habitantes. Nada mais simples, e primitivo que uma d'estas louras... de gente. Quatro muros formados por um travado de paus toscos, intercalados de emboço; por cima uma camada de ramos de coqueiro: dentro um quarto menos commodo que uma prisão cellular, e algumas redes immundas, suspensas de ganchos de madeira.

Muitas das familias que habitam essas louras humanas, não conhecem a vida privada..., vê-se de fóra para dentro pelos interstícios do barro já meio cahido. Á porta retouçam algumas crianças, em uniforme ante-diluviano, que nos pedem a benção.

Chegamos ao centro da povoação, onde já existe mais algum verniz de cidade.

A affluencia do povo é immensa, como vê; ha um movimento consideravel; dá-se uma *missão.*

Penso que esta palavra não causará ataques de nervos ao meu amigo, como a certos *ingenuos* que importam de contado tudo quanto se lhes embute; como a certos catholicos livres-pensadores, e muito menos como a certos *tarifeiros* da imprensa, que apodam a missão de elemento de retrocesso, e de espantalho da paz social, e da civilisação moderna.

Fujo de armar these em fórma a tal respeito, porque escrevo para os espiritos sensatos, imparciaes, orthodoxos, que consideram a missão como uma poderosa alavanca de verdadeira civilisação pela reforma dos costumes, pela cessação dos homisios, divorcios, dissenções domesticas, etc., e pela iniciação christã, transmittida pela palavra divina.

Se algum missionario não tem a solida instrucção que devera ter, nem mesmo emprega nas suas predicas aquelle comedimento, e discrição que o devera personificar, a classe dos seus nobres camaradas da tarefa, não póde ser inficionada por essas excepções deploraveis; a missão permanecerá sempre acima de todos esses escuros, e continuará sempre a ser o grande agente religioso da regeneração dos povos.

É ocioso dizer que não passa de um preconceito risivel o pensar-se que o missionario seja perseguido pelos indigenas do interior do Brazil.

O Brazil de mil e quinhentos já não existe; extinguiu-se na derradeira onda de sangue derramado na pessoa dos jesuitas portuguezes, nas dunas do

Ceará [1]. Por toda a parte assoma hoje a cruz, symbolo de amor; e o primeiro nome que aprende o recemnascido é o de Jesus, porque o de mãe não carece de ser ensinado. A veneração geral para com o missionario vai quasi até o culto, no interior do imperio.

A lingua que se falla é a portugueza, mais ou menos adulterada. Nunca tive de aprender outra.

As tribus nómadas apenas se encontram no alto sertão d'algumas provincias menos populosas e cultas. São de resto assás raras. Só n'ellas existe um dialecto proprio. O resto da população vive pelo menos aldeado.

Mal consta n'uma d'essas populações, que alli se vai abrir uma missão, circula para logo a nova de bocca em bocca até aos povoados mais remotos, em uma circumferencia de doze, quinze leguas, e mais.

Então as familias dividem-se em duas secções, uma vai primeiro, e a outra fica; depois a que fôra antes reveza-se com a segunda, para ambas participarem dos exercicios da missão. Muitas fecham as suas casas, e deixando-as entregues á guarda de Deus, suspendem, por todo o tempo d'aquella, os seus trabalhos agricolas, para melhor a aproveitarem. Por unica matalotagem, algumas apenas levam uma parca provisão de farinha de pau, e de carne secca. Passados oito dias, está a modesta ucharia exhausta, e a fome bate á porta. Que fazer? re-

[1] Vid. Senador Pompeo, *Obras*.

gressar ao lar domestico? Muitas assim o fazem, outras preferem pedir esmola a retirarem-se. Oh! quantas não me vinham esperar, ao voltar eu da ermida para o meu aposento, e me estendiam a mão, para que lhes désse com que comprar um pouco de farinha, a fim de não morrerem de fraqueza! Este facto colhe o brazileiro em flagrante, revela um instincto religioso mais forte do que a acção deleteria do vicio, e não carece de outro commentario, senão de que nenhum sentimento conhece os heroismos do sentimento christão, e falla tão eloquentemente ao coração das massas.

No dia fixo em que teem de chegar os missionarios, cem e muitas vezes cento e cincoenta cavalleiros os vão esperar a uma legua de distancia.

Á entrada da povoação, affluem em chusma a maior parte das familias, risonhas, prazenteiras, endomingadas, offerecendo-nos já na expansão transparente das suas feições as primicias da sua confiança.

Uma banda de musica annuncia a chegada dos sacerdotes; uma girandola de foguetes vai fazer reboar no espaço as alegrias de um povo crente, e singelo, que se ufana de receber galhardamente os enviados do seu Deus. É uma verdadeira entrada triumphante, sem ser, como foi para o Redemptor, a vespera sinistra do jardim de Gethesémani, e do calix amarissimo.

O *vigario* (abbade ou prior) da freguezia recebe em sua casa os missionarios, ou tem-se-lhes apparelhado um domicilio especial para este fim.

Os exercicios da missão não podem fazer-se dentro da igreja. Não ha nenhuma, por mais espaçosa que seja, que contenha as seis, sete, doze e quinze mil pessoas, que acodem á missão, nomeadamente nas provincias da Bahia e Ceará. Em muitissimas aldeias a igreja não passa de um quarto de um decametro de longo, e ainda menos, por cinco, ou seis metros de largo, que os naturaes chamam—casa de oração.

A praça ou largo é, por tanto, a igreja do sertão, n'esta época extraordinaria.

Levanta-se um altar, que não passa ás vezes de uma mesa commum; ao lado arma-se um pulpito de quatro espeques, ligados por uma taboa central, e cobertos por uma coberta de chita. No mesmo logar constroe-se um toldo de ramos d'arvore, de quinze a vinte metros quadrados, para preservar da acção do sol a porção de terreno, onde as mulheres teem de se assentar, durante as predicas.

Alli está effectivamente o largo. O leitor não dirá que lhe phantasiei um scenario a capricho. Em tudo quanto lhe narro, tenho a consciencia de ser rigorosamente exacto. Acolá está o altar, o pulpito improvisado, e o toldo agreste. Aquelle objecto confuso, que vê sustentado por duas estacas, e que a sombra dos ramos não deixa perceber bem, é a sineta da missão.

Causa-lhe estranheza aquella fileira de duzentas mulheres que se dirigem, a um de fundo, para o interior do matto contiguo, com seus cestos, ou cuias

á cabeça? É um espectaculo singular, que parece destoar do assumpto que nos occupa. Eu lhe resolvo o enigma. São mulheres que transportam areia e barro para a construcção d'um cemiterio, em que estão trabalhando, a um tiro de espingarda d'aqui, os homens pobres e ricos do lugar, transformados em pedreiros (d'esta vez) *livres* na unica accepção innocente da palavra. De facto, não se julgue que os missionarios impõem estes trabalhos á população; convida-a apenas para lhe dar um cemiterio, que não tinham, e nunca teriam, sem o prestigio formidavel da missão, que momentaneamente é capaz de lhes suspender a indolencia natural. A população corresponde como um só homem ao convite, e dentro de dez ou doze dias fica murado um campo de oitenta ou mais pés de longo, que o missionario consagra.

Á nossa direita, através d'aquelle bosque visinho, entrevêem-se uns cincoenta homens, que descem a montanha, conchegados uns aos outros, cantando em alta voz, e atirando foguetes ao ar.

Não póde saber o que signifique semelhante demonstração popular. Espere, que o verá em breve. Tange a sineta, accorre grande numero de pessoas.

Eil-os que já chegam á praça. Agora póde vêr com seus proprios olhos que aquelle cardume de gente conduz ás costas um enorme tronco d'arvore, de cerca de noventa palmos de comprido, por tres e meio de largo. Poderiam trazel-o n'um carro, puxado a dois ou tres lotes de bois; ninguem os resol-

veria a adoptar semelhante alvitre, preferiram fazer vehiculo dos hombros.

Para que é destinado aquelle tronco?

Para uma cruz.

Vai ser lavrado primorosamente, a fim de ser collocado sobre o cume do morro fronteiro, como o monumento perpetuo da visita de Deus, e, qual serpente de bronze do deserto, mandada construir por Moysés, como remedio supremo, que traga a saude da alma aos que para ella olharem com fé, quando já a voz do missionario distante os não acordar dos seus vicios.

Assim, este povo de crença sente-se mais orgulhoso, carregando por espaço de tres ou quatro horas um pau tosco, que terá de ser convertido no symbolo da Redempção, do que se sobre os seus hombros pesassem os grandes destinos do imperio.

Se lhe parece, entremos na pequena ermida, que d'aqui se enxerga, por traz do toldo.

Quatro sacerdotes se occupam em confessar mulheres (porque reservam os homens para de tarde e de noite), e levantam de vez em quando a mão para absolver crimes de trinta e quarenta annos. Metade d'aquellas mulheres vão fazer amanhã... a sua primeira communhão.

Os missionarios assentam-se ás seis horas na *tripode dolorosa*, para só se levantarem ao meio dia. Voltam ás quatro horas para só confessarem homens até ás cinco e meia, e recomeçam das sete e meia ás nove. Por dia commungam de cem a cento e cin-

coenta pessoas. Ha missões de cinco e seis mil communhões, como a que dei no Arraial, lugar da provincia do Ceará.

Obtem-se reconciliações, que pareciam impossiveis, revalidam-se casamentos, fazem-se cessar divorcios chronicos, substituem-se as nupcias do crime pelas de Jesus Christo, celebradas á face da igreja. Baptisam-se crianças, a outras ensina-se a doutrina, e dos homens fazem-se... *homens*, que se completam pelos dogmas sublimes do christianismo.

Commentem, deturpem quanto quizerem estes factos, impossivel será sempre destruir a sua logica prodigiosamente brutal. Que houvera sido do Brazil, senão foram as missões? O velho sertão americano, apenas habitado pelo ilotismo, e pela barbarie, transfigurou-se sob a esplendida irradiação da idéa christã, e se não fosse a impudicicia (unico vicio conhecido do indigena e esse mesmo já bastante modificado), o sertão brazileiro podéra resuscitar os melhores dias da republica paraguyana, e realisar o ideal do que póde ser o povo creado e medrado pela seiva do Evangelho.

Atalhemos a digressão. Ainda bem que o primeiro toque de sineta para o sermão da tarde me advertiu de que começava a sahir do meu circulo de mero narrador.

Vão os moradores fechando as portas das suas casas, e dirigindo-se gravemente para a praça, trajando vestuarios por via de regra singelos, mas em que a côr clara, ou vermelha domina essencialmente,

como as mais vivas côres matizam a alfombra dos seus vastos pampas.

Quantos que nem tem o tecto de uma choupana para abrigal-os! E como poderia um pequeno povoado de quatrocentas ou quinhentas almas dar gasalho ás oito ou dez mil pessoas, que elle agora encerra?

Assim que, a habitação de muitos sertanejos n'este periodo unico, é a copa da mangueira, da gameleira, ou da oiticica [1], a cujos ramos suspendem redes, que lhes servem de cadeiras de dia, e de leitos de noite. Juntam duas pedras, sobre ellas collocam uma panella, e está uma casa posta, com todos os seus pertences.

Um bivac assentado nos plainos de Austerlitz, ou da Crimêa, não tivera mais, nem tanto encanto. Este é um bivac de paz, de melhor agouro, e de uma civilisação mais certa... que não immola o sangue da patria a alguns palmos de terra.

Tocam a segunda vez para o sermão.

Na vasta praça já se não enxerga um só espaço vazio. Enche-a litteralmente uma multidão immensa. É uma verdadeira floresta de homens, sobre a qual paira uma mysteriosa magestade, talvez ainda maior que a da floresta, que ha pouco contemplámos.

Um padre, vestido de sobrepelliz e estola, sobe ao pulpito, em quanto outro, ou outros se põem de joelhos, e entôam em vulgar um cantico popular para

[1] A maior arvore, talvez, do Brazil septentrional. Vid. Senador Pompeo, *Chorographia* do Ceará.

implorar a assistencia do Espirito Santo. Todo o povo repete em côro a primeira estancia. Ouçamol-a recolhidos. Nada tão solemne, e tão profundamente communicativo de um santo tremor e de um intimo sentimento religioso, como este côro de oito mil boccas, ou antes de oito mil corações, que, do abysmo das suas velhas iniquidades, lançam para as collinas eternas o brado supplicante da sua indigencia, invocando o auxilio d'Aquella mão invisivel, que lhes desate os grilhões intoleraveis, que os algemam.

Passo em branco o discurso sagrado, que o orador prolongou por hora e meia, mas que não tem um caracter propriamente differente dos que o leitor teria ouvido n'alguma das missões das nossas provincias de Portugal. Não crimine de feição as invectivas assás energicas, com que o missionario estigmatisou certos vicios dominantes no sertão da America do Sul. Convém fazel-o n'aquella nação tropical, em que a argilla humana é tão abrazada, como o seu territorio, porque ambos pertencem inteiramente ao sol, como um celebre escriptor inglez dizia do povo africano. Uma linguagem menos vehemente não arrancaria o indigena ao seu somno lethargico. — Além d'isto, o estylo em que se exprimiu o ministro de Deus ter-lhe-hia mostrado, que só põe a mira em instruir e commover, longe de apontar a apparatosos triumphos de eloquencia e melodia, para que não está educada a orelha rude do habitante do sertão. Assim busquei fazer essa serie de pequenas palestras, que o leitor acaba de

lêr, e se por vezes deslisei um pouco da extrema simplicidade que as devia caracterisar, é porque o meu auditorio não se compunha quasi nunca exclusivamente de analphabetos, senão de homens mais ou menos instruidos, e até de bachareis, que habitam em muitas villas e aldeias do interior do imperio. Hoje esse auditorio augmenta-se pelo publico que tem a deferencia de lêr-me.

Um cantico de penitencia termina o sermão da tarde. Todos se retiram cantando o — Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento do altar, etc. — Meia hora depois, a povoação semelha um deserto, ou um oceano calmo e silencioso, até que o sopro vehemente da palavra de Deus lhe subleve de novo as ondas, e as arroje aos pés da tribuna sagrada.

Toda a missão finaliza em geral pela erecção e benção do cruzeiro. Esta ceremonia é imponente. Ás quatro horas, os missionarios dirigem-se á praça. Formam-se duas alas immensas; um grupo de quarenta ou cincoenta homens disputam entre si a honra de tomar sobre os hombros a cruz, que vai ser collocada n'um local de ante-mão preparado. Escolhe-se de preferencia um ponto sobranceiro. Resvala-se o madeiro para a cava precedentemente aberta, cunha-se; e no entretanto o director da missão sobe a um pulpito portatil, pronuncia algumas palavras relativas ao pensamento d'este dia final, e á exaltação do lenho mysterioso, que se ergue como um marco eternamente commemorativo do triumpho do homem

novo da graça, e da virtude, sobre o homem velho das paixões. O director benze o cruzeiro, dá a benção papal aos fieis reunidos, e desce para adorar o madeiro já consagrado pelas orações lithurgicas, e pela agua lustral. Todo o povo imita o missionario.

Finalmente despede-se da população inteira, que interrompe d'esta vez o silencio sepulchral com que ouvia o verbo ungido dos Apostolos de Jesus Christo, para lhe dizer tambem um pungente adeus, e soltar até os céos o brado imcomprimivel da sua dôr, e da sua saudade, que se lhe traduz em fios inexgotaveis de pranto.

É um espectaculo digno de Deus. Não podem conceber-se lagrimas mais justas do que aquellas que teem o seu principio, não no desespero febril de um apartamento que laços tão apertados, quanto ignobeis tornam impossivel, mas no motivo sublime da orphandade de filhos reconhecidos, que pranteiam a ausencia d'aquelles que dolorosamente os geraram á graça de Jesus Christo, e a um novo mundo de liberdade, de intima paz, e de vida...

Nunca, em época alguma da minha existencia, experimentei sentimento ao mesmo tempo tão amargo, e tão dôce, como n'essa hora, em que lhes dizia o ultimo adeus, e recebia no fundo do meu coração aberto para os levar todos commigo, o testemunho tão pathetico quanto solemne da sua ingenua gratidão. Esquecia então que estava fóra da patria, e longe dos meus, comprehendia que se o meu ministerio era uma grande responsabilidade, e um grande

peso, era por igual uma consolação ineffavel; sentia que algum bem tinha feito áquellas almas, e que ha uma paternidade mais forte ainda que a do sangue. *Qui potest capere, capiat.*

No dia seguinte, os missionarios montam a cavallo, e retiram-se para nunca mais talvez tornarem a vêr estes homens, no meio dos quaes vieram semear os suores e a vida, sem nunca os terem conhecido.

Mas atraz de si deixam uma população, que não saberá esquecel-os; que se sentirá d'ora ávante mais venturosa, mais forte, mais amiga do trabalho, e mais civilisada n'uma palavra, tanto é certo que a «religião não faz só a felicidade do homem na vida d'além tumulo, senão até no decurso ephemero da vida presente.»

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

INDICE

Pag.

DISCURSOS

EM APPENDICE

OBRAS DO MESMO AUCTOR

A Tenda de Mestre Lucas — romance, 1 vol.
O Milagre e a Critica Moderna, 1 vol.
Os Lazaristas, pelo lazarista sr. Ennes, 1 vol.
A Carta e o Homem da Carta, 1 vol.
Os nossos Bispos do Continente, 1 vol.
Escriptos Catholicos d'Hontem, 1 vol.
Critica á Critica, 1 vol.
Dois Sermões.
Pio ix — discurso.
A Religião em Face da Politica, idem.
Dia a Dia de um Espirito Christão, 1 vol.
Introducção ao «Positivismo e a Sociedade».
O Morto Immortal ou esboço litterario de Luiz Veuillot.
Jesuitas! de Paulo Feval — versão, 2 vol.
O Concilio — versão, 1 vol.
A Maçonaria — versão, 1 vol.
O Protestantismo — versão, 1 vol.
Evangelho segundo Renan — versão, 1 vol.
No Presbyterio e no Templo — 2 vol., 2.ª edição.

EM PREPARAÇÃO

Os Santos da Egreja Catholica — 2 volumes de 300 paginas cada um.